

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - ESTUDOS LITERÁRIOS

Rafaela Kelsen Dias

A ciência desgendada: feminismo e revisionismo histórico no romance contemporâneo de língua inglesa

Juiz de Fora
2020

Rafaela Kelsen Dias

A ciência desgendada: feminismo e revisionismo histórico no romance contemporâneo de língua inglesa

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Orientadora: Prof.^a Doutora Nícea Helena de Almeida Nogueira.

Juiz de Fora
2020

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Dias, Rafaela Kelsen .

A ciência desgendada : feminismo e revisionismo histórico no romance contemporâneo de língua inglesa / Rafaela Kelsen Dias. -- 2020.

252 f. : il.

Orientadora: Nícea Helena de Almeida Nogueira
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

1. Gênero. 2. Ciência. 3. Metaficção historiográfica. 4. Romance. 5. Autoria feminina. I. Nogueira, Nícea Helena de Almeida , orient. II. Título.

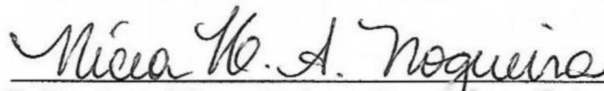
Rafaela Kelsen Dias

A ciência desgredrada: feminismo e revisionismo histórico no romance contemporâneo de língua inglesa

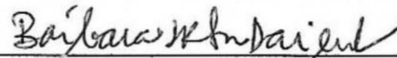
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Aprovada em 13 de março de 2020.

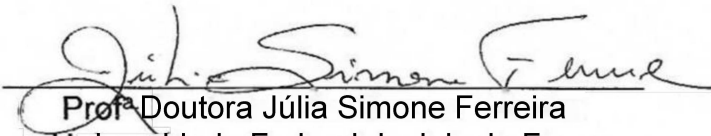
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Doutora Nícea Helena de Almeida Nogueira - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof.^a Doutora Bárbara Inês Ribeiro Simões Daibert
Universidade Federal de Juiz de Fora

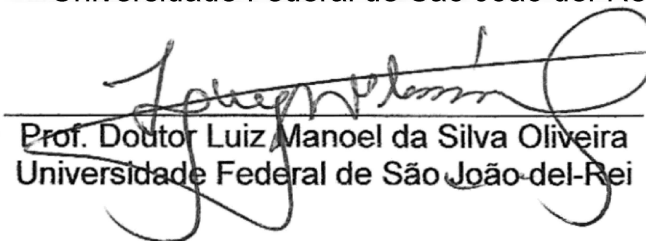


Prof.^a Doutora Júlia Simone Ferreira
Universidade Federal de Juiz de Fora



PI

Prof.^a Doutora Adelaine Laguardia Nogueira
Universidade Federal de São João del-Rei



Prof. Doutor Luiz Manoel da Silva Oliveira
Universidade Federal de São João del-Rei

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Juiz de Fora, pela oportunidade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, nas pessoas dos professores e funcionários, pela acolhida e suporte necessários ao desenvolvimento desta empreitada.

À professora Doutora Nícea Helena de Almeida Nogueira, pela orientação precisa, constante e, sobretudo, encorajadora. Escrever em primeira pessoa é apenas metáfora das transformações inspiradas pela sua presença em meu interior.

Aos membros da Banca Examinadora, pela generosidade do tempo emprestado ao meu trabalho.

Aos colegas de curso, em especial à amiga Dayane, pela cumplicidade nas emoções que simbolizaram este caminho.

À direção e aos colegas do IFMG e ao IF Sudeste MG, por possibilitarem a minha condição de estudante e trabalhadora. Em especial, à amiga Gisele, pelo exemplo e parceria.

Aos meus pais, Maria de Fátima e Niraldo, e aos meus irmãos, Fagner, Fabrícia e Renata, pelo incentivo dominante, mesmo sem ver e saber de tudo e tanto.

Ao Geovani, por ocupar os solos outros em que tese ensaiava imperar.

Ao Bernardo e ao João Pedro, pelo esquecimento necessário em nossas brincadeiras.

Uma vez mais, a Deus e à ideia de Deus.

RESUMO

Este estudo debruça-se sobre a confirmação do gênero literário metaficção historiográfica como instrumento de ruptura das bases misóginas em que se funda o ideal de ciência moderna. Para comprovar esta hipótese, o *corpus* deste trabalho centra-se em três romances contemporâneos de língua inglesa, que se passam no século XIX: *Letters from Yellowstone* (Cartas de Yellowstone) (1999), de Diane Smith, *Remarkable creatures* (Seres incríveis) (2009), de Tracy Chevalier e *The signature of all things* (A assinatura de todas as coisas) (2013), de Elizabeth Gilbert. De modo geral, esta pesquisa entende as narrativas em questão como espaços em que história e ficção são eixos transientes e antiparadigmáticos, que desestabilizam ancestrais conceitos sobre a cognição das mulheres. Assim, é objetivo central deste trabalho investigar o potencial revisionista da escrita contemporânea de língua inglesa no que se refere às questões de gênero e ciência. Na direção desse objetivo central, são propostos os seguintes objetivos específicos: a) revisar o panorama histórico de emergência do pensamento científico moderno, relacionando a sua lógica às práticas de exclusão social e cognitiva das mulheres; b) compreender o estatuto da escrita de mulheres na contemporaneidade, abarcando sua conceituação, sua aceitação crítica e sua repercussão na produção literária de autoria feminina; c) analisar, dentro do *corpus* selecionado, as estratégias utilizadas para corrigir, para o presente, a realidade sexista configurada na ciência do século XIX. A fim de possibilitar o desenvolvimento dessas reflexões, a tese é dividida em dois capítulos: no primeiro, são apresentadas duas seções que discorrem sobre os pilares sexistas da ciência moderna e busca-se problematizar o conceito de escrita de mulheres; já no segundo capítulo, são dispostas as seções de análise dos três romances escolhidos. Ao longo dessas análises, que abrangem tanto o universo profissional quanto íntimo das protagonistas, são sobremaneira influentes as pontuações presentes em Boaventura Santos (2007), Hutcheon (1991), Castello Branco (1991) e Riviere (2005).

Palavras-chave: Gênero. Ciência. Metaficção historiográfica. Romance. Autoria feminina.

ABSTRACT

This study focuses on the validation of historiographic metafiction as an instrument for breaking the misogynistic basis on which modern science ideal is founded. To support this hypothesis, this work analyses three contemporary English written novels that take place in the 19th century: *Letters from Yellowstone* (1999) by Diane Smith; *Remarkable creatures* (2009) by Tracy Chevalier and Elizabeth Gilbert's *The Signature of All Things* (2013). In general, this research understands the narratives in hand as spaces in which history and fiction are transient and antiparadigmatic. Thus, the main goal of this study is to investigate the revisionist potential of contemporary English written novels regarding gender and science issues. Considering this central objective, the following specific objectives are proposed: a) to review the historical panorama of modern science thought, relating its logic to women's social and cognitive exclusions; b) to understand the status of women's writing in contemporary times, including its conceptualization, its critical acceptance and its repercussion in women's literary production; c) analyze the strategies used by the novels to correct, for the present, the sexist reality configured in 19th century science. In order to enable these reflections, this thesis is divided into two chapters: the first one, consisting of two sections, presents the sexist pillars of modern science and seeks to problematize the concept of women's writing; in the second chapter the three novels are analyzed. Throughout these analyzes, which cover both the professional and intimate universe of the protagonists, the statements present in Boaventura Santos (2007), Hutcheon (1991), Castello Branco (1991) and Riviere (2005) are extremely influential.

Keywords: Gender. Science. Historiographic metafiction. Novel. Female authorship.

RÉSUMÉ

Cette étude se penche sur la confirmation du genre littéraire métafiction historiographique comme instrument de rupture des bases misogynes sur lesquelles l'idéal de science moderne est fondé. Pour confirmer cette hypothèse le *corpus* de ce travail est axé sur trois romans contemporains de langue anglaise qui se passent au XIXe siècle : *Letters from Yellowstone* (Lettres de Yellowstone) (1999), de Diane Smith, *Remarkable Creatures* (Prodigieuses créatures) (2009), de Tracy Chevalier et *The signature of all things* (L'empreinte de toute chose) (2013), d'Elizabeth Gilbert. En général, cette recherche comprend les récits en question comme des espaces où histoire et fiction sont des axes transitoires et antiparadigmatiques qui déstabilisent des concepts ancestrales sur la cognition des femmes. Ainsi, l'objectif central de ce travail est d'investiguer le potentiel révisionniste de l'écriture contemporaine de langue anglaise en ce qui concerne les questions de genre et science. Vers cet objectif central on propose les objectifs spécifiques suivants : a) réviser le panorama historique d'émergence de la pensée scientifique moderne, mettant en relation sa logique aux pratiques d'exclusion sociale et cognitive des femmes ; b) comprendre le statut d'écriture de femmes dans la contemporanéité, couvrant sa conceptualisation, son acceptation critique et sa répercussion dans la production littéraire féminine ; c) analyser, dans le corpus établi, les stratégies utilisées pour corriger, vers le présent, la réalité sexiste observée dans la science du XIXe. Afin de rendre possible le développement de ces réflexions, la thèse est divisée en deux chapitres: dans le première on présente deux sections qui portent sur les piliers sexistes de la science moderne et on cherche à problématiser le concept d'écriture de femmes ; Ensuite, dans le deuxième chapitre, on dispose les sections d'analyse des trois romans choisis. Au long des analyses, qui recouvrent l'univers professionnel et intime des protagonistes, sont particulièrement influentes les réflexions présentes chez Boaventura Santos (2007), Hutcheon (1991), Castello Branco (1991) et Riviere (2005).

Mots-clés: Genre. Science. Métafiction historiographique. Roman. Écriture féminine.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Retrato 1	– Retrato de Vesálio em <i>De Humani Corporis Fabrica</i> (1543).....	23
Imagem 1	– Capa do livro de <i>Il Saggiatore</i> (1623). Galileu Galilei.....	31
Imagem 2	– Edição americana em brochura do livro <i>The signature of all things</i>	66
Imagem 3	– Edição inglesa do livro <i>The signature of all things</i>	66
Imagem 4	– Contracapa da primeira edição de <i>A origem das espécies</i>	102
Imagem 5	– Registro do ensaio de Charles Darwin e Alfred Russel Wallace.....	105
Retrato 2	– Charles Darwin (à esquerda) e Alfred Russel Wallace (à direita).....	106
Pintura 1	– <i>Duria Antiquior - A more ancient Dorset</i> , Henry De la Benche (1830).....	126
Retrato 3	– Retrato de Mary Anning por Benjamin John Merifield Donne (1850).....	126
Imagem 6	– Esboço de um Plesiossauro por Mary Anning, 1824.....	127
Retrato 4	– Retrato de Elizabeth Philpot.....	128
Imagem 7	– Carta de Elizabeth Philpot a Willian Buckland, em 1833.....	128
Imagem 8	– Esqueleto de um jovem ictiossauro coletado por Mary Anning.....	140
Imagem 9	– Catálogo da venda dos fósseis do Coronel Birch em 1820.....	151
Imagem 10	– Esboço feito por Mary Anning de seu primeiro Plesiossauro.....	153
Imagem 11	– Plesiossauro descoberto por Mary Anning.....	154
Retrato 5	– George Cuvier.....	156
Retrato 6	– O botânico William Bartram.....	189
Retrato 7	– Os exploradores William Clark (a) e Meriwether Lewis (b).....	189
Mapa 1	– Mapa de 1882 do Parque Nacional de Yellowstone.....	190
Imagem 12	– Instituto Smithsonian.....	191
Retrato 8	– Autorretrato de Frances B. Johnston como “Nova Mulher” (1896).....	193

Retrato 9	–	Graduadas em medicina da Universidade de Drexel (1889).....	194
Retrato 10	–	Encontro pelo sufrágio feminino em Washington, (1888).....	195
Retrato 11	–	Florence Augusta Merriam Bailey.....	209

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	CONHECIMENTO, ESCRITA E GÊNERO: FRONTEIRAS.....	18
2.1	MULHER E CIÊNCIA: O GÊNERO COMO PENSAMENTO ABISSAL....	18
2.1.1	O nascimento masculino do tempo.....	19
2.1.1.1	<i>A revolução renascentista.....</i>	20
2.1.1.2	<i>Uma ciência para a modernidade.....</i>	23
2.1.1.3	<i>O feminino do outro lado.....</i>	28
2.1.2	O paradigma pós-moderno: a mente não tem sexo?.....	33
2.1.2.1	<i>Uma ciência feminista.....</i>	36
2.2	ANJOS DO LAR REESCRITOS.....	40
2.2.1	Imagens do outro sexo.....	40
2.2.2	A mulher reescrita.....	43
2.2.3	Metaficção historiográfica: o pós-moderno revisita o feminino.....	49
3	MULHERES DE VITÓRIA.....	55
3.1	ELA ERA UM COMETA.....	61
3.1.1	Romance de formação no feminino.....	61
3.1.2	Educada para o saber.....	68
3.1.3	Na ciência, a maturidade	77
3.1.4	Fazer mais, para ser igual.....	94

3.1.5	A pulsão do corpo vitoriano.....	110
3.2	CADA UMA EM SEU MUNDO, MAS AO LADO	124
3.2.1	Amantes de fósseis.....	133
3.2.1.1	<i>Razão: um mundo novo para Mary.....</i>	136
3.2.1.2	<i>Philpot: uma revência à exploração.....</i>	159
3.2.1.3	<i>O feminino como concessão e rivalidade.....</i>	166
3.2.2	A moça e a mulher: opressões de uma ident-idade	175
3.3	SAIAS AO FOGO: DISCÍPULA NÃO MAIS.....	187
3.3.1	Reflexos íntimos no envelope.....	196
3.3.2	O olho do outro no espelho.....	198
3.3.3	Corpos e mentes abdicados: o olhar da sororidade na ciência.....	206
3.3.4	Verdade sem exatidão: prenúncios de uma ciência desgendrada....	219
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	237
	REFERÊNCIAS.....	243

1 INTRODUÇÃO

Quais as fronteiras políticas da literatura? Certamente, essa questão objetiva e densa perpassa os debates em torno da arte da palavra há tempos. Diante da plena efervescência dos movimentos sociais minoritários, a literatura parece não escapar à tomada de posicionamento que, hoje, se exige de todos os indivíduos, de toda e qualquer corrente de pensamento, das inúmeras manifestações culturais e das disciplinas acadêmicas que dessas manifestações se ramificam.

Para a crítica especializada contemporânea, é evidente a proliferação de escritos que promovem políticas identitárias de maneira patente. Indivíduos agrupados em conjuntos, via de regra, subtraídos de privilégios sociais, passam a reivindicar a igualdade por meio de seus projetos artísticos.

Seguramente, dentre especialistas e público leitor, há os que se simpatizam e incentivam a multiplicação dessa literatura que se despe para apresentar a individualidade de seu autor e a coletividade a que ele pertence. Por outro lado, em tempos de uma expressa nova marcha para a direita, há os que também alertam sobre os perigos ideológicos da promoção de discursos minoritários.

Seja qual for a ala com os argumentos mais sólidos, essa intensa dualidade, que se intensifica em tempos de “democracia digital”, não parece afetar o crescente volume de obras produzidas sob o escopo da justiça social. Negros, homossexuais, mulheres e deficientes físicos, ainda que sob a limitação de publicações independentes, têm galgado sucessivas oportunidades de produção e divulgação no meio literário.

Tanto na perspectiva do fazer artístico quanto sob o olhar crítico, a escrita a partir das margens consolida-se, cada vez mais, como realidade possível e como matéria de vasto interesse.

Reconhecida a presença dessas falas insubmissas no universo literário, faz-se necessário compreender as maneiras em que as suas postulações são inscritas. Não se trata de uma ação completamente alternativa. Esses autores da alteridade almejam a sua legitimação nos mesmos centros discursivos nos quais foram milenarmente estigmatizados e excluídos. Existe, por um lado, um movimento de refutação do legado

histórico veiculado pela literatura canônica¹. Ao mesmo tempo, se estabelece um intenso diálogo com essa dolorosa memória escrita. A negação aqui, portanto, toma também o efeito de reavivar a tradição, de colocá-la em pauta ainda que com o objetivo de desconstruí-la.

Nesta tese, tem-se como *corpus* três romances que se inscrevem nesse esforço de reestruturação discursiva. São eles: *Letters from Yellowstone* (Cartas de Yellowstone) (1999), de Diane Smith, *Remarkable creatures* (Seres incríveis) (2009), de Tracy Chevalier e *The signature of all things* (A assinatura de todas as coisas) (2013), de Elizabeth Gilbert.

Nessas obras contemporâneas, tem-se como pano de fundo um mesmo contexto histórico: o intenso debate científico configurado no século XIX. Ainda, as três narrativas possuem como ponto comum a problematização da inserção feminina nesse cenário de saber e poder. Os três romances são protagonizados por mulheres cientistas: Alexandria Bartram, Mary Anning e Alma Whittaker.

Sendo amplamente conhecidas as restrições impostas às mulheres no campo das ciências, infere-se a conflituosa relação existente nessas obras em torno da tradição científica e literária. O protagonismo que elas conferem a personagens femininas dos oitocentos e, para além disso, a singularidade desse protagonismo resulta, inevitavelmente, em uma intensa revisão do passado histórico.

Esse anseio revisionista, efetivamente observável no *corpus* aqui escolhido, parece ser a grande marca dos escritos contemporâneos que se ancoram nas margens e, em particular, na escrita feminina. Em outros termos, a minha leitura desses três romances é precedida pela tese sustentada por Catherine Lappas de que "para resgatar o seu lugar na linguagem", a mulher-escritora "deve jogar com a tradição que a

¹ O termo "literatura canônica" é aqui compreendido como o conjunto de obras celebradas por sua suposta distinção literária e por sua capacidade de representar e ao mesmo tempo normatizar a cultura e os valores de determinado povo/nação (CORRÊA, 1995). Cabe destacar que, a partir dos postulados dos Estudos Culturais, a escolha do cânone (em porção significativa calcada em parâmetros hegemônicos de classe, raça e gênero) passou a ser associada aos grandes vetores da desigualdade e discriminação social.

excluiu, com o propósito de revelar, por meio de uma lúdica repetição, o seu lugar tanto dentro quanto fora da tradição" (LAPPAS, 1995, p. 12, tradução minha)².

De fato, o novo olhar para o passado e a tentativa de questionar a posição feminina dentro das disputas sociais parecem ser características marcantes das três escritoras em foco nesta tese. Elizabeth Gilbert, escritora norte-americana que concebeu *A assinatura de todas as coisas*, sempre foi reconhecida ao início de sua carreira “como uma mulher que escrevia predominantemente para e sobre homens, [ou] exclusivamente sobre homens e masculinidade” (GILBERT, 2011, p. 11-12).

Foram nesses primeiros anos de escrita que a autora recebeu o maior reconhecimento da crítica literária³. Curiosamente, em momento posterior, quando Gilbert decide buscar um caminho alternativo, mais voltado à representação do feminino, sua escrita é relegada à subcategoria *chick-lit*, algo como “literatura para mulherzinha”. Logo, em seu empreendimento de escrever *A assinatura de todas as coisas*, um romance épico protagonizado por uma mulher, Gilbert reafirma seu repúdio às discriminações de gênero fundadas no meio literário e se inscreve dentro de uma tradição literária de escrita feminina (DIAS, 2015).

De forma similar, Tracy Chevalier, a autora de cidadania britânica e americana que escreveu *Seres incríveis*, é amplamente conhecida por seu interesse pelas personagens femininas que foram omitidas ao longo da história. Seu livro mais celebrado, *Moça com brinco de pérola*, retrata intensamente essa tendência da autora.

Esse mesmo impulso de reparação será transparecido em *Seres incríveis*. Tendo como norte a vida da paleontóloga oitocentista Mary Anning e seus feitos sub-reconhecidos, a autora apresenta toda a série de confrontos sociais que possivelmente cruzaram os caminhos daquela que descobriu o primeiro fóssil de ictiossauro.

Por fim, a escritora norte-americana Diane Smith, vencedora do *Pacific Northwest Booksellers Association Fiction Prize* (Prêmio de Melhor Ficção da

² No original: in order to reclaim her place in language" / "must play with the tradition that has excluded her, her goal being to reveal, by means of playful repetition, her place both within and outside of the tradition".

³ Seu primeiro livro ficcional, *Pilgrims* (Peregrinos) de 1998, foi eleito um dos livros mais notáveis do ano pelo *New York Times* e venceu o prêmio *Ploughshares*. Seu primeiro romance, *Stern men* (2000), publicado em português como *Filha do mar*, venceu o prêmio Kate Chopin em 2001 e seu terceiro livro, *The last American man* (O último americano) de 2002, foi um dos finalistas do National Book Award.

Associação de Livreiros do Noroeste Pacífico) por *Cartas de Yellowstone*, é reconhecida pelo refinamento das conceituações históricas e científicas de seus romances. Ao lado da narrativa aqui analisada, destaca-se, dentre as produções da autora, *Pictures from an expedition* (Fotos de uma expedição). Em ambas as obras, a exploração do mundo natural, algo, ainda hoje, monopolizado por estudiosos do sexo masculino, é protagonizada por mulheres destemidas, que enfrentam os receios e discriminações a elas dirigidos em todos os âmbitos.

Entendida, pois, a revisão como característica comum das obras em foco e, sobretudo, como condição necessária à existência de uma literatura que tem o feminino em seu centro, apresento como problema desta pesquisa a seguinte questão: a escrita de mulheres configurada na literatura de língua inglesa contemporânea consegue perturbar o discurso científico, um dos pilares sexistas da Era Moderna? Diante dessa problemática, aponto como hipótese a existência de uma perturbação das relações de gênero nas escritas analisadas, posto que essas invertem muitos dos lugares estabelecidos no discurso científico e histórico hegemônico.

Tendo em vista tais pressupostos, estabeleço como objetivo geral deste trabalho investigar o potencial revisionista da escrita contemporânea de língua inglesa no que se refere às questões de gênero e ciência. Na esteira desse objetivo central, proponho os seguintes objetivos específicos: a) revisar o panorama histórico de emergência do pensamento científico moderno, perpassando os principais empreendimentos desse contexto e relacionando a sua lógica às práticas de exclusão social e cognitiva das mulheres; b) compreender o estatuto da escrita de mulheres na contemporaneidade, abarcando sua conceituação, sua aceitação crítica e sua repercussão na produção literária de autoria feminina; c) analisar, dentro do *corpus* selecionado, as estratégias narrativas utilizadas para corrigir, para o presente, a realidade sexista configurada na ciência do século XIX.

A partir desses objetivos, defini a seguinte estrutura para esta tese, que é dividida em dois capítulos: na seção 1 do primeiro capítulo, realizo uma retomada dos pressupostos centrais da ciência moderna, tangenciado as principais correntes de pensamento da época e relacionando esse cenário à discriminação histórica das mulheres no campo do conhecimento. Ainda nessa seção, aponto alguns dos conceitos

difundidos nos estudos sobre as mulheres nas ciências e os estudos sociais da ciência. Essas conceituações serão essenciais para compreensão do impacto social gerado pelo caráter revisionista dos três romances em análise.

Na seção 2 desse capítulo inicial, aprofundo a discussão sobre os aspectos fundadores da escrita de mulheres. É também nessa seção que questiono as premissas e impactos sociopolíticos dessa literatura orientada para questões de gênero e para a reestruturação discursiva da história.

O segundo capítulo desta tese é composto por três seções que se dedicam à análise das narrativas escolhidas, salientando-se a reverberação das questões de gênero tanto no âmbito profissional e acadêmico ocupado pelas protagonistas quanto nos conflitos íntimos e familiares de cada uma das personagens centrais. Mulheres além de seu tempo, as heroínas terão de encontrar, a seu próprio modo, as suas possibilidades de (des)pertencimento ao paradigma feminino.

Cabe pontuar que o desenvolvimento deste estudo é calcado em alguns conceitos basilares. Dentre tais termos, dá-se destaque à conceituação de “escrita feminina” como aquela em que os textos giram em torno dos pequenos detalhes da vida comum. São justamente essas minúcias do gênero, que passam despercebidas nos salões da ciência, o que dá singularidade à linguagem dos romances estudados nesta tese.

Ao mesmo tempo, ciente das especificidades textuais que perpassam uma possível escrita de autoria feminina, é também útil para os propósitos deste trabalho uma definição de discurso que considere o peso normativo da história (e de suas condições sociais, econômicas, geográficas e linguísticas) para o exercício da enunciação (FOUCAULT, 2008). No rastro dessa definição, pretendo identificar as condições históricas e sociopolíticas que, na Era Moderna, impossibilitaram falas em prol do protagonismo feminino no campo do saber⁴. Concomitantemente, objetivo

⁴ Como será detalhado mais adiante, o conceito de Era Moderna adotado nesta tese leva em consideração a ruptura ética e a nova perspectiva histórica inaugurada especialmente a partir do Renascimento (século XV), sendo seus efeitos amplamente proliferados até meados do século XX. Progressismo, humanismo e laicização são alguns dos termos que marcam esse período em que o homem é incentivado a traçar sua própria existência e no qual se inicia um movimento de autonomia em relação à religião e à Igreja (BERGER & LUCKMANN, 2004).

enumerar as novas configurações que permitem, dentro da literatura, a proliferação de discursos a favor da igualdade de gênero no âmbito profissional.

Abordando essa noção de discurso sob o olhar de Michel Foucault, é também necessário expor o entendimento de poder formulado pelo mesmo autor: um poder que atua como força positiva e produtora de subjetividades, mas que também possui capacidade de difusão em rede, isenta de uma origem ou de um destino próprio (FOUCAULT, 1989). Compreender a sutileza dessas relações produtivas dentro e fora dos corpos das protagonistas estudadas é um dos maiores desafios deste trabalho.

Ainda, a leitura por mim realizada guia-se por quatro conceitos finais: subalternidade, conforme formulado por Gayatri Spivak (2010); suplemento, nos termos de Jacques Derrida (1971); metaficção historiográfica, gênero cunhado e teorizado por Linda Hutcheon (1991); e, finalmente, a máscara de feminilidade como foi identificada e problematizada por Joan Riviere (2005).

A questão do subalterno é manifesta no *corpus* de análise à medida que se apresenta o esforço de fala tanto no nível do enunciado (representado pelo discurso das personagens) quanto no nível da enunciação (identificado no discurso autoral dos três romances).

Por outro lado, quando se compreende que essas lutas discursivas não são uma busca pela substituição do centro, até porque se acredita na inexistência deste, percebe-se a sua função suplementar, conforme definida na perspectiva de Derrida. Nesse sentido, este trabalho também tem como incumbência demonstrar como significados historicamente fixos como o de “ciência” são frequentemente adiados pelos sentidos outros inculcados nos três enredos aqui estudados.

Por fim, entendo que todas essas inovações propostas ao universo histórico por meio da literatura não poderiam ser efetivadas sem a concepção de uma estrutura narrativa própria, amparada em uma visão descentralizada do mundo. Na perspectiva deste estudo, é papel do gênero metaficção historiográfica auxiliar no cumprimento dessa demanda. Cunhado por Linda Hutcheon (1991), essa conformação narrativa peculiar aglomera fatos históricos e ficção, corroborando, assim, a concepção da História como construto discursivo.

Defendo que *A assinatura de todas as coisas*, *Seres incríveis* e *Cartas de Yellowstone* são três obras contemporâneas em que os recursos oferecidos por esse gênero literário podem ser observados. Dentre as tantas outras tarefas acima enumeradas, possivelmente a missão mais melindrosa desta pesquisa seja identificar a confecção da metaficcionalidade nas emendas que Smith, Chevalier e Gilbert costumam entre o literário e o histórico. Observando o tecer dessas tramas, vislumbro como fim último deste trabalho identificar como essas narrativas jogam com a chamada máscara de feminilidade identificada pela psicanalista Joan Riviere.

Colocados, pois, todos esses aspectos que dizem respeito à justificativa e aos elementos estruturais e conceituais deste trabalho, inicio, no capítulo a seguir, um panorama dos aspectos históricos que envolveram a emergência da ciência moderna e a progressiva submissão intelectual das mulheres. Essa retomada é essencial para que se compreenda a relevância e o potencial revisionista dos romances posteriormente analisados.

2 CONHECIMENTO, ESCRITA E GÊNERO: FRONTEIRAS

“A existência de uma mulher é sempre uma concessão.”
(CHEVALIER, 2014, p. 307).

2.1 MULHER E CIÊNCIA: O GÊNERO COMO PENSAMENTO ABISSAL

Conforme apontado na introdução, esta tese tem como intuito analisar a contestação dos paradigmas de gênero e ciência por meio da leitura dos romances contemporâneos *Cartas de Yellowstone*, de Diane Smith, *Seres incríveis*, de Tracy Chevalier e *A assinatura de todas as coisas*, de Elizabeth Gilbert. Nas três obras tem-se a problematização da segregacionista relação entre mulher e ciência na Era Moderna. Primeiramente, no romance epistolar de Smith, situado em fins do século XIX, o leitor é dado a conhecer os preconceitos enfrentados pela naturalista Alexandria Bartram ao ingressar em uma expedição científica pelo Parque Nacional de Yellowstone, nos Estados Unidos. Na excursão, majoritariamente composta por homens, Bartram tem que comprovar o seu valor e rigor científico ao mesmo tempo em que enfrenta olhares misóginos de familiares e colegas de pesquisa em torno de sua conduta empreendedora e avessa à sujeição a “espaços femininos”, como o matrimônio e o cuidado do lar.

Na narrativa de Gilbert, por sua vez, tais conflitos são apresentados por meio da história da também cientista norte-americana Alma Whittaker e, particularmente, por meio dos dilemas por ela enfrentados, a fim de satisfazer e superar os paradigmas impostos à mulher vitoriana. Sendo fortemente inclinada à especulação científica e, por esse motivo, continuamente rotulada como mulher imprópria ao casamento, a mesma Alma, capaz de desvendar o processo da seleção natural das espécies, vive as angústias e humilhações infligidas à mulher oitocentista em campos como a sexualidade, o amor e a emancipação intelectual.

No enredo concebido por Chevalier, por fim, há, novamente, a exposição dos desafios defrontados por uma pesquisadora ao tentar adentrar na esfera preponderantemente machista da ciência configurada na modernidade. Nessa obra, no entanto, a personagem principal, Mary Anning, bem como a coadjuvante de maior

destaque, Elizabeth Philpot, são, na realidade, representações de personalidades reais, que viveram na Inglaterra no século XIX. Ambas as personagens compartilham o amor pela paleontologia e a revolta diante de sua exclusão dos púlpitos de onde emana o saber.

Embora as três obras remetam a uma realidade manifesta ainda na atualidade – a desigualdade de gênero no campo das profissões – as relações dos três romances desenrolam-se a partir de um espaço-tempo específico na história do pensamento humano: trata-se da Era Moderna. Há, nesse período, todo um complexo de valores que instituíram as estruturas sociais contemporâneas e, sobretudo, a maneira de se pensar a ciência ainda hoje. Isso posto, defendo que a compreensão do direcionamento feminista em cada uma das narrativas selecionadas não pode se efetivar sem um estudo prévio dos paradigmas sociais (misóginos) e do estatuto científico emergido à época.

Ao mesmo tempo, julgo ser pertinente entender os efeitos desse paradigma gendrado das ciências no discurso feminista e na prática científica feminina contemporânea. Acredito que apenas a partir dessas leituras e desse histórico é possível concretizar uma análise consistente do *corpus* escolhido. Esta primeira seção do primeiro capítulo, dedica-se, pois, a tal aprofundamento.

2.1.1 O nascimento masculino do tempo

Notadamente, ao se remeter à Era Moderna, é necessário reconhecer a esfera vacilante em que a própria concepção de modernidade se instaura. Afinal, questionam-se, hoje, definições sequenciais da história, as quais pressupõem uma universalidade de perspectivas. Especialmente após o advento da pós-modernidade, a ordem torna-se o caos do pensamento e, com isso, faz-se necessário rejeitar as narrativas e fórmulas prontas, que encapsulam o moderno e suas vertentes em um enredo com início, meio e fim⁵.

⁵ Cabe discriminar que a concepção de pós-modernidade adotada nesta tese pauta-se na perspectiva de Jean-François Lyotard (1993, p. 3), segundo a qual, “considera-se ‘pós-moderna’ a incredulidade em relação aos ‘metarrelatos’”. Para Lyotard, na pós-modernidade, abandonam-se as juras progressistas e, no centro do palco, começa-se a dispor os pequenos

Reconhecidas as possíveis falhas dessas retomadas lineares, é preciso ponderar, todavia, que essa ainda é uma das diretrizes do método científico contemporâneo. A racionalidade e o progressismo (elementos genuinamente modernos) ironicamente perfazem os alicerces da ciência hodierna e, inclusive, das ciências humanas e sociais.

Sendo, portanto, esta tese parte constituinte da produção e metodologia científica atual, parece ser inexequível aos objetivos aqui propostos escapar a um tracejado mínimo da concepção de modernidade e de ciência moderna, bem como dos elementos que as constituem enquanto mudança paradigmática.

Tendo por base tal pressuposto e recorrendo aos manuais de história e sociologia, apresento, a seguir, a conceituação de modernidade adotada nesta tese. Também realizo um panorama do pensamento moderno por meio de dois momentos específicos: primeiramente, discorro brevemente sobre o período renascentista e sua contribuição intelectual para os séculos seguintes; a seguir, apresento um panorama dos séculos XVII, XVIII e XIX, período no qual se acredita ter sido inaugurada a ciência moderna.

2.1.1.1 A revolução renascentista

De acordo com Anthony Giddens (1991, p. 8), pode-se compreender a modernidade como um “estilo, costume de vida ou organização social”, que se funda em solo europeu a partir do século XV. Como acontecimentos maiores que distinguem essa era, podem-se apontar as grandes navegações, o Renascimento artístico e científico, o Iluminismo, a Revolução Industrial e as Revoluções Liberais.

Na vanguarda das redefinições históricas supracitadas, as quais significam a centralização da experiência humana e a preparação para um novo ideal de ciência, está o Renascimento. Datado entre meados do século XV e fins do século XVI, o movimento é reconhecido por sua grande atividade intelectual. Cabe observar que essa

relatos, as falas não mais voltadas para a harmonia utópica moderna, mas para as possibilidades emergidas no dissenso.

revolução tem origem na ação de internos em instituições religiosas entre os séculos XII, XIII e XIV.

Contrários às limitações impostas pelo direcionamento do ensino eclesiástico,

[...] estudantes e professores, nos mosteiros, abadias e escolas paroquiais, se organizaram em corporações, chamadas de universidades, com a reivindicação inusitada de liberdade e de autonomia de ensino, fora da ingerência do Estado (Rei) e da Igreja (Papa) (ROSA, 2012, p. 337).

Esse primeiro passo rumo à secularização do ensino torna-se solo essencial para o florescimento de uma prática científica emancipada e paulatinamente alheia ao domínio católico. É por meio desse espírito inquisitivo que se determina a futura autonomia e o modelo de rigor próprio de algumas das maiores universidades fundadas à época: Paris (1175), Oxford (1220), Pádua (1224), Nápoles (1229), Palermo (1230), Toulouse (1230), Cambridge (1231), Siena (1246), Sorbonne (1253) e Lisboa (1290).

Paralelamente a esse enorme salto no campo educacional, os últimos séculos do período medieval também testemunham uma série de inovações técnicas primordiais para as conquistas alcançadas durante o Renascimento. Dentre tais invenções, podem-se destacar quatro: a bússola magnética, o relógio mecânico e a criação do papel.

cada inovação técnica do período, surgem também sensíveis mutações nas formas de se compreender o mundo e a experiência humana. Ao possuir a consciência de que há espaços outros a serem desbravados e ao conceber que o tempo experienciado nesses locais pode ser preso em uma estrutura linear, homogênea, o mundo europeu se desvencilha do implacável deus medieval, avança em seu desejo de domínio sobre o mundo natural e inaugura um tempo “que é preenchido pela ‘crença obstinada no progresso’” (HABERMAS, 1990, p. 22).

Essa série de inovações medievais repercute especialmente nas correntes de pensamento renascentistas, como o Humanismo. Dentre os principais pontos dessa doutrina estão: a “[busca das] dimensões ideais da figura humana e a representação fiel da realidade (...), ressaltando o valor do homem, da crença em suas possibilidades e capacidades”; a emergência do individualismo oposto às representações coletivas medievais (GODINHO, 2012, p. 2) e a promoção do racionalismo e da experimentação como reais fontes de acesso à verdade (VALADARES, 2014).

Nesse mesmo período, é significativo o movimento reformista liderado por Martinho Lutero contra o discurso católico. Avesso à centralização do poder estabelecida pela autoridade papal, a Igreja protestante por ele fundada difundia como legítimos muitos dos valores caros ao Humanismo.

Como novidades nessa nova religião de matriz cristã, podemos apontar a promoção do ideal de igualdade entre os homens e, o mais surpreendente, o reforço de uma ética individualista e progressista:

[O] protestantismo, ao contrário do catolicismo, dava aprovação religiosa ao enriquecimento (...) [produzindo], portanto, uma atitude profundamente individualista que valorizava a força interior, a autodisciplina e o comportamento sóbrio e metódico (PERRY, 2002, p. 246).

Todo esse estado de coisas de ordem cultural, evidentemente, tem sua correspondência nas diversas revoluções científicas transcorridas naquele momento. É nesse período que a matemática é promovida como aparato universal para investigação dos fenômenos naturais e que a teoria heliocêntrica é formulada por Nicolau Copérnico.

Nessa mesma etapa, são proeminentes os avanços conquistados nos estudos da anatomia humana com André Vesálio em seu *De humani corporis fabrica (Sobre a organização do corpo humano)*⁶. Tomando os princípios renascentistas da observação e experimentação, em suas aulas, a grande inovação do médico belga centrava-se no

[...] campo da dissecação, a qual, [anteriormente], era praticada pelos cirurgiões ou práticos, enquanto o professor lia, para informação dos alunos, textos pertinentes sobre o que estava acontecendo; o ensino do corpo humano era, portanto, teórico, baseado em publicações antigas, principalmente de Galeno e Mondino. Vesálio, em suas aulas em Pádua, Bolonha e outros centros, praticaria, pessoalmente, as dissecações, explicando e mostrando o significado do que estava sendo revelado no processo. Com Vesálio, ao retomar a prática grega da dissecação, a Anatomia tomaria, assim, uma direção nova e totalmente diferente daquela seguida havia séculos (ROSA, 2012, p. 462).

⁶ Trata-se de livro de anatomia publicado em 1543 após intensos trabalhos de dissecação realizados por Vesálio como professor da Universidade de Pádua. A obra é considerada revolucionária e até hoje é tida como um dos tratados científicos mais relevantes da história.

Tais inovações no campo da anatomia apresentam-se como uma metáfora do Renascimento e do que esse movimento representou para a história das ciências. A imagem de Vesálio (Retrato 1), com seu olhar impassível, a manusear o corpo humano dissecado sintetiza todo o ideal racionalista, experimental e secular que passam a sustentar o saber e a cultura na Idade Moderna. O impulso renascentista, em suma, atuou não apenas como primeiro desprendimento dos dogmas e aprisionamentos medievais. Conforme irei discorrer a seguir, as luzes lançadas por da Vinci e seus pares caracterizam também o solo em que foram plantados os preceitos (e por que também não os confinamentos) da vindoura ciência moderna.

Retrato 1 – Retrato de Vesálio em *De Humani Corporis Fabrica* (1543)



Fonte: REVERON, 2007.

2.1.1.2 *Uma ciência para a modernidade*

Embora a etapa renascentista seja considerada um dos marcos da produção científica mundial e também seja alocada no contexto moderno, o Renascimento em si não é classificado com uma das manifestações da ciência moderna. Entre outras razões, dá-se essa discriminação, pois, enquanto na Renascença (séculos XV e XVI) o

saber revolucionário ainda atua na comprovação das maravilhas de Deus, entre os séculos XVII e XIX, procura-se desvincular cada vez mais o fazer científico das disposições teológicas.

Desvencilhando-se, então, da ordem do desconhecido e do transcendental, a ciência moderna busca ater-se ao fenômeno sob investigação. Ao mesmo tempo, aumenta nesse período o reconhecimento do papel da ciência na promoção do bem-estar humano e do progresso social. Tal estatuto implica uma dependência inédita entre a inovação científica e a lógica capitalista. A ciência, a partir de então, evolui a fim de dinamizar os meios de produção. Já o capital, em contrapartida, passa a ser largamente investido de forma a possibilitar a evolução da ciência.

Contribuíram também para esse novo cenário a instituição de sociedades científicas e a edificação dos estados nacionais, com a ascensão da classe média. Esta última, aliás, tem uma influência política na série de reconfigurações vislumbradas no mundo moderno.

Preocupada em salvaguardar a propriedade auferida nas trocas mercantis, a nova classe busca instituir um sistema social organizado, menos submetido ao poderio católico e avesso à insegurança do sistema feudal. Conseqüentemente, essa classe, que comporia futuramente a burguesia europeia, eleva a figura do monarca absoluto, enxergando nele a medida do “poder central forte” exigida pela nova ordem (HUBERMAN, 1980, p. 80).

Mais adiante, no século XVIII, defrontada com os “regulamentos, restrições e contenções do comércio e indústria” impostos pela ingerência monárquica, são esses mesmos burgueses a força motriz para a derrubada do antigo regime (HUBERMAN, 1980, p. 159). Em todo esse processo protagonizado pela classe burguesa, vislumbro a ascensão de um espírito extremamente individualista, laico e progressista na arena moderna. Esse cenário sociopolítico certamente teve seus efeitos na prática científica estabelecida nos séculos XVII, XVIII e XIX.

De fato, a ciência moderna distingue-se dos empreendimentos científicos de eras anteriores. Nela, destaque especialmente o quantitativo de instrumentos tecnológicos disponíveis. A guisa de exemplo, podem-se mencionar as seguintes invenções: o microscópio (1590, Zacarias Jansen); a luneta (1608, Hans Lippershey); a máquina a

vapor de baixa pressão (1712, Newcomen); e o termômetro de mercúrio (1714, Fahrenheit) (ROSA, 2012b).

Toda essa febre em torno do avanço tecnológico pode, em grande medida, ser vista como resposta a um novo dimensionamento do método científico a partir de então. Essa nova configuração é frequentemente relegada às premissas de quatro memoráveis pensadores: Francis Bacon (1561-1626), Galileu Galilei (1564-1642), René Descartes (1596-1650) e Isaac Newton (1642-1727).

Ao inglês Francis Bacon é atribuído o pioneirismo da ciência experimental. Defensor do empirismo e da indução, o autor de *Novum organum* (1620) (Novo órgão) defendia a inauguração de um saber comprometido com o domínio da natureza e o bem-estar do homem, já que o todo produzido especialmente durante a Idade Média teria resultado em “uma Ciência inútil e estéril quanto a resultados práticos para a sociedade humana” (ROSA, 2012b, p. 41).

No método proposto por Bacon, percebo não só uma clara distinção entre os mundos sensível e inteligível, mas também uma forte predileção do estudioso pelas respostas fornecidas pelo primeiro em detrimento do segundo. Tal inclinação, que influenciaria a prática científica até os dias atuais, torna-se ainda mais clara no trecho a seguir:

[...] aqueles dentre os mortais, mais animados e interessados, não no uso presente das descobertas já feitas, mas em ir mais além; que estejam preocupados, não com a vitória sobre os adversários por meio de argumentos, mas na **vitória sobre a natureza**, pela ação; não em emitir opiniões elegantes e prováveis, mas em conhecer a verdade de forma clara e manifesta; esses, como verdadeiros filhos da ciência, que se juntem a nós, para, deixando para trás os vestibulos das ciências, por tantos palmilhados sem resultado, penetrarmos em seus recônditos domínios (BACON, 1979, p. 7, grifo meu).

De forma análoga, o mesmo relevo dado por Bacon ao experimentalismo é visto nos estudos de Galileu Galilei. Haverá, contudo, uma significativa fronteira entre os dois pensadores. Enquanto Bacon abstém-se da linguagem matemática, Galileu torna a busca pelo quantitativo, pela medição dos fenômenos, o mote central de sua prática. Tendo sido um dos mais revolucionários sábios da Filosofia Natural, o intelectual pisano afirmava com convicção a imprescindibilidade da certeza numérica para a compreensão do universo.

Essa forte tendência ao empirismo, presente tanto em Bacon quanto em Galileu, é desafiada de forma avassaladora por outro proeminente intelectual do século XVII: René Descartes. Considerado um dos maiores matemáticos da história e o pai da filosofia moderna, Descartes refutaria toda a tradição estabelecida antes de si com objetivo de “criar uma nova síntese filosófica e um caminho seguro para se atingir o conhecimento real e certo” (ROSA, 2012b, p. 53).

Calcado na lógica matemática, Descartes define no celebrado *Discurso do Método* (1637) os quatro passos que entendeu como necessários para a aquisição do conhecimento:

O primeiro era de nunca aceitar coisa alguma como verdadeira sem que a conhecesse evidentemente como tal; ou seja, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e não incluir em meus juízos nada além daquilo que se apresentasse tão clara e distintamente ao meu espírito, que não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida; o segundo, dividir cada uma das dificuldades que examinasse em tantas parcelas quantas fosse possível e necessário para melhor resolvê-las; o terceiro, conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos; e supondo certa ordem mesmo entre aqueles que não precedem naturalmente uns aos outros; e, o último, fazer em tudo enumerações tão completas, e revisões tão gerais, que eu tivesse certeza de nada omitir (DESCARTES, 2001, p. 23).

Percebe-se que, ao contrário de Bacon e Galileu, Descartes evita incluir em seu método princípios do experimentalismo. Em sua tendência para a lógica dedutiva, o francês expressa um forte desejo de segmentação entre matéria e espírito. Em *Regras para a condução do espírito* (1684), por exemplo, o filósofo reconhece a existência de duas vias de acesso ao conhecimento, quais sejam a experiência e a dedução. A diferença entre esses dois caminhos, para ele, é que as experiências podem acarretar premissas enganadoras, enquanto que a dedução e a intuição seriam os únicos atos “que nos permitem chegar ao conhecimento das coisas, sem nenhum receio de engano” (DESCARTES, 1985, p. 20).

Tempos mais tarde, sem a pretensão de formar uma metodologia própria, Isaac Newton consegue sintetizar aquilo que havia de mais saliente nos pressupostos dos mestres supracitados: a empiria de Bacon, o experimentalismo matemático de Galileu e o racionalismo dedutivo de Descartes. Reconhecendo a relevância tanto da indução

quanto da dedução, a fim de instituir-se uma ciência para o progresso, Newton iria “[sublinhar] que tanto os experimentos sem interpretação sistemática quanto a dedução a partir de princípios básicos sem evidência experimental não conduziram a uma teoria confiável” (CAPRA, 2006, p. 59).

A síntese elaborada por Newton contribuiria para fortes avanços nas ciências exatas nos séculos XVII e XVIII. Na era do mundo máquina (CAPRA, 2006), do conhecimento produzido para o progresso em grandes níveis de racionalidade e experimentação, a física ocupa, então, o púlpito mais elevado das ciências e Newton torna-se o maior cientista da história.

No século XVIII, por sua vez, percebe-se uma íntima ligação dos valores iluministas à prática científica da época. Tendo sido propagada a busca pelo bem-estar do homem, cabe à ciência o desenvolvimento dos mecanismos que poderiam proporcionar tal meta. Em uma frenética luta contra os possíveis desígnios da natureza, a pesquisa científica distancia-se cada vez mais dos princípios eclesiásticos. Em suma: “[é] a partir do século do Iluminismo que a Ciência estará definitivamente vinculada ao Homem e à Sociedade e que o destino da Humanidade será decidido nos laboratórios” (ROSA, 2012b, p. 240).

Toda essa série de avanços causaria, no século XIX (tempo em que se passam as três narrativas analisadas nesta tese), um considerável desvio nos rumos da ciência. Se os séculos anteriores foram marcados pela física e pela obsessão em transformar o mundo em máquina, nos oitocentos as ciências biológicas e o conceito de evolução passam a dominar os púlpitos do conhecimento.

Os estudos de fósseis e as teorias do sistema solar atuariam como cimento para as especulações evolucionistas iniciadas por Jean-Baptiste Lamarck (1744 – 1829) e aprimoradas, décadas depois, pelo inglês Charles Darwin em *A origem das espécies* (1859). A teoria darwinista, certamente, é um dos quadros que encerram o ciclo da ciência moderna e pressagiam a apoteose científica no século XX e XXI.

Experimentos, racionalidade e laicização foram os elementos que marcaram não só a filosofia natural do século XVI ao XIX, mas foram também os subsídios essenciais para a configuração da ciência contemporânea, que, em índices jamais vistos, alcança

independência e quase inquestionável prestígio para a análise e transformação dos fenômenos sociais e naturais.

Delineado todo esse panorama, faz-se possível aprofundar-se em um dos alicerces mais proeminentes e, todavia, menos discutidos da ciência moderna: a segregação de gênero. Infiltrada nas tradicionais formas de se pensarem e agruparem os campos do saber, tal segregação tornou-se um dos requisitos para se conceber e desenvolver a episteme da forma como ela hoje é conhecida.

2.1.1.3 O feminino do outro lado

Do histórico anteriormente realizado sobre os caminhos da ciência moderna, é inevitável mencionar a escassez ou mesmo inexistência de personagens mulheres. De fato, nos manuais históricos até aqui consultados, a ausência feminina torna-se uma constante. Logo, a fim de desvendar os rastros das filhas de Eva no desenvolver do pensamento científico, é preciso recorrer a trabalhos especializados, comprometidos com o dimensionamento da diferença sexual.

É nesses trabalhos direcionados às questões de gênero, como o estudo *Feminism and science [Feminismo e ciência]*, de Rita Arditti (1980), que se aprende que, desde a Antiguidade, havia a marginalização do papel feminino nos campos do saber. Conforme coloca a autora, “a formação das mulheres na Grécia antiga objetivava produzir donas de casa, mães e senhoras [...]” (ARDITTI, 1980, p. 351, tradução minha).⁷

A Idade Média, por sua vez, período que muitos interpretam como o nevoeiro das ciências, talvez tenha sido uma das etapas, antes da história contemporânea, em que as mulheres tiveram mais incentivo à formação escolar. Isso ocorreu, em grande parte, por meio da proliferação dos conventos pela Europa.

Nessas instituições, mulheres de classe alta (quase que invariavelmente) recebiam instrução escolar e podiam explorar sua criatividade e seus talentos (ARDITTI, 1980; OGILVIE, 1993). A oportunidade dada a tais damas era tão singular

⁷ No original: “The training of women in ancient Greece was aimed at producing housekeepers, mothers and mistresses (...).”

que “algumas daquelas que foram aos conventos para serem educadas permaneceram por lá para sempre [e] viúvas frequentemente retornavam após a morte de seus maridos⁸” (OGILVIE, 1993, p. 9, tradução minha).

Nesse período também são vastos os relatos sobre a prática médica feminina, frequentemente exercida por camponesas, guiadas pelo conhecimento de remédios naturais. A propósito, não se pode esquecer que, por muito tempo, as mulheres formaram o sexo dominante da prática obstetrícia.

Já no Renascimento, com a realização de inúmeros experimentos científicos na casa dos estudiosos da época, o sexo feminino teve acesso a um contato mesmo que tutelado com saber. São numerosos os casos como o de Celeste, a filha que apoiou intimamente o trabalho de Galileu; Bárbara, a esposa que cumpriu o mesmo papel na vida intelectual de Kepler e da princesa Elisabeth da Boêmia, às quais Descartes dedicou o seu trabalho.

A partir da instauração na Idade Moderna, todavia, esse cenário retrai-se. Tem-se, a partir de então, a institucionalização da ciência com a criação das academias científicas e a proliferação das universidades. De acordo com Londa Shiebinger (1989, p. 20), “essa primeira legitimação da nova ciência também coincide com a exclusão formal das mulheres da ciência”⁹.

Ao mesmo tempo, a própria seara metodológica passa a refletir essa progressiva exclusão. Avesso aos parâmetros da ciência contemplativa, o experimentalismo de Bacon propõe o conhecimento enquanto poder. Nessa proposta, o pensador enxerga o nascimento de um novo tempo para as ciências.

Seria o “nascimento masculino do tempo”, no original, *The masculine birth of time*, título de um de seus escritos produzido por volta de 1602. Para Benjamin Farrington (2007, p. 194), o título da obra é uma alusão à crença de que “a velha ciência representou apenas uma filha mulher, passiva, fraca, expectante, mas agora um filho homem havia nascido, ativo, viril, gerador”¹⁰.

⁸ No original: “Some who came to the convent to be educated remained permanently; widows often returned after husbands’ deaths.”

⁹ No original: This first legitimation of the new science also coincides with the formal exclusion of women from science.

¹⁰ No original: “older science represented only a female offspring, passive, weak, expectant, but now a son was born, active, virile, generative.”

Para Bacon, a ciência significava o casamento entre mente e natureza. A fim de que essa união se concretizasse, seria preciso, assim como no tradicional enlace entre homem e mulher, que uma das partes fosse a dominante, a exploradora. Na visão do pensador inglês, coube à mente, lado ligado à masculinidade, o papel ativo e à natureza, metaforizada como corpo feminino, a função de obediência.

Nessa perspectiva de Bacon, identifica-se o fenômeno que Boaventura Santos (2007) classifica como maior característica do pensamento moderno, qual seja, a instauração de linhas abissais. Essas linhas seriam responsáveis por isolar os saberes hegemônicos de crenças subalternizadas.

Para o autor, “a característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha” (SANTOS, 2007, p. 4). Estabelecendo uma fronteira atroz entre este lado e o outro lado da fronteira, o pensamento abissal

Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. [...] A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceita de inclusão considera como sendo o Outro (SANTOS, 2007, p. 3-4).

Obviamente, não será difícil inferir os elementos e discursos dispostos no lado prioritário da linha (a razão, a cultura, o masculino) em oposição àqueles inscritos no lado secundário (a sensibilidade, a natureza, o feminino). Nesse jogo de binarismos, o conhecimento ocupa lugar de destaque. Cabe à “ciência moderna [o] monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso” (SANTOS, 2007, p. 5). Paralelamente, seria privilégio dos estratos sociais hegemônicos (o homem ocidental, branco e cristão) o direito de realizar tal juízo.

É notável que até mesmo as ilustrações da prática científica passam a refletir a demarcação dessa fronteira de gênero. Como nos coloca Schiebinger (1989), pelo menos desde o século VI até o XVIII, são comuns as pinturas que retratam as ciências por meio de figuras femininas, sejam elas personagens mitológicas, como Minerva, ou ilustrações concebidas de forma inédita. Emoldurando o título de *// Saggiatore*, de

Galileu, por exemplo, figuram, em corpos femininos, a Filosofia Natural, do lado esquerdo, e a Matemática, ao lado direito, coroada como rainha das ciências.

Imagem 1 – Capa do livro *Il Saggiatore* (1623). Galileu Galilei.



Fonte: <http://www.joyeriagrancanaria.com>

Para Schiebinger (1989), essas representações refletem um impulso neoplatonista, segundo o qual a criatividade resulta do elo de princípios masculinos e femininos. A fim de unir-se ao seu objeto de investigação e de produzir a partir dele, é preciso que o cientista encare a sua ciência como seu oposto. Se na tradição platônica a alma é feminina e o seu matrimônio com Deus Pai traz harmonia ao universo, no pensamento moderno, a *Scientia* torna-se nubente do filósofo e o seu casamento frutifica em conhecimento.

Todavia, com a difusão do pensamento baconiano, essa visão é ameaçada. Tornando-se o experimentalismo a ordem, não há mais que se falar em inspiração das musas ou na casta união entre cientista e natureza. Busca-se, ao contrário, apresentar o exato momento em que o explorador desbrava o seu objeto de estudo. É nessa vertente que surgem pinturas como a de *De humani corporis fabrica*, anteriormente aqui apresentada (Retrato 1): nela, não é mais o objeto de conhecimento em seu mistério a figura de maior destaque e sim o homem em sua capacidade de dominar a natureza.

Tempos mais tarde, já nos trabalhos de Newton, fazem-se ausentes as ilustrações que remetam ao universo feminino e, na escola iluminista, são profundamente rechaçadas tanto a prática das representações alegóricas quanto a presença da mulher (ainda que forma pictórica) nos domínios da ciência.

Por fim, como consequência desse processo que expurga o elemento feminino, a partir do século XIX, é eleita como metáfora universal das ciências a seguinte imagem, que entroniza a prerrogativa masculina reproduzida até os dias atuais:

[...] um homem eficiente, trabalhando em um laboratório moderno, quase sempre usando um jaleco branco. [...] O cientista é agora um indivíduo isolado, profundamente só. O que não se evidencia na figura são o suporte e as equipes que mantêm esse homem no centro do palco – seus colegas, seus técnicos e seus alunos de graduação, seus secretários e talvez até sua esposa. Ausentes estão também os patrocinadores e políticos que influenciam seu trabalho. Esse indivíduo autossuficiente possui um comportamento sério e ele é ativo. O fato de ele ser branco e homem é ao mesmo tempo descritivo e prescritivo; a imagem cultiva a sua própria clientela (SCHIEBINGER, 1989, p.148-149, tradução minha).¹¹

É preciso destacar que, além das dificuldades para serem consideradas como sujeitos da ciência, as mulheres dos oitocentos ainda enfrentaram outra adversidade: seus corpos passaram a ser objeto de estudo e controle do conhecimento científico da época.

¹¹ No original: “[...] an efficient male, working in a modern laboratory, most often wearing a White lab coat [...]. The scientist is now an isolated individual, profoundly alone. Not evident in the picture are the props and crews that keep this man at center stage – his colleagues, his technicians and graduate students, his secretaries and perhaps even his wife. Absent too are the patrons or politicians influencing his work. This self-sufficient individual is of serious demeanor, and he is active. The fact that he is white and male is both descriptive and prescriptive; the image cultivates its own clientele.”

Como ensina Michel Foucault (1988), o século XIX destaca-se pelo desenvolvimento de uma verdadeira *scientia sexualis*, a ciência da sexualidade. Aliada a todo o discurso cientificista emergido nos oitocentos, essa verdadeira patologia do sexo foi instituída por um conjunto de instituições (dentre elas, os hospitais psiquiátricos), que desenvolveram dispositivos produtores de regras e verdades sobre os corpos.

Entre os procedimentos mais difundidos por esse saber repressor, estava a histerização da mulher. Técnica essa por meio da qual:

o corpo da mulher foi analisado — qualificado e desqualificado — como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual, este corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação): a Mãe, com sua imagem em negativo que é a "mulher nervosa", constitui a forma mais visível desta histerização (FOUCAULT, 1988, p. 99).

Obviamente, a superação dessa série de paradigmas, seja no campo literário ou mesmo no campo social, não poderia ser tramada sem o suporte de uma fundamental reestruturação discursiva. A escrita dos três romances aqui analisados, em toda a sua tônica contemporânea, reverbera essa renovada forma de encarar o gênero nas ciências. Nessa nova perspectiva, há seguramente o traçar de uma ação fundamental, qual seja: o abandono dos grilhões da modernidade.

2.1.2 O paradigma pós-moderno: a mente não tem sexo?

Marquesa du Châtelet (1706-1749), Sophie Germain (1776-1831), Mary Faifax Greig Somerville (1780-1872) e Marie Curie (1867-1934), certamente, são alguns dos nomes mais proeminentes da história das ciências. Em comum, todas elas tiveram a desaprovação advinda desde os familiares próximos até os membros das mais relevantes sociedades científicas. Assinando seus trabalhos com pseudônimos masculinos, exercendo a ciência de forma clandestina e defrontando-se com a falta de

reconhecimento de seus pares, essas estudiosas foram atravessadas pelas polaridades abissais emergidas no pensamento moderno.

É notório que tais episódios não podem ser tomados como memórias longínquas e superadas. Afinal, desafios da ordem de gênero ainda são salientes no mundo da ciência. Há, no entanto, uma diferença seminal entre o contexto passado e o presente que possibilitou, inclusive, a produção e veiculação dos três romances aqui estudados.

Como destacado anteriormente, a Idade Moderna caracteriza-se pela instauração de um pensamento abissal, a partir do qual se instituem saberes alocados de um lado e de outro da fronteira. Todavia, com o advento da pós-modernidade na segunda metade do século XX, Boaventura Santos diagnostica uma atmosfera de quebra dessa estrutura dominante. Conglomeradas, as novas forças que exigem justiça social propõem a emergência de um “pensamento pós-abissal” calcado no “reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos” (SANTOS, 2007, p. 11; 23).

De forma paralela, Dussel (2008) parece encarar essa nova etapa como cenário ideal para implementação de um projeto não apenas de pós-modernidade, mas de “transmodernidade”:

Quando falo de transmodernidade estou me referindo a um projeto global que busca transcender a Modernidade da Europa e da América do Norte. Este projeto não é pós-moderno, pois a pós-Modernidade ainda é uma crítica incompleta da Modernidade, feita pelos europeus e pelos norte-americanos. A transmodernidade, ao contrário, é uma tarefa, em meu caso, expressa filosoficamente, cujo ponto de partida é aquilo que foi descartado, desvalorizado e julgado como inútil entre as culturas globais, incluindo a filosofia colonizada ou das periferias [...] (DUSSEL, 2008, 19-20).

Essas propostas claramente dialogam com os traços da identidade cultural pós-moderna, definida por Stuart Hall (2006, p. 13) como entidade “formada e transformada continuamente”. Nesse contexto, em que são abaladas quaisquer representações fixas do ser e quaisquer manifestações essencialistas da vida social, abalam-se as estruturas do poder, dentre elas, a economia, a política a religião e a cultura.

Nesse ímpeto de mutação, oscilam conjuntamente os termos que conceituam classe, raça e gênero. Essas oscilações resultam em desvios nas pautas dos próprios

movimentos minoritários. O ativismo feminista, por exemplo, tem sido um singular retrato dessas configurações.

Após décadas de argumentações sobre a fragilidade do termo “mulher” e o questionamento sobre uma diferença material entre os sexos, ao final do século XX identifica-se um novo estremecer no âmbito do discurso feminista. Conforme explica Linda Nicholson (2000), nesse momento recupera-se a utilização do signo mulher, ainda que de forma reelaborada. Sem deixar de reconhecer as diferenças que atravessam o sexo feminino, reconhece-se a necessidade de confluência do grupo para o combate das opressões de gênero.

Inclinação semelhante pode ser identificada no discurso de Rosiska Oliveira em *Elogio da diferença: o feminino emergente* (1993). Na referida obra, Oliveira relembra o alto preço pago pelas mulheres que se propuseram a exercer papéis sociais usualmente monopolizados pelo público masculino. Para além de sua capacidade de executar esta ou aquela demanda, delas seria exigida a aptidão de portar-se como homem no mundo do trabalho sem perder a “feminilidade” no ambiente doméstico:

As mulheres tentaram a passagem da fronteira do mundo dos homens, arrastando, escondidas, as raízes plantadas em casa. Adotaram estilos de vida masculinos sem que os homens se feminizassem. Assim ficaram, entre dois mundos, compatibilizando estilos de vida e modos de comunicação diferentes, recebendo da sociedade uma ordem esquizofrenizante: seja homem e seja mulher. E foi assim que o sonho de igualdade tropeçou no impossível. Porque a um homem se pede que seja única e exclusivamente homem, aquele que representa a regra e o padrão face ao qual a mulher deve ser ao mesmo tempo igual e diferente (OLIVEIRA, 1993, p. 13).

Valendo-se da mitologia romana, a autora encara as mulheres como seres semelhantes a Janus, o deus que possui duas faces, uma voltada para frente e outra para trás. Nessa releitura do mito, os rostos se voltam para os dois espaços, dentre os quais as fêmeas inquietamente se dividem: a casa e a rua. A partir desse olhar ambivalente, a autora acredita ter nascido não um espaço de igualdade, mas uma prática malsucedida de assimilação entre os sexos. Afinal, a adaptação foi exigida em maior parte do segundo sexo. “Cinderela de terno e gravata ou Gata Borracheira de macacão azul”, a dita mulher moderna tornou-se, acima de tudo, uma “caricatura” do mundo masculino (OLIVEIRA, 1993, p. 55).

Para Oliveira (1993, p.12), essa “estranha ambiguidade”, sustentada especialmente pelas mulheres que se apropriaram do “mais precioso instrumento da cultura masculina” (a ciência), passa a se esvaír na contemporaneidade. Sob a perspectiva da autora, surge hoje uma nova consciência da diferença entre os sexos. Essa diferenciação, todavia, não resultaria na pressuposição da inferioridade feminina. Ao contrário, ao reconhecer que está em um corpo distinto – concreta e subjetivamente – daquele classificado como masculino, a mulher pode finalmente reivindicar a legitimação de sua(s) experiência(s) nos inúmeros espectros da cultura e da sociedade. Nesse sentido, estabelecer a igualdade em solo contemporâneo não significaria “a ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração”, a depender do projeto político que se tem em mente (SCOTT, 2005, p. 11).

Essas novas perspectivas trazem implicações para a adequação feminina em diversos âmbitos. Dentre esses cenários, destaca-se o lugar da mulher no mundo do trabalho e nos domínios da produção de conhecimento. Se os números ainda comprovam a existência de um sexo que é punido por ser “diferente” nas relações trabalhistas e acadêmicas, como devem atuar as mulheres em relação a esse clamor que gradualmente demanda o assumir das diferenças para a promoção da igualdade?

2.1.2.1 *Uma ciência feminista*

Ao longo deste capítulo, tenho argumentado acerca da subalternidade feminina nas ciências. Subalternidade essa imposta por fatores de ordem moral, religiosa e cultural, que historicamente dificultaram não só o acesso das mulheres à formação escolar, mas também inibiram as condições para que elas pudessem exercer o trabalho científico em condições ideais. Reconhecida, pois, essa milenar contenda entre o sexo feminino e o saber, é relevante questionar as análises e alternativas que estudiosos contemporâneos têm exposto em torno da matéria.

Para efeitos de melhor compreensão, cabe esclarecer o significado que tomam três termos específicos nesta tese. São eles: “feminino”, “feminista” e “mulher”. Neste estudo, as duas primeiras concepções são influenciadas pela perspectiva de Toril Moi

(1989), que encara o “‘feminismo’ como uma posição política” (MOI, 1989, 117, tradução minha)¹² e o feminino como fator ligado à condição biológica que determina o conjunto mulheres como um todo e não possui relações necessárias com a ideologia feminista ou com a carga cultural envolta nos sentidos de “feminilidade”. Já o termo mulher é aqui ancorado na perspectiva de Butler (2003), que o entende como uma categoria aberta, sempre passível de atualização, mas, ainda assim, relevante e necessária enquanto identidade para a política representativa do feminismo.

Feitas essas pontuações, é preciso reconhecer que a posição ocupada pelas mulheres no campo científico remete aos fundamentos da epistemologia moderna. Estando o saber atrelado a ações proibidas e alheias ao sexo subalterno do pensamento abissal, decorre daí a noção de que a mulher não sabe e não é capaz conhecer a verdade da razão.

A partir dessa realidade, depreende-se que a edificação do conhecimento a partir da experiência feminina ou mesmo até a instituição de uma epistemologia feminista implica a crítica da tradição epistemológica e a construção de outros saberes através dessa mesma crítica (ALCOFF; POTTER, 1993).

Partindo desse pressuposto, dentre os ícones a serem minados por essa perspectiva feminista, estaria a imagem do gênio individual, do intelectual solitário que calcula de forma precisa e isenta os fenômenos ao seu redor. Aversa a essa imagem, Elizabeth Potter (1993) sugere que se reconheça a prática científica como uma atividade interativa e, sobretudo, negociada. Nesse sentido, a noção de verdade científica contemplaria também o consenso entre indivíduos legitimados como guardiões da razão.

Estabelecida essa natureza consensual do conhecimento, é também relevante para o embate feminista desvelar a dimensão política da pesquisa científica. É preciso que uma ciência voltada à igualdade de gênero tome um caminho contrário ao da filosofia tradicional, a qual se mostra convicta de que “apenas uma ciência ruim pode

¹² No original: “‘feminism’ as a political position”.

resultar da intercessão entre política e questões técnico-científicas” (POTTER, 1993, p. 182, tradução minha)¹³.

Na mesma esteira, reconhecendo-se que a epistemologia moderna estabelece uma íntima associação entre ciência e poder, torna-se necessário ao pensamento feminista avaliar se “a busca pelo saber é inevitavelmente uma tentativa de dominação” (LONGINO, 1993, p. 104, tradução minha)¹⁴.

Admitindo-se, por um instante, essa indissociabilidade entre poder e conhecimento, uma ciência que se queira inclusiva para as mulheres é conclamada a ressituar a noção de poder difundida pelo próprio Michel Foucault (1989). Se o autor defende a ideia de um poder entrecruzado e que é fundador de subjetividades, estudiosas como Nancy Hartsock, por outro lado, realçam o papel da agência, da luta individual e coletiva para a constituição do sujeito. Para a autora:

Em vez de nos livrarmos da subjetividade ou noções de sujeito como o faz Foucault, que coloca sua noção de indivíduo como efeito das relações de poder, nós precisamos nos engajar nos processos históricos, políticos e teóricos que nos constituem enquanto sujeitos e também objetos da história (HARTSOCK, 1990, p.170-171, tradução minha).¹⁵

Percebe-se, então, que considerar a esfera social, política e ativista para a (re)constituição do conhecimento são passos primordiais para a emergência de uma epistemologia feminista. O nascimento dessa outra estrutura de pensamento, no entanto, não parece ser um ato definitivo para a promoção da igualdade sexual no campo das ciências. É preciso saber em que termos dar-se-ia esse novo paradigma. Seria a ciência feminista uma substituta, uma alternativa ou um complemento para a ciência tradicional?

¹³ No original: “only bad science can result from the intersection of politics with technical scientific concerns (...).”

¹⁴ No original: “it is possible to seek and possess empowering knowledge without expropriating the power of others. Is seeking knowledge inevitably an attempt at domination?”

¹⁵ No original: “[R]ather than getting rid of subjectivity or notions of the subject as Foucault does and substituting his notion of the individual as an effect of power-relations, we need to engage in the historical, political, and theoretical process of constituting ourselves as subjects as well as objects of history. We need to recognize that we can be the makers of history as well as the object of those who have made history.”

Para Fox Keller (1985, p.6), o olhar feminista ou o olhar da igualdade sexual deve ocupar-se da promoção de uma ciência desgredada, que não propõe nem “a justaposição ou complementariedade das perspectivas masculina e feminina, nem a substituição de um paroquialismo por outro”¹⁶.

Também às voltas com essa questão, Longino (1987) defende o engajamento dos feministas no campo científico, mas acredita que a transformação conceitual e metodológica dos procedimentos até hoje vigentes seja uma tarefa bem mais distante de se conquistar: “Para se fazer uma ciência feminista, devemos mudar o contexto político e social em que a ciência é feita” (LONGINO, 1987, p. 62)¹⁷, sintetiza a autora.

Vislumbrando-se, então, um projeto para promoção da igualdade de gênero nas ciências, cabe questionar: quais seriam os mecanismos que possibilitariam a inversão desse contexto sociopolítico adverso em que se produz o conhecimento?

Partindo de uma concepção materialista cultural, entendo que as representações difundidas nas inúmeras manifestações da cultura sejam a via mais consistente de se introjetar e demolir estruturas sociais. Concebida ou não com o fim de promover o deslocamento das ideias e políticas vigentes, a arte, por exemplo, tem-se mostrado com potência inestimável na consecução de tal objetivo.

A literatura, de forma particular, coloca-se como um dos artifícios utilizados nas relações de poder em primeira ou última instância. Relembrando Edward Said (2011), é oportuno afirmar a não neutralidade do texto literário e o seu papel na fundação e fortalecimento de hierarquias sociais.

Dito isso, na seção a seguir, investigo o papel da literatura no cenário intrincado discutido até aqui. Além de questionar o papel da escrita na configuração de grandes temas como gênero e saber, argumento, de forma especial, acerca do posicionamento revisionista de *Cartas de Yellowstone*, *Seres incríveis* e *A assinatura de todas as coisas* em seu trato ficcional das questões supracitadas. É preciso salientar que, apesar da imprescindibilidade dos estudos sociais da ciência para as análises a seguir, esse

¹⁶ No original: “(...) not a juxtaposition or complementarity of male and female perspectives, nor is it the substitution of one form of parochiality for another.”

¹⁷ No original: “To do feminist Science we must change the social and political context in which science is done.”

campo de estudos não consiste no prisma central desta tese, sendo a teoria literária e as teorias críticas da cultura a ótica primordial sob a qual as narrativas são apreciadas.

2.2 ANJOS DO LAR REESCRITOS

Na presente seção, argumento acerca do potencial da cultura e da escrita literária em particular para a proposição de espaços de igualdade, como aquele reiteradamente pleiteado pelas mulheres cientistas. De maneira especial, aprofundo o debate sobre a existência de uma escrita de mulheres e sobre as implicações da pauta de gênero no escopo e estrutura de textos produzidos a partir de uma perspectiva feminina. A defesa pela existência e efetividade dessa escrita é passo fundamental para o argumento de que os três romances aqui estudados deslocam e reinventam o cenário científico gendrado descrito na seção anterior.

2.2.1 Imagens do outro sexo

Alma, Alexandria e Mary Anning: as mentes marcantes dessas personagens e seu papel significativo no mundo das ciências não parecem corresponder ao cenário apresentado anteriormente. O tom, os termos e o direcionamento forjado pelas autoras das narrativas aqui estudadas soam claramente como um contradiscurso, com o desejo de fazer crer e estimular a perspectiva feminina no âmbito do conhecimento. Nesses romances, criam-se, portanto, imagens alternativas, não mais subalternizadas daquele que foi historicamente entronizado como o outro sexo.

Ao classificar essas escritas como falas combativas a narrativas anteriores, defendo, concomitantemente, que a exclusão feminina na ciência moderna se estabelece, acima de tudo, em uma esfera discursiva. Nesse espaço-tempo, evita-se, ao máximo, mencionar quaisquer associações que possam existir entre mulher e saber. Quando tal elo é estabelecido no nível textual, ele acontece principalmente com a finalidade de tornar o corpo feminino objeto do saber e não fonte do mesmo.

Essa primazia do discurso na configuração das questões de gênero remonta ao novo formato tomado pelas disputas sociais no contexto moderno. De acordo com

Roger Chartier (1995), a partir da modernidade, os embates físicos passam a ser paulatinamente substituídos pelas lutas simbólicas.

Nessa etapa, a configuração da identidade feminina molda-se, necessariamente, pela incorporação social (inclusive por parte das mulheres) dos discursos emitidos pela ala masculina. Dentre os lugares de fala que permitiram a colonização simbólica do corpo feminino e o seu isolamento enquanto o outro sexo, esteve, historicamente, o texto literário.

Acionando a poderosa tese de Edward Said (2011) sobre as confluências entre cultura e imperialismo, somos impelidos a pensar sobre os jogos de poder implicados na representação do feminino como alteridade. Mães, bruxas, prostitutas, históricas e tantos outros ícones apresentados como retrato do feminino ecoam um desejo-necessidade de encapsulamento do sujeito mulher em espaços que não podem se sobrepor ao masculino. Mais do que isso, a imagem feminina formada verbalmente pelos homens da literatura quer-se enquanto não imagem. Forja-se um domínio de verossimilhança, a fim de que o texto escrito seja visto como estampa de uma pretensa realidade.

Essa seara das representações, também para Hall (2016), possui um reflexo considerável no âmbito das relações sociais. Na visão do autor, as representações são um aspecto chave no delineamento das comunidades culturais. Pertencer a uma cultura seria equivalente a compartilhar não só de uma mesma cadeia linguística, mas também de um mesmo quadro de sentidos. Dentro dessa linha de pensamento, um possível desalinhamento com essa série de sentidos partilhados implicaria a marginalidade do indivíduo dentro da cultura na qual ele interage.

Nesse processo de ordenamento simbólico, que, historicamente, tem colocado as mulheres em posição secundária, o processo de estereotipia adquire papel fundamental. Na definição de Hall (2016), o estereótipo atua no sentido de exagerar e simplificar os traços mais memoráveis e reconhecíveis de determinado indivíduo, para, enfim, naturalizar e fixar as diferenças identificadas.

Essa fronteira de representação (a propósito, análoga às linhas abissais descritas por Boaventura Santos), torna-se, então, responsável, não só por distinguir o normal do patológico e o pertencente do estranho. A fixação de estereótipos também

atua a favor da manutenção da comunidade entre aqueles que correspondem aos padrões identitários pré-estabelecidos.

Logo, se na modernidade, tempo do progresso, é preciso acentuar as demarcações entre aqueles que produzem e os que “apenas” reproduzem, a imagem feminina estampada nas mais diversas culturas torna-se, quase sempre, um símbolo de apêndice da figura masculina.

Claramente, a narrativa unilateral acerca desses corpos colonizados não se ramifica apenas no âmbito da escrita literária. O louvor literário ao anjo do lar e o fascínio/horror pela fêmea fatal repercutem na maneira como esses mesmos corpos são representados na narrativa histórica.

Se, no texto literário, convém trazer a imagem feminina apenas sob o prisma da vida privada e do sexo, no texto histórico, que se ocupa sobretudo dos episódios da vida pública, a figura da mulher é de pouco ou nenhum valor. Uma breve revisão nos mais recorridos manuais de história é capaz de comprovar o sombreamento da mulher nos episódios que se consideram fatídicos para a trajetória da humanidade.

Haverá, evidentemente, os que argumentam sobre a objetividade histórica. Nessa perspectiva, o eventual apagamento da figura feminina diria respeito, simplesmente, a uma menor relevância da atuação das mulheres nos grandes acontecimentos.

Por outro lado, quando se leva em consideração a ideia de que a “‘história’ nunca é apenas a história, mas sempre a ‘história-para’” (WHITE, 1994, p. 71), podem-se estabelecer conexões entre política e a discreta e marcada aparição das mulheres também nos relatos da história. Se essas narrativas também têm sua parcela de ficção (WHITE, 1994), cabe observar que o ocultamento feminino nos discursos legitimados pela ciência vai ao encontro de um milenar impulso sexista que reconta a homens e mulheres qual deve ser o sexo dominante nas relações de poder.

Dada essa configuração, os romances de Gilbert, Chevalier e Smith parecem ser vias possíveis tanto para desvelar a ficcionalidade da história que suprime e deturpa a imagem feminina quanto para propor caminhos outros que, também nas malhas da ficção, revisem a atuação feminina a despeito das fronteiras sociais, dentre elas, a da divisão sexual do trabalho.

Acredito que esse olhar descentralizado, que não é comum mesmo na ficção sacramentada do texto literário, precisa ser galgado, necessariamente, por meio de uma perspectiva da experiência feminina. Essa escrita emergida das questões de gênero e, sobretudo, da condição das mulheres frente à sociedade, precisa ser estudada e conceituada em suas minúcias para que se analise a sua real efetividade e impacto sociocultural e histórico. Discutir, então, a possibilidade de uma escrita feminina e o seu poder de revisão histórica é o principal objetivo da subseção a seguir.

2.2.2 A mulher reescrita

Se o leitor pode começar a compreender as escritas de Chevalier, Gilbert e Smith como narrativas que seguem um caminho inverso ao do discurso histórico e da literatura canônica, é possível, na mesma medida, ordená-las como amostras de uma nova tradição literária? É coerente compreendê-las sequer como pertencentes a qualquer tradição, ponderando-se o seu âmago subversivo? Ainda além, é razoável considerá-las como representativas de uma escrita de mulheres ou feminista quando pelo menos uma das autoras (Chevalier) mostra-se desconfortável com tais rotulações?

A despeito dessas questões que parecem prevenir uma categorização homogênea e definitiva para as três narrativas, não é possível negar os laços que as unem e que distinguem essas obras como manifestações artísticas e representações particulares. A começar pelo enredo, nelas nenhuma das protagonistas têm como destino a díade casamento/morte que constitui o fado da maioria das heroínas oitocentistas. Ao mesmo tempo, no nível da narrativa, verifica-se um enfoque na consciência das personagens, estabelecendo-se um diálogo constante entre os paradigmas do espaço feminino no século XIX, os confrontos que as protagonistas impingem frente a esses padrões e as perturbações que afetam o íntimo dessas mulheres ao ousar cruzar a fronteira do “feminino”.

Julgo ser axiomática, dessa forma, a concepção de que essas histórias se assemelham pela tentativa de (re)escrever os significados que foram tradicionalmente associados ao signo mulher em suas interações com o mundo científico.

Essa percepção leva, inevitavelmente, ao debate sobre a possibilidade de uma escrita feminina e, de forma análoga, à pertinência e aos benefícios de enquadrar os três romances estudados no âmbito de uma tradição literária feminina. Mas, no que, de fato, consistiria essa textualidade fundada pelas questões de gênero?

Em *A literature of their own: British women novelists from Bronte to Lessing (Uma literatura delas: romancistas britânicas de Bronte a Lessing)*, Elaine Showalter (1999) busca, por meio de uma profunda análise da literatura britânica, traçar possíveis convergências na literatura de autoria feminina. Em linhas gerais, as pesquisas de Showalter levam-na a enquadrar as obras produzidas por mulheres em três fases: a fase feminina, a fase feminista e a fase fêmea¹⁸.

A fase feminina seria caracterizada pela representação literária dos paradigmas impostos em sociedade e, especialmente, às mulheres. Compõem essa fase, na visão de Showalter, obras como *Jane Eyre* (1847) e *Shirley* (1849), de Charlotte Brontë; *The mill on the Floss* (1860) e *Middlemarch* (1871), de George Eliot; *Valentine* (1832) e *Lélia* (1833), de George Sand.

Na fase feminista, por outro lado, as normas vigentes sobre a subjetividade feminina não mais se apresentam sob o escopo de representação da realidade social. Os paradigmas imbricados às questões de gênero passam, a partir de então, a ser duramente criticados dentro das obras literárias escritas por mulheres. Ao mesmo tempo, nesses textos defendem-se os direitos solapados das minorias e propõe-se um novo ponto de vista sobre o meio social ancorado nas demandas feministas. Showalter cita como exemplos dessa fase: *Mrs. Dalloway* (1925) e *To the lighthouse* (1927), de Virgínia Woolf; *Pilgrimage* (1915, em folhetim; 1967, como romance), de Dorothy Richardson; *The hotel* (1927), de Elizabeth Bowen.

É significativo lembrar que essa segunda fase se localiza justamente no seio do modernismo e, em conjunto com a pauta política, traz consigo um projeto estético específico. Tal “estética feminina aplicava a ideologia feminista tanto à linguagem, à literatura, às palavras e às frases quanto aos preceitos e aos valores” (SHOWALTER,

¹⁸ Adotou-se aqui a mesma tradução utilizada por Lúcia Zolin (2009b) para se referir aos termos originais de Showalter: *feminine, feminist, female*.

1999, p. 249, tradução minha)¹⁹. Apesar das conquistas femininas galgadas à época no campo da experiência, as escritoras estavam cientes de que, no âmbito da consciência, pouco havia mudado nas relações de gênero. Nesse sentido, as suas obras deveriam atingir o próprio intelecto, a moral e o espírito dos leitores. Buscava-se instituir, por meio dessas obras, uma nova (e, muitas das feministas da época acreditavam, “uma melhor”) maneira de se pensar a realidade material.

Por fim, a partir da segunda metade do século XX, Showalter aponta a emergência da terceira fase na escrita feminina: a fase fêmea. Nessa etapa, destacam-se elementos como a autodescoberta e a busca de identidade própria. A partir daqui, a produção literária masculina não é mais encarada como parâmetro para se produzir ou reinventar a escrita das mulheres. Valendo-se dos inúmeros artifícios da narrativa moderna, as autoras contemporâneas conseguem vislumbrar a tradição literária feminina atrás de si e, no mesmo movimento, são capazes de dialogar com essa história, “chegando, às vezes, ao ponto de reescrevê-la” (SHOWALTER, 1999, p. 302).

Essa nova configuração no cerne da escrita feminina, por sua vez, demandou a concepção de toda uma teoria crítica capaz de explorá-la e transmiti-la. Com isso, atrelada aos postulados dos Estudos Culturais, surge, na década de 1970, a crítica feminista.

De modo geral, nessas perspectivas contemporâneas acerca de mulher e literatura, têm-se como arcabouço quatro enfoques principais: o biológico, o linguístico, o psicanalítico e o político-cultural. Sem a pretensão de aprofundamento em cada uma dessas vertentes, pode-se apontar que elas se diluem em duas escolas proeminentes dos estudos feministas: a escola francesa e a anglo-americana.

Na crítica francesa, estudiosas como Hélène Cixous e Julia Kristeva baseiam-se na linguística, na semiótica e na psicanálise de modo a “identificar uma possível linguagem feminina” (ZOLIN, 2009a, p. 231). Já na escola anglo-americana, proliferam os estudos que Showalter condensa na ginocrítica, campo dedicado a identificar obras pertencentes a uma tradição literária feminina e também a apontar “a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas dos escritos das mulheres; a psicodinâmica da

¹⁹ No original: “The female aesthetic applied feminist ideology to language as well as literature, to words and sentences as well as to perceptions and values.”

criatividade feminina; a trajetória da carreira feminina individual ou coletiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária das mulheres” (SHOWALTER, 1985, p. 229, tradução minha)²⁰.

O que se abstrai de mais peculiar na crítica de vertente francesa é a tentativa de esboçar uma escrita feminina que, em sua gênese e em sua realização, difere da literatura produzida pelos homens. Em Hélène Cixous e Luce Irigaray, observa-se uma perspectiva profundamente corporal e psicológica na busca por essa escrita do segundo sexo. Para ambas, a queda do falocentrismo e a expressão das mulheres começam pela descoberta dos elementos ocultados pelo patriarcado, dentre eles, a sexualidade feminina. O desvelar dessa sexualidade, por sua vez, envolveria a identificação de impulsos que seriam próprios do corpo feminino, como: os impulsos oral, anal, vocal, gestacional e de escrita. Dentro dessa perspectiva, uma literatura de mulheres que se propusesse como alternativa às representações legitimadas teria que realizar o seu percurso a partir de uma ideia coesa do corpo feminino.

Essa visão seria duramente criticada por teóricos da ala anglo-americana por fundar-se em uma concepção um tanto quanto universalizante do corpo e da experiência das mulheres.

Já em Julia Kristeva, a empreitada pela definição de uma escrita feminina ancora-se nas vias da linguagem. Para a estudiosa, o discurso das mulheres precisa ser buscado em um contexto pré-simbólico, prévio à incorporação da lei do pai (em termos psicanalíticos) e à efetivação do discurso masculino como dominante. Nesse sentido, a fala feminina seria da ordem do que Kristeva chama de semiótico, que pode traduzir-se como universo pré-linguístico, ainda intimamente atrelado às pulsões do corpo materno.

Dentro desse espaço discursivo, os sentidos são flutuantes e as identidades são instáveis. A sua linguagem, sobretudo criativa, desafia a ordem simbólica ao trazer para o centro o desajuste e o balbuciar reprimidos com a aquisição da linguagem. Logo, esse espaço que antecede o discurso dominante e que propõe uma identificação com a figura materna seria uma das vias possíveis à concepção de uma linguagem feminina.

²⁰ No original: “(...) the history, styles, themes, genres, and structures of writing by women, the psychodynamics of female creativity; the trajectory of individual or collective female career; and the evolution and laws of female literary tradition.”

Apesar desses preceitos, Kristeva não propõe às mulheres a criação de um discurso alternativo, que se sobreponha à fala que, hoje, detém a autoridade. Para a autora, “se as mulheres têm um papel a executar é apenas o de assumir uma função negativa: rejeitar tudo que seja finito, definitivo, estruturado, repleto de significado, no estado atual da sociedade” (KRISTEVA, 1980, p. 166, tradução minha).²¹ Observa-se nesse entendimento, mais uma vez, a defesa de que uma literatura feminina não precisa negar a tradição atrás de si, mas revisita-la.

Considero que a compreensão de Kristeva se entrelaça à visão de estudos como *O que é a escrita feminina* (1991), de Lúcia Castello Branco. Nesse texto, a escrita feminina é, claramente, considerada em suas singularidades, caracteriza-se pela busca dos pequenos temas, geralmente despercebidos nos relatos históricos. Privilegiam-se as falas íntimas, os conflitos transcorridos no âmbito privado e na consciência das personagens.

Entretanto, apesar da defesa em torno dessas marcas únicas, Castello Branco argumenta que a escrita feminina não tenta impor qualquer espécie de soberania. Esses relatos revisores teriam um compromisso tão forte com a memória quanto com o esquecimento. Tecida, então, na “desmemória”, a escrita feminina

[...] não apresentará um sujeito pleno, não acreditará no resgate do original, não procurará seduzir o leitor a propósito da veracidade de seu relato, não buscará o Sentido maiúsculo da vida e do texto, mas se perderá na multiplicação dos vários e minúsculos sentidos do corpo e da escrita (e de uma escrita do corpo) (CASTELLO BRANCO, 1991, p. 40).

Nos três romances aqui estudados, vigora essa última noção de escrita feminina. O relato da atuação das protagonistas frente a trabalhos de notável magnitude científica é regularmente entrecortado pela aflição, pela dúvida que essas mulheres têm sobre sua própria subjetividade e sobre os comportamentos que devem seguir para alcançar a realização nos âmbitos público e privado.

Nas cartas escritas por Alexandria, no caminho que o narrador onisciente perfaz pela mente de Alma, na perspectiva distinta dos fatos que a fala de Mary Anning e de sua amiga Elizabeth Philpot proporcionam ao leitor, privilegiam-se as questões de

²¹ No original: "If women have a role to play it is only in assuming a negative function: reject everything finite, definite, structured, loaded with meaning, in the existing state of society."

gênero muitas vezes invisíveis aos olhos da sociedade e incorpora-se uma postura revisora. Postura essa que parte sempre da premissa de que a “re-visão – ação de olhar para atrás, de olhar com olhos renovados, de adentrar um texto antigo com uma nova direção crítica – é muito mais que um capítulo na história cultural: é um ato de sobrevivência” (RICH, 1972, p. 18, tradução minha²²).

Entendo que há nas três narrativas, sobretudo, a tendência de uma revisão crítica da história que implica uma reestruturação dos próprios discursos produzidos nos contextos passados. Um dos maiores objetivos deste trabalho se constitui, portanto, em desvelar as estratégias que, por trás da narrativa, ajudam a escrever um novo enredo para as mulheres da ciência.

Neste momento, cabe observar que investigação do caráter revisor desses romances também não pode prescindir da consideração do papel do gênero no delineamento estrutural e conceitual dos textos narrativos. É nesse sentido que trago para este estudo também alguns preceitos da narratologia feminista, a qual busca comprovar a confluência de elementos intra e extra-diegéticos na construção de (con)textos onde reinam e a desigualdade ou a igualdade de gênero.

Recuperando a terminologia de Mikail Baktin, Susan Lanser (1986) relembra que o texto narrativo é marcado pela heteroglossia – nele, jamais predomina apenas uma voz. Partindo dessa premissa, a estudiosa argumenta que, na escrita de mulheres, essas falas múltiplas frequentemente remetem à divisão entre as narrativas públicas e privadas. Na escrita feminina, de modo geral, quando existe o narrador clássico (como é o caso de *A assinatura de todas coisas*), ele vem sempre acompanhado por insistentes incursões no quarto escuro, no cômodo isolado, na mente conflituosa onde a esfera pública não pode chegar.

Para Lanser, tal configuração justifica-se pelo fato de que:

para as mulheres escritoras, conforme a crítica feminina constatou há tempos, a distinção entre os contextos privado e público é crucial e complicada. Tradicionalmente, as sanções contra a escrita das mulheres não englobam uma

²² No original: Re-vision-the act of looking back, of seeing with fresh eyes, of entering an old text from a new critical direction-is for us more than a chapter in cultural history: it is an act of survival.

proibição do ato de escrever como um todo e sim a proibição de se escrever para a esfera pública (LANSER, 1986, p. 352, tradução minha).²³

Tendo-se ciência desses traços e motivos que comumente se expressam na escrita produzida por mulheres, resta compreender que feminino é esse revisitado nas tramas de *A assinatura de todas as coisas*, *Seres incríveis* e *Cartas de Yellowstone*. Como a macroestrutura dessas narrativas se molda para recontar a História colocando a luz principal sobre a vida de suas três heroínas?

2.2.3 Metaficção historiográfica: o pós-moderno revisita o feminino

A legitimação das protagonistas Mary Anning, Alexandria e Alma como cientistas custa, no nível de cada enredo, a eliminação de inúmeros dos paradigmas próprios do período vitoriano e da Era Moderna. Estudar, trabalhar, aventurar-se em pesquisas de campo não eram atividades priorizadas ou aconselhadas para elas. Os próprios relatos históricos evitam a apresentação da mulher oitocentista em espaços de domínio masculino.

Considerando-se esses aspectos, é perceptível, nas narrativas estudadas, a presença de contra discursos, claramente avessos aos elementos privilegiados pela história oficial. Entre tais aspectos contra discursivos podem-se apontar introdutoriamente: a) a elaboração de enredos que giram em torno dos conflitos sociais e profissionais das heroínas – cabe lembrar aqui que, historicamente, as protagonistas de narrativas canônicas são reverenciadas principalmente por sua beleza e apelo sexual –; b) o desnudamento da capacidade intelectual das mulheres, ainda que, nos próprios enredos, essa competência não seja completamente legitimada; c) a apresentação de discussões sobre a sexualidade feminina e os meios para exercê-la, a despeito da atmosfera de opressão e supressão discursiva configurada nos oitocentos.

Acredito que a postura identificada nessas narrativas se coaduna à forma como a história passa a ser estudada nas últimas décadas do século XX. Nesse período, tendo como alicerce os estudos de Michel Foucault e Jacques Derrida, surge nos Estados

²³ No original: “For women writers, as feminist criticism has long noted, the distinction between private and public contexts is a crucial and complicated one. Traditionally speaking, the sanctions against women’s writing have taken the form not of prohibitions to write at all but of prohibitions to write for a public audience.”

Unidos o Novo Historicismo. Tendo como seu fundador o crítico Stephen Greenblatt, esse movimento surge para demolir três dos princípios-chave do Historicismo.

A primeira dessas noções a ser ruída é a “crença de que na história atual atuam processos para cuja alteração pouco pode o homem contribuir”. Contrariando esse princípio, para Greenblatt, o Novo Historismo “não pressupõe que os processos históricos sejam inalteráveis e inexoráveis, mas se volta para a descoberta dos limites ou coerções da intervenção individual” (GREENBLATT, 1991, p. 247).

Ao mesmo tempo, essa escola crítica repele o mandamento de que o historiador deve despir-se de seus juízos de valor ao realizar a análise dos tempos passados. Na realidade, como ensina Greenblatt, no Novo Historicismo exige-se o comprometimento do historiador, que deve demonstrar posicionamento crítico, deixando expresso o seu direcionamento político e intelectual ao estudar o fato histórico.

Por fim, Greenblatt esclarece que, nessa corrente crítica, há uma recusa em se venerar o passado ou a tradição, conforme imposto no Historicismo. Para o autor, no Novo Historicismo, as inúmeras versões e manifestações da história importam, sendo papel do intelectual compreender e desvelar os mecanismos que hierarquizam cada discurso. Assim, os críticos do Novo Historicismo

[...] mostraram-se mais interessados em conflitos e contradições não-resolvidos do que em integração; preocuparam-se tanto com as margens como com o centro; e afastaram-se da celebração de uma ordem estética acabada rumo à pesquisa das bases ideológicas e materiais que possibilitaram a produção de tal ordem (GREENBLATT, 1991, p. 249).

Essa outra interpretação da história levaria paralelamente a um olhar distinto sobre a produção literária e as convergências entre texto histórico e texto ficcional. Em *Trópicos do Discurso*, Hayden White (1994) analisa tal relação, história-literatura, e explica que, entre os historiadores,

[...] houve uma relutância em considerar a narrativas históricas como aquilo que elas realmente são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências (WHITE, 1994, p.98).

Para White, o texto histórico não deve ser recebido simplesmente como retrato dos acontecimentos passados. É preciso reconhecer também nesses textos os padrões narrativos culturalmente estipulados para a construção deste ou daquele modelo de relato. Na escolha de tais padrões haverá, possivelmente, indícios das relações de poder instituídas socialmente. Assim, retomando Lévi-Strauss, White esclarece que “os fatos históricos, originariamente constituídos pelo historiador como dados, devem ser constituídos uma segunda vez como elementos de uma estrutura verbal que sempre é escrita com um propósito específico (manifesto ou latente)” (WHITE, 1994, p. 71).

Dentro desse cenário, é também relevante mencionar o trabalho do historiador Edward Thompson. Considerado um dos fundadores dos Estudos Culturais na segunda metade século XX, o estudioso destaca o papel dos sujeitos e da cultura nas configurações históricas. Para ele, o peso da História na experiência humana não se resume a um movimento passivo operado unicamente na ordem da consciência. Os sentimentos e as práticas culturais emergidos nos modos de vida de cada povo também teriam influência na determinação da engrenagem sócio-histórica:

As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos [...] Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esse sentimento na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas (THOMPSON, 1981, p. 189).

Ao mesmo tempo, as novas formas de se pensar a história também implicaram mudanças nas maneiras de se encarar o texto literário. Como esclarece Linda Hutcheon (1991), com a configuração da pós-modernidade, inicia-se realmente um movimento de aproximação dos dois campos. Passa-se a creditar ao texto histórico elementos comumente relegados à literatura, como a presença de convencionalismos narrativos, a utilização de padrões estruturais, a construção da “realidade” histórica por meio da linguagem.

De acordo com Hutcheon, esse cenário torna-se fértil para a proliferação de gêneros literários voltados à exploração do discurso histórico. Entre tais gêneros, a autora destaca aquele cunhado e teorizado por ela própria: a metaficção historiográfica. Tal gênero possui como traço principal a adaptação, no nível da narrativa, de

personagens e episódios históricos, sempre se voltando ao questionamento do estatuto de verdade de tais acontecimentos.

Hutcheon destaca que esse direcionamento crítico sobre o passado histórico não implica o abandono do ontem e tampouco dos relatos legitimados como representação de um passado inatingível. Assim como as outras manifestações concebidas sob a “poética do pós-modernismo”, a metaficção “depende daquilo a que contesta e daí obtém o seu poder” (HUTCHEON, 1991, p. 159).

Essa característica implica a existência de uma estrutura peculiar no gênero em questão. Ciente de que literatura e história são duas narrativas de estruturas distintas, o autor de metaficção primeiramente estabelece essa fronteira para depois dissipá-la. Não há o interesse de apontar as falhas do discurso oficial. Busca-se tão somente indicar para a existência de outras versões da história que, ficcionais ou não, podem ser tão forjadas quanto as narrativas elaboradas pelos historiadores. Nos termos de Linda Hutcheon:

[...] [a] ficção pós-moderna não ‘aspira contar a verdade’ (Foley, 1986a, 26) tanto quanto aspira perguntar *de quem é a verdade* que se conta. Menos do que associar ‘essa verdade a pretensões de legitimação empírica’, ela contesta o fundamento de qualquer pretensão de possuir essa legitimação (HUTCHEON, 1991, p. 162).

Ao mesmo tempo, a tentativa de trazer à tona uma perspectiva alternativa do passado dá às personagens das metaficções historiográficas um perfil próprio. Eles são os “ex-cêntricos, os marginalizados, as figuras periféricas da história ficcional [...]. Até personagens históricas assumem um *status* diferente, particularizado e, em última hipótese, ex-cêntrico” (HUTCHEON, 1991, p. 151).

Em suma, a metaficção historiográfica permite ao leitor questionar tanto a autenticidade dos fatos dispostos nas grandes narrativas quanto os pressupostos e paradigmas culturais emergidos desses textos maiores. A partir de sua prática que nega a existência de um centro, de uma origem, a metaficção atua dentro do caráter suplementar definido por Jacques Derrida (1971).

Para se pensar essa noção de suplementaridade e a maneira como ela envolve o gênero literário aqui discutido, é necessário recorrer também ao desconstrucionismo

derridiano, que leva a cabo os binarismos da metafísica ocidental. Se a “leitura desconstrutora propõe-se como leitura descentrada” (SANTIAGO, 1976, p. 17), dentro dessa perspectiva, nenhum sentido pode ser compreendido como origem ou ser exclusivamente determinado em sua relação diferencial com sentidos outros.

Na visão de Derrida, o significado é também concebido no jogo de cruzamento entre os diversos sentidos. Embora sejam distintos entre si, os significados (veiculados por palavras isoladas ou discursos como um todo) atuam também de maneira suplementar, misturando-se, modificando-se, interferindo na definição um dos outros. Dessa forma, o sentido final e absoluto é para sempre adiado.

Essa visão do significado como suplementar é um dos principais mecanismos presentes na confecção da metaficção historiográfica. Sem distinguir verdade e ficção, molda-se outra história protagonizada pelos colonizados. Notadamente, essa característica torna a metaficção historiográfica um dos artefatos mais acionados nos escritos da literatura de minorias sociais. Escavar um passado frequentemente doloroso e afirmar nesse mesmo tempo histórico o ecoar de vozes insurrectas permite que, no tempo da enunciação, sejam estimuladas outras práticas de resistência.

Sustento neste trabalho a tese de que os romances aqui estudados compõem o conjunto das escritas revisionistas das minorias sociais, uma vez que sua problemática central – a existência de igualdade de gênero nas ciências – ainda não possui suficiente reverberação nos púlpitos de onde emana o poder. Ao mesmo tempo, defendo que o posicionamento político das obras em questão se dá por meio de uma cuidadosa construção das teias narrativas, as quais desenvolvem seu curso em consonância com os fundamentos da metaficção historiográfica.

Seguramente, os romances executam de formas distintas e particulares a revisão da questão feminina dentro da ciência oitocentista. Cada uma das protagonistas advém de grupos sociais específicos e suas relações familiares e profissionais são diretamente afetadas pelo trânsito que possuem no meio social.

Os aspectos particulares de cada narrativa, todavia, não impedem que se identifiquem nelas os elementos apontados por Linda Hutcheon como característicos do romance pós-moderno: nelas, muitas vezes se esvai a divisa entre história e ficção; privilegia-se a história do sujeito mais subalterno nas relações do saber (a mulher) e se

evidencia, na clara indistinção entre verdade e imaginação, o olhar político do sujeito autoral.

No segundo capítulo desta tese, dedicado à análise dos romances, busco comprovar de forma detalhada cada uma das hipóteses elencadas até aqui. Voltadas à esfera pública e privada, as seções apresentadas a partir de agora discutem os processos de revisão representados pelas heroínas tanto em sua atuação profissional quanto em suas relações interpessoais. Como fim último dessas análises, procuro salientar os aspectos que reafirmam o elo dos três romances aqui estudados junto ao discurso feminista e, sobretudo, junto ao novo espaço que assume o literário no mundo contemporâneo.

3 MULHERES DE VITÓRIA

“Ela faz o seu melhor e se arremessa”. (PATMORE, 1920, p. 53-54, tradução minha).²⁴

Em *Profissões para mulheres*, texto lido para a Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres em 21 de janeiro de 1931, Virginia Woolf relembra “o anjo do lar”, figura central do poema homônimo de Coventry Patmore (1823-1896) e ícone maior da presença feminina nos lares vitorianos. Altruísta, abnegada e subalterna, essa mulher-anjo torna-se o modelo comportamental feminino no século XIX e consegue deixar fortes rastros de seu paradigma na primeira metade do século XX. Não se pode negar também que seus efeitos ainda ecoam no século XXI.

Conforme revela Woolf (2013), os seus primeiros passos como escritora seriam constantemente acompanhados por essa sombra angelical:

Naqueles dias – os últimos da rainha Vitória – toda casa tinha seu Anjo. E, quando fui escrever, topei com ela já nas primeiras palavras. Suas asas fizeram sombra na página; ouvi o farfalhar de suas saias no quarto. Quer dizer, na hora em que peguei a caneta para resenhar aquele romance de um homem famoso, ela logo apareceu atrás de mim e sussurrou: “Querida, você é uma moça. Está escrevendo sobre um livro que foi escrito por um homem. Seja afável; seja meiga; lisonjeie; engane; use todas as artes e manhas de nosso sexo. Nunca deixe ninguém perceber que você tem opinião própria. E principalmente seja pura” (WOOLF, 2013, p. 4).

Precisamente, é nesse cenário e sob essa sombra descritos por Woolf que se desenrolam os três romances analisados nesta tese. Embora apenas uma das narrativas, *Seres incríveis*, situe-se na Inglaterra oitocentista, nas outras duas obras, *A assinatura de todas as coisas* e *Cartas de Yellowstone*, é possível distinguir também na América do século XIX a propagação e influência dos ideais europeus e vitorianos. Compreendendo respectivamente o limiar, o intermédio e o fim do reinado de Vitória, as três obras são profundamente perpassadas pelos valores difundidos à época, como: a repressão feminina e seu encapsulamento no ambiente doméstico; a dupla moral sexual que fechava os olhos para as aventuras extraconjugais dos chefes de família e,

²⁴ No original: “She casts her best, she flings herself”.

ao mesmo tempo, condenava os excessos eróticos de mulheres e homossexuais; o culto ao trabalho e à religião, entre outros.

Tais valores, reconhecidamente, são acompanhados por uma série de mudanças no cenário político, econômico e social que marcaram a história inglesa e americana entre os anos de reinado vitoriano (1837-1901).

Na Inglaterra, a produção feudal e agrícola dá lugar à revolução industrial; a tecnologia e a ciência ditam a tônica dos grandes centros e a democracia começa a se impor como princípio a partir da extensão do direito ao voto à maioria dos homens urbanos. Nesse contexto, intensifica-se o êxodo rural e se promove, de forma cada vez mais clara, a estratificação social. As camadas populares, encurraladas no chão das fábricas, tornam-se o moinho da produção capitalista, enquanto a classe média passa a ser a medida de prosperidade da economia inglesa (MITCHELL, 2009).

Nos Estados Unidos, por sua vez, as revoluções empreendidas no século XIX dizem respeito não apenas à industrialização e ao desenvolvimento econômico, mas também à “explosão do conhecimento, à imigração e ao crescimento populacional, à urbanização, à expansão geográfica, à mudança das relações raciais, e ao maior conflito armado estabelecido em solo americano” (HOWE, 1975, p. 506, tradução minha)²⁵.

Muito embora os Estados Unidos já fossem uma nação independente na ascensão da rainha Vitória, muitos laços permaneceram e outros tantos surgiram entre o país e a Inglaterra durante os oitocentos. De acordo com Howe (1975), as relações comerciais entre ambos se mantiveram intensas, principalmente após o início das navegações a vapor no Atlântico em 1839.

Na mesma medida, e muito em razão do império exercido pela língua inglesa, a influência cultural britânica também se fez forte na América oitocentista. Com a ajuda de uma comunicação impressa cada vez mais expandida e a instalação dos primeiros cabos transatlânticos, a difusão do pensamento britânico irradiou-se por todo o mundo ocidental e, de forma mais enfática, entre os falantes de língua inglesa.

²⁵ No original: “[...] knowledge explosion, immigration and vast population growth, urbanization, geographical expansion, changing race relationships, and the greatest armed conflict on American soil.”

Seja por influência ou não de qualquer desses aspectos que compreendem a economia, a política e a cultura, entendo que é no ambiente doméstico (em ambos os lados do Atlântico) onde se torna mais patente o culto aos valores hegemônicos da era vitoriana. É no convívio do lar, desde as classes mais pobres às mais abastadas, que se difunde a primazia do “fazer-se respeitável”. A partir desse princípio, o qual compreende sobretudo o modo de se portar em sociedade, que proliferavam outros tantos, os quais variavam em sua essência a depender da classe e possibilidades de cada cidadão.

Aos homens em geral e às mulheres pobres incentivava-se o trabalho duro e o adiamento das recompensas. Impunha-se a repressão sexual e a discrição a todos e, de forma especial, às mulheres de classe média. Na realidade, como esclarece Mitchel (2009), o modelo familiar dessa classe e principalmente o papel materno foi essencial para a difusão da ideologia vitoriana.

As mulheres de classe média poderiam focar sua atenção na família e nas crianças; elas não precisavam ganhar dinheiro (como o faziam as mulheres da classe operária), e também não tinham as obrigações sociais e políticas das mulheres aristocratas. O modelo de mulher em casa, homem no trabalho, e a família como o centro da vida das crianças – modelo tido como “natural” durante boa parte do século XX – teve sua origem nos padrões de vida da classe média. (MITCHEL, 2009, p. 145-146, tradução minha)²⁶

Dessa forma, antes considerada como elemento irrelevante, a mulher passava agora a ganhar papel de destaque na estrutura social (HOWE, 1985). Enquanto, na Inglaterra, “as mães eram responsáveis pela orientação moral e espiritual e também por supervisionar todos os afazeres domésticos” (MITCHEL, 2009, p.147, tradução minha)²⁷, nos Estados Unidos, “a mãe era uma reconhecida guardiã dos valores morais, religiosos e culturais [...]” (HOWE, 1985, p. 530, tradução minha)²⁸.

²⁶ No original: “Middle-class women could focus their attention on family and children; they did not need to earn money (as did wives in the working class), nor did they have the social and political obligations of aristocratic women. The model of mother at home, father at work, and family as the center of children’s lives – the model taken as ‘natural’ for much of the twentieth century – had its origin in middle-class patterns of life.”

²⁷ No original: “Mothers were made responsible for moral and spiritual guidance, as well as for supervising all of the household’s practical affairs.”

²⁸ No original: “The mother was as acknowledged guardian of moral, religious, and other cultural values (...).”

Como será observado na análise dos romances, esses paradigmas impostos no contexto doméstico influenciaram diretamente as possibilidades femininas na esfera social. Tendo o cuidado do lar como lição principal, as meninas inglesas nascidas na primeira metade do século dificilmente frequentariam escolas. A sua formação escolar, quando existente, era realizada em casa por uma governanta ou pela própria mãe, no caso de famílias menos afortunadas. Em resumo, durante boa parte do reinado de Vitória, a educação feminina era pensada nos seguintes termos:

Tanto os hábitos sociais quanto as circunstâncias práticas sugeriam que as garotas tinham menos possibilidade de ir à escola que os garotos. Elas não precisavam de preparação para a vida pública. Uma menina que cresceria para ser uma mulher casada como sua mãe poderia obter seu treinamento vocacional em casa. Garotas das classes trabalhadoras começavam seu “aprendizado” muito jovens, pajeando bebês e ajudando suas mães nas lavagens de roupa ou bordados que trouxessem renda para casa.

Famílias em circunstâncias melhores economizavam e se sacrificavam para dar aos seus filhos homens uma educação que fornecesse a melhor base possível para a sua vida adulta. As filhas não eram deliberadamente negligenciadas, mas a sua formação parecia menos importante. Além disso, pensava-se que as meninas precisavam de mais proteção social e moral que os meninos. Os pais repeliam a ideia de tê-las longe de casa ou em grandes escolas (MITCHEL, 2009, p. 181-182, tradução minha).²⁹

Na segunda metade dos oitocentos, se repensa o valor da formação para o sexo feminino e, nas classes médias, solidifica-se a cultura de enviar as filhas adolescentes para internatos, que, apesar de incluírem mais disciplinas, não deixavam de fomentar os “dotes femininos” dentre suas alunas.

No que diz respeito à formação acadêmica, apenas ao fim do século XIX foi permitido o ingresso de mulheres em universidades inglesas. É importante ressaltar que esse ingresso se deu, inicialmente, em instituições de menor renome, como a

²⁹ No original: “Both social customs and practical circumstances meant that girls were less likely than boys to go to school. Girls did not need preparation for public life. A girl who would grow up to be a married like her mother could obtain her vocational training at home. Girls in the working classes began their “apprenticeship” very young, by looking after babies and helping their mothers with the laundry or needlework that brought in some of the family’s income. Families in better circumstances saved and sacrificed to give sons an education that would lay the best possible foundation for their adult lives. Daughters were not deliberately neglected, but their schooling seemed less important. In addition, girls were thought to need more social and moral protection than boys. Parents disliked having them away from home or at large schools.

Universidade de Londres. As universidades mais tradicionais como Oxford e Cambridge resistiram mais tempo à inclusão do público feminino. Mesmo as primeiras mulheres a serem admitidas nesses estabelecimentos de ensino não tinham sua presença permitida sem a tutela de acompanhantes. A essas primeiras estudantes também era negada a concessão de qualquer titulação formal.

Já nos Estados Unidos, entre os séculos XVIII e XIX, a formação inicial da maioria dos meninos se dava nas *Dame Schools*, escolas baseadas no padrão inglês de formação doméstica e que consistiam na instrução de crianças na casa do próprio professor, que, geralmente, era do sexo feminino. As meninas apenas passaram a ser admitidas nessas escolas a partir do século XIX, e, ainda assim, em horários diferentes daqueles frequentados pelos meninos. Como na Inglaterra, as mulheres americanas só puderam ter acesso às universidades ao final do século XIX. Todavia, tal acesso dava-se de forma limitada e segregativa em instituições cujo currículo era voltado para as “necessidades educacionais específicas delas” (MADIGAN, 2009, p.2, tradução minha)³⁰.

Em *A assinatura de todas as coisas*, *Seres incríveis* e *Cartas de Yellowstone*, busca-se evidenciar os efeitos dessa ideologia sexista e repressora em diversas das vivências das mulheres britânicas e americanas da época. Mais do que isso, procura-se apresentar os recursos empregados por aquelas que ousaram sobrepor-se a esse sistema de valores.

É notório que diversos dos ideais representados pelas heroínas desses romances foram conquistados e consolidados apesar do enraizamento das relações hegemônicas. Outras pautas, entretanto, persistem quase 120 anos após a morte da rainha Vitória.

Dentre essas questões, certamente destacam-se a divisão sexual do trabalho e, particularmente, a limitada participação das mulheres na ciência. Ainda hoje, identificam-se nas relações de trabalho o que Joan Riviere nomeou como “máscara de feminilidade” em 1929. Na esteira da psicanalista britânica, pergunta-se porque muitas intelectuais continuam a buscar a aprovação dos pares do sexo oposto e porque tantas

³⁰ No original: “[...] their specific educational needs.”.

outras acentuam os traços associados à feminilidade, a fim de evitar a competitividade com os homens que exercem a sua mesma profissão.

Partindo, assim, da crença de que as relações de poder se estabelecem primeira e definitivamente no nível da cultura, elenco, no presente capítulo, os meios empregados pela escrita literária, a fim de evidenciar e potencialmente sobrepor-se, no presente, as sombras gendradas da ciência nesse passado moderno e vitoriano.

3.1 ELA ERA UM COMETA

Após todo o percurso histórico e conceitual realizado ao longo desta tese, na primeira seção deste capítulo tenho como intuito demonstrar o refazer literário desse contexto nas linhas do romance *A assinatura de todas as coisas*, de Elizabeth Gilbert. Após uma breve apresentação do enredo, no qual se destacam as referências de cunho histórico, realizo a análise da narrativa a partir de três pilares: a educação científica e moral dada à protagonista Alma Whittaker desde os primeiros anos de sua infância; o amadurecimento da heroína no trabalho científico e no lidar com os “homens da ciência” e, por fim, as influências e as convergências da escolha pelo conhecimento no íntimo de Alma e, especialmente, na vivência de sua sexualidade.

Partindo da inscrição dessa obra na categoria *Bildungsroman*, defendo a estreita relação entre o desenvolvimento humano da personagem Alma e as questões centrais que acometeram o corpo e a mente da mulher vitoriana. Proponho ainda que o trabalho meticuloso de Gilbert em seu costurar do mundo oitocentista seja compreendido, ao mesmo tempo, como uma lupa poderosa, capaz de, por meio da ficção, esclarecer a herança de gênero concedida pelo mundo moderno às trabalhadoras e estudiosas da contemporaneidade.

3.1.1 Romance de formação no feminino

Quando cunhado por K. Morgenstern em 1803, o termo *Bildungsroman* possuía uma significação profundamente gendrada: a categoria seria exclusivamente associada aos enredos que centralizassem o amadurecimento de personagens do sexo masculino. A compreensão dessa medida perpassada pelo sexo se estabelece nas próprias definições elaboradas para o formato. De acordo com Luísa Flora (2009), podem-se classificar como *Bildungsroman* as narrativas em que:

O protagonista é uma personagem jovem, do sexo masculino (às mulheres não era, na época, possível a liberdade de movimentos que permite ao herói o contacto com múltiplas experiências sociais decisivas no percurso de auto-conhecimento), que começa a sua viagem de formação em conflito com o meio em que vive, determinado em afrontá-lo e recusando uma atitude passiva; deixa-se marcar pelos acontecimentos e aprende com eles, tem por mestre o

mundo e atinge a maturidade integrando no seu carácter as experiências pelas quais vai passando; em constante demanda da sua identidade, representa diferentes papéis e usa diferentes máscaras; sofre pelo imenso contraste entre a vida que idealizou e a realidade que terá de viver; o seu encontro consigo mesmo significa também uma compreensão mais ampla do mundo (FLORA, 2009, [n.p]).

Quando concebida, essa categoria foi associada ao romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795/1796), de Johann Wolfgang von Goethe. Na narrativa desenrolada no século XIX, acompanha-se a jornada do protagonista e sua incessante busca pela formação plena, aproximando-se dos valores humanistas e distanciando-se dos princípios burgueses. É notável que o alicerce da liberdade no qual se funda o processo de edificação de Meister é intimamente ligado ao papel ativo e revolucionário que se cobra dos homens na era iluminista. Esses mesmos eixos contribuem para a configuração do padrão de masculinidade na Modernidade e, conseqüentemente, dificultam a identificação de romances de formação protagonizados por mulheres dentro desse mesmo recorte sócio-histórico:

Alguns estudiosos argumentam que o *Bildungsroman* constitui um espaço primordial para a construção da masculinidade moderna. Pressupondo um protagonista masculino, o *Bildungsroman* reforça a conexão entre masculinidade e o indivíduo autônomo, autodeterminado e articulado ao pensamento liberal e iluminista. Também reforça a ideologia de esferas separadas: enquanto o protagonista masculino se desenvolve no espaço público, personagens femininas subordinadas permanecem estáticas, confinadas à esfera privada e reprodutiva. (NOBBS, 2007, p. 35, tradução minha).³¹

Apesar do predomínio desse entendimento, a partir da década de 1970, com o florescimento da própria crítica feminista, surgem estudos que se debruçam sobre romances de formação protagonizados por mulheres. Em 1983, Elizabeth Abel, Marianne Hirsch and Elizabeth Langland publicaram o estudo *The Voyage In: Fictions of Female Development* (Viagem ao íntimo: romances de desenvolvimento feminino). Nos ensaios presentes na obra, há uma oposição à tradição do gênero *Bildungsroman*,

³¹ No original: “Some scholars argue the *Bildungsroman* constitutes a key site for the construction of modern masculine identity. By presupposing a male protagonist, the *Bildungsroman* reinforces the connection between masculinity and the autonomous, self-determining individual articulated in liberal and Enlightenment thought. It also reinforces the ideology of separate spheres: while the masculine protagonist develops in the modern public sphere, subordinate female characters remain static, confined to the reproductive, private sphere”.

que historicamente negligenciou tanto as autoras quanto as protagonistas mulheres. Afirmando que “mesmo as definições mais amplas do romance de formação pressupõem uma gama de opções sociais disponíveis apenas para os homens” (ABEL et al., 1983, p. 7, tradução minha)³², as estudiosas propõem uma nova terminologia: *Novels of female development*. Nessa nova definição, considera-se a formação de personagens mulheres um fator possível e presente em obras de ficção, embora esse desenvolvimento pessoal seja assentado de uma forma distinta, mais íntima e oposta à liberdade social permitida aos homens.

É interessante observar que, do diagnóstico realizado por pesquisadoras como Ellen Morgan (1972), conclui-se que esse aprendizado relegado às personagens mulheres, especialmente durante o romantismo, quase sempre esteve associado ao matrimônio e ao papel materno. Por outro lado, superando-se o entendimento do *Bildungsroman* como forma manifesta exclusivamente na escola romântica, vislumbram-se os traços desse termo em obras contemporâneas, que reservam destinos de menos subserviência e mais autonomia às personagens mulheres. Em todas essas obras, é marcante a redefinição do signo mulher frente os parâmetros de representação que, há séculos, vigoram no mundo ocidental.

Na visão de Cíntia Schwantes (2006),

[...] uma protagonista feminina, para empreender uma trajetória de formação, precisa recusar a definição corrente de feminilidade. Ela precisa recusar-se a ser mulher, pois se não se recusar a ser dependente, fútil e irracional, não lhe será possível fazer-se ao mar. Mesmo que em algum momento ao longo de sua trajetória ela acabe por aceitar um, ou vários, destes atributos, para iniciar sua formação, uma protagonista feminina precisa recusar o destino de mulher que a espera (SCHWANTES, 2006, p. 16).

Creio eu que seja esse o caso de *A assinatura de todas as coisas*. Concebida já na segunda década do século XXI, a narrativa retoma a arena do século XIX trazendo consigo uma consciência atual, amparada pelas lutas e conquistas inscritas em mais de duzentos anos de percurso histórico. Por essa singularidade, a sua protagonista parece

³² No original: “even the broadest definitions of the Bildungsroman presuppose a range of social options available only to men”.

dar ao leitor os contornos de uma coragem e de uma potência feminina que a maior parte dos relatos do século XIX e sobre o século XIX não é capaz de expressar.

Nascida em 1800, na Filadélfia, a americana Alma Whittaker é uma protagonista filha de pais abastados que construíram sua bonança bem longe da terra natal. Seu pai, botânico inglês que vai da miséria à fortuna pela astúcia e trabalho árduo, e sua mãe, holandesa criada nas rédeas de uma educação rigorosa, dão a Alma a formação necessária para se tornar uma grande cientista já na juventude. De aparência pouco atraente para os padrões sociais e dona de uma mente incompatível com a submissão, Alma vê a irmã e as colegas seguirem o curso tido como normal para as mulheres da época enquanto ela encontra na ciência e, especialmente, no estudo dos musgos, a razão para os seus dias.

Já na meia idade, Alma tem a sua primeira experiência amorosa, que acaba malfadada em virtude da incompatibilidade de expectativas entre a protagonista e o marido, que, por sua vez, é enviado para cuidar das plantações do pai de Alma no Taiti, onde morre.

Em busca de conhecer mais sobre o marido e de saber sobre suas últimas experiências, a heroína viaja em direção à ilha do Pacífico, permitindo-se uma aventura que culmina na descoberta do próprio corpo e de uma das questões científicas mais relevantes de todos os tempos: o processo de seleção natural das espécies.

Tendo as amarras sociais e morais como seu maior obstáculo, Alma ingressa nessa viagem a fim de romper paradigmas não só registrados no mundo científico, mas também esculpidos nos corpos das mulheres vitorianas. Esses aspectos são os principais elementos para que se compreenda *A assinatura* como um romance de formação.

Cabe salientar que, ao propor um *Bildungsroman* feminino situado no século XIX, Elizabeth Gilbert estabelece dificuldades adicionais para o seu processo de criação. Sabendo-se da escassez de registros históricos e literários em torno da relação mulher e ciência, torna-se particularmente intrincado conceder verossimilhança a uma narrativa que coloque a mente feminina à frente de um dos tópicos mais celebrados da história do conhecimento. De fato, para Esther Labovitz (1988), só é possível falar em romance

de formação feminino no cenário inaugurado a partir do século XX, quando o ingresso no mercado de trabalho possibilitou às mulheres investir em sua formação.

É nesse ponto que se compreende a importância da história e do gênero metaficção historiográfica para a concepção dessa narrativa. Ao mesmo tempo em que propõe a possibilidade da participação feminina em um contexto que exige a primazia masculina, Gilbert não deixa de fazer menção à celebração dos homens da ciência oitocentista e os cenários que consagraram esses pesquisadores. No romance, o êxito intelectual de Alma é, a todo instante, confrontado com os relatos sobre os feitos dos grandes pensadores e desbravadores da modernidade.

O diferencial das referências realizadas no romance, no entanto, é que não há nelas o compromisso com uma pretensa fidelidade aos fatos. Recuperando a fala de Linda Hutcheon (1991), entendo que *A assinatura de todas as coisas* não aspira contar a verdade e tampouco reivindicar para si a legitimidade de partilhar episódios ocultados pela história. Essa narrativa não nega a sua dependência da história oficial, pois é a partir dela e de sua reescrita onde retira a sua força.

Partindo desse princípio, personalidades e fatos reais como o Capitão Cook e suas expedições no Pacífico³³ e a formulação da teoria da evolução das espécies por Charles Darwin são mencionados com uma perspectiva, de fato, extremamente atenta aos registros e relatos históricos. Apesar disso, essas mesmas referências são reestruturadas e recontadas tendo em vista o fio condutor da narrativa, qual seja, a exaltação do conhecimento e da corporalidade feminina oprimidos na modernidade. É com esse objetivo que, no romance, tem-se, por exemplo, Henry Whittaker como um dos exploradores a bordo do navio Resolution do Capitão Cook e Alma como uma possível segunda idealizadora da teoria que consagrou Darwin.

Ao mesmo tempo em que procura estabelecer esse jogo com a história no nível do enunciado, também no âmbito da enunciação forja-se um intenso diálogo entre século XXI e século XIX. Em brochura ou capa dura, as edições de *A assinatura de todas as coisas* sempre apresentam leiautes e acabamentos que, em diversos aspectos, remontam à aparência dos livros publicados antes da plena revolução da

³³James Cook (1728-1779) foi capitão da Marinha Real Britânica responsável pelas primeiras explorações europeias da costa leste australiana e do Arquipélago do Havaí. Cook também foi responsável pela primeira circum-navegação de que se tem registro da Nova Zelândia.

indústria gráfica no século XX. Em algumas edições, o livro aparece com a capa envelhecida e as páginas com cortes irregulares. Em outras, no exterior da capa imita-se uma espécie de costura, que remete aos métodos de encadernação adotados em boa parcela da Era Moderna. Há também edições em que se encontram ilustrações botânicas forjadas de modo a parecer que foram realizadas por meio de litografia.

Imagem 2 – Edição americana em brochura do livro *The signature of all things*



Fonte: Elaborado pela autora.

Imagem 3 – Edição inglesa do livro *The signature of all things*



Fonte: <https://www.facebook.com/GilbertLiz/photos/>

Todos esses elementos gráficos que remetem a uma atmosfera longínqua contribuem para que o leitor se sinta, de fato, como espectador de uma história desenrolada no século XIX. Mais do que isso, a aparência das edições e as sensações que essas proporcionam ao tato do leitor, contribuem para forjar uma espécie de viagem no tempo. Por alguns instantes, é possível acreditar que se tem em mãos uma obra produzida para deleite dos leitores e, especialmente, das leitoras contemporâneas à Rainha Vitória.

Esse molde do passado, no entanto, não vigora ao longo de toda a experiência de leitura. Aliás, na minha perspectiva, esse não parece ser um dos objetivos do romance. Se os elementos exteriores das edições reproduzem conceitos e técnicas gráficas há muito obsoletas, no interior das mesmas, se reconhecem os parâmetros de diagramação atuais e a qualidade das impressões feitas na era digital.

Da mesma forma, o narrador heterodiegético e onisciente que apresenta a ficção não parece dar pistas de sua localização no espaço e no tempo. Seu vocabulário é, sem ressalvas, culto, compatível com o cenário de singular erudição apresentado na narrativa. Por outro lado, a sua fala não apresenta quaisquer marcas linguísticas que o denunciem como não pertencente ao mundo atual.

Esse enlace constante e impreciso entre o tempo histórico/ficcional e o tempo de escrita do romance, a mim não parece ter sido realizado de maneira casual ou como simples artifício para cativar o leitor contemporâneo em sua busca por experiências literárias excêntricas. O trançar entre o real e a ficção nesse romance, a meu ver, configura um propósito mais denso, ancorado em uma perspectiva atenta às imbricações de literatura, história e sociedade.

Alma, a heroína de *A assinatura de todas as coisas* fala do século XIX, mas se dirige ao presente por razões únicas que atravessam e transpõem o literário. A fim de compreender o porquê e o como desse enlace entre a escrita ficcional e histórica, é necessário observar as minúcias de *A assinatura*, indagando, a cada passagem determinante do enredo, as suas relações como uma realidade passada, mas ainda muito contemporânea. É esse percurso que proponho a seguir.

3.1.2 Educada para o saber

Conforme problematizei no primeiro capítulo, tornar-se cientista no século XIX significava incorporar diversos dos valores emergidos junto à modernidade, valores esses organizados em uma perspectiva binária da realidade. Sendo Alma Whittaker uma mulher nascida nos oitocentos e sendo o conhecimento alocado em uma fronteira oposta ao sexo feminino, a trajetória mais provável para a protagonista seria o seu engajamento em questões totalmente opostas ao trabalho científico.

A rota delineada para Alma, no entanto, possui duas notáveis peculiaridades: os valores compartilhados pelos seus pais e o tipo de instrução que lhe é proporcionada ao longo da infância e juventude. Para compreender, então, as circunstâncias que tornam Alma uma personagem alheia a muitos dos padrões de seu tempo, é preciso entender, primeiro, como a narrativa elabora os cenários em que a heroína cresce e também o perfil daqueles responsáveis por sua formação.

Não se pode esquecer que o enredo de *Assinatura de todas as coisas* se passa em um contexto tomado tanto pelo ideal moderno de progresso quanto pela perspectiva patriarcal dos valores burgueses. Nesse âmbito, ao mesmo tempo em que se defende o direito à realização individual, propõe-se uma nova configuração social a partir da qual “forja-se a ideia de privacidade [...] e, como decorrência, revaloriza-se o espaço privado” (GONÇALVES, 2006, p. 39).

Isso posto, de que maneira a narrativa dialoga com essa nova ordem do pensar e existir em sociedade? Como a escolha da tônica para esse diálogo (tensão entre consenso e dissenso) influencia a caracterização da personagem central desse enredo? Acredito que a resposta se inicie pela análise de duas figuras: Henry e Beatrix, os pais de Alma.

Determinado, o inglês Henry Whittaker, quando jovem, busca desvencilhar-se da marca de pobreza e subserviência característica de seus progenitores. Tendo herdado o conhecimento sobre plantas de seu pai, mas jamais a sua conformação com uma vida de misérias, Henry se aventura em viagens além-mar e pratica até mesmo furtos, a fim de descobrir e comercializar espécimes inexistentes em solo europeu. Como mencionado acima, a narrativa coloca o jovem inglês a bordo do navio *Resolution* ao

lado do Capitão Cook, presenciando, inclusive, a morte do seu comandante por nativos havaianos. Ao participar de empreendimentos desse porte e sobreviver aos mesmos, Henry demonstra o seu valor enquanto naturalista.

As grandes e promissoras novidades trazidas por ele, todavia, não são suficientes para que seja acolhido como cavalheiro da alta sociedade inglesa. Não obstante, essa decepção não o derrota. Henry possui o otimismo e empreendedorismo próprios do espírito moderno e, desse modo, procura destinos outros, nos quais suas ideias e seu trabalho fossem mais valorizados que sua linhagem. Essa atmosfera progressista é encontrada por Henry primeiramente na Holanda e, após, nos Estados Unidos, onde se estabelece e multiplica uma verdadeira fortuna.

Antes de se mudar para solo americano, Henry atende o chamado para exercer em sua plenitude o poderio representado por sua fortuna. Como a maior parte dos homens circundados pela hegemonia burguesa, Henry conclui como necessária a constituição de uma família.

As prerrogativas da mulher que futuramente se tornaria a esposa do botânico inglês, entretanto, pouco se vinculavam ao imaginário vigente entre os homens da época. Henry, o amante das plantas que sempre acreditou na própria iniciativa para prosperar, não queria uma esposa que pensasse diferente dele. A sua mulher não precisava ser bela, delicada e tampouco submissa. Ao contrário, o explorador “desejava uma mulher inteligente e digna, com o mínimo possível de frivolidade” (GILBERT, 2013, p.51).

Confiante de que a Holanda seria o lugar ideal para encontrar uma companheira com esses traços, Henry se depara com Beatrix van Devender, uma jovem de Amsterdã pertencente a uma tradicional família de botânicos. A maneira como o narrador a descreve faz soar de forma aguda o distanciamento entre a mãe de Alma e o estereótipo de delicadeza, fragilidade e dependência vigente nas representações das mulheres da época:

[Beatrix] parecia tão instruída a ponto de assustar. Era proficiente em cinco línguas vivas e duas mortas, com um conhecimento de botânica que se igualava ao de qualquer homem. Sem dúvida, a mulher não era uma coquete. Não era um enfeite para a sala de estar. Vestia-se em todos os tons de cores que são associados a pardais comuns. Nutria uma forte suspeita quanto à paixão, exagero ou beleza, dando confiança apenas ao que era genuíno e crível, e sempre preferia a sabedoria adquirida ao instinto impetuoso. Henry a via como uma placa viva de lastro, exatamente o que desejava (GILBERT, 2013, p. 52).

Em uma atitude ainda mais controversa, Beatrix aceita casar-se com Henry, apesar da desaprovação dos pais. A fama de toco e a falta de sobrenome do inglês eram aspectos que ainda o afastavam da alta sociedade. A despeito disso, Beatrix percebe em seu futuro esposo um homem de visão e decide juntar-se a ele para auxiliá-lo e talvez até mesmo orientá-lo na concepção de algo novo e grandioso.

Ambos embarcam para a América e estipulam um pacto de valor inestimável para a formação de Alma: na casa dos Whittaker se respiraria conhecimento e todos os esforços de homens e mulheres seriam empregados pela busca da razão, pela qual primava Beatrix e do poder, pelo qual Henry dedicava todos os seus dias.

Identifico, nessa constatação, o primeiro dos elementos revisores desse romance. De acordo com o panorama realizado no capítulo inicial desta tese, tendências como o racionalismo, o individualismo e o progressismo eram próprias do homem moderno e passaram a ser traços desejáveis em todos os aficionados pelas ciências. Essas qualidades, por outro lado, passavam longe do ideal de mulher demarcado após a ascensão burguesa e o estabelecimento do reinado de Vitória. Naquela etapa, cultivava-se, acima de tudo, a submissão feminina e a sua restrição aos assuntos do lar.

Contrariando tais postulados, o personagem Henry escolhe para si uma mulher que pense em questões fundamentais e práticas da vida humana e que tenha coragem de expô-las. Beatrix, por sua vez, revoluciona ao rogar para si o direito de escolher o seu futuro esposo a despeito da desaprovação familiar. Além disso, a holandesa demonstra consciência de seu papel na construção do próprio destino ao avaliar que poderia constituir empreendimentos sólidos ao lado do marido. De fato, ao longo da união entre os dois, Beatrix institui um regime de matriarcado orçamentário, administrando não só as despesas domésticas, mas também organizando as transações e acordos realizados por Henry nos negócios.

Não é preciso dizer que essa relação pitoresca contribui para a constituição de um ambiente familiar nada comum para o século XIX. Em uma época em que não se recebia com qualquer entusiasmo o nascimento de crianças do sexo feminino, Henry alegre-se com o nascimento de Alma ao reconhecer na filha mais um de seus frutos deixados sobre a terra. Ainda que sem qualquer sentimentalismo, o agora dono de uma das maiores fortunas do hemisfério ocidental valoriza a sua pequena herdeira:

Quanto ao pai de Alma – Henry Whittaker [...] –, ele estava contente com a filha. Muito contente. Não se importava com o fato de não ser um menino, nem com a falta de beleza. Não abençoou Alma, mas só porque não fazia seu estilo. (“Os negócios de Deus não me dizem respeito.”, falava com frequência.). Sem reservas, porém, Henry *admirou* a filha. Afinal, ele a havia feito, e a tendência de Henry Whittaker na vida era admirar sem reservas tudo o que havia feito (GILBERT, 2013, p. 12-13, grifo da autora).

É interessante observar que a caracterização física e moral de Alma sempre leva a um elo à figura do pai. Desde muito pequena, a protagonista mostra-se uma criança forte, sagaz, que nunca adoece e sempre questiona a razão de ser das coisas. Sua curiosidade não é repreendida. Ao contrário, Beatrix e Henry, “igualmente intolerantes à estupidez, incentivavam o espírito investigativo da filha” (GILBERT, 2013, p. 62).

Para além de estimular a busca pelo conhecimento, Beatrix também faz questão de tornar a sua casa um liceu particular e instruir a filha com todo o conhecimento que ela própria havia adquirido em sua juventude. Mesmo quando advertida sob os malefícios que acometeriam as meninas instruídas demais, a mãe de Alma permanece firme em seu propósito, sempre acreditando que ninguém jamais adoeceria por acúmulo de aprendizado.

Além do valor dado à instrução, os também experimentalistas pais de Alma acreditavam na importância de deixar seu corpo livre e em constante contato com a natureza e suas descobertas. À pequena aprendiz era permitido ir à floresta na suntuosa propriedade dos Whittaker sob qualquer clima e até mesmo sujar suas botas e suas saias. A única condição para essas aventuras era que ela trouxesse “bons espécimes para o seu herbário particular” (GILBERT, 2013, p. 69).

Destaco, nesse instante, a concessão crucial dada a Alma enquanto criança. Aceitando-se a noção de poder como instância criadora de subjetividades (FOUCAULT,

1998), entendo a permissão para se instruir como a chave principal do potencial científico de Alma na vida adulta. Ainda que cercada pela propriedade dos Whittaker, a protagonista poderia encontrar naquele vasto terreno uma infinidade de novos mundos que ficariam ocultos se fosse ela limitada ao interior de sua casa.

Como afirma Marília Pinto de Carvalho (1998, p. 4), “a divisão sexual e de gênero do conhecimento e do trabalho [...] são continuamente ensinados e aprendidos no contexto das várias instituições e práticas sociais [...]”. Logo, defendo que, na narrativa da infância de Alma, destacam-se as lacunas nesse aprender de gênero (principalmente no que diz respeito à aquisição de conhecimento). No alvorecer dessa pequena cientista, não lhe são negados muitos dos saberes e experiências que, à época, eram frequentemente solapados de seu sexo.

Obviamente, creio não ser possível dizer que o corpo da pequena Alma circule com a mesma liberdade que a sua mente pelos cenários sociais configurados ao início do século XIX. Até mesmo no inovador lar dos Whittaker, a moral vitoriana impediria tal prática. Por outro lado, também não é coerente pensar o corpo da jovem cientista como um enfeite da própria casa ou aprendiz de anjo do lar. Na geografia traçada pelos pais da protagonista, vislumbra-se um corpo menos confinado e uma mente mais liberta para derrubar fronteiras do saber.

Não satisfeita em construir esse ambiente extraordinário e pouco provável para uma menina nascida nos oitocentos, Gilbert ornamenta ainda mais o cenário privilegiado no qual cresce Alma ao criar a atmosfera dos jantares de gala na propriedade de White Acre, dos Whittaker.

Pela descrição desses eventos, percebe-se que não se tratava de jantares para a alta sociedade da Filadélfia. Também não se organizavam esses encontros para dar lugar a fofocas ou algazaras. Os jantares em White Acre tinham como único objetivo “exercícios de estímulo intelectual e comercial” (GILBERT, 2013, p. 74). Jovens exploradores com ideias inovadoras e cientistas donos de teorias revolucionárias eram frequentemente chamados àquela mansão para varrer o tédio de Henry, alimentar a mente de todos os presentes e trazer às meninas Whittaker o conhecimento que não lhes seria permitido buscar fora da propriedade.

Em uma dessas noites, quando Alma ainda é bem pequena, constitui-se uma das mais belas cenas do romance, metáfora do espírito livre com o qual foi criada a mente da personagem principal. Na ocasião, ficara acordado que o astrônomo Luca Pontesilli explicaria aos presentes sobre o movimento dos planetas. A certa hora, considerando a excitação causada nos convidados pela música e pelo álcool, Pontessilli decide envolvê-los na sua apresentação: com a ajuda dos presentes, ele cria uma réplica do universo.

Na montagem dessa representação, é curioso notar o papel de cada um dos participantes. Henry foi escolhido como o sol, ao redor de quem giraram cavalheiros no papel de planetas. Generoso com o pedido das damas, o astrônomo as dispõe em volta dos homens para que lhes servissem de satélites.

Observando a maravilhosa cena, Alma implora por um papel ao cientista que lhe dá a função de cometa. Questionado sobre os movimentos que esse corpo celeste deveria fazer, Pontessilli orienta a criança a voar de um lado para o outro. Descrevendo, no trecho a seguir, os gestos que a pequena menina realiza a partir de então, Gilbert tangencia não só as oportunidades únicas que Alma teve desde a infância. A autora destaca também a importância daquilo que *deixou de ser feito* a Alma nos seus primeiros anos de vida – os sonhos da menina nunca foram podados:

Ela se jogou no meio dos planetas, se abaixando e rodopiando pela órbita de todo mundo, correndo e girando, o laço se desprendendo dos cabelos. [...]

Por incrível que pareça, a certa altura, alguém entregou uma tocha faiscante em suas mãos. Alma não viu quem foi. Nunca haviam lhe permitido chegar perto de fogo. A tocha cuspiam fagulhas e soltava nacos de alcatrão em chamas que rodopiavam atrás dela enquanto ela corria pelo cosmos – o único corpo nos céus que não ficava preso a uma rota elíptica limitada.

Ninguém a impediu.

Ela era um cometa.

Ela não sabia que não estava voando (GILBERT, 2013, p. 79, grifo meu).

Partindo do princípio de que o gênero não é constituído unicamente pela censura, mas também “através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e agir, condutas e posturas” (LOURO, 1997, p.

41), fica evidente que o corpo infante e indócil de Alma rodopia para além das possíveis pressões que tentem lhe inculir sentidos tradicionais de feminilidade. No restante de sua infância e adolescência, a formação da protagonista fornece todos os instrumentos, a fim de que ela não fique presa a itinerários restritos, como o matrimônio, a maternidade e o cuidado do lar.

Aos nove anos, um grande acontecimento emerge na vida de Alma. Ela ganha uma irmã adotiva, Prudence, filha de um dos empregados de White Acre que havia se matado após assassinar a própria mulher por adultério. Uma vez incorporada ao lar dos Whittaker, a pequena órfã, também de nove anos, junta-se a Alma na realização de uma rotina de estudos inimaginável para qualquer garota do século XIX. Guiadas pelo preceptor Arthur Dixon, escolhido meticulosamente por Beatrix, as meninas recebiam

quatro dias por semana, lições alternadas de filosofia natural, latim, francês, grego, química, astronomia, mineralogia, botânica e história. Alma também recebia exercícios extras de óptica, álgebra e geometria esférica, dos quais Prudence – num raro gesto de misericórdia de Beatrix – era poupada (GILBERT, 2013, p. 89).

Toda essa carga de conhecimento ministrada em “escala masculina”, todavia, também tinha uma sutil interrupção. Às sextas-feiras, as pequenas Whittaker recebiam, ainda que em pequenas porções, uma educação pautada nos princípios vitorianos. Nesse dia, ambas se dedicavam a aulas de dança, música e bordado. Afinal, era um verdadeiro consenso que qualquer jovem aristocrata deveria conhecer os hábitos de uma dama, ainda que uma série de ideias transformadoras fervilhasse em sua mente.

Prudence, em muitos termos concebida como paralelo identitário de Alma, demonstra a delicadeza e o talento necessários para cumprir cada uma dessas atividades propostas aos finais de semana. Quando se fala do desempenho de Alma, por outro lado, faz-se questão de enfatizar a sua aversão a todos os ensinamentos que demandassem elegância, graciosidade e sutileza do aprendiz. A protagonista identifica-se unicamente com o trabalho duro do campo de pesquisa e é em direção a esse tipo de trabalho que crescem as suas expectativas.

Considero, portanto, que a narrativa estabelece uma amenização das fronteiras de gênero para Alma durante a sua infância. O incentivo à especulação científica é tamanho que a protagonista chega a desejar existência de instituições de fomento ao

conhecimento, onde ela pudesse partilhar as suas descobertas com outros pesquisadores. A pequena estudiosa ignora, no entanto, que tais instituições já existiam sob o nome de universidades e que nem ela nem a irmã Prudence teriam sua entrada permitida nesses templos do saber.

Apesar das perspectivas limitadas no tocante ao futuro exercício da ciência, Alma e Prudence passam a infância e a juventude rodeadas de toda instrução que o dinheiro e o entusiasmo dos Whittaker poderiam lhes fornecer. Contudo, muito embora as justificativas para toda essa erudição permanecessem as mesmas (Henry e Beatrix abominavam a ignorância), Alma e Prudence não poderiam ser eternamente vistas como seres em formação.

As meninas Whittaker crescem e são acompanhadas pelas sombras de novos olhares. Sem amigos ou pretendentes, pouco elas evoluem em direção ao destino esperado de toda jovem mulher vitoriana e, especialmente, daquelas que nutriam uma bela fortuna. Uma vez que não acompanham o sistema de representação estipulado em seu contexto sócio-histórico, as irmãs passam a ser rotuladas como corpos estranhos em suas comunidades de interação (HALL, 2016):

A bem da verdade, Beatrix nunca fez nenhum favor a Alma e Prudence no tocante à possibilidade de casá-las. Certas pessoas da Filadélfia murmuravam que os Whittaker haviam deixado as filhas totalmente inaptas ao casamento, com toda aquela educação e isolamento das famílias nobres. Nenhuma delas tinha amigos. Só haviam jantado com homens adultos das ciências e do comércio, portanto suas mentes eram claramente informes (GILBERT, 2013, p. 118).

Ao fim da adolescência de Alma, no entanto, duas figuras com faixa etária similar à dela adentram em sua vida. A primeira delas é George Hawkes, o editor dos primeiros artigos da cientista e por quem ela se apaixona. A segunda é Retta Snow, uma vizinha recém-chegada que traz à vida de Alma e Prudence toda inconstância, paixão e frivolidade adolescente que as meninas Whittaker jamais haviam experimentado.

Pela primeira vez na vida, a personagem principal sente-se como pessoa normal. Retta Snow desperta nela e na irmã uma espontaneidade inédita, bem como uma vontade de provar sensações nunca antes ofertadas nos muros de White Acre. Dentro dessa nova atmosfera, Alma ganha coragem para revelar à irmã, com quem jamais

havia tido intimidade, sobre seu amor por George Hawkes. Como acontecera em outras oportunidades, Prudence permanece calada diante da revelação e mata, assim, qualquer chance de aproximação entre as irmãs.

A pequena brisa de pertencimento que circundou Alma por alguns instantes começa, portanto, a ruir. Pouco tempo depois, vem-lhe a surpreendente notícia de que George Hawkes e Retta Snow iriam se casar. No mesmo espaço de tempo, Alma perde a mãe que, em seu leito de morte, pede a ela que jamais abandone seu pai. Ainda, por reviravoltas que são explicadas posteriormente na trama, Alma perde a companhia de Prudence, que acaba por se casar com o antigo preceptor, Arthur Dixon, e é deserdada por aderir às causas abolicionistas.

Com o desenrolar dessa série de acontecimentos, Alma se vê obrigada a administrar e organizar sozinha os negócios do pai. Henry há muito havia deixado nas mãos de Beatrix a responsabilidade por toda documentação referente aos negócios, e a finada matriarca, por sua vez, deixara boa parte do trabalho por fazer em razão dos sintomas de um câncer que escondera de seus familiares.

Presas à promessa feita à mãe moribunda e aos infindáveis afazeres administrativos de White Acre, Alma vê-se diante de um dos maiores impasses de sua vida. Se na infância ela é o cometa que ninguém se antecipa para deter, na vida adulta, ela percebe inúmeras dificuldades para progredir na mesma projeção de outrora. Alma agora possuía fardos e responsabilidades que jamais poderia abandonar sem contrariar a moral com que fora criada e que a circundaria em todas as instâncias sociais.

Se, antes, a condição de mulher solteira trazia consigo a esperança de continuidade no trabalho científico mundo afora, agora, a missão de cuidar do velho Henry impunha sobre Alma a sentença de permanecer em White Acre por tempo indeterminado. Nesse ponto, emerge o questionamento das limitações de um enredo que se propõe, de forma verossímil, retratar a atuação de mulheres oitocentistas nas ciências.

Afinal, qual o préstimo de todas as subversões identificadas no âmbito da formação da personagem principal se tais elementos de resistência perdem a sua potência quando confrontados na etapa de emancipação da heroína? A forma como Gilbert trabalha essa problemática acompanha a coerência e irreverência histórica com

a qual escreve todo o romance. Alma Whittaker não se revolta em sua luxuosa prisão e, sim, faz dela a fonte de um saber indomável.

3.1.3 Na ciência, a maturidade

Após um inevitável processo de questionamento sobre o destino pouco atraente que tomara a sua vida, Alma entrega-se no colo da criada que a acompanhara desde bebê, Hanneke de Groot. Assumindo expressamente o papel de conselheira (figura essencial nos romances de formação), a velha holandesa dá, uma vez mais, o tom transgressor dessa narrativa. Na voz de Hanneke, Alma não ouve palavras de consolo, empatia ou compreensão de seu sofrimento. Assim como Beatrix, Hanneke aprende a ser inflexível diante dos desafios cotidianos e toma para si a missão de repassar essa mesma prática a Alma:

”Bom, minha criança, você pode fazer o que bem entender com o *seu* sofrimento”, Hanneke declarou com doçura. “Ele lhe pertence. Mas vou contar o que faço com o meu. Eu o agarro pelos pelinhos, atiro no chão e esmigalho com o salto da bota. Sugiro que você aprenda a agir assim” (GILBERT, 2013, p. 170, grifo da autora).

Confirmada, pois, a capacidade intelectual de Alma nos primeiros capítulos de *A assinatura*, na apresentação da vida adulta da personagem, tem-se como enfoque a manifestação de sua resiliência. A protagonista desse romance não fora criada para refletir o poema maior de Coventry Paltmore. Ela decide não se portar como anjo submisso, ainda que seu destino pareça estar irremediavelmente limitado às fronteiras da mansão de seu pai.

Aceitando o seu fardo, a mulher Alma Whittaker faz uso da adaptabilidade exigida de tantas outras mulheres ao longo da história. Alma assume os negócios de Henry e ordena todas as pendências que, durante anos, acumularam-se nas gavetas de White Acre. A propriedade dos Whittaker também volta a reluzir como nos tempos de outrora: reformas; organização de tarefas e criados; realização de jantares com estudiosos e comerciantes, tudo volta ao seu lugar sob o punho firme da heroína.

Mas não é apenas na gerência do dinheiro e da mansão dos Whittaker que ela se torna exímia. A paixão pela ciência jamais deixaria Alma. Dentro de si, ela clamava

por uma oportunidade de perseguir seus estudos em botânica, ainda que estivesse atada às velhas e conhecidas espécimes de White Acre.

E é assim que, em um dia como outro qualquer, ela decide investigar a espécie de musgo no qual brotava a *Monotropa hypopitys*, planta sobre a qual ela escrevera o seu primeiro artigo científico, aos 16 anos. No momento da busca, Alma se dá conta que a vida dos musgos era uma matéria de pouco ou nenhum interesse no mundo da botânica, afinal, eles não eram belos ou vistosos e também não poderiam ser utilizados como remédio ou vendidos.

A desatenção da ciência em relação a esse filo desperta novamente na estudiosa o velho desejo de conhecer a verdade sobre os problemas científicos que se dispusessem à sua frente. Sob o movimento de sua lupa, Alma passa, então, a observar atentamente o pequeno mundo que se desnudava entre as pedras úmidas em uma fria manhã de White Acre. Nos conjuntos de musgos, era possível observar todo um sistema regido por diferentes climas e organizado no que, por analogia, poderiam ser entendidas como distintas formas de vegetação.

Logo, tendo sido coibida de atravessar os portões de sua propriedade, Alma encontra um universo particular nos jardins de seu suntuoso cárcere. Maravilhada com a apresentação de uma labuta que provavelmente ocuparia o resto de seus dias, a cientista acredita ter encontrado uma razão para seguir:

Reconhecendo tudo isso, a existência de Alma pareceu ao mesmo tempo mais importante e muito, muito insignificante – mas era uma insignificância agradável. O mundo havia se reduzido a centímetros infinitos de possibilidades. Sua vida poderia ser vivida em ampla miniatura. [...] Alma teria trabalho a fazer para o resto da vida. Não precisava ser ociosa. Não precisava ser infeliz. Talvez nem precisasse viver na solidão.

Tinha uma missão.

Conhecer os musgos (GILBERT, 2013, p. 175).

Ao tomar esse curso, o enredo elaborado por Gilbert, inevitavelmente, leva à constatação de Lúcia Castello Branco (1991) a qual já mencionei em outras etapas deste estudo: a escrita feminina trata das minúcias, das pequenas e cruciais questões que passam despercebidas na história dos grandes homens. Impedida de circular por

um mundo “barulhento, grande e veloz”, Alma se entrega à infinitude de outro, “silencioso, mínimo e vagaroso” (GILBERT, 2013, p. 174). Se é restrito o espaço de circulação das mulheres dos oitocentos, é também em uma perspectiva minimalista que Alma realiza suas maiores insurreições.

Vinte e seis anos se passam após esse primeiro interesse da protagonista pelos musgos. Nesse ínterim, a estudiosa publica dois livros e finaliza um terceiro – todos densos trabalhos que dissertam sobre as espécies de musgos existentes na América do Norte. Mantendo o mesmo editor com quem publicara seu primeiro artigo aos dezesseis anos, Alma, agora com quarenta e oito, assume uma postura sólida em relação à autoria de seus trabalhos.

Enquanto, na juventude, os estudos da protagonista apenas vinham assinalados por “A. Whittaker”, na meia idade, ela se permite, enfim, assinar o nome todo. Além de não mais ocultar o seu gênero, Alma não se sente intimidada por não poder acrescentar ao seu nome nenhuma inicial relativa a títulos ou a filiação a associações científicas. Ela também possui consciência de que sua aceitação enquanto estudiosa de musgos se dera muito em virtude da pouca competitividade existente na área e não se apequena com essa constatação.

Compreendidas as limitações que seriam impostas a ela, mulher, no exercer da profissão, Alma as transforma em potencialidades e não ambiciona provar-se mais capaz que qualquer homem dedicado ao estudo da natureza. Entendo que a serenidade da personagem, nesse momento, coloca em pauta um questionamento que ainda não se consolidou seja nos debates sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho, seja nos estudos sobre mulher e ciência.

Há um tempo considerável, medem-se a capacidade e a eficiência das mulheres tendo como parâmetro a atuação masculina em inúmeros campos do saber e em diversas frentes de trabalho. Sendo essas atividades primitivamente pensadas pelos homens e para a sua própria atuação, acaba-se por legitimar o primado do corpo e da mente masculinos na execução dessas funções.

Nessa perspectiva, o que não se vislumbra, no entanto, é a necessidade de se pensar essas práticas em sua contextualização sociocultural e política. Como apontei anteriormente, boa parte dos princípios científicos inaugurados na modernidade e ainda

presentes no mundo contemporâneo são pautados em um intransponível binarismo no qual as mulheres sempre fazem parte da esfera desprezada.

No primeiro capítulo desta tese, fiz referência a um argumento de Helen Longino (1987), segundo o qual a constituição de uma ciência feminista dependeria da alteração do cenário político e social em que o conhecimento é produzido e compartilhado. Respeitando, novamente, os propósitos da verossimilhança, Elizabeth Gilbert não fornece à protagonista oitocentista Alma os instrumentos necessários para romper todo o sistema ideológico que a cerceava nas relações de saber e poder. Afinal, a completa emancipação da heroína e suas contemporâneas da “vida real” dependeria da reversão de todo um sistema de valores consolidados ao longo de séculos.

Dessa maneira, ao apresentar as adaptações que Alma promove, a fim de sentir-se realizada na profissão, a narrativa (por si própria revisionista) demarca a imprescindibilidade da revisão no cotidiano das mulheres. Embrenhando-se e cortando por dentro uma tradição que insiste em expeli-la, a estudiosa dá uma nova significação a aspectos do conhecimento menosprezados pelos distintos senhores da ciência.

Logo, se no tempo da narrativa é impraticável pensar a inauguração de uma ciência feminista, é, em contrapartida, extremamente plausível imaginar os modos de resistência das pesquisadoras desse mesmo tempo histórico. Apreciar os resíduos do cotidiano e do conhecimento, a mim, parece ser a estratégia central de Gilbert em sua elaboração literária desgendrada ou, ao menos, não falocêntrica da prática científica moderna.

Cabe observar que, após mais de vinte anos de pesquisa sobre os musgos, a paixão de Alma acerca de seu ofício é tamanha que ela lamenta a brevidade da existência humana frente a tudo que ainda poderia ser aprendido em seu campo de estudos particular. Assim, a consciência da própria efemeridade e o medo da morte recaem pela primeira vez sobre a protagonista na forma de uma angústia tradicionalmente representada como masculina: ela desejava, arduamente, encontrar a adiada verdade do conhecimento:

Enquanto estudava o Tempo do Musgo, Alma tentava não se preocupar com sua vida mortal. Ela estava presa nos limites do Tempo Humano, mas não havia nada que pudesse fazer quanto a isso. Teria que simplesmente aproveitar ao máximo a existência curta [...]. Já estava com quarenta e oito anos. Quarenta e oito anos não era nada para uma colônia de musgo, mas era uma boa quantidade de anos para uma mulher. Já tinha parado de menstruar. O cabelo estava ficando grisalho. Se tivesse sorte, pensou, teria mais vinte ou trinta anos para viver e estudar – mais quarenta anos, na melhor das hipóteses. Era o máximo que poderia desejar, e desejava todos os dias. Tinha tanto a aprender e não tinha tempo suficiente para aprendê-lo (GILBERT, 2013, p. 182).

A vida de Alma poderia seguir esse curso por um longo tempo, talvez até o seu término. No entanto, em plena meia idade, surge no caminho da protagonista o litógrafo Ambrose Pike, por quem ela se apaixona. Ambos possuem o mesmo encantamento pela ciência, mas perspectivas completamente distintas sobre o trabalho científico. Alma é uma exploradora e Ambrose um contemplador que reproduz com fidelidade e beleza as plantas pelas quais é seduzido.

O litógrafo também se encanta pela heroína, mas com um encantamento que diz respeito sobretudo ao encontro de almas. A sua paixão remete ao espírito e jamais à carne. É com essa perspectiva que, então, ele propõe casamento a Alma. Com expectativas completamente distintas sobre o matrimônio, os dois se casam e desentendem-se pouco tempo depois sem ter ao menos um contato íntimo.

Sentindo-se ultrajada, Alma pede ajuda ao pai que expatria Ambrose para o Taití, onde ele passa a cuidar das plantações do velho Henry. Desolada por não compreender o motivo do distanciamento de Ambrose e julgando-se velha demais para aventurar-se em qualquer outra relação ou dar passos outros na profissão, a protagonista volta a fechar-se no mundo dos musgos e procura neles a consolação que jamais encontrara no mundo dos homens.

Três anos após, chega a notícia da morte de Ambrose em terras taitianas. Desolada, Alma amarga a culpa pelo exílio do marido em um contexto no qual sua natureza frágil dificilmente conseguiria sobreviver. Meses depois, como uma espécie de consolo, chegam à protagonista os poucos pertences de Ambrose, dentre eles, a velha valise em que carregava suas litografias. Ansiosa por ver aquilo que o marido tinha observado, para descobrir se havia ele encontrado alguma forma de distração ou fascínio, Alma surpreende-se ao se deparar com inúmeros desenhos de um mesmo homem nu na pasta de seu falecido companheiro.

A angústia da incompreensão assola a protagonista. Em sua mente, transitam diversas teorias para o fato observado, mas, nenhuma delas seria passível de investigação. Alma não tinha qualquer noção de quem seria o homem dos desenhos e já não teria mais a oportunidade de pergunta-lo a Ambrose. Presa às responsabilidades de White Acre por tempo indeterminado, Alma amarga a sentença desse desconhecimento ao lado de tantos outros.

A certa altura da narrativa, no entanto, esvai-se o mais sólido peso que prendia Alma aos limites de sua propriedade na Filadélfia. Já muito idoso, Henry sucumbe e, antes de morrer, dá a sua filha o estímulo para que ela, finalmente, pudesse encontrar a verdade científica e a verdade da vida além dos muros de sua casa. Em meio a alucinações, Henry diz à filha: “Não acredite em nem uma palavra que uma vadia ou um canalha disserem neste mundo. Vá ver com os próprios olhos!” (GILBERT, 2013, p. 323).

Porém, o encorajamento nas palavras de Henry não produz um efeito imediato em Alma. No decorrer do romance sempre se acentua o carinho e a predileção da protagonista para com o pai. Alma tem as mesmas feições de Henry, a mesma força do pai e delira imaginando-se dentro das épicas histórias de exploração contadas pelo velho botânico.

Logo, a dimensão desse vínculo impede que a heroína veja a sua quebra como possível sinônimo de libertação. Alma entrega-se ao luto de forma desoladora até que Hanneke de Groot lhe surge, novamente, como grande conselheira. Em tom quase austero, a velha holandesa relembra a Alma que ela não era a única sofredora do mundo. Era preciso ser forte e evitar, a todo custo, a autocomiseração.

Nesse instante, sem evasivas, Hanneke chama a atenção de Alma para o sofrimento de Prudence. Ela relembra que a irmã da protagonista vivia um casamento infeliz e uma vida miserável, apenas sustentada pelo amor aos filhos e à causa abolicionista. Destaca que Prudence também havia perdido o pai, mas com o agravante de não ter podido se despedir em razão de ter sido excomungada do lar dos Whittaker muitos anos antes. Por fim, Hanneke revela a Alma que Prudence e George Hawkes eram apaixonados um pelo outro e que apenas não se casaram porque Alma a havia contado de sua atração pelo editor.

A partir dessa revelação, instaura-se a maior complicação de *A assinatura*. Aos olhos do leitor, sempre forte, resoluta e a frente de seu tempo, Alma começa a adquirir seus mais agudos contornos de vulnerabilidade humana. Passa-se a entender o absurdo grau de proteção e privilégios nos quais ela nascera e com os quais fora criada. Ainda que estigmatizada e subalternizada enquanto cientista, em razão de seu gênero, Alma não deixou de se acomodar dentro da bolha criada ao redor de si.

Em sua luxuosa mansão, atenta às possíveis alternativas de driblar as amarras de gênero, Alma se esquece de olhar ao redor para compreender que o seu caminho não fora trilhado apenas por determinação própria. Além da fortuna sustentada pelos pais, havia uma legião de outras mulheres a postos para que seu sofrimento fosse poupado e para que lhe surgissem alternativas outras além das reservadas às mulheres comuns.

Hanneke, Prudence, as criadas que serviam em White Acre e, ainda, as mulheres escravizadas, como as que a sua irmã buscava auxiliar, repentinamente pareceram-lhe como símbolos de indivíduos que conseguiram realizar feitos mais relevantes com muito menos oportunidades. Nesse momento, a instrução a que teve acesso, os aparatos científicos que possuía e as obras que produzira se apresentam a Alma com uma irrelevância cortante. Bem maior que o seu conhecimento eram os mundos que ela não percebera:

Sentada no escritório, Alma enfim se obrigou a analisar a própria vida com honestidade. Era uma mulher de cinquenta e um anos, saudável de mente e corpo, forte como uma mula, tão instruída quanto um jesuíta, tão rica quanto qualquer nobre do reino. [...]

Com toda essa erudição e todo esse privilégio, o que Alma fizera de sua vida? Era autora de dois livros obscuros de biologia – livros que não eram de modo algum necessários para o mundo – e atualmente se ocupava do terceiro. Nunca tinha dedicado nem um instante a ajudar alguém, exceto o pai egoísta. Era virgem, viúva, órfã, herdeira, era uma senhora e uma tola completa.

Achava que sabia muita coisa, mas não sabia nada
(GILBERT, 2013, p. 333).

A epifania de Alma ecoa discussões que fervilham desde a década de 1980 com a internacionalização do movimento feminista. O discurso pós-colonial, a partir de então, se intensifica na argumentação sobre as diferentes maneiras de se observar a

história, inclusive do ponto de vista das mulheres. Emergem, nesse contexto, os movimentos que Luciana Ballestrin (2017) intitula como Feminismos Subalternos. O termo em questão

alude à subalternidade no interior do próprio feminismo, nos termos de Gayatri SPIVAK (2010). Aqui há uma dupla construção: ao mesmo tempo em que denunciam o silenciamento de várias expressões do feminismo (intencional?), os diversos feminismos subalternos agenciam um antagonismo irreconciliável diante de um feminismo “elitista”, porque hegemônico: ocidental, branco, universalista, eurocêntrico e de Primeiro Mundo (BALLESTRIN, 2017, p. 1036).

Partindo desse conceito, defendo que o despertar de Alma para alteridades femininas em seu entorno e que a compreensão de sua posição de privilégio trazem indícios de um diálogo narrativo entre passado e presente que reconhecidamente caracteriza as metaficções historiográficas.

É preciso lembrar que, em seu alvorecer, nas lutas sufragistas do século XIX, a pauta feminista não possuía como centralidade as relações coloniais e as escalas de submissão nas quais se alocavam as mulheres em seus diferentes estratos sociais. Logo, a tomada de consciência realizada por Alma e a sobriedade com a qual a trajetória da protagonista é então criticada no interior da narrativa precisam ser lidas considerando-se, especialmente, o lugar de fala da própria autora do romance.

Elizabeth Gilbert é uma mulher do século XXI que aqui recria cenários do século XIX por meio da ficção. Pautando-se em milenares princípios da arte literária, ela poderia ocultar a sua subjetividade, sua moral e suas convicções historicamente construídas para aproximar-se de um tom ideal, compatível com as crenças e configurações do tempo representado em sua obra. Todavia, ignorando a máxima barthesiana que indica que “a escrita é a destruição de toda a voz, de toda a origem” (BARTHES, 2004, p. 57), a autora de *A assinatura* imprime na voz do narrador marcas ideológicas de sua própria era.

Dessa forma, o tempo do enunciado é afetado profundamente pelo tempo da enunciação. A dimensão das conquistas da protagonista (improváveis à maioria das mulheres de seu tempo) é relativizada por um olhar contemporâneo ciente da existência de submissões outras que, ao mesmo tempo, cruzam e ultrapassam as questões de gênero.

Embora a discussão pós-colonial não constitua o eixo fundamental da escrita de Gilbert, não posso deixar de salientar a possível problematização do texto seminal de Spivak (2010) a partir do conflito que se instaura na etapa de *A assinatura* introduzida acima. Em seu ensaio de maior alcance, a estudiosa indiana define como subalternas as “camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 12).

Pautando-se nessa mesma definição, Spivak sentencia que, “para o ‘verdadeiro’ grupo subalterno, cuja identidade é a sua diferença, pode-se afirmar que não há nenhum sujeito subalterno irrepresentável que possa saber e falar por si mesmo” (SPIVAK, 2010, p. 60-61). Nessa perspectiva, a partir do momento em que adquire potência de fala, o sujeito não mais pode ser abrigado em qualquer instância de subalternidade.

Levando-se em conta tais considerações, mostra-se complexo compreender o lugar de fala da personagem Alma Whittaker dentro das disputas sociais as quais *A assinatura de todas as coisas* representa. Não tenho ressalvas em dizer que a narrativa em questão é símbolo e efeito das inúmeras discussões em torno da inclusão feminina no mercado de trabalho e, particularmente, no mundo das ciências. Ainda que possua um invejável acesso à instrução, o caminhar de Alma é sempre tutelado, constantemente assombrado pelos limites que determinam onde e até quando ela pode se especializar em determinada matéria. Logo, no âmbito do conhecimento, é indubitável a afirmação do posicionamento inferiorizado de Alma. O seu potencial único é muitas vezes podado quando diante das fronteiras de gênero.

Todavia, no momento em que reavalia sua vida, passados mais de cinquenta anos de trajetória, a protagonista percebe e indica que sua voz não é suprimida em todas as instâncias. Em relação às suas companheiras de jornada, Alma experimenta um número de oportunidades de fala consideravelmente maior. Alma é ouvida e respeitada como dona de White Acre, como superior aos seus criados, como estudiosa de um determinado campo científico (ainda que esse campo não seja de interesse de boa parte dos cientistas homens). Em suma, em seu cotidiano, a heroína também faz

uso de certa autoridade de fala para comandar e também se sobrepor a outros indivíduos.

Seria um contrassenso, portanto, afirmar que as lutas travadas por Alma Whittaker são representativas da luta feminina e feminista como um todo. Alma, assim como grande parte das mulheres que tem acesso a uma educação de qualidade, não é subalterna em sua integralidade. Ela possui, sim, os meios intelectuais e financeiros para questionar as instâncias em que é inferiorizada e isso, por si só, é um diferencial inestimável em relação às suas iguais do mesmo sexo.

Logo, ciente de que sua protagonista corresponde a apenas a alguns espectros da diferença sexual, Gilbert evidencia a parcialidade de sua representação e salienta o papel de *A assinatura* na reivindicação da emancipação feminina em uma frente específica, particular, qual seja, a produção de conhecimento.

Sabedora da posse que tinha desse direito e aborrecida com o previsível curso que havia tomado a sua existência, Alma segue o conselho de Henry antes da morte e decide ir observar a realidade com os próprios olhos. Instigada sobre a morte de Ambrose e sobre o homem nu que aparece nos desenhos do falecido marido, Alma embarca para o Taiti em novembro de 1851. Ignorando as advertências de contadores e homens de negócio que eram próximos ao seu pai, Alma desfaz-se de boa parte de sua fortuna em prol de Prudence e das causas que defendia. White Acre torna-se uma escola para crianças negras, Alma e Prudence se reconciliam e a protagonista do romance arrisca-se em uma aventura em alto-mar sem a companhia de uma só mulher.

A literatura dedicada à estrutura dos romances de formação é praticamente unânime em afirmar que a realização de uma viagem é uma das maiores condições para o amadurecimento do herói e conseqüente transformação de sua relação com o mundo. Dentro dessa ótica, a proposição de um romance de formação protagonizado por uma mulher no século XIX, torna-se inviável em termos práticos. De acordo com o cenário que explicitarei anteriormente, a atuação das mulheres na esfera pública era extremamente restrita nos oitocentos. Associava-se ao máximo a sua figura ao espaço doméstico e repreendiam-se as suas eventuais incursões além da soleira da porta.

Considerando-se essa realidade, na viagem de Alma, o traço revisionista da metacficção historiográfica manifesta-se uma vez mais. Desbravar os mares, a despeito

dos perigos e incertezas, sempre foi uma experiência quase que exclusivamente masculina, vinculada e permitida somente aos homens. Historicamente, sempre foi improvável encontrar registros de mulheres admitidas nesse tipo de expedição. Quando se pensa no quadro de mulheres aristocratas, por sua vez, essa possibilidade torna-se ainda mais improvável.

Como é também papel da metaficção jogar contra as probabilidades, em *A assinatura* tem-se uma mulher de meia idade, dona de uma opulenta herança e de uma educação refinada, que entende a vida a ela apresentada como não o bastante. Ignorando os possíveis julgamentos e a falta de referências femininas para a sua rebelião em particular, Alma torna-se metáfora da cotidiana implosão de obstáculos empreendida pelas mulheres.

Cabe pontuar que, também em alto-mar, as ações adotadas pela cientista fogem de quaisquer estereótipos atrelados à feminilidade. Lembrando-se das velhas histórias de embarcação de Henry, Alma faz em sua mente um inventário das estratégias que teria que aplicar para não passar fome ou sede, para não ser envenenada ou derrotada pela fadiga e para ter uma relação favorável com os companheiros de navio. É dessa forma que, meses após, a estudiosa termina a sua jornada tendo sobrevivido a imponentes tempestades e testemunhado a morte de outros marinheiros durante o percurso.

Dona de um vigor físico e mental, Alma mostra-se destemida diante do novo. Sejam quais forem as experiências inéditas surgidas em sua aventura marítima, a cientista as encara como oportunidade irrefutável de conhecer um mundo que lhe fora negado por mais de meio século. Em um dos trechos que narram a expedição da heroína, tem-se a exata dimensão do valor dado por ela a essa vivência escolhida por conta própria. Rodeada por três trombas-d'água, Alma sente os marinheiros assustados à procura de pontos seguros da embarcação enquanto ela observa de frente o maior fenômeno natural com o qual já havia se deparado. Para conhecer, era preciso ver com os próprios olhos e é exatamente isso o que a naturalista Alma Whittaker faz:

O capitão mandou que Alma fosse para a área coberta, mas ela não se mexia; a tromba-d'água era uma visão magnífica demais. Em seguida, houve outro berro, quando os homens perceberam que havia, na realidade, *três* trombas-d'água rodeando o navio a distâncias pequenas demais para ficarem calmos. Alma se sentia hipnotizada. Uma das trombas chegou tão perto que ela viu as longas correntes de água fazendo um espiral do oceano até o céu, em uma enorme coluna giratória. Era a coisa mais sublime que já havia visto na vida, e a mais divina, e a mais impressionante. [...]

Depois que as trombas-d'água finalmente passaram e o mar voltou a ficar tranquilo, Alma teve a sensação de que aquela fora a experiência mais feliz de sua vida (GILBERT, 2013, p. 350).

A chegada de Alma ao Taití também é marcada por um turbilhão de desafios. A língua, os costumes e as crenças dos locais em quase nada eram compatíveis com a vida conhecida pela protagonista desde então. Além disso, imediatamente ela foi forçada a viver como os locais, já que seus aposentos se resumiam a uma velha choupana e seus pertences foram furtados pelas curiosas crianças na baía de Matavai.

Apesar das dificuldades, aos poucos Alma compreende o caminhar do tempo em sua nova terra. Ela aprende a língua, acostuma-se com comida e com a quase inexistência de linhas entre o público e o privado nas novas culturas que conhecia. Os seus bens eram seus tanto quanto eram de todos. Lentes de telescópios, malas e escritos desapareciam com a mesma sutileza com que retornavam. Assim, Alma aprende a viver com cada vez menos objetos e, proporcionalmente, mais atenção e prontidão para sentir os fenômenos ao seu redor.

Essa nova percepção sobre a vida certamente leva a protagonista às repostas que ela buscava em torno do falecido marido, Ambrose. Leva-a também a uma compreensão do corpo que ela própria não tinha ousado experimentar. Posteriormente, trato especificamente dessa seara da sexualidade e argumento acerca do papel da rebelião e da autonomia também para que Alma pudesse viver a sua corporeidade da maneira que lhe aprouvesse.

Nesta etapa, no entanto, prefiro deter-me na análise de como a busca pelo saber não só molda o caráter de Alma Whittaker, mas também lhe permite um amadurecimento acerca da razão de sua existência e das formas como deveria compreender as relações dos seres no mundo. É dentro dessa ótica de completa interação com o meio que Alma formula o melhor entendimento de si própria e que

concebe uma das maiores teorias científicas da história, qual seja, o processo de seleção natural das espécies.

A concepção dessa teoria acontece da seguinte maneira: certo dia, a estudiosa é convidada a participar de um violento jogo em que as mulheres de Matavai dividem-se em grupos para levar uma bola até o campo adversário. O jogo é iniciado na areia, mas poderia continuar no mar, caso a bola caísse na água. Em pouco tempo de partida, Alma percebe toda a truculência empregada pelas participantes do jogo. Atingida por inúmeras vezes, a protagonista vê-se repentinamente no mar, sendo continuamente submergida pelas mulheres que disputavam a bola de forma insana. Aparentemente, sem condições de emergir, Alma percebe a morte próxima e chega, por alguns instantes, a considerar a possibilidade de não resistir, de entregar-se ao alívio do não mais pensar.

Porém, antes de se sucumbir totalmente, ela é atravessada por duas percepções fundamentais: “[...] se tivesse que matar alguém para salvar a própria vida, não hesitaria em fazê-lo. Por fim, [...] concluiu que o mundo se dividia claramente entre os que travavam uma batalha incessante para viver e os que capitulavam e morriam” (GILBERT, 2013, p. 446). Essas duas compreensões a salvam e ela consegue livrar-se da ameaça de derrota.

A cena em que a protagonista recupera as suas forças e sai vitoriosa do violento jogo é descrita de forma épica. É como se a batalha travada nas águas do Taiti fosse uma espécie de batismo pelo qual a figura da heroína teria de passar em seu percurso de autoconhecimento. De forma análoga ao que ocorre na trilha percorrida por muitos heróis literários do sexo masculino, o valor de Alma também é medido diante de um desafio que engloba luta, sangue e resistência:

Ela saltou da água. Atirou para o lado o corpo que estava em cima dela como se não fosse nada. Nariz pingando sangue, olhos ardendo, punho torcido, peito contundido, ela subiu à tona e puxou ar. Procurou ao redor a mulher que a segurara debaixo d'água. Era a sua querida amiga, a destemida gigante irmã Manu. [...] Manu ria da expressão no rosto de Alma. Era um riso afetuosos – talvez até cúmplice –, mas, ainda assim, era risada. Alma pegou Manu pelo pescoço. Apertou a amiga como se fosse esmigalhar o seu pescoço. Em alto e bom som, Alma vociferou, da maneira como o contingente Hiro havia lhe ensinado:

[...]
ESTA SOU EU!

MEU PAI FOI UM GUERREIRO MELHOR DO QUE O SEU PAI!
 VOCÊ NÃO CONSEGUE NEM LEVANTAR A MINHA LANÇA! Então Alma relaxou, tirou as mãos do pescoço da irmã Manu. Sem um instante de hesitação, Manu uivou na cara de Alma um uivo magnífico de aprovação. Alma marchou em direção à praia.
 [...]
 Saiu caminhando da água como se tivesse nascido dela (GILBERT, 2013, p. 446).

Esse episódio passa a ocupar de forma constante a mente de Alma. Ela decide finalmente deixar o Taiti, mas não retorna à América. Como grande estudiosa que se tornara, era preciso sentir o ar que inspirou diversos dos mestres de sua formação. É assim que a protagonista viaja rumo à Europa, com a intenção de fazer morada na Holanda, terra de sua mãe.

Antes de chegar ao destino, porém, Alma enfrenta quase um ano de viagem em alto-mar. O longo percurso constitui o ambiente ideal para que ela racionalizasse e teorizasse a luta pela vida que disputara em um dos últimos dias na Baía de Matavai. Esforçando-se para produzir uma escrita atraente, digna da grande questão que tinha para compartilhar, Alma formula hipóteses, elabora princípios, identifica variáveis e busca argumentos compatíveis com a seguinte tese: “o mundo natural era um espaço de brutalidade severa, em que espécies grandes e pequenas competiam para sobreviver. Nessa luta pela existência, os fortes permaneciam; os fracos eram eliminados” (GILBERT, 2013, p. 453).

À medida que elabora seu estudo, a protagonista compreende a sua relevância para explicar fenômenos como a extinção e transmutação de espécies. Coerentemente, Alma decide explanar sua teoria a partir do ponto de vista da evolução dos musgos. Na perspectiva da estudiosa, não haveria filo mais representativo da adaptabilidade exigida nos diferentes biomas terrestres: os musgos se adaptaram a cenários de maior *secura*; diminuíram a sua dependência de raios solares diretos; foram capazes de ressurgir após grandes períodos de aridez; modificaram-se a ponto de incorporarem mutações perpétuas; davam indícios de terem sido outra entidade antes de se tornarem musgos; faziam pressupor, ainda, que poderiam se transformar em uma entidade diferente na medida das evoluções ocorridas no planeta.

É pertinente apontar que o delineamento aqui realizado por Gilbert leva a alguns arranjos pertinentes ao debate de gênero. Ao se relegar a teoria da evolução das

espécies à personagem Alma Whittaker, não se acentua apenas a possibilidade de uma mulher ter formulado uma tese científica de tamanha magnitude. Evidencia-se também que um ser do sexo feminino pode e deve lutar resistindo nas duras competições que dizem respeito não só à sua sobrevivência biológica, mas também socio-histórica.

A epifania científica de Alma dá-se, precisamente, no momento em que ela se permite (e em que a ela é permitido) ingressar de fato na experiência naturalista. O fenômeno descrito pela cientista não é meramente imaginado, observado. Ela chega à sua hipótese central porque resiste, ultrapassa e supera os comportamentos dela esperados em seus contextos de atuação.

A narrativa, nesse sentido, mostra-se claramente atenta às pautas defendidas pelo movimento feminista contemporâneo. Alma incorpora, de uma só vez, diversos dos conceitos apresentados e até mesmo reivindicados das mulheres nos tempos atuais. Quando se fala de agência, empoderamento, resistência, colocam-se, na verdade, as características necessárias à sobrevivência do sexo feminino ao longo da história.

Se ser resiliente traduz-se como a “capacidade de um indivíduo ou grupo de indivíduos [...] construir-se ou reconstruir-se positivamente frente às adversidades” (BARLACH, 2005, p. 28), essa, sem muitas reservas, pode ser indicada como a faculdade mais imprescindível no cotidiano das mulheres e, particularmente, daquelas nascidas na repressiva Era Moderna.

A descoberta de Alma faz sim referência à grande teoria de Darwin dirigida a todas as espécies. Todavia, a forma como a heroína depara-se com esse conhecimento deixa evidente a sua relação com a experiência feminina especialmente no mundo ocidental. A lei do mais forte ou do mais adaptável ancora-se no mesmo princípio da revisão tão pontuada no primeiro capítulo desta tese. Seja na escrita, na ciência, no convívio do lar e em todas as relações públicas, o corpo feminino nada mais faz do que resistir, revisar, reinventar a si próprio, a fim de não ser trucidado por uma força outra que ser dominante. Retomando uma vez mais a fala de Adrienne Rich, destaco que,

acima de tudo, a “re-visão [...] é um ato de sobrevivência” (RICH, 1972, p. 18, tradução minha³⁴).

Ao mesmo tempo, nessa abordagem literária da ciência, Elizabeth Gilbert esmera-se em representar o quanto a violência de gênero (em suas inúmeras versões) faz-se determinante na construção do conhecimento e nas relações de poder que atravessam a ciência. Não se pode dizer, por outro lado, que a autora propõe um olhar gendrado sobre o saber. As representações hegemônicas do feminino e do masculino misturam-se constantemente nas cenas em que a produção científica é posta em pauta.

Nas múltiplas descrições que se fazem da formação de Alma e de sua abordagem metodológica, identificam-se as linhas mais características do ideal masculino nas ciências. Especialmente na elaboração de sua teoria maior, é marcante a centralidade da mente e dos princípios racionalistas no caminhar de Alma. Sua crença no valor da teoria que concebe advém, sobretudo, da infundável capacidade intelectual que adquirira ao longo dos anos:

Para contar essa história – a história da transmutação das espécies, demonstrável por meio da metástase gradual dos musgos – Alma não precisava de anotações, ou de acesso à velha biblioteca de White Acre, ou ao seu herbário. Não precisava de nada disso, dado que uma vasta compreensão da taxonomia dos musgos já existia na sua cabeça, preenchendo todos os cantos do crânio com fatos e detalhes bem conservados. Também tinha ao alcance das mãos (ou melhor, ao alcance da mente) todos os conceitos escritos no decorrer do século anterior sobre o tema das metamorfoses das espécies e evolução geológica. Sua cabeça era como um repositório espantoso de prateleiras ilimitadas, ocupadas por milhares incontáveis de livros e caixas, organizadas por minúcias, em ordem alfabética.

Não precisava de biblioteca: ela *era* uma biblioteca (GILBERT, 2013, p. 455).

De modo paralelo, toda essa certeza de método é relativizada por uma cautela e desconfiança quase sempre associadas ao universo feminino. Apesar de acreditar em sua linha de raciocínio, Alma é constantemente atravessada por uma força instintiva que a leva a recuar. O medo da imprecisão atua como uma sombra na persona autoconfiante da protagonista de *A assinatura*:

³⁴ No original: Re-vision-the act of looking back, of seeing with fresh eyes, of entering an old text from a new critical direction-is for us more than a chapter in cultural history: it is an act of survival.

Alma tinha a impressão de que sua teoria era audaciosa e perigosa, até para si mesma. Sabia que pisava em um terreno traiçoeiro – não só do ponto de vista religioso (embora não se preocupasse muito com esse aspecto), mas também da perspectiva científica. Enquanto marchava rumo à conclusão como uma alpinista, Alma tinha consciência de que corria o risco de cair numa armadilha que consumiria muitos pensadores franceses grandiosos ao longo dos séculos – a saber, a armadilha do *l'esprit de système*, em que a pessoa idealiza uma explicação universal gigantesca e sensacional e depois tenta forçar todos os fatos e a lógica a se curvarem à explicação, fizesse ou não algum sentido. Mas Alma tinha certeza de que sua teoria *tinha* sentido. O segredo seria prová-la por escrito (GILBERT, 2013, p. 457, grifo da autora).

Findo o seu longo percurso em alto-mar, Alma finalmente chega à Holanda, onde decide solicitar apoio no Jardim Botânico de Amsterdã, administrado por sua família materna, de quem ela não conhecia nenhum dos membros. A entrada de Alma na Europa, como não poderia deixar de ser, é realizada à custa de inúmeros episódios de resistência. Seu desejo em estar no velho continente em nada se associava a ideais românticos inculcados pelos folhetins oitocentistas. Sua busca era a proximidade com o progresso, a inovação e a ciência em sua mais celebrada acepção.

Alma aspirava ser recebida na Europa como estudiosa e, já no primeiro contato realizado em um ambiente científico, ela pressente os obstáculos que estavam por vir. Na intenção de se encontrar com o diretor do Jardim Botânico, a heroína percebe, ao ser recepcionada por um guarda da instituição, que seria necessário um grande esforço para que fosse ouvida dali em diante. Inflexível, mesmo ao tomar conhecimento do ramo de estudos de Alma, o guarda apenas dá permissão à sua entrada quando ela anuncia as relações consanguíneas que dariam legitimidade à sua fala:

”Meu pai era Henry Whittaker, a quem certas pessoas do seu país chamavam outrora de ‘Príncipe do Peru’. Meu avô paterno era o Mago das Maças de Sua Majestade o rei George III da Inglaterra. Meu avô materno era Jacob van Devender, perito em aloés ornamentais e diretor desse jardim durante uns trinta anos – cargo que herdou do pai dele, que, por sua vez, o herdou do pai *dele*, e assim em diante, desde a fundação dessa instituição, em 1638. Creio que o diretor atual seja um homem chamado doutor Dees van Devender. Ele é meu tio. A irmã mais velha dele se chamava Beatrix van Devender. Ela era minha mãe, e era uma virtuose da botânica euclidiana. Minha mãe nasceu, se não me engano, na esquina desta rua aqui, numa casa residencial fora dos muros do Hortus – onde nasceram todos os Van Devender desde meados do século XVII” (GILBERT, 2013, p. 462).

É preciso tomar nota de que, em sua maioria, os sujeitos que referendam essa primeira relação científica de Alma na Europa são pessoas do sexo masculino. A protagonista não consegue transpor nem mesmo o seu primeiro obstáculo profissional no velho continente sem mencionar os nomes dos homens que ancoravam a sua fala.

Dessa forma, muito embora nesta subseção eu tenha argumentado sobre o papel da ciência para a maturidade e emancipação de Alma Whittaker, são nas cenas transcorridas em solo holandês que é possível analisar de forma definitiva o tom das imbricações de gênero e ciência no destino traçado para a protagonista. Quem percorre toda a narrativa testemunha que a genialidade de Alma não terá como recompensa o louvor do clã científico internacional. Quais seriam, então, os fundamentos dessa sina aparentemente ortodoxa, não gloriosa, escolhida para a heroína da metaficção de Elizabeth Gilbert?

3.1.4 Fazer mais, para ser igual

No estudo *A feminilidade como máscara*, publicado em 1929, a psicanalista Joan Riviere aborda o comportamento de mulheres intelectuais quando confrontadas por colegas do sexo oposto. Partindo da observação clínica de uma estudiosa próspera, Riviere identifica em sua investigada a existência de uma ansiedade por reconhecimento do sexo oposto.

Esse desejo de aprovação, muitas vezes, viria acompanhado do temor de alguma reprovação advinda de homens intelectuais. Como resposta a esses dois sentimentos, a psicanalista britânica diagnostica o surgimento de um único padrão, qual seja, o reforço dos traços associados à feminilidade. Ao vestir-se e portar-se da maneira como era esperado de uma mulher, a paciente em questão afastava de si os olhares ciosos dos homens.

Agindo dessa forma, a estudiosa analisada deixaria claro que não possuía a intenção de tomar os lugares consagrados ao mundo masculino (como a detenção do saber). Por mais segura que estivesse no exercício de sua profissão, a investigada forjaria constantemente o desejo de apadrinhamento por parte de seus colegas do sexo masculino. A partir desse processo, Riviere defende o entendimento da feminilidade

como máscara a ser utilizada, especialmente, nas relações de confronto com o sexo oposto:

A feminilidade, portanto, podia ser assumida e usada como uma máscara, tanto para ocultar a posse da masculinidade, como para evitar as represálias esperadas, se fosse apanhada possuindo-a; tal como um ladrão que revira os bolsos e pede para ser revistado a fim de provar que não furtou os bens roubados (RIVIERE, 2005, p. 16-17).

Certamente, essa problemática relação entre profissionais do sexo oposto e a reação do sexo sublimado nessas instâncias de poder são algumas das principais questões a serem consideradas quando se pensa nos encadeamentos entre gênero e produção científica. O status de atuação de mulheres pesquisadoras dificilmente sofre alterações em contextos nos quais os parâmetros de inclusão e respaldo para homens e mulheres são distintos.

Em *A assinatura de todas as coisas*, as possibilidades de instrução dadas à protagonista e os frutos teóricos colhidos a partir dessa formação são, seguramente, fundamentais para que se pondere o peso da falta de oportunidades para a tímida participação das mulheres na ciência ao longo da história. Todavia, mesmo demonstrando o papel crucial da educação, a narrativa não deixa de evidenciar a carga definitiva das relações de gênero para o sucesso ou fracasso daquelas que se aventuram na busca pelo saber.

Da infância à velhice da protagonista, são elencadas inúmeras passagens nas quais a genialidade de Alma é medida pelo crivo masculino ou é ao menos ameaçada por essa poderosa sombra. Mesmo em *White Acre*, que parecia ser blindada contra desconfiças sobre a capacidade intelectual feminina, a protagonista depara-se com estudiosos que estranham a participação das mulheres da casa em assuntos de cunho científico.

Em uma dessas passagens, durante um jantar na propriedade dos Whittaker, até mesmo o ramo de estudos escolhido pela protagonista torna-se pretexto para afirmar o seu (não) lugar no mundo das ciências. Nessa cena em questão, a heroína não toma particularmente para si a máscara definida por Riviere, mas o ideal de feminilidade é nela imposto pelo outro (masculino):

[O convidado] compartilhou sua surpresa diante do fato de Alma, Prudence e Beatriz se unirem aos cavalheiros à mesa de jantar, já que a conversa sem dúvida escaparia à compreensão delas.

“Ah, não”, Henry corrigiu o convidado. “Acho que em breve o senhor descobrirá que minha esposa e minhas filhas têm uma capacidade razoável de participar das conversas.”

“Têm mesmo?”, o cavalheiro indagou, nem um pouco convencido. “Sobre quais temas?”

“Bem”, Henry disse [...]: “A Beatrix aqui sabe de tudo, Prudence tem conhecimento artístico e musical, e Alma – a alta e grande – é a criatura certa se o tema for botânica.”

“Botânica”, o professor Peck repetiu, exímio da condescendência. “Uma recreação muito instrutiva para moças. O único trabalho científico adequado ao sexo feminino, sempre supus, devido à ausência de crueldade e de rigor matemático” (GILBERT, 2013, p. 104-105).

Cabe lembrar também que, no início da carreira, Alma e seu editor decidem que ela deveria assinar seus estudos simplesmente como “A. Whittaker”. A resolução acontece por uma questão profundamente enraizada na diferença sexual. Há época, a botânica era dividida em dois ramos: “botânica” (o estudo de plantas feito por homens) e “botânica decorosa” (o estudo de plantas feito por mulheres). A diferença entre os dois campos, ao fim, era apenas uma: enquanto a botânica era respeitada, a botânica decorosa não o era.

Isso posto, diante do desejo de reconhecimento de seu trabalho, Alma experimenta, pela primeira vez, o apagamento de sua identidade. Nesse primeiro movimento de incursão no mundo científico, a estudiosa resiste em afirmar o seu sexo e a ser aceita com condescendência por pesquisadores do sexo oposto. Esse movimento, inicialmente, pode ser compreendido como uma prática subversiva, afinal, a heroína recusa-se a assumir uma máscara de feminilidade ao adentrar em um ambiente monopolizado por homens.

Por outro lado, a escolha de Alma nesse cenário não deixa de se constituir também em uma marca de submissão. A imediata aceitação de seus trabalhos dá-se, em maior grau, pelo seu assumir indireto de uma “máscara de masculinidade”. Ao assinar A. Wittaker, Alma sabe que seria lida e avaliada como potencial *estudioso* e que receberia privilégios que esse pertencimento de gênero implicava.

Todos esses episódios parecem somar forças de tal forma que adquirem peso significativo no momento de maior produção científica para Alma. Quando chega à Holanda, seu estudo sobre o processo de seleção natural das espécies está praticamente terminado. Todavia, a precisão científica de Alma parece ser atormentada por uma sombra que a faz duvidar da correção de sua tese. Semelhante ao anjo demônio que sussurra ao ouvido de Virginia Woolf, Alma também é acompanhada de uma criatura que tenta dissuadi-la de emitir sua própria voz no papel:

Quando Alma chegou a Roterdã, sua tese estava quase terminada. Não a considerava terminada porque ainda faltava alguma coisa. A criatura no canto de seus sonhos ainda a fitava, insatisfeita e inquieta. Era mastigada por essa sensação de incompletude, e decidiu guardar a ideia até dominá-la. Todavia, tinha a impressão de que grande parte da teoria era de uma precisão irrefutável. Se sua linha de pensamento estava certa, tinha nas mãos um documento científico de quarenta páginas bastante revolucionário. E se, por outro lado, suas conjecturas estivessem erradas? (GILBERT, 2013, p. 460).

Após a chegada em Amsterdã e o primeiro desconforto com o guarda que vigiava o botânico da cidade de sua família, Alma consegue encontrar-se com seu tio. Esperançosa em poder trabalhar na instituição, a cientista confia ao irmão de sua mãe o trabalho que produzira em alto-mar e que, possivelmente, poderia justificar a sua contratação pelo Hortus Botanicus. Embora, em um primeiro momento, Dees van Devender receba Alma com certa hostilidade, ao ler o trabalho da sobrinha, encanta-se definitivamente por sua faceta pesquisadora.

Assim, Alma é incorporada ao Hortus e acolhida na propriedade dos van Devender, sobretudo, pela adoração que a família holandesa prestava à genialidade científica. Mais de quatro anos se passam e a estudiosa nega-se a publicar o trabalho porque, para ela, ainda havia uma instância que a sua teoria não era capaz de contemplar. O processo de luta pela sobrevivência parecia não se aplicar aos atos de altruísmo e abnegação como aqueles praticados pela sua irmã Prudence. Se a interação dos seres vivos era, em maior grau, uma intensa contenda de onde só emergem os fortes, quais as motivações daqueles que se expunham a perigos de morte para salvar a vida do outro?

Dees van Devender, tenta, com todos os seus argumentos, convencer Alma de que um único ponto controverso não teria força o suficiente de retirar a validade de sua

teoria. Afinal, na história das ciências, sempre existiram estudos que foram expostos à luz do dia mesmo sem a plena convicção de seus autores e ainda que eles soubessem da real possibilidade de questionamentos. Apesar desses esforços, a filha de Beatrix não queria dar aos outros a chance de contestá-la e, por conta disso, prefere o silêncio. Esse apego pela tribuna da certeza é algo que fica evidente no trecho a seguir:

Existia uma lacunazinha em sua lógica, ela tinha certeza, e não conseguia descobrir como fechá-la. Alma era perfeccionista e um bocadinho pedante, e não havia dúvida de que não seria pega lançando uma teoria que tivesse uma lacuna, mesmo que fosse uma lacuna mínima. Não temia ofender religiões, como vivia dizendo ao tio; temia ofender algo que lhe era muito mais sagrado: *a razão* (GILBERT, 2013, 476, grifo da autora).

É inevitável pensar mais essa ocorrência na vida profissional de Alma sob a perspectiva de Riviere (2005) acerca do tom de fala das mulheres nas relações intelectuais. Defendo, uma vez mais, que a personagem principal de *A assinatura* foge, dentro de suas possibilidades, a quaisquer aprisionamentos de uma máscara de feminilidade. Alma não deseja, em nenhuma instância, ser tratada como estudiosa inferior em razão de seu sexo. Ela não busca o conforto do apoio paternalista de nenhum de seus pares.

O desejo da cientista é, na verdade, a glória da validade científica que, por força da tradição, sempre fora dada como masculina. De certo modo, entendo que a protagonista também transmita a “vontade de verdade” apontada por Michel Foucault (1996) em *a Ordem do discurso*. Por mais que a fala científica *assujeite* a mulher como indivíduo incompatível com a prática da ciência, Alma deseja emitir essa mesma fala milenarmente instituída como observadora e detentora da verdade única e maior.

Em outros termos, a heroína concebida por Elizabeth Gilbert não deseja ficar afastada de uma mesma tradição hegemônica que a expele. O seu papel, nesse sentido, é tentar desvincular-se ao máximo da imprecisão científica, do desvio da razão, que seriam caminhos profundamente condenados no meio de trabalho onde ela atua.

Não se pode esquecer que *A assinatura* se desenrola no século XIX, tempo que, para Foucault, traz um arranjo completamente singular no que diz respeito à verdade e ao desejo de possuí-la. A busca pelos relatos maiores e, ao mesmo tempo, a

legitimação de agentes e instituições responsáveis por emitir e propagar essas narrativas traz uma tensão sem precedentes acerca de temas tabu, como os que são trazidos à baila na teoria da evolução das espécies.

Nesse novo contexto, a “vontade de verdade [...] apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 1996, p. 18). Logo, em certa medida, não se pode negar que a aflição de Alma em mostrar consonância entre seu discurso e a racionalidade defendida pela ciência oitocentista representa também um desejo de disputa pela detenção do poder. Como define novamente Foucault:

Se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo do poder? O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la (FOUCAULT, 1996, p. 20).

Os obstáculos para que Alma conseguisse assumir esse discurso de verdade, autoridade e poder, todavia, adinham de questões muito mais complexas do que as possíveis lacunas identificáveis em sua tese. Até o presente momento, tenho salientado os esforços de Alma para escapar ao arquétipo de feminilidade e ser tratada como igual em suas relações de trabalho. Temendo os preconceitos, a protagonista, algumas vezes, opta pelo anonimato para que seus estudos sejam criticamente analisados sem a sombra do seu sexo.

De fato, o padrão de comportamento de Alma não condiz com as linhas delineadas por Joan Riviere em sua definição da feminilidade como máscara. Sob a minha perspectiva, Riviere identifica esse denunciar do feminino especialmente nas oportunidades em que há uma relação direta entre homem e mulher em um contexto intelectual no qual, instintivamente, a profissional do sexo feminino opta por acentuar trejeitos, tons de fala, conhecimentos e desconhecimentos estereotipicamente vinculados ao universo das mulheres.

Dentro dessa ótica, são raros ou inexistentes os momentos em que Alma poderia ser flagrada incorporando a máscara do feminino para evitar conflitos ou rejeições dos

homens que detêm o conhecimento. Por outro lado, se o assumir desse paradigma não se faz de forma expressa pela heroína (novamente, são mais claros os episódios em que ela foge desse arquétipo feminino do que o contrário), o silêncio de Alma não deixa de ser um efeito dessa divisão sexual no âmago da ciência. Enquanto o subalterno não pode falar, a protagonista de *A assinatura*, que não está propriamente alocada em condições de subalternidade, reconhece em seu discurso algo de menor que não tem o direito de ser proferido. Por mais que tenha os mecanismos para tornar pública a sua ousada teoria, Alma deixa que Ihe domine o medo da rejeição.

Por mais discutível que possa ser a autonomia de uma personagem mulher do século XIX para escolher o seu percurso profissional, o silêncio de Alma Whittaker é, em último grau, uma escolha. Escolha, porém, realizada por meio de coações discursivas de inúmeras ordens. Ao optar pela omissão de sua genialidade, a cientista americana não percorre um caminho traçado voluntariamente. Na sua marcha às avessas, ela é acompanhada por uma adaga que Ihe ataca pela frente todas as vezes em que se propõe a avançar.

Dentre as forças que movimentam essa ordem de recuo, está o processo que Pauline Clance e Suzanne Imes (1978) identificaram no estudo *The impostor phenomenon in high achieving women: dynamics and therapeutic intervention* [O fenômeno do impostor em mulheres de sucesso: dinâmicas e intervenção terapêutica]. No trabalho em questão, as autoras explicam que algumas pessoas desenvolvem uma síndrome relacionada à crença de que não são boas o suficiente no que fazem: “síndrome do impostor”. Dentre as pessoas passíveis de incorporar essa condição, estão mulheres que obtiveram grande êxito no campo profissional e, particularmente, nos ramos que exigem acentuado desenvolvimento intelectual. Ainda de acordo com as estudiosas, apesar de suas conquistas, essas mulheres

mantêm uma crença forte de que elas não são inteligentes; na realidade, elas são convictas de que enganaram qualquer pessoa que pense o contrário. [...] As impostoras autodeclaradas temem que, um dia, alguma pessoa renomada descubra que elas são, de fato, impostoras intelectuais (CLANCE; IMES, 1978, p. 241, tradução minha).³⁵

³⁵ No original: Women who experience the impostor phenomenon maintain a strong belief that they are not intelligent; in fact, they are convinced that they have fooled anyone who thinks

Penso ser imprescindível interpretar a “escolha” efetivada por Alma Whittaker sob a ótica da síndrome detectada por Clance e Imes. Embora acredite em seu potencial enquanto estudiosa e esteja convencida quase que por completo acerca de sua teoria maior, a protagonista do romance é dominada pelo receio de se passar por ridícula frente aos maiores nomes da ciência. Efetivamente, dentre os principais expoentes da filosofia natural no século XIX, seria improvável encontrar representantes mulheres, por todos os motivos que venho expondo ao longo desta tese. Nesse sentido, o medo de Alma concentra-se sim na retaliação de figuras masculinas. O freio que a impede é indiscutivelmente movido pelas ameaças no olhar do sexo oposto.

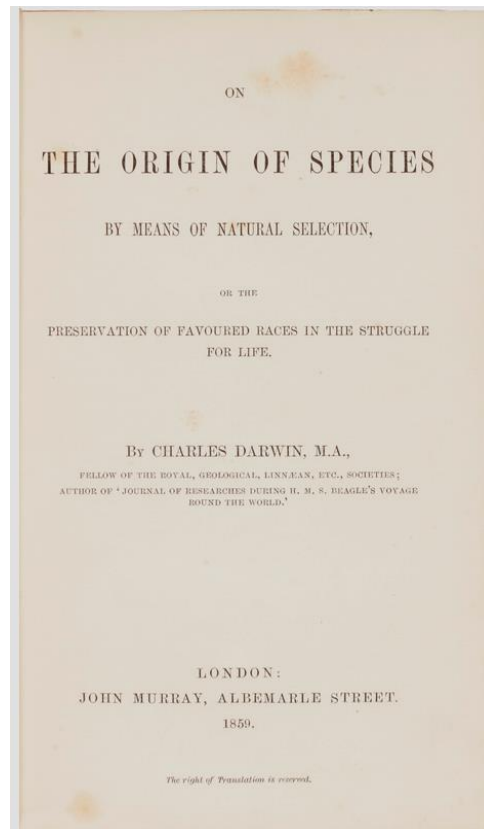
Apesar disso, em um golpe de extrema criticidade histórica, Elizabeth Gilbert não deixa esse silêncio de Alma como ápice da discussão que seu romance empreende. A autora traz à narrativa o representante da história oficial ou da história que sempre se quis contar ao longo dos séculos. Se a hesitante Alma não publica sua tese, Charles Darwin, um homem já renomado, aparece na trama, para tornar pública uma teoria extremamente semelhante à dela. Enquanto o estudo de Alma falava de uma “alteração competitiva” entre os seres, Darwin propõe a especulação sobre a “seleção natural” das espécies.

Na ficção, a tese do cientista britânico surge em contornos claramente compatíveis com o que está disposto em *A origem das espécies*, o livro da “vida real” publicado em 1859. Os princípios são basicamente os mesmos que revolucionaram a ciência no século XIX e que foram percebidos por Alma na ficção. Apesar da equivalência entre os estudos, é pertinente pontuar que, em nenhum momento, o enredo propõe um desvio na narrativa histórica, apresentando, por exemplo, a possibilidade de usurpação do estudo de Alma por Darwin. Assim como ocorreu no foro da ficção, o Darwin construído nessa produção literária também é consagrado por sua genialidade e eleito como o personagem mais preparado para trazer ao mundo a polêmica tese que contrariou o princípio da criação divina.

otherwise. [...] Self-declared impostors fear that eventually some significant person will discover that they are indeed intellectual impostors.

Ao ler o tomo de cerca de quinhentas páginas escrito por Darwin, Alma reconhece nele a expressão que lhe faltara em seu estudo de quarenta páginas. É relevante como, na análise da escrita dos dois pesquisadores, a narrativa inverte novamente os padrões de gênero. A Alma faltou a leveza quase que romanesca imanente à prosa de Darwin. “O livro de Darwin era astucioso. Era simpático. Era divertido” (GILBERT, 2013, p. 487). Já o estudo de Alma não conseguia alcançar a sutileza e o apelo das mais célebres narrativas. Ainda que com a pena, a vocação da heroína continuava sendo a rigidez e a crueldade nítida da razão.

Imagem 4 – Contracapa da primeira edição de *A origem das espécies*



Fonte: <http://www.sothebys.com>

Ao reconhecer o valor único do trabalho de Darwin, Alma chega à conclusão de que seu estudo jamais alcançaria tamanha repercussão. A convicção da cientista, surpreendentemente, afasta qualquer hipótese de que o sucesso do pesquisador inglês

e o fracasso da estudiosa americana tenham sido pautados apenas pelo estado das relações de gênero dentro da ciência. *A assinatura de todas as coisas* reitera que Darwin foi um dos maiores da história e o faz sem a necessidade de apontar a sua protagonista como encarnação da mesma genialidade.

Alma possui, de fato, uma capacidade intelectual equiparada à de Darwin, mas jamais seria detentora do mesmo talento de expressão. Assim, é novamente na palavra (no direito e eficácia para emití-la como verdade) que se distinguem os exaltados e os anônimos da história:

Por que não tinha publicado?

A questão a atormentava; contudo, ao ler a obra-prima de Darwin (e era, estava bem claro, uma obra-prima), ela percebeu que a teoria pertencia a ele, e que precisava pertencer a ele. Mesmo se a dissesse antes, nunca conseguiria dizê-la melhor. Era até possível que ninguém lhe desse ouvidos caso publicasse a teoria – não por ser mulher ou por ser desconhecida (embora tais fatores não contassem a seu favor), mas apenas porque não saberia convencer o mundo com a mesma eloquência de Darwin. Sua ciência era perfeita, mas sua escrita não (GILBERT, 2013, p. 487).

Considero essa passagem como uma das mais determinantes para a compreensão do mote principal de *A assinatura* em seu reelaborar do cenário científico moderno. Nessa etapa, o romance claramente evidencia a impossibilidade de fala de sua protagonista. A heroína não emite o seu discurso por estar certa da inexistência de interlocução. A verdade que ela tinha a dizer, nos moldes em que ela queria dizê-lo, não possuiria ouvintes. O cenário científico dos oitocentos ainda era, de fato, sustentado no velho racionalismo que formara Alma. Porém, na arena do século XIX, também emergiria uma ciência apoteótica, produzida e disseminada para consumo das grandes mentes e imposição às grandes massas. Alma Whittaker, em nenhuma circunstância, conseguiria atingir essa tonalidade de fala.

Logo, se a afasia de Alma não é uma consequência direta de sua posição nas relações de gênero, pode, pelo menos, ser relacionada à dificuldade de se transpor a padronização do discurso científico desde a Era Moderna. Padronização essa, obviamente, estipulada por cientistas do sexo masculino a exercer a sua “vontade de verdade” e o desejo de acentuar, cada vez mais, as linhas abissais do conhecimento.

Confirmado, portanto, o confinamento do trabalho de Alma nos limites do *Hortus Botanicus*, o que se coloca em jogo no romance, a partir de então, é a maneira como a

protagonista se comporta diante de sua sentença de silêncio. Primeiramente, é, no mínimo, intrigante perceber que Alma só adquire certeza da validade de sua teoria quando a encontra nos termos de Darwin. Toda sua desconfiança converte-se em uma corrente de enorme comoção quando descobre que o renomado estudioso britânico pensava da mesma forma que ela:

Darwin escreveu: “Nascem mais indivíduos do que poderiam sobreviver. Um grão na balança determina qual indivíduo viverá e qual morrerá”

Ele observou: “Em suma, vemos belas adaptações em todos os cantos, em todas as partes do mundo orgânico.”

[Alma] sentiu uma onda de emoções confusas tão aterradora, tão intensa, que achou que iria desmaiar. Levou um golpe de um sopro de fofalha: ela estava certa.

Ela estava certa! (GILBERT, 2013, p. 486).

A publicação de *A origem das espécies* e consequente revolução causada pelas ideias de Darwin não chegam a causar em Alma qualquer sentimento de frustração ou inveja. A estudiosa se alegra com o fato de a teoria da evolução continuar a ser investigada pela lupa darwinista até chegar, doze anos após, a seu ápice com a publicação de *A origem do homem*, em 1871.

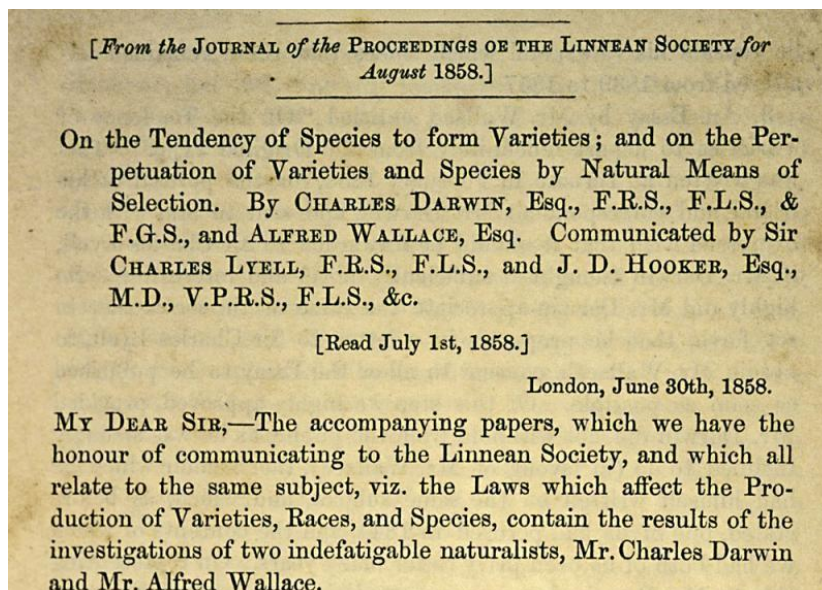
Percebe-se, dessa forma, que o trabalho de Alma na velhice divide-se entre a dignidade da curadoria dos musgos no Jardim Botânico de Amsterdã e o tenaz acompanhar da teoria que, tempos antes, sua mente também havia elaborado no Taiti. Constitui-se, assim, uma imagem profundamente peculiar. Durante toda a trajetória de Darwin após *A origem das espécies*, Alma caminha ao seu lado, mas se desloca coberta por um denso véu que lhe oculta a identidade e os maiores feitos. Sem rosto, ainda que não equiparável à multidão, nela, Alma simplesmente se dissipa, juntando-se a todos na saudação a mais um gênio da ciência.

Darwin, todavia, não é a única figura para a qual se dirige a atenção da protagonista em suas décadas finais de vida. Ao pesquisar sobre possíveis menções à teoria da seleção natural das espécies, Alma encontra um relato sobre uma reunião da Sociedade Lineana de Londres em 1º de julho de 1858. Na ocasião, a teoria de Darwin (fruto de um trabalho iniciado na década de 1840) foi apresentada ao lado de um ensaio

do estudioso Alfred Russel Wallace intitulado “Sobre a tendência das variedades a afastarem-se indefinidamente do tipo original”. O trabalho em questão apresentava, em outros termos, a mesma hipótese problematizada por Darwin e por Alma.³⁶

Assim como Charles Darwin (1808-1882), Alfred Russel Wallace (1823-1913) foi um personagem histórico que teve seu nome mencionado em alguns dos mais relevantes encontros científicos do século XIX. Apesar disso, ele jamais recebe um reconhecimento semelhante ao do autor de *A origem das espécies*. Na verdade, Wallace é tradicionalmente conhecido como o autodidata que havia enviado a Darwin sua teoria sobre a evolução das espécies sem saber que o renomado estudioso redigia um livro sobre a mesma questão havia vinte anos. Relatos históricos (também mencionados no romance de Gilbert) indicariam que o jovem cientista foi a mola propulsora para que Darwin se decidisse por publicar a sua obra o quanto antes. Afinal, o renomado pensador britânico não queria correr o risco de que alguém o derrotasse na competição por originalidade científica.

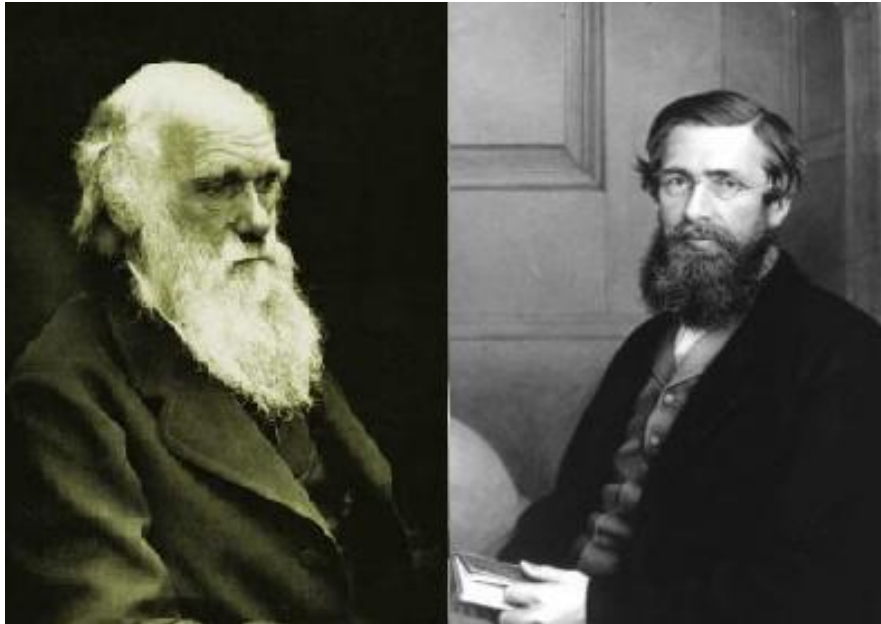
Imagem 5 – Registro do ensaio de Charles Darwin e Alfred Russel Wallace



Fonte: <https://conversamos.wordpress.com/>

³⁶ Russel Wallace (1823-1913) foi um cientista britânico real e as interações que o romance estabelece entre ele e Charles Darwin são pautadas em relatos e documentos históricos. A divulgação de seu trabalho junto ao de Darwin na Sociedade Lineana de Londres, por exemplo, foi um fato verídico.

Retrato 2 – Charles Darwin (à esquerda) e Alfred Russel Wallace (à direita)



Fonte: <http://forhumanliberation.blogspot.com>

Apesar de não conseguir perdurar no primeiro escalão da produção científica, a figura de Russel Wallace adquire uma atenção particular por parte de Alma e um relevo acentuado nas últimas páginas de *A assinatura de todas as coisas*. Esse interesse pela figura periférica de Wallace pode ser relacionado a uma citação de Linda Hutcheon que fiz anteriormente nesta tese. Nessa fala, Hutcheon destaca que a metacficção historiográfica é um espaço consagrado a personagens excêntricas e marginalizadas no discurso oficial.

Seguindo essa direção, Elizabeth Gilbert decide delinear o desfecho da trajetória científica de Alma a partir de um olhar que se reflete sobre a figura de Russel Wallace. Afinal, a trajetória do cientista, assim como a protagonista de *A assinatura*, também fora marcada por reconhecimento aquém de suas capacidades intelectuais. Expectadora inamovível, Alma acompanha à distância o sombreamento de Russel Wallace frente à

Darwin e o destino inesperado que tomou a sua carreira sob a influência de correntes como o espiritualismo, o hipnotismo e o mesmerismo.³⁷

Se, por um lado, as escolhas de Wallace traziam desconforto a Alma, por outro, lhe faziam lembrar-se de Ambrose e sua eterna busca pela comunhão entre ciência e espírito. Dessa forma, considero que, ainda que esmaecido, o caminhar científico de Wallace era também uma caminhada possível para de Alma: ela acompanhava a sua carreira “sentindo um orgulho vicário de seus êxitos e se angustiando com seus fracassos” (GILBERT, 2013, p. 495).

Os anos passam, Darwin falece e Alma chega à triste percepção de que não tivera a oportunidade de estabelecer contato com a maior mente de seu tempo e que, muito em breve, ela também morreria sem conhecer Russel Wallace. Incomodada com essa realidade, aos 83 anos e já consideravelmente debilitada, a heroína decide convidar o pesquisador inglês para proferir uma palestra no Hortus Botanicus.

A presença de Wallace, inicialmente, teria como intuito dar relevo ao elo que Alma, solitariamente, nutria em sua consciência. Era preciso vê-lo em carne e osso, ouvir de sua própria boca a teorização sobre a seleção natural e conhecer a sua verdadeira relação com Darwin. Entretanto, o encontro adquire outra direção quando Wallace questiona à velha Alma sobre a fonte de tamanho interesse. Pressionada por não saber como justificar seu fascínio, a protagonista decide revelar-lhe sobre a teoria que concebera décadas antes durante uma viagem ao Taiti.

Wallace surpreende-se com o relato e lê o ensaio de Alma. Ao perceber que a ideia genial tinha surgido a ela depois de Darwin, mas antes dele, Wallace sentenciava com entusiasmo: “Isso quer dizer que éramos três!” (GILBERT, 2013, p. 503). Nos

³⁷ O espiritualismo, o hipnotismo e o mesmerismo foram técnicas que ganharam uma popularidade considerável na prática científica do século XIX. Consideradas por muitos como pseudociências, dada a relatividade das evidências adquiridas em seus métodos, essas tendências possuem as seguintes características centrais: 1) Espiritualismo: pautado na crença de vida após a morte e na possibilidade de comunicação entre mortos e vivos. 2) Hipnotismo: conjunto de técnicas comunicativas que induzem o paciente a entrar em estado de transe. Nesse estado, o indivíduo pode acessar experiências apenas disponíveis em níveis mais profundos da consciência. 3) Mesmerismo: também denominada como magnetismo animal, essa técnica desenvolvida por Franz Anton Mesmer no século XVIII tem como princípio a crença de que homens e animais possuem uma força magnética. Quando desbalanceada, essa força causaria doenças, que, por sua vez, poderiam ser curadas pela manipulação de objetos magnéticos ou simplesmente pela imposição de mãos de um curandeiro talentoso (WROBEL, 1987).

momentos seguintes, a narrativa é marcada por uma série de possibilidades que poderiam reverter a atmosfera de desapontamento que se criara desde o surgimento de Darwin como personagem da trama. Wallace, convictamente, propõe a publicação do estudo de Alma. Ele próprio se oferece a apresentar a tese à sociedade científica em nome da estudiosa.

É evidente, nesse momento, a constância da tutela masculina nas relações profissionais dentro do contexto científico. Alma havia ocultado seu trabalho por décadas, primeiro, por não ter segurança da coerência de sua teoria e, posteriormente, por ter encontrado uma obra que, na sua perspectiva, propusera a tese sobre a evolução das espécies de uma maneira infinitamente mais apurada. Agora, finalmente, ela adquiria o aval de um especialista no tema que, embora consideravelmente mais jovem, possuía a legitimidade de homem da ciência para defender a relevância de sua pesquisa.

A resposta de Alma à proposta de Russel Wallace é, ao mesmo tempo, determinada e surpreendente: “Não há necessidade de publicá-lo. Eu realmente não preciso disso. Já basta o que o senhor acabou de dizer – que éramos três. Isso me basta” (GILBERT, 2013, p. 504). Na minha perspectiva, a resposta da protagonista estabelece um diálogo agudo com um dos argumentos mais frisados quando se discute a questão da igualdade de gênero no trabalho. Alma não reivindica para si a celebração dada a Darwin. Depois de tantos anos de dedicação à ciência, ela não precisaria também da aceitação e chancela dos enobrecidos doutores do saber. Para a protagonista, era suficiente que seus pares a reconhecessem como igual, como autora de uma obra indubitavelmente digna, independentemente de seu sexo.

De fato, a luta para serem consideradas como pares na ciência ainda é uma das mais persistentes dificuldades das mulheres ao adentrarem no mercado de trabalho. Ao fim de seu percurso profissional, Alma alcança esse simbólico reconhecimento que pouco contempla os inúmeros esforços empregados por ela desde os seus primeiros dias como cientista.

No título desta subseção, sugiro que Alma, assim como grande parte das mulheres inseridas na ciência moderna, é obrigada a fazer mais para ser considerada igual. Pela expressão “fazer mais” não desejo realizar referência apenas à hercúlea

dedicação que a protagonista dirige à busca do conhecimento. É preciso lembrar que essa devoção é marcada, principalmente, por um constante sexismo institucional. Alma chega às suas extraordinárias descobertas a despeito de excluída da escola formal, da universidade e das sociedades científicas. Seu êxito, ao fim da caminhada, não acontece sem que ela tivesse percorrido uma extensão de terra bem mais longa do que a que fora imposta aos seus pares do sexo masculino.

Todas essas adversidades vinculadas ao campo da formação e do trabalho, no entanto, não são os únicos obstáculos que se impõem à realização plena de Alma Whittaker enquanto indivíduo autônomo e livre. Além dos interditos dirigidos à mente, a quase improvável heroína de *A assinatura de todas as coisas* se vê forçada a combater também as amarras fixadas ao seu corpo.

Partindo da noção foucaultiana de difusão do poder, entendo que as insurreições de Alma na prática científica não podem ser compreendidas de maneira dissociada das circunstâncias que significaram seu próprio corpo. Se a condição de mulher determina a experiência da protagonista no campo profissional e se os paradigmas de gênero são fundados em uma relação com o corpo, entendo que seja oportuno finalizar esta seção com a investigação da mediação entre mente, corpo e sexualidade ao longo do enredo desse romance de formação.

Afinal, não seria apenas um entendimento peculiar do fazer científico que tornaria Alma uma figura representativa da revisão histórica proposta pela literatura de autoria feminina. Contemporânea da Rainha Vitória e inscrita em uma era que ainda respira resquícios dos véus vitorianos, a protagonista de Elizabeth Gilbert também necessita trazer uma nova compreensão do corpo dócil, estéril e subjugado eleito como retrato da imagem feminina na Era Moderna e, particularmente no século XIX. Defendo a hipótese de que Gilbert consegue, também ao problematizar a sexualidade de Alma, propor a correção das deturpadas imagens de gênero e ciência concebidas no passado. Na subseção a seguir, trato dessa última investida política desse romance metaficcional.

3.1.5 A pulsão do corpo vitoriano

Em *História da sexualidade I: a vontade de saber*, Michel Foucault (2012) aponta a sensível modificação da atuação do Estado no século XVII como condição indispensável ao desenvolvimento do capitalismo. Se antes, as determinações do líder maior sempre giravam em torno da ameaça de morte, a partir de então, as resoluções do regime passavam a dizer respeito ao cuidado com a vida, tendo em vista que dela dependia a alimentação do sistema produtivo vigente. “Agora é sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos de fixação. A morte é o limite, o momento que lhe escapa. Ela se torna o ponto mais secreto da existência, o mais privado” (FOUCAULT, 1999, p. 129).

Essa nova preocupação acerca da vida faz emergir um sistema de gestão do Estado que Foucault intitula como “biopoder”. O estudioso francês explica que esse comando exercido sobre a vida e não mais sobre a morte tomou duas feições, quais sejam: a disciplina e a biopolítica. Enquanto a primeira voltava-se ao controle do corpo do indivíduo, a segunda ocupava-se da regulação da conduta da população como um todo.

O amplo monitoramento da vida das pessoas (que, ao fim, significava forças produtivas) deu-se com o auxílio de diversas instituições, instrumentos e discursos modernos, como: o exército, os conventos, as escolas, os hospitais e as discussões sobre saúde pública, natalidade e demografia. De maneira particular, Foucault compreende que o biopoder, em suas distintas manifestações pelas instituições e discursos acima mencionados, tem no sexo a sua articulação. O filósofo ainda salienta que o século XIX é o momento em que esse verdadeiro eixo das tecnologias do biopoder adquire sua maior evidência:

O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. Servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como princípio das regulações. É por isso que, no século XIX a sexualidade foi esmiuçada em cada existência, nos seus mínimos detalhes; foi desencavada nas condutas, perseguida nos sonhos, suspeitada por trás das mínimas loucuras, seguida até os primeiros anos da infância. Mas vemo-la também tornar-se tema de operações políticas, de intervenções econômicas (por meio de incitações ou freios à procriação), de campanhas ideológicas de moralização ou de responsabilização (...). De um polo a outro dessa tecnologia do sexo escalona-se toda uma série de táticas diversas que combinam, em proporções variadas, o objetivo da disciplina do corpo e o da regulação das populações (FOUCAULT, 1999, p. 136).

Sabe-se que *A assinatura de todas as coisas* é um romance que se passa no século XIX. Argumentei, até este instante, o quanto essa narrativa ressignifica muitos dos maiores preceitos da prática científica na modernidade. Essa realocação de conceitos no âmbito do intelecto, no entanto, não seria possível sem a menção, o questionamento e a desconstrução dos alicerces do biopoder, dentre eles, o corpo e o sexo.

Como mencionado anteriormente, a partir do reinado de Vitória, as mulheres passam a ocupar um papel fundamental em sociedade. O olhar doravante centrado no crescimento das forças produtivas também leva a um maior cuidado em relação à reprodução populacional. Logo, sendo as mulheres os sujeitos responsáveis pela gestação da vida, fazia-se necessária uma intensa regulação de seus corpos e de sua sexualidade. Privados de excessos, esses corpos femininos deveriam ater-se à “santa missão” de constituir e cuidar de um lar. Guardados por uma boa mãe, maridos e filhos estariam mais propensos a corresponder, de forma saudável, à exploração de sua força de trabalho.

Essa constante regulação do corpo levava a uma conseqüente limitação aos processos e escolhas que tendiam à vida pública. Desde as mulheres da classe trabalhadora, às representantes da alta sociedade, sempre haveria uma espécie de fronteira de contenção moral a indicar os limites da atuação feminina fora do decoro do lar. Notavelmente, uma das estratégias empregadas nessa fronteira foi a restrição do acesso ao conhecimento para as mulheres. Sem a devida mediação, a instrução poderia tornar-se instrumento nocivo, passível de ser utilizado, inclusive, para a rebelião dos corpos que se mantinham controlados pelo monitoramento médico e científico.

Instaurava-se, assim, uma ordem da sexualidade em que transitam, de um lado, um grupo supostamente privilegiado nos processos de circulação do poder e do conhecimento “(os homens, os adultos, os pais, os médicos)” e de outro, um coletivo, à priori, desfavorecido com a imposição da impotência e da ignorância “(as mulheres, os adolescentes, as crianças, os doentes...)” (FOUCAULT, 1999, p. 93).

A composição desse cenário mediado pela sexualidade, e que traz como papel maior do sexo feminino o cuidado do lar, leva, desde muito cedo, à imposição desse encargo às mulheres. A julgar pelo grau de instrução concedido a Alma Whittaker, seria possível inferir que as medidas de controle do corpo aplicadas às suas semelhantes não teriam sido impostas da mesma maneira à protagonista.

De fato, relembro aqui os episódios em que os pais da heroína a incentivavam a saciar, sozinha, a curiosidade que ela nutria acerca do mundo natural em White Acre. Alma não era repreendida ao sujar as saias em suas excursões pela propriedade dos Whittaker. Tampouco, a pequena estudiosa era censurada em sua sede de conhecimento e em sua ânsia de partilhar dúvidas e descobertas.

No entanto, considerando novamente a noção foucaultiana de poder em rede – “nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação” (FOUCAULT, 1989, p. 183) – faz-se necessário investigar vestígios da circulação do biopoder na conduta dos progenitores de Alma e no percurso traçado pela própria protagonista.

Com o propósito de realizar essa investigação, não vejo etapa melhor de início do que a descrição da infância da protagonista. Ao mesmo tempo em que fora sempre valorizada por sua coragem e força e em que fora amada por Henry por sua semelhança com o pai, Alma também era estigmatizada por sua aparência nada condizente com o perfil delicado que se desejava para as moças de família. A “feiosa” criança é assim descrita pelo narrador de *A assinatura*:

Tinha saído ao pai. Era o que diziam sobre ela desde o início. Em primeiro lugar, Alma Whittaker era igualzinha a Henry: cabelos ruivos, pele rosada, boca pequena, testa larga, nariz abundante. Era, de certo modo, uma situação lastimável para Alma, embora ela fosse levar alguns anos para percebê-lo. O rosto de Henry era muito mais adequado a um homem-feito do que a uma menina pequena (GILBERT, 2013, p. 61).

Embora, nos primeiros anos de vida, Alma permaneça alheia à desvalorização que era dada à sua aparência física, com a chegada de sua irmã adotiva, Prudence, a protagonista começa a compreender a existência de parâmetros socioculturais aos quais ela não poderia corresponder com a sua fisionomia. Na noite conturbada em que a pequena órfã é trazida para a mansão dos Whittaker, Alma é atravessada por uma consciência dolorosa. Prudence, que também estava nos seus nove anos de idade, era infinitamente mais bela e encantadora. Sua irmã tornar-se-ia uma referência cruel que Alma, mesmo como estudante prodigiosa, seria incapaz de superar:.

Enquanto Beatrix falava, Alma fitava [Prudence]. Como era possível existir algo tão belo e perturbador como o rosto de Prudence? Se a beleza era de fato um desvio da exatidão, como a mãe sempre afirmara, o que isso dizia a respeito de Prudence? Era provável que fosse o objeto menos exato e mais desviado do mundo inteiro! A sensação de inquietude de Alma se multiplicava a cada instante. Começava a perceber algo pavoroso sobre si mesma, algo que nunca dantes tivera motivo para ponderar: *ela própria não era uma coisinha linda*. Foi só por meio da terrível comparação que se deu conta disso. Prudence era delicada; Alma era grandalhona. Prudence tinha cabelos fiados com seda platinada; os cabelos de Alma tinham cor e textura de ferrugem – e cresciam horrivelmente, para todos os lados, exceto para baixo. O nariz de Prudence era uma florzinha; o de Alma era uma batata em expansão. E assim em diante, da cabeça aos pés: um inventário muito triste (GILBERT, 2013, p. 85).

Ao emoldurar a aparência de Alma Whittaker com os traços acima descritos, a narrativa cumpre duas funções: primeiro, a de confirmar a heroína como sujeito à margem dos padrões de feminilidade e, em segundo lugar, a de problematizar as possíveis reações da protagonista às inadequações que circundavam o seu corpo. Teria a brilhante Alma uma resposta firme e perene para as circunstâncias que rotulavam e limitavam as possibilidades de seu corpo-mulher?

A princípio, durante a adolescência e em uma boa parcela da vida adulta, a cientista sente-se oprimida pelos olhares de desaprovação ou indiferença que homens e mulheres lançam em torno de sua aparência. Em determinado estágio, Alma, por si só, começa a enxergar-se como ser repulsivo: essa constatação vem após diversas outras pessoas terem lhe dito o mesmo e de inúmeras formas.

Curiosamente, o mesmo ponto adotado para rebaixar Alma (sua aparência física) seria igualmente aproveitado para menosprezar Prudence. Dona de uma beleza incomparável, a jovem irmã da protagonista sabia que jamais teria a admiração que os

pais nutriam pelo intelecto de Alma. Dito de outra forma, até mesmo em *White Acre*, os corpos das mulheres são constantemente vigiados, comparados e julgados em seu nível de adequação e relevância.

Esse processo de avaliação, não raramente, é realizado por homens. É o que pode ser constatado, por exemplo, em uma passagem na qual um amigo de Henry pede para ser apresentado à famosa filha a quem o botânico tanto gostava de mencionar. Instintivamente, o pai de Alma chama por ela e é logo repreendido pelo convidado que zomba da aparência da heroína e pede que lhe seja apresentada a “filha bonita”:

Prudence deslizou porta adentro e parou ao lado de Alma, cujos pés agora afundavam no assoalho como se ele fosse um pântano denso e terrível.

“Aí está!”, disse o convidado, contemplando Prudence como se calculasse seu preço. “Ah, ela é *realmente* esplêndida, não é? Eu tinha dúvida. Imaginei que todo mundo estivesse exagerando.”

Henry fez um gesto desdenhoso. “Ah, todo mundo faz rebuliço demais em torno da Prudence”, ele declarou. “Para mim, a feinha vale dez vezes mais do que a bonitinha.”

Portanto, vejam vocês, é bem provável que as duas tenham sofrido na mesma medida (GILBERT, 2013, p. 96).

Toda essa esfera de avaliação traz no íntimo de Alma a sensação de que ela não era uma pessoa normal. Apenas nos momentos em que possuía a companhia da vizinha Retta Snow, sentia-se capaz de esquecer as características que a afastavam do perfil de uma moça comum. Rica, incrivelmente instruída, autora de uma quantidade já relevante de artigos científicos e dona de um físico que em nada atraía os homens da época, a protagonista começa a vislumbrar o casamento como uma impossibilidade.

A leitura da narrativa permite que se identifique o matrimônio como um desejo recôndito em Alma. Desejo esse que floresce quando ela se apaixona pelo editor George Hawkes. Como apontei anteriormente, as expectativas de Alma em relação ao editor não se concretizam, pois Hawkes propõe noivado a Retta Snow após ser recusado por Prudence, a quem ele realmente amava.

Cabe observar que o anseio pelo casamento não se configura em Alma, unicamente, como reflexo dos ditames sociais em torno do corpo e da função social da

mulher. Considero, é verdade, que ao sonhar com o dia em que seria considerada uma mulher normal, certamente, a protagonista está ciente dos referenciais que indicavam o ideal feminino na época: a delicadeza, o instinto de cuidado, a frivolidade, a pouca propensão aos problemas da razão.

Contudo, apesar dessa momentânea e situada cobiça por esses fatores, entendo que o matrimônio, para Alma, significaria bem mais do que o simples cumprimento das metas que a sociedade disciplinante impunha sobre os corpos femininos. Ao contrário, penso que a aliança entre homem e mulher seria, na perspectiva da protagonista, o único caminho possível para combater essas instâncias reguladoras.

Em uma sociedade que condenava o contato entre os dois sexos fora do casamento, seria a partir de um possível enlace que Alma poderia, finalmente, conhecer os prazeres que começam a latejar em seu próprio corpo na adolescência. Essa busca por um espaço legitimado em que pudesse experimentar o apogeu de sua sexualidade, entretanto, não é motivada apenas pelas censuras que Alma sofria em sociedade, além das fronteiras de White Acre. Por mais contraditório que possa soar, é no mesmo ambiente que Alma aprende sobre a liberdade da mente que é ensinada sobre os perigos de um corpo desimpedido.

Anteriormente, transcrevi algumas passagens que representam o caráter sobretudo humanista da formação que Beatrix e Henry dão às filhas. Sempre incentivadas a questionar, Alma e Prudence jamais são repreendidas em sua busca pela verdade dos fatos. Essa atmosfera libertária, todavia, também possuía as suas limitações.

Beatrix frequentava a igreja luterana e fazia questão de levar as filhas junto consigo ao culto. A religiosidade da matriarca justificava-se pela sua crença em três pilares dos ensinamentos calvinistas: “Você é responsável por sua própria situação de vida, é provável que você esteja condenado e o futuro será terrivelmente macabro” (GILBERT, 2013, p. 66). Em White Acre, nesse sentido, a moralidade e a disciplina reformista andavam de mãos dadas com o espírito progressista da ciência moderna.

Esse fundamento religioso, que também pregava o domínio dos excessos do próprio corpo, impede que Beatrix realize junto das filhas qualquer diálogo relativo a questões da sexualidade. Dessa forma, é na solidão da biblioteca de White Acre que,

aos dezesseis anos, Alma encontra, pela primeira vez, relatos abertos sobre o ato sexual em um livro intitulado *Cum Grano Salis* (Com um grão de sal). Na obra, provavelmente advinda de outra biblioteca comprada por Henry, o autor dedica quatrocentas páginas à narrativa de suas aventuras sensuais.

Aflita após a leitura das primeiras páginas, Alma passa a frequentar o quarto de encadernação da biblioteca, para saciar os apelos eróticos que, a partir de então, gritavam em sua carne. A cena da primeira vez em que a protagonista se masturba, nesse mesmo quarto de encadernação, envolve a descrição de um elevo tamanho que é inevitável ler os gestos de Alma como metáfora de uma batalha empreendida pela protagonista contra o próprio corpo:

Estava cheia de pensamentos, e esses pensamentos faziam exigências loucas ao seu corpo. Sua vulva doía. Parecia renegada. A dor vinha se acumulando a tarde inteira. No mínimo, a sensação dolorosa de privação entre as pernas era como uma espécie de feitiçaria, um assombro diabólico. Sua vulva queria ser esfregada da forma mais feroz. As saias eram um empecilho. Ela se coçava e morria dentro do vestido. Levantou as saias. Sentada ali no banquinho do quartinho de encadernação minúsculo, escuro, trancado, com seu odor de cola e couro, ela abriu as pernas e começou a se acariciar, se cutucar, mexer os dedos por dentro e por cima de si, explorando freneticamente suas pétalas esponjosas, tentando achar o diabo que se escondia ali, ávida por apagar o diabo com a mão (GILBERT, 2013, p. 103).

As incursões de Alma nesse verdadeiro quarto dos prazeres são frequentemente antecedidas pela hesitação e sucedidas por um incômodo sentimento de vergonha e arrependimento. Mesmo não sendo afeita às inclinações religiosas da mãe, a heroína trazia consigo os traços da correção moral calvinista. Para além disso, a própria ciência lhe falava sobre os adoecimentos causados por práticas como o hedonismo e o onanismo – em um dos estudos pesquisados pela cientista, coloca-se até mesmo o “desenvolvimento intelectual prematuro” como uma das causas para a condenável “precocidade sexual” (GILBERT, 2013, p. 123). Colocando em evidência falas médicas, legitimadas dentro da estrutura do biopoder, a narrativa constrói, assim, um pesado cerco ao redor do jovem corpo de Alma.

Como resultado desse intenso encurralamento, percebe-se um duplo movimento na primeira metade da trajetória da estudiosa. Impedida de praticar ciência fora dos limites de White Acre e sem perspectivas de revelar seus sonhos eróticos a homem

algum, Alma elege dois lugares em sua propriedade como refúgios diante das forças que se contrapunham à sua emancipação: o quarto de encadernação e o seu escritório da cocheira, onde avançava em seu estudo sobre musgos. Constituindo-se em uma representação aguda das relações entre público e privado, ambos os espaços operam em sincronicidade no enredo, demonstrando a paridade de intelecto e corpo nos cenários de realização de Alma:

[...] esses dois ambientes – o quatinho de encadernação e o escritório da cocheira – se tornavam pontos equivalentes para Alma em relação à privacidade e revelação. Um cômodo era destinado ao corpo; o outro, à mente. Um cômodo era pequeno e sem janela, o outro arejado e bem-iluminado. Um cômodo tinha cheiro de cola velha; o outro, de feno novo. Um cômodo trazia à tona pensamentos secretos; o outro trazia à tona ideias que podiam ser publicadas e compartilhadas. Os dois cômodos existiam em construções separadas, afastadas por gramados e jardins, bifurcadas por uma trilha ampla de cascalho. Ninguém tinha percebido a correlação entre um e outro.

Porém, ambos os cômodos pertenciam somente a Alma Whittaker, e em ambos ela ganhava vida (GILBERT, 2013, p. 125).

A chegada de Ambrose Pike, décadas após, certamente significa uma esperança de potencialização desses prazeres comedidos, delimitados, que Alma experimentava em seus dois cômodos prediletos. Apesar de não haver a troca de carícias significativas antes e após o casamento dos dois personagens, o breve contato de Alma e seu marido revela muito sobre a pujança do erotismo da protagonista mesmo após a meia idade.

Aliás, em mais uma postura avessa aos padrões concebidos pelo discurso moderno, *A assinatura de todas as coisas* aloca os papéis sexuais de Alma e Ambrose de maneira pouco convencional. Enquanto o marido, nesse contexto, é a parcela sensível, passiva e fria da relação, a mulher representa o instinto, a força e a iniciativa. Ambrose casa-se com o intuito de realizar uma “união branca”, voltada unicamente a um enlace de espíritos. Alma, por outro lado, deita-se ao lado do esposo, desde o primeiro instante, com a esperança de externar toda a volúpia que havia reprimido por décadas.

Passando-se o tempo e não tendo se consumado o casamento, Alma toma a decisão de não mais subjugar o seu desejo. Em um dia, ao perceber que Ambrose havia entrado para o banho, a cientista se despe e prepara-se para encarar o marido nu

pela primeira vez. A definição do olhar de Alma sobre o corpo surpreso de Ambrose remete, em muitos aspectos, à dinâmica experimentalista de Francis Bacon. A protagonista fita o corpo do marido com a mesma energia de um experiente explorador, tornando o órgão genital do parceiro o foco central de sua atenção:

Ali estava ele, em toda a sua graça nua. A pele era branca como leite – bem mais branca no peito e nas pernas do que nos braços. Tinha apenas uma quantidade ínfima de pelos no torso. Não haveria como ter uma beleza mais perfeita. Ela tinha se preocupado com a possibilidade de que ele nem sequer tivesse genitália? Tinha imaginado que talvez fosse esse o problema? Bom, não era esse o problema. Ele tinha genitália – genitália totalmente aceitável, e até admirável. Ela se permitiu observar com cuidado essa criatura adorável que ele tinha [...]. Ambrose não se mexeu. Seu pênis tampouco se movimentou. Não gostava de ser olhado. Ela percebeu na mesma hora. Alma já tinha passado bastante tempo na floresta observando animais acanhados para saber quando uma criatura não gostava de ser vista, e a criatura entre as pernas de Ambrose não queria ser vista. Ainda assim, ela a fitava porque não conseguia desviar o olhar (GILBERT, 2013, p. 286).

Ambrose acaba por fugir nesse momento de maior intimidade. O relacionamento, então, não prospera e ele é exilado no Taiti para cuidar das plantações de Henry, como eu já havia adiantado anteriormente neste estudo. Por um bom tempo, Alma é levada a permanecer apenas com as lembranças do que viveu e, principalmente, do que poderia ter vivido ao lado do marido. Todavia, a morte de seu pai e de Ambrose, a revelação de sua influência sobre a vida amorosa de Prudence e o recebimento da valise de seu companheiro convencem a protagonista a romper os portões de White Acre e iniciar uma exploração do mundo natural e também de si própria.

A decisão de Alma ao embarcar para o Taiti justifica-se mais pelo desejo de compreender o corpo que ficou mais íntimo do seu do que propriamente pela necessidade de realizar uma expedição pelo mundo natural. Os resultados dessa viagem para a sua produção científica são óbvios e já foram abordados aqui em sua relevância e complexidade. Porém, o movimento de libertação das amarras que a heroína empreende no além-mar traz-lhe bem mais do que apenas o extraordinário conhecimento científico que concebe nessa jornada.

Desde o momento em que recebe a pasta do falecido marido, Alma intriga-se com o contexto dos desenhos que ali estão arquivados. A incômoda sucessão de ilustrações de um mesmo jovem nu, de rosto cândido, postura altiva, corpo atraente e

excitado lhe fazem questionar as experiências dos últimos anos de vida de Ambrose. Até onde o seu parco conhecimento sobre o cônjuge poderia informar, Ambrose não tinha o hábito de ilustrar pessoas e tampouco *corpus nus*. Seu interesse pela espiritualidade era tamanho que, mesmo prezando pela exatidão em suas ilustrações botânicas, o litógrafo sempre trazia algo de sublime, de sobrenatural nas representações que realizara.

Dessa forma, esse íntimo contato com um corpo que não era o de Alma e, para além disso, de um corpo que não era o de uma mulher, acende dentro da estudiosa a necessidade de conhecer esse outro Ambrose que, por diversas vezes, rejeitara a sua carne. O rapaz retratado nas ilustrações torna-se, então, uma espécie de guia para que Alma encontre e entenda a si própria por meio de uma melhor compreensão de Ambrose.

Não surpreende o fato de “O Garoto” das ilustrações, como Alma passara a lhe chamar, exibir traços característicos dos nativos taitianos. Na história de grandes exploradores, há frequentemente essa necessidade de contato com o outro étnico para auferir o avanço da própria cultura, da própria etnia, de uma ideia de nação enfim.

Nesse aspecto, Elizabeth Gilbert joga com a narrativa histórica uma vez mais. Alma, com sua ascendência europeia, incorpora, de fato, a persona observadora que salta ao encontro do desconhecido autóctone. A sua relação com essa alteridade (por muitos vista como primitiva), todavia, não se pretende enquanto elo de exploração. A figura que, para o europeu, está “fora da cultura” é a chave para o descerramento de toda a ignorância que Alma trazia acerca de si:

Durante os preparativos e a arrumação da bagagem, Alma fez questão de se dar ares de uma *botaniste voyageuse*, mas a verdade era que não ia ao Taiti procurar plantas. A motivação verdadeira poderia ser encontrada em um único objeto, escondido no fundo de uma das caixas maiores: a valise de couro de Ambrose, muito bem fechada, cheia de desenhos de um menino taitiano nu. Pretendia procurar O Garoto na ilha inteira do Taiti se necessário, procurá-lo de forma quase *botânica*, como se fosse um espécime raro de orquídea. Ela o reconheceria assim que o visse, tinha plena certeza. Conheceria aquele rosto até o fim de seus dias. Ambrose era um artista brilhante, afinal de contas, e as feições foram retratadas com nitidez. Era como se Ambrose tivesse lhe deixado um mapa e agora ela o estivesse seguindo (GILBERT, 2013, p. 343).

Passado algum tempo na baía de Matavai, Alma finalmente tem a oportunidade de conhecer o rapaz representado nas ilustrações de Ambrose. Apelidado de Amanhã Cedo, certo dia, ele chega sob forte comoção dos habitantes locais. Alma recebe a informação de que Amanhã Cedo é filho adotivo do reverendo de Matavai e que, em razão da boa instrução que recebera de seus pais, decidira seguir o caminho da pregação. Agora, ele possuía sua própria missão na ilha de Raiatea.

Quando consegue ter um tempo a sós com Amanhã Cedo, Alma apresenta-se como viúva de Ambrose Pike e, sem receios, o taitiano confirma saber quem ela era. No dia seguinte, os dois vão para uma península onde têm a privacidade necessária para falar sobre o assunto que lhes interessa mutuamente: Ambrose. Assim como ocorreu na relação com Alma, Amanhã Cedo revela que Ambrose desejava que os dois fossem irmãos de espírito. Também de forma análoga ao que aconteceu no vínculo entre Alma e Ambrose, Amanhã Cedo não possuía vocação para ouvir os pensamentos do litógrafo, ele lhe desejava o corpo.

Durante o diálogo, Alma descobre que Amanhã Cedo foi bem-sucedido em sua empreitada. Intrigada pela dúvida sobre o porquê de Ambrose ter negado à própria esposa aquilo que cedera a um jovem taitiano, a heroína recebe a seguinte explicação: “[...] eu sou um conquistador. [...] A natureza do conquistador, como você sabe, é a de conseguir o que ele quiser.” “[...] depois que estou decidido, os outros não têm alternativa” (GILBERT, 2013, p. 433-434; 436).

A fala de Amanhã Cedo é um revólver no peito de Alma. A concessão de Ambrose, ainda que justificada pela irresistível persistência de Amanhã Cedo, faz-lhe lembrar da repulsa como seu corpo sempre fora mirado pelos outros. A partir dessa revelação, a protagonista confirma o seu fracasso na tarefa de conhecer e viver a própria sexualidade. Confirma ainda que sua aquiescência com relação à privação do próprio corpo também traz consigo a responsabilidade pela inexistência de experiências de prazer, fosse com Ambrose ou outra pessoa qualquer.

Quase ao fim do diálogo, realiza-se um paradoxo final entre os traços identitários de Alma e de seu falecido marido. Amanhã Cedo esclarece que a morte de Ambrose ocorre após episódios de automutilação. Decepcionado consigo próprio ao ceder às urgências da carne, Ambrose decidiu praticar o mesmo ritual de luto realizado pelas

viúvas da baía de Matavai: o litógrafo fez cortes na própria cabeça com dentes de tubarão. Sem a mesma perícia das taitianas, Ambrose fere-se de forma irreversível e morre por infecção.

Assim, a fuga do sexo realizada por Ambrose torna-se também uma maneira de evidenciar a latência do desejo carnal em Alma Whittaker. A decepção da protagonista durante o casamento, a contrariedade quando descobre a intimidade entre o marido e Amanhã Cedo, a compreensão de que Ambrose lamentara com a própria vida a mínima entrega que fizera ao mundo material, tudo corrobora em Alma a certeza de que jamais poderia entregar-se a uma relação unicamente espiritual. A compreensão total de sua subjetividade contemplava também os desejos envoltos em seu corpo.

Alma desejava o prazer tanto quanto o desejava o conquistador Amanhã Cedo. Desejava o prazer corpóreo assim como desejava o prazer da decifração do mundo natural. Esse anseio pelas verdades inatingíveis do corpo e da mente torna-se evidente na última cena em que Alma e Amanhã Cedo interagem. Após a longa conversa em que os últimos dias de Ambrose são desnudados, o taitiano decide levar Alma até uma gruta onde se situava um amontoado esplendoroso de musgos de incontáveis espécies. Atônita com o espetáculo diante de si, a protagonista é informada de que Ambrose sempre lhe trazia à lembrança quando visitava o lugar.

Comovida com a memória do homem que verdadeiramente amara, Alma joga-se em prantos nos braços de Amanhã Cedo. Impactada, assim, pela conexão que possuía com o amante de Ambrose e emocionada pela imagem do tesouro natural que a envolvia na gruta, Alma não hesita: aquele seria o tempo-espaço ideal para que finalmente fundisse os polos separados nos discursos da ciência, do estado e da cultura. Após um longo e desesperado abraço, a heroína e Amanhã Cedo tiram suas roupas molhadas para remediar a gélida temperatura que se fazia sentir dentro da gruta. A partir desse instante, sem diálogo algum, desenrolam-se os gestos necessários para que público e privado, mente e corpo finalmente unissem-se na existência de Alma:

Pegou a mão dele. Pôs os dedos em sua boca, como uma criança. Ele deixou. Não a rechaçou. Em seguida, ela pegou em seu pênis [...]. Precisava tocá-lo de modo mais íntimo: ele era a única pessoa que havia tocado em Ambrose. Ela não pediu permissão a Amanhã Cedo para tocá-lo; a permissão vinda do homem, velada. Estava tudo entendido. Ela desceu por seu corpo grande, quente, e enfiou seu membro na boca.

Esse ato era o que mais tinha vontade de realizar na vida. Tinha desistido de tantas coisas, e nunca tinha reclamado – mas não poderia, ao menos uma vez, realizar esse? Não precisava estar casada. Não precisava ser bonita, nem desejada pelos homens. Não precisava estar rodeada de amigos e frivolidades. Não precisava de uma propriedade, uma biblioteca, uma fortuna. Havia tantas coisas de que não precisava. Não precisava nem que o terreno inexplorado de sua arcaica virgindade fosse finalmente escavado, na idade exaustiva dos cinquenta e três anos – embora soubesse que Amanhã Cedo lhe faria esse favor, caso ela quisesse. Porém – nem que fosse apenas por um instante de sua vida – ela precisava *dí*so (GILBERT, p. 439-440).

Esse episódio traz consigo a serenidade necessária para que Alma se dedique, logo após, ao empreendimento de elaborar a sua maior tese científica. O desejo da carne continua a lhe surgir com o avançar dos anos. Desejo esse discretamente correspondido pelo conhecido toque de suas próprias mãos. Alma não vê para si a necessidade ou a possibilidade de buscar algo mais no campo do sexo, assim como não veria a necessidade ou a possibilidade de buscar algo mais no campo da ciência. Assim como lhe bastou a experiência permitida pelo corpo de Amanhã Cedo, lhe bastaria, no fim da vida, o reconhecimento sem plateia de Alfred Russel Wallace: “Éramos três”.

Nessa perspectiva, a escolha de Gilbert ao conceber as realizações de Alma, sob condições severamente limitadas, não atua somente no sentido de recuperar as amarras históricas que dificultaram o percurso das mulheres inclusive na ciência. As vitórias cerceadas de Alma também dizem muito sobre a grandeza da resiliência feminina e da capacidade que as mulheres possuem de ressignificar seu sofrimento, suas limitações.

Voltando às cenas finais do romance, quando Alma se encontra com Russel Wallace, tem-se a dimensão exata dessa nova valoração à história das mulheres. Wallace pergunta à protagonista se ela não possuía o desejo de ser relevante (relevante, talvez, na mesma medida de Darwin). Conhecedora e, agora, indiferente ao sentido de glória partilhado pelos homens do saber moderno, Alma dá-lhe uma devolutiva precisa e transformadora. A sua história possuía, sim, importância, ainda que

esse valor talvez fosse indecifrável para quem não sentisse ou pudesse mensurar a desgredada narrativa de corpo/mente. Ao fim da jornada e apesar das forças contrárias, seus pensamentos e sua carne se fundem em uma confirmação de que, sim, ela poderia raciocinar e realizar em um mesmo corpo mulher.

“Vou lhe dizer uma coisa, sr. Wallace. Eu acho que sou a mulher mais afortunada que já existiu. Meu coração foi partido, sem dúvida, e a maioria dos meus desejos não foram concretizados. [...]”

[...] [Apesar disso, eu] realmente acredito que sou afortunada. Sou afortunada porque pude dedicar a minha vida ao estudo do mundo. Assim nunca me senti insignificante. Essa vida é um enigma, sim, e muitas vezes é uma provação, mas se a pessoa é capaz de achar nela alguns fatos, é bom sempre achá-los – pois conhecimento é o bem mais precioso de todos.

[...] Além disso, meu pouco conhecimento foi somado a todo o conhecimento acumulado pela história – somado à biblioteca, por assim dizer. Não é pouca coisa, senhor. Quem pode dizer uma coisa dessas teve uma vida afortunada.” (GILBERT, 2013, p. 510-511).

Chegando, assim, ao fim desta seção, reitero a defesa sobre o potencial revisionista desse romance de formação intitulado *A assinatura de todas as coisas*. Alma Whittaker não é apenas uma personagem que muito nos diz sobre os bastidores da relação entre gênero e ciência no século XIX. Sua relação com o saber e com o corpo (em alguns momentos, submissa e, em outros, insurrecta) também nos fala sobre os vestígios da desigualdade de gênero nas profissões e nas relações interpessoais do contemporâneo.

Ainda hoje, não está superado o ideal do papel materno e conjugal em detrimento da realização profissional. Também na atualidade, são persistentes os debates acerca da real propensão científica feminina e ainda se relativiza a liberdade sexual entre homens e mulheres. Isso posto, os nãos e os sins que circundam a longa jornada da protagonista desse romance nascem como reverberação de um passado que precisa ser identificado e desafiado nas circunstâncias discursivas do hoje. Partindo dessa noção, se a literatura ainda possui a força apontada por Said (2011) para alicerçar e implodir relações de poder, acredito que, nessa narrativa, Elizabeth Gilbert estabelece uma das possíveis pontes para se combater a diferença sexual no âmbito do conhecimento.

3.2 CADA UMA EM SEU MUNDO, MAS AO LADO

Após a apreciação dos laços entre literatura, ciência e gênero em *A assinatura de todas as coisas*, a partir de agora é o momento de colocar o romance *Seres incríveis*, de Tracy Chevalier, sob a ótica central de investigação desta tese. Publicada originalmente em 2009, a narrativa ficcionaliza episódios da vida de duas estudiosas históricas, despertando a atenção do leitor para as disputas entre público e privado no fazer científico da Inglaterra oitocentista.

A história recontada nessa obra literária diz respeito à vida e obra das paleontólogas Mary Anning e Elizabeth Philpot - ambas personalidades que tiveram seu período de maior destaque nas ciências em meados do século XIX. Nas tramas da ficção, as memórias sobre as duas personagens podem ser resumidas da seguinte forma: ao início do enredo, Mary é retratada como uma simples caçadora de fósseis nas falésias de Lyme Regis. De família pobre, a jovem inglesa encara o seu trabalho como pura forma de subsistência. Os fósseis coletados ao longo do dia são geralmente vendidos a turistas por valores nada criteriosos e servem para complementar a pequena renda de seus pais.

Sua perspectiva sobre esse trabalho modifica-se quando ela conhece Elizabeth Philpot, uma mulher quase vinte anos mais velha, solteira, egressa de Londres junto com as suas irmãs após a complicação de sua condição financeira com o falecimento dos pais e o casamento do irmão. Philpot, amante de fósseis de peixes, repassa o conhecimento que possui em torno da paleontologia a Mary e esta a retribui com seu talento nato para encontrar fósseis.

É por meio dessa parceria que Mary Anning encontra o primeiro fóssil de ictiossauro e fomenta discussões sobre a origem da vida na terra (apesar de não poder participar desses debates). O caminho das duas companheiras é também marcado por episódios de rivalidade, sejam eles ligados à vida profissional, sejam voltados às perspectivas sociais e amorosas fora da profissão. Ao fim, ambas percebem o valor do conhecimento e da cooperação mútua, enquanto mulheres, para sua emancipação.

Assim como se destaca em *A assinatura de todas as coisas*, também em *Seres incríveis* o discurso histórico instaura-se como instrumento para o tecer narrativo. Aliás,

a autora do romance, Tracy Chevalier, é amplamente reconhecida pela sua especialidade em fundir os escritos históricos e ficcionais na tentativa de estimular outras perspectivas possíveis de passados omitidos ou contados por meio de uma única voz.

Essa técnica, manifesta em seu ápice na obra prima da autora, *Moça com brinco de pérola* (1999), continua a manter a sua tônica dez anos depois com a publicação de *Seres incríveis*. Neste último romance, o costurar em conjunto com o passado histórico se faz por meio de uma incursão nos anos áureos da paleontologia em solo inglês. Durante esse percurso ao pretérito, mencionam-se figuras renomadas como William Buckland (1784-1856)³⁸, Coronel Thomas James Birch (1768-1829)³⁹ e George Cuvier (1769-1832)⁴⁰. O destaque da ficção, no entanto, focaliza-se em Mary Anning e Elizabeth Philpot. Na releitura da biografia dessas duas mulheres, Chevalier leva em consideração os dados históricos abaixo:

Mary Anning (1799-1847) foi uma mulher inglesa da cidade de Lyme Regis, na Inglaterra, filha do carpinteiro Richard Anning, casado com Mary Moore, conhecida como Molly Anning. Mary teve nove irmãos, mas apenas ela e um irmão chamado Joseph chegam à vida adulta. Pertencente à classe trabalhadora e com pouca escolaridade, Mary Anning estabelece o seu primeiro vínculo com os fósseis por motivo de subsistência.

Com o passar dos anos, a caçadora torna-se famosa pela descoberta e identificação dos primeiros fósseis completos de ictiossauro e plesiossauro na história das ciências. Seus achados foram extremamente relevantes para os estudos sobre a origem da vida na terra e para a concepção das primeiras representações da pré-história, como o quadro *Duria Antiquior*, de Henry De la Benche (1830).

³⁸ Cientista inglês e primeiro professor de Geologia da Universidade de Oxford.

³⁹ Personagem conhecido nas sociedades de paleontologia da Inglaterra como um geólogo amador mais interessado na compra de fósseis do que na caça dos mesmos.

⁴⁰ Notável naturalista e zoologista francês, considerado o pai da paleontologia e grande responsável pela comprovação do fenômeno da extinção de espécies.

Pintura 1 – Duria Antiquior - A more ancient Dorset , Henry De la Benche (1830)



Fonte: <https://oumnh.ox.ac.uk/mary-annings-ichthyosaur>

A popularidade de Mary Anning, especialmente entre os turistas de Lyme Regis, entretanto, não foi o suficiente para lhe conceder um lugar na Sociedade de Geologia de Londres. Além disso, muitas vezes Mary também não recebera o devido crédito por seus feitos científicos. Apenas postumamente, no 350º aniversário da Royal Society, em 2010, Mary Anning foi incluída em uma lista das dez mulheres mais influentes da história da ciência inglesa.⁴¹

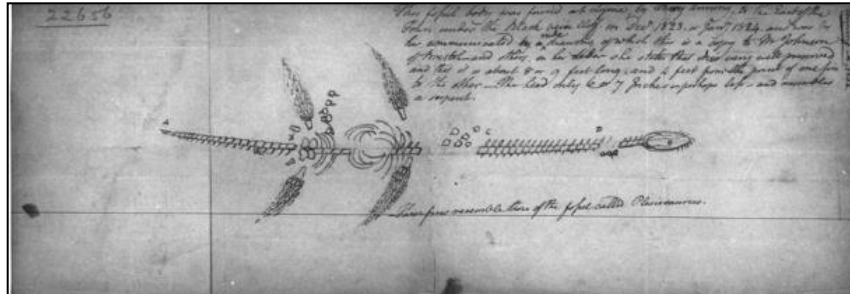
Retrato 3 – Retrato de Mary Anning por Benjamin John Merifield Donne (1850)



Fonte: <https://www.tchevalier.com>

⁴¹ A Royal Society é a mais antiga instituição científica do mundo, fundada em 1660 e localizada em Londres.

Imagem 6 – Esboço de um Plesiossauro por Mary Anning, 1824



Fonte: <https://paleonerdish.wordpress.com/tag/mary-anning/>

Já Elizabeth Philpot (1780-1857) foi uma figura sobre a qual pouco se sabe. As únicas informações que Tracy Chevalier relata ter confirmado de maneira segura são as que:

Philpot era originária de uma família londrina composta por um pai que era procurador e por cinco irmãos. Após a morte dos pais, ela e duas de suas irmãs mudam-se para Lyme Regis, onde viveram no Chalé Morley na Rua Silver (agora Hotel Mariner's). Nenhuma delas se casou, e Elizabeth ocupou-se consideravelmente com a coleta de fósseis de peixes. Ela os expunha em caixas ao redor do chalé, e os turistas que vinham a Lyme com interesse em fósseis vinham vê-los. Em 1834 o cientista suíço Louis Agassiz estudou a coleção dela e deu nome a um peixe em sua homenagem, *Eugnathus philpotiae*. (CHEVALIER, [2009?] [n.p], tradução minha).⁴²

Chevalier também destaca que Elizabeth Philpot era frequentemente mencionada nas cartas de Mary Anning e que, aparentemente, as duas caçavam fósseis juntas diariamente. A autora mostra-se surpresa em razão da amizade nutrida pelas duas, tendo em vista que pertenciam a grupos sociais completamente distintos. Philpot teve acesso a uma formação enquanto Mary teve que obter a maior parte de seus conhecimentos de forma autodidata.

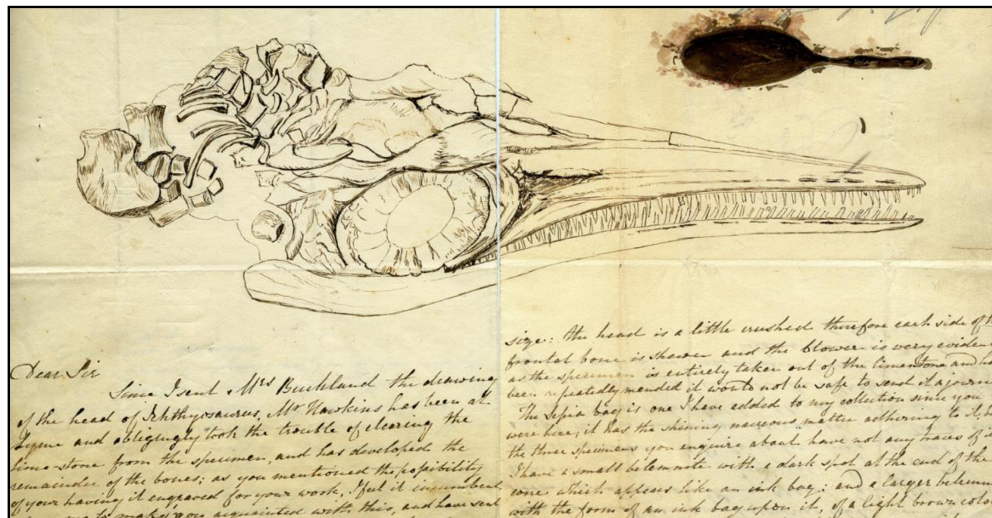
⁴² No original: Little is known about Elizabeth Philpot. She came from a London family with a solicitor father and five children. After her parents died, she and two of her sisters moved to Lyme Regis, where they lived at Morley Cottage on Silver St. (now the Mariner's Hotel). None married, and Elizabeth became very occupied with collecting fossil fish. She displayed them in cases around Morley Cottage, and visitors to Lyme with an interest in fossils came to see them. In 1834 the Swiss scientist Louis Agassiz studied her collection, and named a fish after her, *Eugnathus philpotiae*.

Retrato 4 – Retrato de Elizabeth Philpot



Fonte: <https://www.mujiresenlahistoria.com>

Imagem 7 – Carta de Elizabeth Philpot a Willian Buckland, em 1833



Fonte: <https://oumnh.ox.ac.uk/mary-annings-ichthyosaur>

Certamente, em sua escrita, Chevalier leva em consideração as peculiaridades desses dados históricos e até mesmo as suas lacunas no que diz respeito às vidas de Mary Anning e Elizabeth Philpot e à participação das mulheres nos debates de

paleontologia da época. O recorte de classe, por exemplo, ganha contornos fundamentais no traçado que a autora escolhe para recontar essa história.

Em consonância com a descrição de Mitchel (2009) sobre as formas de instrução das inglesas, *Seres incríveis* traz em seu bojo a oposição do conhecimento quase que institucional de Philpot e o saber instintivo da desvalida Mary Anning. Dessa forma, o que se coloca em jogo aqui não é apenas a legitimação da prática científica pelas mulheres, mas também as maneiras como essa prática era oportunizada e executada em diferentes extratos sociais pelo sexo feminino.

Não se pode esquecer também o prisma do lapso entre gerações no relacionamento de Anning e Philpot. As personagens (tanto na vida real quanto no romance de Chevalier) possuem uma diferença de idade de dezenove anos, o que implica não só o surgimento de perspectivas distintas sobre a busca por conhecimento, mas também de compreensões desiguais sobre o próprio corpo e o papel do sexo feminino nas relações sociais. Quando se conhecem, Elizabeth Philpot inicia o seu ingresso no clã das mulheres solteiras enquanto que Mary Anning ainda desconhece os apelos íntimos de seu corpo.

O trabalho com esses aspectos pouco abordados pelo discurso oficial é, sem ressalvas, uma das premissas de *Seres incríveis*. Como poderá ser observado na análise do enredo, Chevalier não coloca luz apenas sobre o elo profissional que Mary e Elizabeth estabelecem desde muito cedo. De forma análoga ao que ocorre em *A assinatura de todas as coisas*, no romance atual também se faz como princípio conhecer o ambiente privado, a fim de compreender as conformações da esfera pública.

Temáticas como o amor, a sexualidade, o casamento e a reputação exigida das mulheres em diferentes grupos sociais são, então, alguns dos elementos nos quais Chevalier adentra para estabelecer uma interpretação inovadora e coerente acerca do destino tomado por Anning e Philpot no mundo científico. É dentro dessa perspectiva que, no romance, alocam-se conflitos específicos como a rivalidade feminina, a imposição do matrimônio como ideal e o entendimento da instrução para mulheres como ato supérfluo ou de moral duvidosa.

Cabe observar que o ofício de Tracy Chevalier não consiste na busca de uma verdade histórica, por mais justa e oportuna que essa procura possa se instituir no caso das duas personagens centrais de seu romance. É nesse sentido que, enquanto romancista, a autora propõe os conflitos supracitados ora pautada em relatos e documentos históricos, ora concebendo-os a partir do instinto criativo possibilitado pela ficção.

Percebe-se, na realidade, uma verdadeira defesa do trabalho de metaficção historiográfica por parte da autora. No pós-escrito do romance, essa escrita que ficcionaliza passagens históricas é algo posto de maneira quase pragmática por Tracy Chevalier. Ciente de que escreve sobre uma (his)estória consideravelmente longínqua em termos culturais para leitor contemporâneo, a autora explica:

A relação do século vinte e um com o tempo e as expectativas que temos em relação a uma história são muito diferentes daquelas que definem a vida de Mary Anning. Ela viveu um dia depois do outro, ano após ano, fazendo a mesma coisa na praia. Tomei os fatos de sua vida e condensei-os para caberem numa narrativa que não vai além da paciência do leitor. Portanto, os eventos, quando colocados em ordem, nem sempre coincidem com as datas reais e os períodos de tempo. Pois, claro, inventei muitas coisas. Por exemplo, havia muitas intrigas sobre Mary e Buckland e Mary com Birch, mas não existiam provas. **É nesse ponto que só os romancistas podem entrar** (CHEVALIER, 2014, p. 349, grifo meu).

Essa parceria assumida com o discurso histórico (parceria que nem sempre tem o objetivo de corroborar, mas também de adicionar e inverter) não se expressa apenas por meio da fala explícita da autora no pós-escrito. Manifestando um entendimento de que a literatura auxilia na elaboração das memórias de um povo e que esse processo é realizado em conjunto com textos de outra natureza, ao final da narrativa, Tracy Chevalier dispõe uma série de indicações bibliográficas que, em maior ou menor grau, lançam uma perspectiva científica sobre a vida de Mary Anning.

Ainda introduzindo essa convergência entre texto ficcional e texto histórico, é oportuno tratar do foco narrativo escolhido em *Seres incríveis*. Sabe-se que, em metaficções historiográficas, é relativamente comum a apresentação de documentos que, ainda que forjados pelo romancista, conferem um tom de veracidade aos fatos transcorridos no enredo. Notadamente, um dos gêneros documentais mais utilizados nas metaficções é a carta. A perspectiva de uma personagem que, supostamente, teria

vivenciado os conflitos descritos no romance traz consigo uma sensação de autenticidade que, de outro modo, não seria alcançada.

Seres incríveis não é em si um romance epistolar. Salvo raras exceções, não se dispõem na narrativa cartas redigidas pelos próprios personagens. Apesar disso, o relato dos acontecimentos é estruturado em uma linguagem que muito se assemelha àquela utilizada na redação de correspondências. O foco narrativo, em primeira pessoa, é alternado de capítulo em capítulo entre as duas protagonistas do romance, Mary Anning e Elizabeth Philpot. Não raramente, uma mesma passagem do enredo é contada separadamente pelas duas personagens, havendo uma coerente oscilação de sentimentos, fatos e tonalidade de fala em cada um dos relatos.

Por se tratar de personalidades que de fato existiram, mas que pouco foram ouvidas, a voz que Chevalier empresta a Mary Anning e Philpot certamente contribui para trazer ao romance um laço adicional com a realidade. Especialmente para o leitor que possui um conhecimento ainda inicial sobre a existência das protagonistas e seus feitos, a possibilidade de escuta proporcionada pela obra faz emergir um olhar curioso e especulador sobre a validade dos fatos relatados seja pela história, seja pelas vozes femininas forjadas na ficção.

A escolha desse foco narrativo dividido entre as duas personagens ainda contribui para que se enquadre esse romance nos parâmetros de uma possível escrita feminina. Ao se ceder o direcionamento da narrativa às falas de Mary Anning e Elizabeth Philpot, é inevitável que o discurso literário tome um tom mais íntimo, regado por impressões muito particulares dos fatos transcorridos. Afinal, apesar da maioria dos acontecimentos serem descrições de experiências vividas em conjunto pelas duas personagens, seria improvável que as suas individualidades de classe e geração permitissem que elas esboçassem uma mesma visão dos episódios transcorridos.

Nessa evidência do olhar mínimo e da fala particular, tem-se, novamente, uma manifestação da escrita feminina conforme pensada por Lúcia Castello Branco (1999). Se o que diferenciaria a postura de mulheres no papel de escriba é justamente a procura pelas micronarrativas, pelos detalhes jamais abordados nas falas oficiais, identifica-se, nesse romance, uma manifestação legítima da escrita de mulheres. Considerando que a biografia de Anning e Philpot não foi contada de maneira fidedigna

e principalmente justa ao longo da história, a literatura toma para si a função de uma criatividade política que amplifica, com instrumentos ficcionais, sussurros suprimidos por cerca de dois séculos.

Todas essas configurações provocam o questionamento sobre a meta almejada pelo ficcionista ao visitar a vida de personalidades históricas, incluindo-lhe alguns fatos e redimensionando tantos outros que foram tratados de maneira diversa por documentos oficiais. Quando se pensa que essa revisão é protagonizada por personagens do sexo feminino, essas reflexões ganham um peso ainda maior.

Relembro, que, ao Analisar *A assinatura de todas as coisas*, argumentei sobre o direcionamento político de Elizabeth Gilbert ao personificar, em Alma Whittaker, a capacidade feminina para a prática da razão. A fictícia protagonista de *A assinatura de todas as coisas*, confrontada com figuras de oposição da vida real, metaforiza a existência de uma ciência possível para as mulheres. Ciência essa que necessitaria se pautar mais na oferta de oportunidades do que no mensurar da aptidão feminina para a produção de conhecimento.

O que acontece, no entanto, quando a literatura decide não apenas criar uma personagem que denuncie e reavalie condições históricas, mas opte por *recriar* os passos de figuras que, de fato, existiram sob o jugo dessas condições? Por mais escassos e controversos que sejam, os relatos sobre as vidas de Mary Anning e Elizabeth Philpot existem no mundo material e atuam duplamente como parâmetro e possível limitação da escrita de Chevalier. Ao mesmo tempo, até mesmo a escassez desses documentos opera como uma armadilha para o trabalho do escritor.

De que forma Chevalier mede as fronteiras de sua autonomia criativa? Há que se falar em limites de inventividade no campo literário? Quais as implicações sociais dessa escrita que reescreve histórias lidas por poucos ou nenhuma vez? Existe uma carga de responsabilidade para essa escrita? É coerente compreendê-la como não responsável por fenômenos materiais, ainda que ela se configure em uma clara irreverência histórica?

De fato, são diversas questões que só um texto de metaficção historiográfica, protagonizado por um grupo minoritário na história das relações humanas, pode

suscitar. Buscarei tangenciar essas inquietações, em maior ou menor grau, nas subseções que se apresentam a seguir.

Durante este estágio de maior aproximação com o texto ficcional, apresento, primeiramente, uma apreciação sobre a atividade profissional das duas protagonistas, buscando compreender: os sentidos particulares do conhecimento e do próprio fazer científico para Mary Anning e Elizabeth Philpot; a conflituosa negociação desses saberes que se situam nos polos opostos da exploração e da especulação e, ainda, a maneira como as duas profissionais interagem com os homens que regiam a paleontologia na época.

Logo após, dedico-me à leitura das relações íntimas das duas personagens, indagando como as condições de classe, a idade e o próprio caráter de ambas influenciam o entendimento que possuem de si próprias enquanto corpo biológico e social. A compreensão dessas dualidades, que se convertem também em rivalidade no âmbito profissional, é fundamental para que se vislumbrem os bloqueios e principalmente as potencialidades que marcam o percurso de companheirismo das duas estudosas.

Ao fim dessa análise, pretendo argumentar sobre a importante releitura empreendida por Chevalier sobre o signo de feminilidade e, particularmente, sobre os possíveis papéis a serem exercidos pelas mulheres dentro da ciência. Humanizando essas duas coletoras de fósseis, concedendo-lhes uma plausível história de vida ao lado e para além da ciência, a autora propõe vias para uma necessária sororidade no âmbito do saber.

3.2.1 Amantes de fósseis

Nas primeiras páginas de *Seres incríveis*, realiza-se uma breve introdução sobre a vida de Mary Anning e Elizabeth Philpot antes de se conhecerem. Seguindo o que descrevem os relatos oficiais, Chevalier retrata em Mary uma menina advinda de uma família desvalida, que vende fósseis de amonites recolhidos na praia para complementar a pequena renda de seus pais⁴³. Do mesmo modo, na narrativa, assim

⁴³ Amonites são um grupo extinto de moluscos cefalópodes, de concha externa espiralada.

como nos documentos históricos, tem-se uma Elizabeth Philpot advinda da classe média londrina que se vê obrigada a mudar-se para Lyme Regis com três irmãs após o falecimento do pai e a deterioração da situação financeira de sua família.

A primeira vez em que as protagonistas se encontram já revela os paradoxos que caracterizariam a relação entre as duas ao longo do romance. Indo à oficina de Richard Anning após as recomendações de seu serviço de marcenaria, Philpot encontra ali uma menina rodeada por fósseis de moluscos (ou “curios” como Mary gostava de chamá-los). Instantaneamente, os olhos de Elizabeth, uma mulher já adulta, passam a investigar aquela verdadeira criança que, assim como ela, aparentemente possuía algum interesse por criaturas do passado.

Seguindo o rastro desse primeiro interesse, Philpot identifica na aparência física de Mary Anning os primeiros traços de seu caráter peculiar e, ao mesmo tempo, da oposição entre ambas nas camadas de estratificação social. Por meio desse olhar, não só se vislumbram as expectativas de Philpot em relação à pequena caçadora, mas também se viabiliza um caminho para que o leitor estabeleça em seu imaginário uma composição do caráter de Mary Anning em oposição ao de Elizabeth.

Ao analisar a pequena Mary, Philpot claramente se interessa pelo que encontra de intrínseco em sua personalidade e em sua composição física. A criança lhe chama a atenção tanto pelo seu distanciamento do arquétipo esperado para uma menina inglesa, como pelo modo como se diferencia da própria Elizabeth em seu interesse por criaturas fossilizadas.

Nessa contemplação inicial, a heroína londrina destaca os membros atléticos da pequena Anning e o seu olhar simples, mas sobretudo inquiridor. A atenção dirigida a esses aspectos ajuda a moldar uma perspectiva do elo entre Mary Anning e o conhecimento, que é, sobretudo, um elo físico, braçal, galgado por meio da experiência:

Ela era uma menina alta e magra, de braços e pernas fortes, próprios de quem está acostumada a trabalhar, em vez de brincar com bonecas. Seu rosto simples tornava-se interessante graças aos grandes olhos castanhos como seixos. [...] Mesmo tão jovem, sabia distinguir os diversos tipos de amonites comparando as linhas de articulação em seus corpos espiralados. Tirou os olhos de sua coleção, mostrando interesse e muita curiosidade (CHEVALIER, 2014, p. 28).

Essa observação, nesse sentido, concebe embrionariamente o perfil relegado à Mary Anning no campo da paleontologia: ela era, definitivamente, uma caçadora, uma trabalhadora com faro para encontrar fósseis. Identifica-se nela a força para o empreendimento e, certamente, a curiosidade necessária para prosperar nesse ofício. Mas, aparte desse ímpeto de exploração, Elizabeth não consegue identificar nenhuma outra propensão científica em sua jovem interlocutora.

Em outros termos, Philpot sente os vestígios do abismo intelectual que a separaria de Mary Anning e que, possivelmente, não seria preenchido depois que a menina de Lyme Regis crescesse. Portanto, já no início, evidencia-se que as lacunas entre as protagonistas dar-se-iam não somente por uma questão de gerações, mas também pela maneira como ambas foram introduzidas ao saber.

De fato, as primeiras passagens do romance indicam que a pequena Mary aparenta não possuir nenhum tipo de instrução teórica sobre as técnicas de execução de seu trabalho e nem mesmo parece imaginar que os espécimes por ela coletados seriam alvos de interesses outros que o meramente turístico. Quando Philpot decide apresentar fósseis de sua própria coleção para a menina, o único juízo de valor expresso por Anning diz respeito ao calibre comercial das peças.

Esses primeiros intercâmbios de saberes entre as protagonistas são fundamentais para que se compreenda, posteriormente, o destino tomado por ambas na cena paleontológica britânica. Principalmente quando trabalham juntas, mas até mesmo nos episódios em que estão separadas, as heroínas traçam um caminho de mutação: primeiro, de seu próprio laço com o conhecimento e, em segundo lugar, das concepções hegemônicas sobre as díades mulher e ciência, razão e instinto, erudição e ignorância.

Para melhor vislumbrar esses desafios dispostos na linha narrativa, proponho a apreciação de como a ciência se conforma separadamente nos atos e situações que circundam Mary Anning e Elizabeth Philpot. Feita essa distinção entre as formas de conhecimento no universo subjetivo das duas personagens, pretendo discutir em que instância essas dualidades convertem-se na rivalidade de saberes femininos, que, por sua vez, são recebidos com desconfiança e condescendência pelos profissionais do sexo oposto.

3.2.1.1 Razão: um mundo novo para Mary

Apesar das pistas fornecidas sobre a precária formação escolar de Mary Anning, o enredo deixa expresso o constante contato da protagonista com conhecimentos outros, não institucionalizados. Nessa busca pelo saber não formal, seu pai mostra-se como a figura de incentivo maior. É pertinente lembrar aqui que, também em *A assinatura de todas as coisas*, a influência paterna fora primordial para o ingresso de Alma Whittaker no mundo das ciências. Com a aprovação de Henry, Alma recebe uma formação científica e, só após a bênção do pai, a heroína vê como possibilidade uma verdadeira exploração do mundo natural.

Embora Richard Anning não possua as mesmas possibilidades financeiras de Henry Whittaker, a simples maneira como ele inova na educação de sua filha é o grande diferencial para que a criança enxergue alternativas para a sua existência. Desde muito cedo, Richard é acompanhado pela filha em suas caminhadas pela praia e sempre aproveita a oportunidade para ensiná-la sobre os diferentes tipos de fósseis de amonite encontrados ao longo do caminho. Elizabeth Philpot, por si própria, reconhece esse cuidado especial que o pai de Mary Anning tem em instruí-la. Admirada com esse tipo de postura, a londrina nem mesmo se importa com a qualidade duvidosa dos armários que o velho carpinteiro havia lhe vendido.

Tenho armários mais bem-acabados e de madeira de melhor qualidade que não emperram e dobradiças que não precisam ser coladas de novo depois de um período de tempo seco. Mas aceitei suas falhas porque sabia que o cuidado que negligenciava nos armários, ele dispensava ao conhecimento de sua filha sobre fósseis (CHEVALIER, 2014, p. 38).

É necessário esclarecer que nem Richard Anning nem Henry Whittaker estão próximos de um ideal de paternidade não repressivo, favorável à constituição da igualdade de gênero dentro de seu próprio ambiente familiar. Assim como o pai de Alma, o pai de Mary Anning está sempre certo de sua superioridade em relação à filha. Sua descendente é continuamente colocada no papel de aprendiz e esse processo de aprendizado, não raramente, é acompanhado de sarcasmo por parte do mestre. A relação hierárquica que aí se estabelece jamais é questionada. Tem-se, da parte de

Mary a concepção de que um homem, especialmente na função de progenitor, jamais poderia ser contestado:

Quando eu era pequena, saía com papai e ele achava vertebragens no mesmo lugar onde eu já havia passado. “Olhe”, dizia ele, pegando alguma coisa que estava bem aos meus pés. Depois ria de mim e reclamava. “Tem que olhar com mais atenção, menina!” Nunca me ofendi, pois ele era meu pai, tinha de achar mais do que eu e me ensinar. Eu não podia querer ser melhor que ele (CHEVALIER, 2014, p. 60).

Apesar disso, é inevitável reconhecer o caráter imprescindível dessa figura paterna para a atuação de Mary Anning dentro do campo paleontológico. Assim como o fizeram Henry e Beatrix Whittaker, Richard Anning não só concede à sua filha o conhecimento que houvera adquirido ao longo dos anos, mas também toma uma decisão imperiosa para o desenvolvimento intelectual da filha. Em conjunto com a sua esposa, Molly Anning, Richard decide não limitar os espaços de circulação de sua pequena criança.

É bem verdade que os motivos da liberdade de exploração concedidos pela família Anning são obviamente distintos daqueles sustentados pelos Whittaker. Henry e Beatrix autorizavam a pequena Alma a investigar sozinha os espécimes de White Acre porque desejavam uma filha instruída cientificamente. Já Molly e Richard não podavam as excursões de Mary pela praia, pois sabiam que o trabalho da infante traria algum alento financeiro diante de sua situação miserável.

De toda forma, essa infância vivida mais para além da soleira da porta do que propriamente no limite doméstico contribui para o desenvolvimento de um talento que Mary parecera adquirir de forma inata. Graças a essa forma peculiar de educação, a pequena filha dos Anning passa a ter a oportunidade de realizar explorações também ao lado de Elizabeth Philpot e a conhecer teorizações e técnicas envolvendo o trabalho que ela e seu pai realizavam de forma distinta. Com a companhia de Philpot, Mary Anning passa a conhecer a existência de uma razão por trás do seu ofício: ela, também, poderia ser uma produtora de conhecimento.

Os anos passam, o pai de Mary Anning falece e, ainda aos doze anos, ela vivencia o primeiro de seus grandes feitos enquanto caçadora de fósseis. Chamada às

pressas pelo irmão, que encontrara algo extraordinário entre as rochas na praia, ela depara-se com a maior de todas as criaturas fossilizadas que já havia visto.

A cena descreve o momento em que é descoberta a cabeça do fóssil de um ictiossauro (no momento da descoberta, a criatura ainda é tida como a caveira de um grande crocodilo). Na composição dessa passagem, Chevalier acentua o possível entusiasmo de Mary diante da descoberta e, indiretamente, constitui um cenário de superação da discípula em relação ao seu mestre. Em detrimento do grau de respeito que Richard Anning adquirira diante da filha a partir de seus ensinamentos, era Mary que, agora, tinha a oportunidade de tocar algo com o que seu pai sempre sonhara:

Vi imediatamente os dentes, um pouco abaixo do olho. Não eram fileiras iguais, mas uma confusão no meio de duas partes compridas e escuras que deviam ter sido a boca e a mandíbula dele. Os ossos se juntavam numa extremidade formando um focinho pontudo. Passei o dedo por ele. Ver aquele focinho foi como ser atingida por um raio. Lá estava o monstro que papai tinha procurado aqueles anos todos e que jamais veria (CHEVALIER, 2014, p. 72).

A magnitude do fenômeno diante de Mary é descrita de forma a representar uma espécie de batismo da jovem inglesa no controverso mundo das especulações científicas. Há época em que a descoberta do ictiossauro foi feita (início da segunda década do século XIX), as teorias sobre a origem da vida na Terra ainda eram primárias e a possibilidade de extinção de espécies não gozava de aceitação suficiente dentre as sociedades científicas. Apesar da crescente onda racionalista e anticlerical ao longo da história moderna, os discursos religiosos ainda exerciam grande domínio sobre a sociedade ocidental e, dessa forma, a contestação do criacionismo demonstrava-se como um passo ousado demais.

Considerando esse ambiente, a narrativa de Chevalier presume as angústias que teriam se somado à felicidade da jovem Mary Anning no momento da descoberta. Pertencente à classe trabalhadora, irremediavelmente pobre e com pouquíssima instrução, Mary se junta aos grupos que tem na fé um mesmo pilar de julgamento e certeza. Tocar algo que jamais lhe fora descrito pelos pais, por pessoas dotas e nem mesmo pela bíblia representa para essa heroína uma experiência privilegiada e, ao mesmo tempo, assustadora.

Esse susto da descoberta é trabalhado de tal maneira que a narrativa nos convence sobre a propensão científica de Mary Anning. Nessa etapa, não lhe preocupa o valor possivelmente adquirido com a peça encontrada. Sua atenção volta-se primordialmente para o caráter incompreensível do tesouro diante de si. O desejo e, especialmente, o medo de conhecer são dois dos alicerces do universo da pesquisa que movem a protagonista a partir de então:

Senti um arrepio, um daqueles tremores que a gente tem sem querer, sem frio. Eu não sabia que os crocodilos tinham olhos tão grandes. No desenho que a srta. Elizabeth me mostrara, eram olhinhos como os dos porcos, não olhões. Fiquei me sentindo esquisita, como se existisse um mundo de curiosidades que eu não conhecia [...]. Às vezes eu tinha aquela sensação de vazio também quando olhava um céu cheio de estrelas, ou a profundidade do mar, nas poucas vezes em que saíra de barco, e não gostava daquilo: achava que o mundo era estranho demais para eu entender. Naquelas ocasiões, eu precisava me sentar na capela e não me preocupar, deixando todos os mistérios por conta de Deus (CHEVALIER, 2014, p. 72).

A manifestação desse espírito científico, explorador, torna-se bastante evidente quando Mary Anning reconhece que não havia sido ela a descobridora da cabeça do grande fóssil e sim seu irmão, Joe Anning. A protagonista revela seu sentimento de despeito, afinal, ela era a pessoa habilidosa nesse tipo de tarefa, não o irmão. Surpreendentemente, Joe não faz questão de reivindicar a autoria da descoberta para si. Dessa forma, as pessoas passam a atribuir o feito principalmente a Mary Anning.

Esse fato, talvez, consista em um dos pontos mais controversos do início de *Seres incríveis*. Na narrativa, Mary deixa claro que não moveu esforços para afirmar o irmão como quem de fato encontrou o fóssil do ictiossauro. A heroína, ainda pré-adolescente, parece então se sentir segura no papel de grande exploradora que esse achado em particular envolvia. Nota-se, dessa forma, tanto uma relativização da ética da protagonista (e seu entendimento desse jogo de princípios dentro do âmbito profissional) quanto a expressão de seu verdadeiro desejo em realizar um trabalho de relevância. Mary, nesse instante, começa a vislumbrar a grandeza da ocupação que escolhera e sente a urgência de corresponder aos requisitos de tamanho empreendimento:

Todo mundo ficou surpreso por ele encontrar aquele espécime tão incomum, pois não tinha interesse em procurar algo diferente. Eu é que era boa nisso. Tentei não sentir inveja, mas foi difícil. Em pouco tempo, as pessoas esqueceram que Joe encontrara o croco e passaram a achar que havia sido eu. Não desmenti, e Joe não se importou. Ficou satisfeito de se afastar da história e ser apenas o simples Joe Anning, em vez de um caçador de fósseis capaz de achar um monstro (CHEVALIER, 2014, p. 75).

Doravante, a aspiração que toma Mary Anning é suficiente para que seu instinto de exploração torne-se ainda mais apurado. Meses após a descoberta da cabeça do ictiossauro, a protagonista encontra os ossos que compunham o restante de seu corpo. A descoberta realizada, naturalmente, atrai diversos estudiosos e também curiosos para as praias de Lyme Regis. O nome de Mary torna-se cada vez mais conhecido nos arredores da cidade e também longe dali. As atenções repentinamente adquiridas dão a ela um misto de orgulho e esperança com relação ao patamar que poderia alcançar nesse campo de trabalho.

Imagem 8 – Esqueleto de um jovem ictiossauro coletado por Mary Anning



Fonte: <https://oumnh.ox.ac.uk/mary-annings-ichthyosaur>

Contudo, apesar das expectativas geradas pela heroína, seu primeiro trato com os senhores da ciência já demonstra com clareza a sua improvável inclusão em

qualquer espaço de discussão da prática paleontológica. Dentre essas pessoas, aparece Henry Henley, dono das terras onde o fóssil foi encontrado. Impressionado com a singularidade da criatura, Henley a compra dos Anning por uma quantia considerável e o vende ao colecionador William Bullock, que a expõe em seu museu em Londres.

Percebe-se que, tão logo o fóssil obtém seu formato final e impressiona por seu exotismo, as forças sociais convergem no sentido de retirar-lhe da posse de Mary Anning. Por mais que tenha sido ela, acompanhada do irmão, a responsável por encontrar aquela importante peça do quebra-cabeça paleontológico, a ela é unicamente atribuído o papel de caçadora de fósseis. Uma mulher, jovem, não escolarizada, jamais seria aceita como potencial representante de um campo tão concorrido por homens qualificados.

A venda que ocorre de maneira quase compulsória (os Anning não poderiam rejeitar qualquer possibilidade de renda) e a transferência do fóssil a William Bullock são dois aspectos recorrentes na bibliografia histórica que se dedica ao estudo da vida de Mary Anning. Todavia, as circunstâncias nas quais o fóssil foi exposto no museu de William Bullock (o Egyptian Hall) e, após, no Museu Britânico de Londres, aparecem de maneira um tanto quanto esparsa na literatura especializada. De modo geral, afirma-se que os Anning jamais receberam qualquer crédito pela descoberta após a venda do ictiossauro, mas não são muito recorrentes evidências que atestem a quem, de fato, a proeza foi atribuída nas primeiras décadas do século XIX.

Essa ausência ou esse impasse na identificação de registros que atestem a desvinculação de Mary Anning de seu feito maior acentuam de maneira especial o modo como o romance aborda essa sumária exclusão. Em uma visita a Londres com suas irmãs, Elizabeth Philpot assiste à exposição do grande fóssil. Na narrativa, além de ficar evidente a insatisfação da paleontóloga com as circunstâncias em que a peça fora apresentada (criou-se uma verdadeira cena teatral ao redor do ictiossauro), também se torna notória a não atribuição da descoberta aos irmãos Anning.

No romance, mencionam-se com clareza os dizeres de uma etiqueta que identifica o fóssil para os visitantes do museu de Bullock: “CROCODILO DE PEDRA/Descoberto por Henry Hoste Henley nas matas de Dorsetshire” (CHEVALIER,

2014, p. 121). Havendo correspondência ou não entre esses termos apresentados no romance e a realidade, a simples menção dessa identificação colabora para a constituição de uma atmosfera concreta e visível na narrativa, na qual se começa a assimilar uma perspectiva do status de Mary Anning em seu campo de atuação.

Essa etiqueta à frente da criatura contendo o nome de seu suposto descobridor chancela Henley como personalidade a ser destacada nos estudos paleontológicos e nega a Mary Anning a possibilidade de um mínimo reconhecimento. O potencial discursivo do pequeno texto é dado, em grande parte, pelo papel institucional ocupado pelos museus, que são socialmente certificados como espaços de propagação do saber. Saber esse pesquisado e compartilhado por pessoas capacitadas no trato com a verdade científica.

Logo, por mais menções que se possam encontrar sobre Mary Anning em documentos das sociedades de geologia e em estudos sobre história natural da época, é apenas por meio da liberdade ficcional, que re-cria textos envoltos de autoridade, que se torna possível visitar em detalhes os cenários, as condições e os sentimentos que poderiam ter circundado a prática profissional de Mary Anning.

Portanto, nota-se nessa obra um direcionamento intertextual entre ficção e história, o qual, para Linda Hutcheon, consiste em uma das características basilares da metaficção historiográfica. Na definição da estudiosa, esse gênero literário:

confronta diretamente o passado da literatura – e da historiografia, pois ela também se origina de outros textos (documentos). Ele usa e abusa desses ecos intertextuais, inserindo as poderosas alusões de tais ecos e depois subvertendo esse poder por meio da ironia (HUTCHEON, 1991, p. 157).

Cabe observar que, para fontes oficiais, como o Museu de Lyme Regis, Anning recebeu reconhecimento em seu próprio tempo. Para justificar essa afirmativa, a entidade menciona o pagamento anual que a estudiosa passou a receber, nove anos antes de sua morte, da Associação Britânica para o Avanço da Ciência e da Sociedade de Geologia de Londres.

Entendo que Chevalier dialoga com essa fala oficial, mas também a ironiza na medida em que dá evidência e potencializa o apagamento de Mary Anning na exposição do ictiossauro. A história que se erige nesse texto literário apresenta-se

como alternativa a falas que consideram o tratamento dado a Mary Anning como certificação autêntica e suficiente de sua relevância. Entre outros fatores, considerando que a exploradora jamais foi aceita na maior sociedade de geologia de seu país, Tracy Chevalier trama uma outra visão do passado, contada por personagens que jamais tiveram suas perspectivas legitimadas. Perseguindo esse caminho, a narrativa propõe ao seu leitor o abandono de um ideal de verdade singular para abraçar o conceito de verdades plurais próprio da escrita metaficcional.

É importante lembrar que, para a metaficção historiográfica, o questionamento do discurso oficial e histórico não é sinônimo de desprezá-lo. Ao contrário, o seu papel é justamente jogar a luz sobre as falas legitimadas, evidenciando as suas lacunas, os princípios ficcionais por trás de sua criação e a necessidade de recriá-las para que comportem novas cosmovisões.

A omissão do nome de Mary Anning em diversos dos mais relevantes encontros britânicos de paleontologia é um sintoma e uma motivação para que *Seres incríveis* sugira relatos mais complexos e frequentemente revolucionários sobre a história da estudiosa. Se é um consenso que uma abordagem literária sobre a vida de Mary pode ser marcada pela criação, é preciso reconhecer que a exclusão dessa grande estudiosa em diversos documentos históricos também denuncia um trabalho ficcional por parte de seus redatores. Omitir o papel expressivo de Mary Anning na história das ciências também é inventar. Como esclarece Patricia Waugh (1995):

A metaficção não abandona “o mundo real” em favor dos prazeres narcísicos da imaginação. O que ela faz é reexaminar as convenções do realismo para descobrir – através de sua autorreflexão – uma forma ficcional que seja culturalmente relevante e compreensível para os leitores contemporâneos. Ao nos mostrar como a ficção literária cria seus mundos imaginários, a metaficção nos ajuda a entender como a realidade que nós vivemos cotidianamente é igualmente construída, igualmente “escrita” (WAUGH, 1995, p. 53, tradução minha).⁴⁴

⁴⁴ No original: The Metafiction does not abandon “the real world” for the narcissistic pleasures of the imagination. What it does is to re-examine the conventions of realism in order to discover – through its own self-reflection – a fictional form that is culturally relevant and comprehensible to contemporary readers. In showing us how literary fiction creates its imaginary worlds, metafiction helps us to understand how the reality we live day by day similarly constructed, similarly “written” (Waugh, 1995, p. 53).

Esse posicionamento que leva a um repensar da história coaduna-se também com a visão política de Linda Hutcheon a respeito dos discursos de autoridade. Para a autora, o pós-moderno, por meio de suas representações, “afirma que aquilo que tanto valorizamos é um construto, e não algo previamente existente, e, além disso, um construto que exerce uma relação de poder em nossa cultura” (HUTCHEON, 1991, p. 257).

No âmbito do romance, essas relações de poder ficam expressas, por exemplo, na valorização dada pelas sociedades científicas ao discurso do colecionador em detrimento da pessoa do caçador. Tal diferenciação não se dá apenas em razão do prestígio social, da escolaridade, das condições financeiras daquele que se dedica a colecionar os fósseis coletados por algum trabalhador. Nos diálogos estabelecidos ao longo de *Seres incríveis*, também se afirma a primazia do gênero nos processos de autenticação e enaltecimento do saber paleontológico.

Esse aspecto pode ser observado nas passagens que sucedem a exposição do ictiossauro de Mary Anning. Logo após a visita a Londres, Elizabeth Philpot decide ir procurar por Lorde Henley, o senhorio que havia comprado o ictiossauro da família Anning e o revendido para o museu de William Bullock. Ao questionar por qual razão o nome de Mary não constava ao lado do fóssil, Philpot recebe uma resposta categoricamente sexista do grande proprietário:

– Mary Anning é uma operária. Achou o crocodilo nas minhas terras, pois os rochedos Church fazem parte da minha propriedade, como a senhorita sabe. Acha que, só porque cavam a terra, esses homens ... – mostrou com a cabeça os homens chafurdando na lama – são donos dela? Claro que não! São minhas. Além disso, Mary Anning é mulher, é um apêndice. **Tenho de representá-la**, o que, aliás, faço com muitos moradores de Lyme que não podem se expressar (CHEVALIER, 2014, p. 12, grifo meu).

Destaco que, dentro de uma narrativa ficcional (e, especialmente, metaficcional), a esfera dos diálogos é o espaço em que o autor mais possui liberdade para acionar sua imaginação. Embora muitas vezes resistentes ao longo dos tempos, os relatos orais nos quais as metaficções historiográficas se pautam sempre são suscetíveis à manipulação de seu narrador pela ausência de comprovações que lhe atestem a veracidade.

Seguindo essa tendência, Chevalier elabora o diálogo entre Elizabeth Philpot e Lorde Henley citado acima. Obviamente, a existência de ambos os personagens na vida real é comprovada, bem como os laços que os ligavam a Mary. Não se pode asseverar, no entanto, em que medida Henley foi contestado por não creditar os Anning pela descoberta do ictiossauro. Ao mesmo tempo, nada além do que boatos podem nos dizer sobre a ocorrência de um encontro entre o proprietário e Elizabeth Philpot e, principalmente, sobre os pontos discutidos nessa eventual reunião.

Sem pistas concretas nesse sentido, a autora adentra nesse cenário íntimo e transiente da oralidade para lançar sua perspectiva particular sobre as questões históricas revisitadas em seu romance. Ciente de que Lorde Henley e Elizabeth Philpot ocuparam lugares opostos no que tange à prática da ciência, a autora não perde a oportunidade de uni-los em um encontro possível, mas de pouca probabilidade no tempo do enunciado. De um lado, tem-se uma mulher solteira, letrada, que se sente na obrigação de defender o nome da colega de menor idade. De outro, tem-se um representante da aristocracia que reafirma o seu direito de soberania sobre suas terras e sobre aqueles que nelas vivem e trabalham.

Tanto a fala de Philpot como a de Henley nesse diálogo revelam bem mais do que a potência do sexismo na hierarquia das relações de poder modernas. A resposta dada pelo aristocrata à Philpot aponta para a convicção de que Mary Anning, particularmente, estaria amordaçada por duas forças irresistíveis: primeiro a subalternidade de classe e, em segundo lugar, a subalternidade de gênero.

Nesse ponto de discussão, mostra-se novamente oportuno recuperar as considerações de Gayatri Spivak em *Pode o subalterno falar?*. Ao analisar os condicionamentos sociais da protagonista de *A assinatura de todas as coisas*, argumentei não ser possível agrupar a personagem Alma Whittaker dentro das condições de subalternidade elencadas por Spivak, entre elas, a impossibilidade de falar por si próprio e o requisito de sustentar na diferença os principais traços formadores de sua identidade.

Ao pensar nos traços da personagem Mary Anning, contudo, a terminologia da teórica indiana deve ser aplicada de modo distinto. O diálogo entre Henley e Philpot, novamente, nos dá uma pista para essa relevante questão. Na conversa entre as duas

personagens, Mary Anning consiste na pauta principal, mas está ausente da discussão. Elizabeth coloca-se na posição de responsável pela colega e decide representar seus interesses nesse tenso encontro.

O senhorio, por sua vez, justifica a sua apresentação como descobridor do ictiossauro de maneira convergente à postura de Philpot (ele, também, julga-se no direito de substituir a voz de Mary). Afirmando Mary Anning como apêndice, dada a sua condição de mulher pobre, Henley atesta a incapacidade de fala da protagonista. Na sua visão, ele *tinha* que representá-la da mesma forma que fazia com tantos outros moradores de Lyme Regis que habitavam suas terras. Sem ao menos averiguar essa pretensa impossibilidade de expressão, Henley, enquanto senhorio, sentencia o silêncio de seus subalternos.

O diálogo entre Elizabeth e o poderoso proprietário não gera outras implicações. A conversa que se iniciou sem o conhecimento de Mary Anning também termina sem que a jovem caçadora de fósseis tome nota. O percurso de alienação traçado pela protagonista antes e após esse episódio comprova a sua falha em mensurar seu posicionamento inferiorizado no palco científico.

Após o embate com Lorde Henley, Elizabeth decide contar a Mary sobre a exposição de seu espécime em Londres e sobre a não menção de seu nome como descobridora do fóssil. Naturalmente, aguardando um sentimento de ultraje por parte da colega, Philpot surpreende-se por Anning não questionar por nenhum instante a sua própria exclusão desse cenário de exposição científica.

No momento em que ouve o relato de Elizabeth, as preocupações de Mary voltam-se unicamente para as condições de apresentação do ictiossauro e para a atenção que os expectores davam a ele. Mary continua tratando o espécime como se fosse seu, sem compreender que ela jamais havia verdadeiramente desfrutado desse direito de posse:

- Tinha muita gente? – perguntou.
- Muita. – Eu não disse que outras peças faziam mais sucesso.
- Muita, mesmo. Mais até que o número de moradores de Lyme?
- Bem mais. Está em exposição há meses; portanto, imagino que milhares de pessoas tenham visto.
- Toda essa gente vendo o meu croco. – Mary sorriu, os olhos brilhantes viraram para o mar, como se espreitassem uma fila de expectadores no horizonte, aguardando para ver o que ela iria descobrir a seguir (CHEVALIER, 2014, p. 130-131).

Amparada por essa mesma ilusão que a impede de perceber o peso da omissão de seu nome na exposição do Egyptian Hall, Mary Anning começa a sustentar uma postura determinada em relação ao seu futuro profissional. A descoberta do grande fóssil faz nascer nela a esperança de que encontraria outros mais junto com o irmão e que, inevitavelmente, o trabalho a enriqueceria.

O entusiasmo da protagonista, no entanto, é interrompido quando seu irmão Joe aceita uma proposta de emprego em uma oficina de estofamento. Joe, diferente de Mary Anning, apresenta os traços típicos da classe operária que eram impostos pela aristocracia da época. O rapaz não possui grandes ambições e detesta tornar-se foco de qualquer atenção. Um emprego digno que lhe proporcionasse as mínimas condições de subsistência seria o suficiente para ele.

Essa espécie de abandono da figura do sexo masculino que era referência em seu seio familiar, exige de Mary Anning uma decisão importante e, ao mesmo tempo, árdua. Continuar no trabalho de exploração sem Joe significaria não apenas ter de compensar a perda de uma força de trabalho expressiva, mas também ter de enfrentar os olhares que entendiam como pouco ortodoxo para uma moça o ofício que ela realizava.

Ainda que sob a angústia desses novos conflitos, a heroína decide persistir em seu trabalho. A escolha de Mary Anning é importante para que se possam vislumbrar dois aspectos nesse processo de formação científica da personagem: primeiro, ela torna-se verdadeiramente confiante acerca de seu potencial enquanto pesquisadora, ignorando as forças sociais e políticas que poderiam tolher o desenvolvimento de suas habilidades.

Em segundo lugar, a decisão de Anning também revela algo próximo de uma indiferença com relação aos paradigmas de gênero impostos até mesmo para as mulheres da classe operária vitoriana. O trabalho de exploração inevitavelmente exigia

mais presença no universo dominado pelos homens (a vida pública) do que naquele em que são cerceadas as mulheres (a vida privada). O trânsito por esse percurso marcado para outro sexo não aconteceria sem a repreensão dos olhares vigilantes e sem a possível imposição de um “ônus” a Mary Anning. Uma moça educada mais pelos ensinamentos da rua do que pelos mandamentos domésticos dificilmente estaria apta a casar futuramente. Parecendo tomar ciência desse fado, a protagonista reafirma sua inclinação na fala a seguir:

Na época eu era muito jovem para entender a escolha de Joe, porém, mais tarde percebi que ele queria ter uma vida comum. Não desejava ser motivo de comentários como eu era de risos por usar roupas esquisitas e passar tantas horas sozinha na praia em companhia apenas dos rochedos. Meu irmão queria o mesmo que as outras pessoas de Lyme: segurança e uma chance de ser respeitado; por isso, aceitou na hora o ofício de aprendiz. Eu não podia fazer nada. Se tivessem me oferecido uma oportunidade como essa de Joe, ou seja, se uma menina pudesse ser aprendiz de um ofício, será que eu aceitaria e me tornaria uma alfaiate, açougueira, ou padeira?

Não. As *curios* estavam nos meus ossos. Por mais que eu tivesse sofrido naquelas praias, não ia trocá-las por uma agulha, uma faca ou um fogão (CHEVALIER, 2014, p. 136).

De fato, a exposição do ictiossauro em Londres modifica consideravelmente o cotidiano de Mary Anning de uma maneira que lhe impede de perseguir uma vida comum. Diversos entusiastas aparecem nas praias de Lyme Regis à procura de criaturas similares à que estava exposta no museu de William Bullock.

Com entusiasmo, Mary acompanha esses homens doutos em suas expedições pela areia. É interessante notar que, embora no início ela se intimide com o conhecimento e a posição social desses senhores, aos poucos encontra um ponto de interlocução confortável para se comunicar com os estudiosos. Mesmo tendo a segurança necessária para corrigir esses pesquisadores quando necessário e ainda que fosse ela a responsável por encontrar os “curios” que eles levavam para suas coleções, Mary apenas consegue localizar-se nessa relação quando percebe que esses especialistas a tratam como criada:

Nunca estivera na companhia de senhores educados. Às vezes, a srta. Elizabeth vinha conosco, o que facilitava meu trabalho, pois era mais velha e do mesmo nível deles, e podia intermediar quando preciso. No começo, eu ficava nervosa quando estava sozinha com eles, preocupada em como me comportar e com o

que dizer. Mas eles me tratavam como uma criada, o que tornou tudo mais fácil, embora eu fosse uma criada que, às vezes, dizia o que pensava e os surpreendia (CHEVALIER, 2014, p. 138).

Novamente, a falta de entendimento da personagem Mary Anning em relação à sua exclusão da prática paleontológica torna-se fator central para o desenvolvimento da trama. Acomodada na posição de verdadeira criada daqueles a quem ela própria ensina, a heroína parece não mensurar o prejuízo causado pela cessão da fala e do próprio saber a indivíduos que contribuem para oprimi-la.

Dentre os pesquisadores que, na narrativa, estabelecem contato com Mary Anning estão William Buckland e o coronel Birch, ambas personalidades que são mencionadas com frequência nos relatos escritos e orais sobre a vida da exploradora (GOODHUE, 2004; EMLING, 2009; PASCOE, 2006). O contato com esses dois nomes proeminentes do universo da paleontologia dá ao romance a atmosfera ideal para uma maior imersão da protagonista de Lyme em discussões científicas de grande porte.

Em uma das cenas em que Mary Anning caminha ao lado de Buckland pela praia, surge o questionamento sobre a espécie a que pertenceria a grande criatura que ela houvera encontrado. A essa altura, após diálogos com Elizabeth Philpot, que introduzira as teorias de Georges Cuvier à amiga, Mary já estava convencida de que não se tratava de um crocodilo e sim de um espécime possivelmente extinto.

Durante o século XIX, fervilham os estudos e teses sobre o fenômeno da extinção, os quais eram constantemente confrontados pelos dogmas do cristianismo. Com sensibilidade notável, Chevalier transfere esse grande embate do pensamento científico moderno para a mente de pouca formação, mas de grande perspicácia de Mary Anning. A jovem pesquisadora, ainda que cerceada pelo temor religioso, não resiste ao instinto racionalista da dúvida:

[...] Philpot e eu ficamos pensando que animal seria esse, se não é um crocodilo. Aí ouvi o senhor conversando com um cavalheiro que trouxe aqui, o reverendo Conybeare. Falavam sobre o dilúvio...e tive de perguntar à srta. Elizabeth o que queriam dizer...e fiquei pensando: se esse não é um crocodilo que Noé teria colocado na Arca, então o que é? Será que Deus fez uma coisa que estava na Arca e nós não sabemos? Por isso, perguntei ao senhor (CHEVALIER, 2014, p. 154).

A resposta de Buckland, ainda que amparada pela erudição, não transmite uma perspectiva mais avançada ou minimamente mais ousada que a de Mary Anning. Relembrando que diversos estudiosos da época debatiam o tema, o pesquisador também se ampara nos dizeres bíblicos para justificar seu fascínio por seres desconhecidos como o fóssil encontrado por Mary:

– Meu amigo, o reverendo Conybeare, afirma que a Bíblia nos diz que Deus criou o Céu e a Terra, mas não como fez isso. Fica aberto à interpretação de cada um. Por isso estou aqui: para estudar esse ser incrível, encontrar outros para estudar e, através de uma cuidadosa pesquisa, chegar a uma conclusão. A geologia deve estar sempre a serviço da religião para estudar as maravilhas da criação de Deus e se encantar com o gênio Dele (CHEVALIER, 2014, p. 154).

Ainda tecendo os diálogos de Mary Anning com grandes personagens homens da paleontologia e da geologia britânica, a narrativa institui padrões distintos de interação. Muito embora em todos esses encontros a heroína seja alocada em uma posição de inferioridade, há as comunicações em que uma mínima troca de saberes é estabelecida (como exemplo, podem-se citar as conversas com William Buckland), mas existem também os diálogos pautados unicamente na exploração do conhecimento e experiência de Mary Anning.

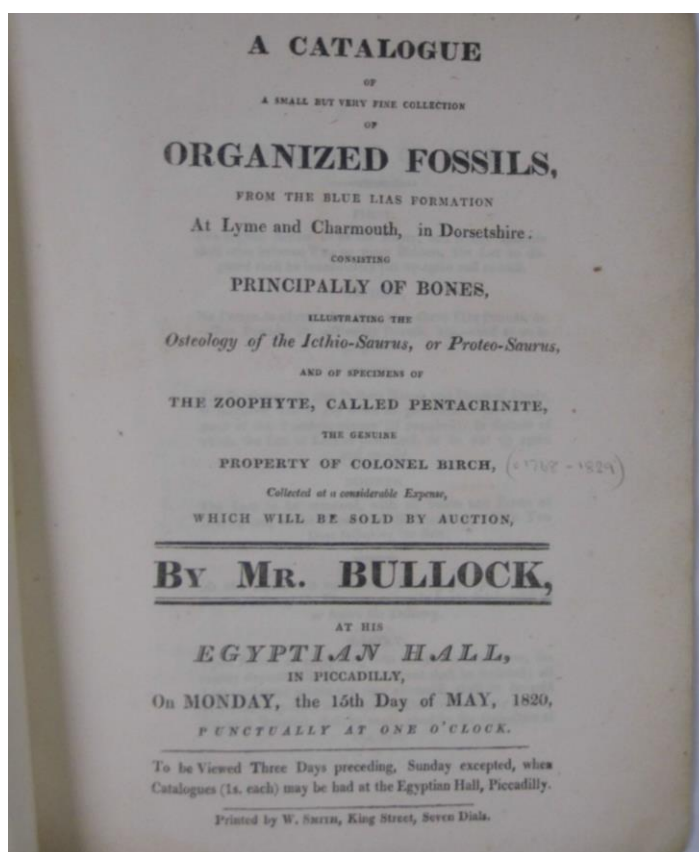
Para ilustrar esse segundo padrão de relacionamento, Chevalier escolhe o Coronel Thomas James Birch, de quem são inúmeros os boatos populares no que diz respeito à sua relação íntima com Mary Anning. Muito possivelmente, valendo-se de estudos que apontam Birch como comprador de fósseis e um amador em termos de geologia, a autora encontra nesse personagem a figura ideal para representar o que pode ocorrer de mais ignóbil no contexto das relações de gênero e trabalho.

No enredo, Birch provoca uma paixão instantânea em Mary Anning, que se sente ainda mais estimulada a caçar e presentear o colecionador com fósseis extraordinários. A caçadora consegue encontrar diversos espécimes de valor, sendo que, dentre elas, havia outro ictiossauro encontrado também nas praias de Lyme. Birch aceita de bom grado os presentes entregues por Anning, aventura-se em uma rápida experiência amorosa com a protagonista e finalmente retorna à sua cidade de origem acompanhado de todas as novas peças que adquirira para coleção.

Esse abandono abre espaço para que o romance demonstre o peso das questões afetivas na vida de Mary Anning. Ainda que a procura por fósseis tenha se tornado uma obsessão desde muito cedo, o anseio de firmar-se na profissão é colocado em segundo plano quando a heroína vislumbra a possibilidade de se realizar no amor. Posteriormente, trato de modo mais específico essa imersão da personagem nas questões que se referem ao afeto, ao corpo e à sexualidade.

Enquanto não apresento uma análise nesse âmbito privado e íntimo, no momento, cabe observar que a humilhação de Mary é, outra vez, alvo de protesto por parte de Elizabeth Philpot. Mesmo tendo ficado afastada da amiga por um longo tempo (também por questões de fórum privado e íntimo), Elizabeth acompanha de longe o sofrimento de Mary e se sente na responsabilidade de falar por ela, de reclamar as peças que Birch havia levado sem pagar.

Imagem 9 – Catálogo da venda dos fósseis do Coronel Birch em 1820



Fonte: <https://www.dominicwinter.co.uk>

Com esse intuito, a protagonista londrina aproveita um encontro com o colecionador para esclarecer-lhe a situação de miséria na qual ele havia esquecido Mary Anning. O clamor, inicialmente, parece não surtir efeito. Tempos depois, no entanto, aparece a notícia de que Birch iria leiloar a sua coleção em prol de Anning.

Conforme apontado pelo documento histórico acima (Imagem 9), a venda da coleção de Birch em prol da família Anning também ocorreu na realidade. Não se pode asseverar, no entanto, que Mary tenha sido mencionada de alguma forma na ocasião. A julgar pela contracapa do catálogo que anuncia o evento, pode-se inferir que a caçadora não recebe o merecido reconhecimento por ter encontrado alguns dos mais preciosos fósseis da coleção de Coronel Birch.

Ao contrário da direção que parecem ter tomado os fatos na vida real, no romance de Chevalier, promove-se uma pequena reparação ainda nesse episódio em que a coleção de Birch é vendida. Ao final do evento, o coronel revela o objetivo final do leilão e anuncia que foi Mary Anning a responsável por encontrar boa parte de sua coleção. O ato do colecionador, todavia, não soa como atitude sincera, honestamente enredada por um sentimento de culpa ou compaixão em relação à Mary.

Durante toda sua fala final, Birch dirige um olhar triunfante sobre Elizabeth Philpot. Certo de ter representado um papel de nobreza diante daquela que tanto o criticara, Birch sente-se em uma posição de superioridade em relação as duas paleontólogas. Afinal, com a sua ação, ele não só colocaria comida na mesa dos Anning, mas também comprovaria a Philpot que ele poderia ser melhor do que ela havia julgado. O reconhecimento surge, assim, com um tom paternalista de falsa comiseração.

O anúncio realizado por Birch aumenta a fama de Mary Anning que passa a ser ainda mais procurada por estudiosos na praia de Lyme Regis. A tranquilidade trazida pelos lucros do leilão motiva Mary a retornar ao trabalho, o que leva à descoberta do fóssil de mais uma criatura desconhecida: um plesiossauro (ser pertencente a uma ordem de répteis marinhos).

No momento da descoberta, Mary Anning e Elizabeth Philpot ainda estão afastadas pelos conflitos que coronel Birch gerara entre as duas. Porém, o anúncio do

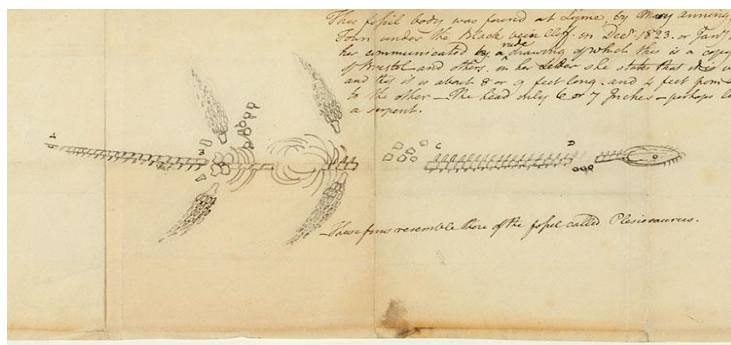
encontro de mais um espécime nunca antes visto gera em Elizabeth o impulso necessário para entrar clandestinamente na casa dos Anning e ver com os próprios olhos mais uma das proezas de Mary.

O que Philpot encontra é bem mais do que a impressionante ossada do animal que tinha dois metros e meio de comprimento. Observando minuciosamente a oficina que não frequentava havia anos, Philpot encontra um artigo científico de 29 páginas que um geólogo havia feito sobre os fósseis encontrados por Mary Anning. Na última página, a personagem depara-se com uma surpreendente anotação feita por Mary: “Quando eu escrever um texto, vai ter só um prefácio” (CHEVALIER, 2014, p. 277).

Elizabeth entende a nota como um claro indício de que Mary Anning planejava escrever artigos científicos algum dia. Tal plano, que Philpot encara como uma verdadeira ousadia, a faz sorrir. Muito embora ambas as personagens sejam tomadas pelo sentimento de rivalidade, o progressivo envolvimento de Mary Anning com a feição teórica da ciência parece trazer orgulho à mentora Philpot e entusiasmo à pupila de Lyme Regis.

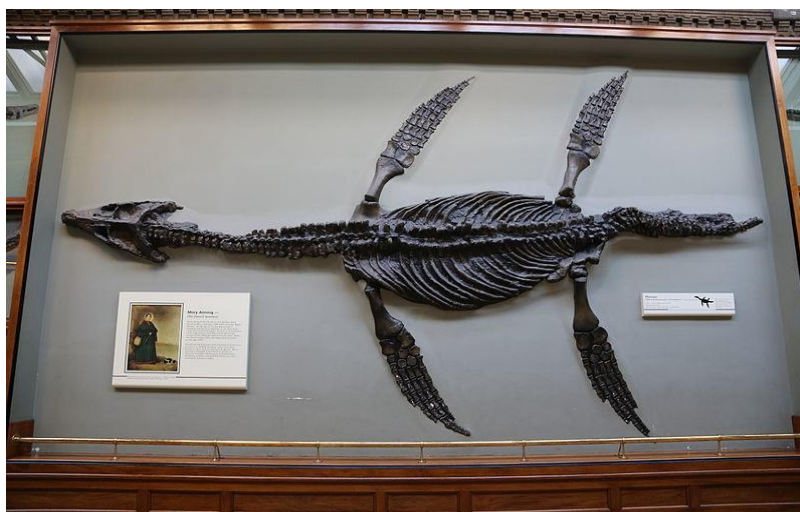
Nesse instante, cabe destacar a forma como os planos de Mary são recebidos por sua companheira de pesquisa. Ao entender o desejo de escrever um artigo científico como uma ousadia da parte de Anning, Philpot admite sua crença na impossibilidade de fala da jovem exploradora. Ainda que fosse a responsável por algumas das maiores descobertas da paleontologia, a posição social e de gênero de Mary Anning atuavam como dois entraves para que rompesse a fronteira dos binarismos modernos e se fizesse ouvir.

Imagem 10 – Esboço feito por Mary Anning de seu primeiro Plesiossauro.



Fonte: <https://www.nhm.ac.uk>

Imagem 11 – Plesiossauro descoberto por Mary Anning



Fonte: <https://www.atlasobscura.com/places/mary-annings-plesiosaur>

Como mencionei anteriormente, na obra de Tracy Chevalier, a entrega de Mary Anning ao trabalho científico parece não vir acompanhada de uma assimilação razoável dessas relações desiguais instauradas no campo de produção de conhecimento. Sua euforia com a descoberta do Plesiossauro é tamanha que a protagonista decide escrever ela própria para o grande paleontólogo Georges Cuvier anunciando a sua descoberta.

Jamais tendo visto algo semelhante à criatura delineada no esboço de Mary Anning, o estudioso conclui que o fóssil era uma farsa e que seus ossos haviam sido montados a partir de dois animais distintos. Na narrativa, essa negativa resposta de Cuvier vem por meio de uma carta do Museu Nacional de História Natural de Paris direcionada a Mary Anning.

Ao contrário do que ocorre na ficção, estudiosos da área indicam que a descoberta dos Anning chega a Cuvier por intermédio de uma carta de Georges Cumberland⁴⁵ e que a resposta do estudioso francês aparece em missiva direcionada a William Conybeare⁴⁶ (EMILING, 2009; VINCENT et al., 2014). Sendo assim, em mais

⁴⁵ Artista e colecionador de fósseis inglês (1754-1858)

⁴⁶ Prestigiado paleontólogo inglês (1787-1857) e um dos primeiros a tomar conhecimento do Plesiossauro descoberto por Mary Anning.

essa etapa do romance, é evidente o emprego da ficção em meio à referência a fatos documentados.

Essa imprecisão que invade o leitor, que não sabe dizer ao certo o que são falas históricas e o que é discurso ficcional é um dos principais traços da metaficção historiográfica. Sabendo-se que o renomado Georges Cuvier nega, inicialmente, a veracidade da descoberta de Mary Anning, cabe à literatura o papel de revisitar os contextos de emissão e reverberação dessa fala deslegitimadora.

As palavras de descrédito enviadas por Cuvier a Conybeare são, em última instância, relacionadas à Mary Anning e ao seu trabalho como paleontóloga. O fato de a carta não ter sido direcionada a ela, revela, por si só, a insignificância a qual o “pai da paleontologia” atribuía a caçadores da classe trabalhadora como a jovem de Lyme Regis.

Atenta a essas repetidas práticas de exclusão (Mary jamais fala por si e os grandes estudiosos sempre se dirigem a outra pessoa quando querem abordar o trabalho dela), Chevalier reconstrói os passos desse diálogo histórico. Na ficção, Cuvier e Anning comunicam-se diretamente e, nessa interlocução sem mediadores, fica ainda mais clara a atmosfera limitadora da ciência moderna para a atuação das mulheres.

Na carta ficcional, enviada a Mary Anning pelo Museu de História Natural a pedido de Cuvier, destacam-se o tom austero da comunicação e o fechamento de qualquer canal de interlocução para a exploradora. Percebendo que o esboço feito por Mary desafia as suas próprias teorias anatômicas, o cientista francês opta por julgar a descoberta da pesquisadora como inverídica e improcedente. A vontade de verdade impede que o renomado intelectual admita inconsistências em seu próprio trabalho teórico:

O barão Cuvier estudou com interesse o desenho que a senhorita anexou à carta e acredita que foram reunidos dois animais diversos, talvez a cabeça de uma serpente marinha com o corpo de um ictiossauro. O estado confuso das vértebras pouco abaixo da cabeça parece indicar a dessemelhança dos dois espécimes.

O barão Cuvier acredita que a estrutura do citado Plesiossauro diverge de algumas leis da anatomia estabelecidas por ele. [...]

Considerando a avaliação do barão Cuvier sobre o espécime, não estamos interessados em adquiri-lo. No futuro, mademoiselle, seria aconselhável que sua família tomasse mais cuidado ao coletar e apresentar espécimes (CHEVALIER, 2014, p. 280-281).

Retrato 5 – George Cuvier



Fonte: <http://victorian-era.org/images>

De maneira similar ao que ocorreu na realidade, também em *Seres incríveis* Cuvier acaba por ceder e reconhece a veracidade e importância do fóssil descoberto por Mary Anning. O retorno positivo do estudioso aumenta as perspectivas de Mary em torno de sua inserção no trabalho científico. Ao saber que o pesquisador demonstrava interesse em adquirir algum de seus plesiossauros, Mary pouco se importa com o preço de venda. Contrariando as perspectivas comerciais de sua mãe, a jovem exploradora estabelece como prioridade ser reconhecida como parte do grupo social que produz e difunde conhecimento científico em sociedade.

Percebe-se que, nesse estágio da trama, o mundo dos fósseis passa a significar um espaço de pertencimento nunca antes frequentado por Mary Anning. Desenganada em relação ao amor romântico e desinteressada em fazer fortuna por meio de seu trabalho, Anning ancora-se na concepção de vida que a prática paleontológica lhe propunha:

Sim, eu precisava ser paga pelo que fazia. Mas, naquele momento, os fósseis para mim eram mais do que dinheiro, haviam se tornado um jeito de viver, um verdadeiro mundo de pedra do qual eu fazia parte. Às vezes, eu até pensava em meu próprio corpo, depois da morte, virando pedra daqui a milhares de anos. Se alguém me tirasse da pedra, o que faria comigo? (CHEVALIER, 2014, p. 333).

Essa identificação que a personagem passa a estabelecer entre si e o trabalho científico certamente vem circundada de uma série de conflitos que dizem respeito à sua subjetividade. Hall (2006) destaca que o conceito de identidade entra em crise quando a perspectiva centralizada e individualizada do sujeito iluminista é gradativamente desmontada por dois marcos históricos: primeiro, a perspectiva do sujeito sociológico (que se constitui de maneira relacional) e do sujeito pós-moderno (que não possui identidade fixa e apresenta traços suscetíveis e adaptáveis à tônica dos sistemas culturais vigentes).

Ao se enxergar como ser pertencente ao universo científico, Mary Anning rompe com a linearidade identitária imposta às mulheres dentro da modernidade. A ânsia pelo conhecimento, o trabalho que exige um esforço descomunal e a circulação do corpo por cenários públicos são padrões incompatíveis com o protótipo moderno de feminilidade.

O atravessar de fronteiras empreendido pela heroína, dessa forma, muito se deve à estrutura não convencional de suas relações sociais. O acesso a figuras de maior instrução (especialmente Elizabeth Philpot) dá a Anning a oportunidade de conhecer possibilidades outras tanto no que se refere à esfera íntima quanto à pública. Confirmando, pois, a tese de que a subjetividade é também produto das interações sociais, Mary Anning não só se encanta pelo mundo dos estudiosos a quem é apresentada, como também deseja fazer parte dele.

Por outro lado, essa capacidade de desafiar identidades estáveis do passado revela, na concepção da personagem, uma consciência clara das manifestações

identitárias pós-modernas. Se a figura histórica Mary Anning ainda não vivia no contexto contra-paradigmático da pós-modernidade, a sua postura evidentemente aproxima-se dos ideais defendidos principalmente pelas minorias a partir da segunda metade do século XX.

É preciso ponderar que, ao decorrer do romance, o sonho de Mary Anning, guiado por sua personalidade determinada, não consegue vencer a divisa do desejo. Por mais proeminentes que as suas descobertas continuem a ser, sua figura manifesta-se nos grandes encontros científicos apenas por meio de breves menções. Na perspectiva histórica, também se evidencia esse traço de frustração. Inclusive, no pós-escrito, Tracy Chevalier releva que, de fato, a paleontóloga tinha o anseio de produzir artigos científicos, mas que morre sem satisfazer o objetivo.

Apesar dessa constatação, é notável que o percurso traçado pela personagem e pela personalidade Mary Anning torna impraticável a sua vinculação aos ideais identitários do mundo moderno. De toda imbricação entre moderno, pós-moderno e contemporâneo que tenho buscado identificar nos liames dessas obras sobre mulher e ciência, penso ter obtido uma constatação maior: o conhecimento, na modernidade (e especialmente no século XIX), não é admitido ao universo feminino como realidade e tampouco como projeto.

Assim, ousar imaginar-se como produtora do saber dentro dessa perspectiva e sob esse cenário implica, para a mulher, uma imediata desvinculação dos parâmetros de normalidade comportamental da época. Esse rompimento dos limites das identidades consideradas primeiras evoca a marginalização dos estereótipos, como aponta Hall (2016) em obra já citada nesta tese.

Essa segregação ocorre com Mary Anning, na narrativa, e acontece de forma não só a representar o peso de injustiças históricas, mas também de narrar a dignidade e a inovação (revisão) que podem insurgir nesses episódios de banimento dos centros de poder e saber. É preciso reconhecer também que essa identidade dissidente que caracteriza a personagem literária e que até mesmo folcloriza a figura histórica de Mary Anning não pode ser analisada e compreendida de forma isolada.

Os traços que fazem a heroína dar um passo além da modernidade são concebidos também nas suas relações com a alteridade. O outro, seja ele manifesto na

forma do masculino, do próprio feminino e do eu em si (sob uma perspectiva que não a profissional) é determinante para que se entenda Mary Anning e, particularmente, a sua representação literária como ícones de mudança paradigmática.

A seguir, pensando nessa magnitude da presença do próximo para a constituição de si, ainda me detenho no âmbito profissional, mas agora me concentrando nas ações da personagem Elizabeth Philpot. Partindo do pressuposto de que a estudiosa londrina possui mais acesso ao conhecimento científico que Mary Anning, procuro analisar o seu trato com o saber não institucionalizado da pequena caçadora de Lyme Regis. Esse intercâmbio de conceitos e experiências entre representantes de um mesmo gênero será importante para ratificar a feição misógina da ciência, mas também para revelar que o sexismo epistêmico se manifesta em diversas ordens e gradações.

3.2.1.2 *Philpot: uma revência à exploração*

Nos primeiros contatos que o leitor de *Seres incríveis* tem com a voz de Elizabeth Philpot, a protagonista narra a história de seu interesse por fósseis. Pela descrição realizada, verifica-se que também em Philpot encontra-se uma personagem alheia a alguns dos mais rígidos ditames vitorianos. Desenganada sobre a possibilidade de cumprir o destino esperado para a maioria das mulheres da época, a heroína encara o estudo e a prática paleontológica como uma salvação:

Morávamos fazia pouco tempo no Chalé Morley, quando tive certeza de que os fósseis se tornariam a minha paixão. Porque eu precisava descobrir uma paixão: estava com 25 anos, não tinha perspectiva de casar e precisava de uma ocupação para preencher meus dias. É muito tedioso, às vezes, ser uma dama (CHEVALIER, 2014, p. 26).

É importante destacar que, mesmo não tendo se casado, Philpot e suas irmãs não deixariam de serem alvos da vigília e das coerções impostas pelo biopoder. Seus corpos de mulher, embora cada vez mais se confirmassem como destinados à solidão, deveriam sempre zelar pela imagem que seus atos reproduziam. As irmãs da protagonista, claramente, perseguem essa recomendação: enquanto a jovem Margaret ainda faz aparições em eventos sociais com a esperança de encontrar um pretendente, Louise entende a jardinagem como uma ocupação digna para uma mulher solteira.

Contrariando o direcionamento de ambas, Philpot não resiste ao encantamento da ocupação peculiar que escolhera. Ciente do estereótipo que a sociedade vitoriana lhe impusera (“solteirona”), a personagem não mais vê utilidade para a máscara de feminilidade ainda sustentada por suas irmãs. Era tempo de agir conforme o instinto lhe orientava:

Quanto a mim, bastou a primeira descoberta de uma amonite dourada brilhando na praia entre Lyme e Charmouth para eu sucumbir à sedutora emoção de encontrar um tesouro inesperado. Comecei a frequentar as praias cada vez mais, ainda que, na época, poucas mulheres se interessassem por fósseis. Isso era visto como uma atividade suja e misteriosa, inadequada a uma dama. Eu não me incomodava. Não havia ninguém que eu quisesse impressionar com a minha feminilidade (CHEVALIER, 2014, p. 27).

Esse caráter atípico da personalidade de Philpot é reiterado a todo instante no início da narrativa. Esclarecendo as dificuldades financeiras em que a família se encontrava após a morte do pai, a protagonista afirma que as economias que lhe sobravam eram sempre dedicadas à aquisição de livros de história natural. Seus interesses, assim, não correm em direção à frivolidade incentivada às suas contemporâneas. A moda, os bailes e a imaginação dos romances sempre são relegados a segundo plano na lista de prioridades de Elizabeth.

Já descrevi anteriormente a forma como Philpot e Mary Anning se conhecem. A paixão que a londrina nutre em torno dos fósseis contribui para que ela demonstre uma intensa curiosidade acerca do trabalho de Anning. Em pouco tempo, as duas tornam-se companheiras de trabalho, caminhando lado a lado na praia em busca de criaturas incomuns. A parceria que se estabelece, no entanto, não deixa que se esvaíam as lacunas entre as personagens.

Advinda da classe média e sendo dezenove anos mais velha que Mary Anning, Philpot invariavelmente se comporta como responsável pela orientação profissional da amiga. Ao mesmo tempo em que se surpreende com o instinto de caça de Mary Anning, Elizabeth também julga o preparo da jovem para assimilar os maiores mistérios da ciência. Para Philpot, a pouca idade e a formação provinciana seriam dois fatores que distanciavam Mary Anning de uma capacidade de compreensão maior.

No momento em que Mary descobre o seu primeiro ictiossauro, percebe-se fortemente essa postura condescendente por parte de Philpot. Desconfiada de que os ossos encontrados pertenciam a uma criatura já extinta, a estudiosa poupa Mary de sua hipótese perturbadora:

Se aquele animal não era um crocodilo, então o que era? Não comentei com Mary essa preocupação que começara na praia; preferia pensar melhor no assunto. Ela era jovem demais para enfrentar dúvidas tão inquietantes. Conversando sobre fósseis com os moradores de Lyme, descobri que poucos queriam se aventurar por territórios desconhecidos, preferiam manter suas superstições e deixar as perguntas irrespondíveis por conta de Deus, em vez de procurar uma explicação racional que pudesse alterar sua opinião (CHEVALIER, 2014, p. 98).

Passagens como essa auxiliam na apresentação do caráter da personagem. Profundamente crente na racionalidade científica, Philpot caminha pelo desejo de uma verdade alheia aos preceitos do espírito, do instinto e, supostamente, dos dogmas culturais. Pautando-nos nas concepções binárias que povoam a modernidade, vislumbra-se o movimento de fuga que a protagonista realiza em relação ao lado “feminino” da fronteira. Seu comportamento e seus anseios caminham em direção a tudo o que é considerado como mais masculino na sociedade oitocentista: a razão, a frieza, a autonomia.

Também é importante destacar a atitude paternalista com a qual Elizabeth se dirige a Mary nesse momento de maior descoberta e em tantos outros episódios subsequentes. Philpot, notoriamente, sustenta um sentimento de distinção com relação aos moradores de Lyme Regis. Distinção essa que não se dá simplesmente por sua estirpe social, mas sim por sua capacidade de questionamento científico. Ainda que permaneça crente em um deus, Philpot percebe-se como parte de um pequeno grupo que ousa investigar a real lógica da teoria criacionista.

A identificação da personagem em relação ao pensamento científico e a objeção que ela apresenta acerca de fontes alternativas de conhecimento, todavia, não garantem que ela trace uma trajetória linear em seu percurso profissional. Se a barreira social lhe permite uma sobreposição contínua em relação aos saberes de Mary Anning e de seus conterrâneos, a fronteira de gênero afasta-lhe repetidamente dos palcos em que se certifica a produção de conhecimento.

Dentro desse âmbito, é relevante, por exemplo, a passagem em que a personagem visita o Museu Britânico e procura um espécime completo de *dapedium*⁴⁷ que ela havia doado à instituição. O fóssil é devidamente exibido, mas na etiqueta de apresentação o colecionador é identificado apenas como Philpot, apagando-se, assim, qualquer referência ao sexo de Elizabeth. A omissão irrita intensamente a estudiosa que, a despeito de sua contrariedade, sente-se de mãos atadas em relação a atitudes como essa. Afinal, considerava-se surpreendente que um museu simplesmente valorizasse ou mesmo expusesse alguma peça descoberta por uma mulher.

Cabe também lembrar a cena em que Philpot discute com o lorde Henley pela não indicação do nome de Mary Anning na exposição do ictiossauro. Embora o impulso em defesa de Anning revele uma tendência paternalista em Philpot (tendência essa comum aos homens da ciência), a paleontóloga sai da discussão com o sentimento de ter sido diminuída em razão de seu sexo.

Estava furiosa com lorde Henley por menosprezar uma descoberta científica; por transformar um mistério do mundo em coisa banal e idiota; por me jogar na cara meu próprio sexo como se fosse uma vergonha ser mulher. Realmente, um apêndice.

Mas, acima de tudo, eu estava furiosa comigo mesma. Na época, morava em Lyme Regis há nove anos e tinha passado a valorizar minha independência e franqueza. Mas não tinha aprendido a aguentar os lordes Henley da vida. Não consegui dizer a ele o que achava de ter vendido o espécime de Mary da maneira que ele entendesse. Em vez disso, ele me ridicularizou e me fez sentir como se eu é que tivesse dito alguma coisa errada (CHEVALIER, 2014, p. 127).

Essa intrincada alternância entre o impulso de independência sustentado por Philpot e o peso dos preceitos sociais é algo abordado por reiteradas vezes ao longo da narrativa. De forma análoga ao que ocorre nesse embate com o lorde Henley, não são raras as vezes em que a heroína assume o papel de porta-voz de Mary Anning concluindo a incapacidade de expressão da companheira.

É também a partir desse princípio que ela adentra no leilão promovido por Coronel Birch – “Por Mary, eu tinha que estar lá” (CHEVALIER, 2014, p. 230). Todavia, ainda nesse episódio, o olhar superior masculino desafia Elizabeth quando Birch revela

⁴⁷ Peixe primitivo que viveu entre os períodos Triássico e Jurássico.

o objetivo filantrópico do evento. Uma vez mais, a protagonista sente-se vencida. A razão e a palavra final não haviam ficado do seu lado.

A despeito disso e mesmo após a emergência de conflitos entre Anning e Philpot, a pesquisadora londrina persevera em seu compromisso de defesa de Mary frente a teóricos do sexo masculino. A certa altura do romance, Elizabeth reconhece que Mary Anning a havia superado por meio das inúmeras descobertas que apresentara à ciência. A epifania sobre sua relevância menor traz, em um primeiro momento, uma atmosfera de rivalidade que irei abordar posteriormente. Com o passar dos anos, no entanto, Philpot compreende a imprescindibilidade do sucesso de Mary para que ela e outras mulheres conquistassem mais vitórias no campo do conhecimento.

Guiando-se por essa visão, a heroína toma uma decisão extrema quando é informada da desconfiança de Cuvier sobre o plesiossauro encontrado por Mary. Sabendo que o fóssil seria apresentado no jantar anual da Sociedade de Geologia, Philpot decide viajar sozinha de navio para Londres no árduo inverno inglês para afirmar a dignidade e legitimidade do trabalho de sua antiga companheira.

O ato, que revela um espírito de sororidade para além do paternalismo antes transparecido em Philpot, também vale como rito de passagem, como condição para a evolução de caráter da personagem. Não se pode esquecer que a viagem é o elemento chave para o amadurecimento de Alma Whittaker em *A assinatura de todas as coisas*.

Não considero que *Seres incríveis* possua todos os elementos para ser entendido como romance de formação completo, consolidado. Afinal, quando termina o romance, outras provações e questionamentos ficam subentendidos no percurso futuro de Mary Anning e Elizabeth Philpot. Todavia, a qualidade de romance de formação em aberto não é impeditivo para que se pense a aventura em alto-mar de Elizabeth Philpot como uma metáfora extremamente semelhante àquela construída durante a excursão travada por Alma. Em ambas as viagens, se tem a simbologia da novidade, da coragem e da entrega que tanto caracteriza o espírito moderno e se distancia do arquétipo de feminilidade:

[...] Eu não podia ficar parada enquanto aumentava a desconfiança sobre a competência [de Mary], embora os homens soubessem que ela era melhor que todos eles.

[...]

Havia mais uma coisa. Aquela era minha oportunidade de aventura numa vida desventurada. Eu nunca viajara sozinha, estava sempre com irmãs ou irmão, com parentes ou amigos. Por mais seguro que isso fosse, era um impedimento que às vezes ameaçava me sufocar (GILBERT, 2014, p. 285).

Nesse momento em que Philpot assume a viagem de navio como uma prática de libertação, ficam ainda mais proeminentes os paralelos existentes entre as lutas assumidas pelas duas protagonistas. Enquanto a busca de Mary Anning é, primeiramente, pela subsistência e, posteriormente, pelo direito de fala, Philpot tem como maior obsessão a experiência na esfera pública. Elizabeth admira a emancipação forçada do corpo de Mary, que transita pelas praias sem ter tempo de se preocupar com os comentários alheios. Mas, além de admirar, Elizabeth também lhe inveja essa liberdade.

Essa cobiça ou fascínio diante do destaque de Mary é um dos maiores incentivos para que Elizabeth auxilie no processo de afirmação de sua companheira. Percebe-se que, nas últimas etapas da narrativa, Philpot enxerga em Mary Anning um potencial de representatividade que as mulheres sempre buscaram nas ciências. Nesse sentido, lutar pelo reconhecimento de Anning e garantir-lhe espaço de fala no âmbito do conhecimento também significa a própria afirmação de Elizabeth como sujeito e cientista.

Além da aventura solitária em alto-mar, a personagem estabelece o ousado plano de adentrar no jantar anual da Sociedade de Geologia, a fim de interceder pelo nome de Mary Anning. Contudo, há época, era proibida a presença de mulheres nos encontros da entidade. Diante de mais esse entrave, Elizabeth planeja o ingresso no renomado encontro acompanhada de seu sobrinho Johnny.

Essa figura masculina que poderia dar à heroína mais possibilidades de sucesso em seu intento exerce, em pouco tempo, um papel marcante na trajetória de Philpot. Ao ouvir a tia explicar teorias sobre a origem da vida na Terra, Johnny torna-se uma das poucas pessoas a perguntar qual era a opinião particular de Elizabeth sobre o tema. O interesse de um outro indivíduo por sua opinião (e especialmente de uma pessoa do

sexo oposto) dá um ânimo renovado à protagonista, que, finalmente, consegue formular a sua tese:

Entendo o que está escrito na Bíblia como figurativo e não literal. Por exemplo, acho que os seis dias da criação do mundo não são dias literalmente, mas fases da criação, que levou milhares ou centenas de milhares de anos. Isso não desmerece Deus, apenas dá a Ele mais tempo para criar esse mundo extraordinário (CHEVALIER, 2014, p. 294-295).

Na fala da personagem, identifica-se uma reinterpretação do discurso bíblico. Ainda que influenciada pelo o peso da educação religiosa, Philpot não se sente impedida de fazer uma apropriação pouco convencional dos dogmas de sua religião. A pesquisa científica e os estudos empíricos dão à Elizabeth (mulher, do século XIX, cerceada por infindas normas) a segurança necessária para questionar toda uma tradição diante de si.

É com essa determinação e autoconfiança que Philpot finalmente se dirige à Sociedade de Geologia acompanhada de seu sobrinho. Revestida com essa nova aura resoluto, a estudiosa consegue avançar nas primeiras etapas de seu intento. Com bastante eloquência, ela convence o porteiro a chamar os organizadores da reunião. Entretanto, quando se vê diante dos celebrados William Buckland e reverendo Conybeare, Philpot resguarda-se por detrás da máscara de feminilidade definida por Riviere (2005):

Empertiguei-me e tentei encará-los com a mesma segurança que usara com o funcionário do cais e o porteiro da Sociedade. Entretanto, foi mais difícil, eram dois me olhando, além de Johnny. E eles eram mais eruditos e mais seguros. Eu podia ter algum poder sobre um funcionário de alfândega e um porteiro, mas não sobre alguém da mesma classe que eu. Em vez de fixar a atenção no sr. Buckland que, como futuro presidente da Sociedade, era o mais importante, olhei para meu sobrinho e, feito boba, disse:

- Gostaria de falar sobre a srta. Anning (CHEVALIER, 2014, p. 298).

A fala e os olhares vagos de Elizabeth geram impaciência nos anfitriões que ameaçam deixá-la para cuidar dos assuntos referentes ao encontro daquela noite. Nesse momento, apresenta-se uma das cenas mais emblemáticas da narrativa. Philpot acostumara-se a falar por aqueles que lhes eram subalternos, principalmente em termos de classe. Contudo, no instante em que é ela que está abaixo nas relações de

poder, a afasia também lhe caracteriza. É preciso que o seu sobrinho chame a atenção dos distintos senhores anunciando a carta de Cuvier sobre o fóssil encontrado por Mary Anning.

De alguma forma, pode-se entender o ímpeto de coragem de Elizabeth e o seu consequente bloqueio na Sociedade de Geologia como uma divisa entre a trajetória particular da personagem no mundo das ciências e a sua caminhada ao lado de alguém do mesmo gênero e com dificuldades similares. Nas duas vias, as barreiras são distintas e ganham pesos diversos.

Sendo assim, se os registros históricos pouco esclarecem sobre Elizabeth Philpot, Tracy Chevalier lhe reconstrói toda uma existência, dando-lhe um papel para além de mera coadjuvante. Em *Seres incríveis*, é por meio do protagonismo que Elizabeth Philpot ajuda a problematizar a figura da própria Mary Anning. A ficção que marca a voz de Philpot traz intimidade aos feitos da exploradora de Lyme Regis, abarca os medos, os anseios e as frustrações que, de modo plausível, poderiam ter circundado o espírito de qualquer cientista mulher nascida na Idade Moderna.

As duas companheiras, por sua vez, nas trajetórias que perseguem em conjunto ou de forma oposta provocam a necessidade de reflexão sobre: a posição da mulher no campo cognitivo, a hierarquia entre as próprias mulheres no âmbito de produção do conhecimento e as limitações para se instituir uma política desgendada no interior da prática científica.

Apresentada pois, essa perspectiva sobre o perfil profissional das duas protagonistas de *Seres incríveis*, é o momento de investigar de que forma os olhares das duas estudiosas convergem e incitam um questionamento pontual sobre a possibilidade de se instituir uma ciência alheia aos parâmetros do pensamento moderno.

3.2.1.3 O feminino como concessão e rivalidade

Feminismo e Marxismo são duas correntes que frequentemente apresentam tensões em suas tentativas de interlocução. Quando se pensa nas manifestações primeiras das duas concepções observa-se, sobretudo, uma preocupação em

comprovar um único núcleo opressor como origem de todas as formas de opressão. Daí advêm, por exemplo, as teorias que subordinam a diferença sexual às questões de classe e do trabalho e também os olhares que entendem a dominação masculina como fator uniformizador da experiência feminina a despeito dos efeitos do sistema produtivo vigente em cada indivíduo.

Com o passar dos anos, essas visões partidaristas sofrem alterações e, nas últimas décadas do século XX, propõe-se que o estudo da sociedade em sua complexidade e eventuais medidas de alteração da realidade posta considerem as imbricações de pelo menos três eixos: raça, classe e gênero. Convenciona-se, assim, o conceito de interseccionalidade, que, nos termos de Sirma Bilge (2009):

[...] remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (BILGE, 2009 apud HIRATA, 2014, p. 63).

Essa nova realidade contribuiu para que houvesse algumas problematizações dentro do pensamento feminista. A maior delas diz respeito à tentativa de demonstrar que a divisão do trabalho ocupava um papel central no âmbito da submissão das mulheres. Desse marco inicial emergiram análises sobre as implicações de gênero no interior da máquina capitalista e questionou-se o impacto da hierarquia entre as mulheres “mostrando que os privilégios de classe as posicionam diferentemente” (BIROLI; MIGUEL, 2015, p. 32-33).

Essa diferença, em última instância, diz respeito ao raio de dominação alcançado pelas mulheres em suas relações sociais. Conforme definido por Heleieth Saffioti (2013, p. 133), “se as mulheres da classe dominante nunca puderam dominar os homens de sua classe, puderam, por outro lado, dispor concreta e livremente da força de trabalho de homens e mulheres da classe dominada”.

Esse tom de interseccionalidade é basilar para a análise das relações estabelecidas entre Mary Anning e Elizabeth Philpot. Até o momento, abordei a forma como o conhecimento se apresenta individualmente para as duas no enredo de *Seres*

incríveis. Pontuei aqui o racionalismo e a erudição de Philpot em oposição ao experimentalismo e a pouca formação institucional de Anning.

Esses fatores, no âmbito dos textos históricos, são frequentemente utilizados para argumentar sobre o caminho e as conexões inusitadas proporcionados pelo talento de Mary Anning. Chevalier, por sua vez, opta por explorar essa relação entre as duas cientistas de uma maneira alternativa. A autora parece partilhar do entendimento de que o gênero é uma categoria crucial para compreender as relações de trabalho e que, dentro do sexo subjugado, há inúmeras subdivisões da opressão.

Partindo dessa concepção, a autora centraliza duas esferas de conflito em seu romance: primeiro, o embate entre o saber feminino e o masculino e, segundo os enfrentamentos emergidos dentro do próprio coletivo mulheres quando busca assumir para si a legitimidade científica.

No que diz respeito ao primeiro aspecto, diversas das passagens já citadas aqui demonstram a hostilidade com que Mary e Elizabeth são mencionadas e recebidas em espaços de produção e divulgação do conhecimento. Mas, há ainda muitos outros acontecimentos da narrativa que atuam na mesma direção. É notável, por exemplo, o fato de que o primeiro grande fóssil encontrado por Mary é nomeado de ictiossauro sem a sua participação. “Confiavam nela para achar novos espécimes, mas não para participar dos estudos sobre ele” (CHEVALIER, 2014, p. 182).

Anos após essa primeira descoberta e mesmo depois de comprovada a importância de Mary Anning para as teorias científicas da época, a personagem continua sendo classificada como uma mera caçadora de fósseis que jamais poderia tomar parte nos debates sobre paleontologia. Quando Elizabeth revela ao reverendo Conybeare e a Buckland sobre a carta que Mary Anning havia enviado a Cuvier, o primeiro não hesita em demonstrar toda a sua contrariedade. Qualificando a estudiosa como quase analfabeta, ele defende que o fóssil de Plesiossauro seria muito melhor apresentado por membros da sociedade de geologia.

Nessa mesma ocasião em que a capacidade intelectual de Mary é insultada, Elizabeth precisa da ajuda do sobrinho para implorar que o nome da amiga seja defendido no jantar da Sociedade de Geologia. Somente após a ameaça de Johnny de fazer um escândalo sobre as correspondências trocadas por Anning e Cuvier, Buckland

e Conybeare concordam em mencionar em bom tom o nome da exploradora de Lyme Regis.

No contexto narrativo, o edifício da Sociedade de Geologia é o último espaço acadêmico com o qual o corpo ou o nome das duas protagonistas tem contato. A forma como a sua presença ou memória é tratada nesse espaço de institucionalização do saber é profundamente sintomática. Impedida de participar do encontro por questões normativas, Philpot recebe de Buckland a autorização para que ela e seu sobrinho se abriguem em um cômodo dos fundos do prédio, onde conseguem ouvir as discussões sem serem vistos.

A descrição dessa cena clandestina vivenciada por Elizabeth torna-se uma metáfora eloquente da posição das mulheres no contexto de produção científica. Por maior que fosse o seu desejo em conhecer e discutir a verdade do conhecimento, Philpot seria continuamente obstruída por uma barreira masculina. O cômodo frio, escuro e silencioso em que ela é acomodada é também retrato dos espaços em que o corpo feminino e vitoriano é encarcerado: o lar, o quarto conjugal, o confessionário. Em todos esses ambientes, assim como no local em que Philpot é isolada dos senhores do saber, tem-se como ordem a subserviência feminina e o domínio dos homens:

Johnny e eu nos sentamos em cadeiras no patamar que ficava do lado de fora, nos fundos da sala. Deixamos a porta bem aberta para podermos ouvir, mas só víamos os senhores que estavam em frente à porta da sala lotada. **Eu me sentia aprisionada atrás de um muro de homens que me separava do fato principal** (CHEVALIER, 2014, p. 304, grifo meu).

Nesse cômodo periférico, a heroína ouve um longo discurso sobre a descoberta do plesiossauro, sobre sua forma anatômica desconhecida, sobre o possível marco instituído por esse espécime nos estudos geológicos. Ela também percebe o tom de posse com que o reverendo Conybeare se refere à criatura e a maneira como o palestrante tenta vincular a análise do extinto réptil às observações já apontadas pelo renomado Cuvier.

Ao longo dessa fala firme e regada de autoridade, pouco se faz referência a Mary Anning. De maneira mais exata, a caçadora é mencionada apenas duas vezes durante o evento. Na primeira delas, o reverendo faz alusão indireta a Mary alegando que a primeira montagem do plesiossauro havia sido feita de maneira equivocada pelo

proprietário. Na segunda, realiza-se um breve e insignificante agradecimento à caçadora por ter descoberto e extraído o espécime.

Assim, o jantar termina de maneira desoladora para Philpot. Acometida por uma pneumonia que adquirira ao longo da viagem de navio, ela acaba por desmaiar logo após o desfecho do discurso. Esse perecimento altamente simbólico – o corpo da protagonista se esvazia de toda a esperança que nutria na véspera – é precedido de uma constatação atroz: nem mesmo Mary, a maior de seu tempo e uma das maiores da história, seria capaz de galgar a legitimidade feminina nas ciências:

É só o que Mary irá ganhar, pensei: um reles agradecimento no meio de muitos elogios ao animal e ao homem. O nome dela jamais será incluído em livros ou publicações científicas e acabará esquecido. Que seja. A existência de uma mulher é sempre uma concessão. Eu não precisava ouvir mais nada. Mas, em vez de ouvir, desmaiei (CHEVALIER, 2014, p. 307).

É importante destacar que grande parte dessas manifestações sexistas, bem como as reações de Elizabeth Philpot e Mary Anning a tais ocorrências são questões não abordadas ou tratadas de maneira superficial por fontes históricas. Afinal, se o desejo vigente era a omissão do sexo feminino no âmbito do saber, qualquer referência a pesquisadoras mulheres teria que permanecer na ordem da especulação, do boato, longe da aura perene que possuem os registros escritos. Logo, quando se toma o romance *Seres incríveis*, subentende-se que uma porção considerável das passagens que tratam da discriminação de mulheres cientistas e da conseqüente consternação dessas personagens é originada de um trabalho verosímil, mas sobretudo ficcional.

A partir dessa observação, pretendo reafirmar o direcionamento político da escrita metaficcional de Tracy Chevalier. Em seu processo criativo, intimamente atrelado ao discurso histórico, ela não dispõe de comprovações detalhadas sobre o tratamento veridicamente dado às suas protagonistas no tempo/espaço em que se desenvolve o enunciado. Guiada, portanto, mais pelas pistas da omissão histórica do que pelos vestígios de qualquer declaração publicada, a autora vislumbra, descreve e detalha uma série de mecanismos que instituíram e reforçaram a diferença sexual no âmbito do trabalho científico.

Como já apontado, a divisão sexual do trabalho configura-se como um dos pontos fundamentais das discussões que buscam convergir o pensamento marxista

com as questões de gênero. Nesse sentido, a tônica adotada por Chevalier transmite tanto a perspectiva do trabalho como base de exploração da sociedade moderna quanto a ideia do gênero como plataforma de ressignificação dessa máquina opressora.

Em consonância com essa mesma postura, a autora não aborda apenas o prisma da diferença sexual quando trata da relação gênero e trabalho em sua narrativa. Percebe-se que ela também se posiciona com relação à outra pauta bastante problematizada pelos feminismos de vertente marxista e pelo marxismo dedicado aos debates feministas, qual seja: a ideia de que entre as próprias mulheres há diferenças cruciais que posicionam seus papéis sociais. Para recuperar o termo que utilizei anteriormente, acredito que Chevalier decide por um ponto de vista interseccional ao recontar a história de Mary Anning de Lyme Regis.

A interseccionalidade, nesse caso, adota como enfoque dois dos eixos que mais determinam o percurso profissional de Mary Anning: gênero e classe. Para trazer à luz esses fundamentos, Chevalier circunda o romance por uma das teses máximas de Karl Marx e Friedrich Engels, que diz respeito à preponderância da realidade material na composição do ideário social: “As pessoas, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 2007, p. 94).

No contexto da narrativa, essa concepção é ratificada à medida que se apresenta ao leitor o processo de amadurecimento científico de Mary Anning ao longo dos anos. Se, no início da narrativa, a relação de Mary com os fósseis é meramente comercial, isso é justificado mediante as poucas oportunidades que a estrutura social lhe apresenta. Em um contexto no qual a fome é uma ameaça iminente, quaisquer idealismos atrelados à prática de uma profissão tornam-se supérfluos e improváveis.

Por outro lado, quando o contato com estudiosos renomados e a conquista de uma remuneração maior trazem à Mary Anning a perspectiva de mudanças, surge também dentro dela o desejo de atingir outros objetivos no campo profissional. Mary começa a estudar a literatura voltada à paleontologia e planeja ela própria publicar trabalhos científicos dedicados à mesma temática.

Como já adiantei, as metas de Anning jamais se cumprem e depreende-se uma vez mais que a realidade material da personagem (realidade de opressão e subalternização do corpo feminino) muito contribui para que ela não consiga elaborar e muito menos aplicar projetos de emancipação.

Essa mesma interseccionalidade que realça as circunstâncias sociais de Mary Anning para fazer compreender os seus condicionamentos psíquicos, morais e emocionais também se realiza nas passagens em que as protagonistas de *Seres incríveis* trabalham em conjunto. Os contextos socioculturais distintos de onde advêm Anning e Philpot e as expectativas que ambas criam a partir dessas formas de existir determinam seus planos e reações nas oportunidades em que compartilham saberes.

Já ao início da narrativa, quando Elizabeth leva Mary Anning à sua casa para conhecer a sua coleção de pequenos fósseis, nota-se o desconforto da estudiosa de mais idade nos momentos em que a humilde caçadora de Lyme Regis deixa de portar-se como aprendiz. Na ocasião, Philpot exhibe com orgulho os espécimes por ela coletados enquanto explica que a forma de organização adotada (por meio de etiquetas) é inspirada no modelo do Museu Britânico.

Mary não esconde o desconhecimento da metodologia adotada por Elizabeth, afinal, ela ainda estava sendo alfabetizada. Por outro lado, a pequena exploradora mostra-se à vontade na identificação dos achados exibidos no aparador de Philpot. Dentre eles, havia espécimes que nem mesmo a anfitriã sabia como nomear.

É interessante observar que, mesmo diante do evidente conhecimento geológico de sua interlocutora, Mary Anning, ainda pré-adolescente, não se sente intimidada e até mesmo corrige alguns dos procedimentos empregados por Philpot. A audácia de Anning não deixa de ser recebida com uma espécie de afronta pela experiente e instruída Elizabeth:

[...] pegou uma concha de molusco chamada *Gryphae*, que os moradores comparavam à unha-do-diabo.

– Ainda não limpou, não é, senhorita?

– Tirei a lama.

– Mas passou um estilete nela?

Franzi o cenho.

– Que tipo de estilete?

– Ah, um canivete serve, mas estilete é melhor. Você raspa dentro para tirar o lodo e coisas assim, e dar uma forma bonita. Posso mostrar como se faz.

Torci o nariz. Pensar que uma menina podia me ensinar alguma coisa parecia ridículo. Aceitei (CHEVALIER, 2014, p. 37).

Nessa passagem, a irritação de Elizabeth Philpot transparece a sua crença em alguns dos pilares do pensamento moderno, dentre eles: a verdade apenas pode ser obtida por meio da prática científica e somente os indivíduos formados pelas bases dessa atividade intelectual são habilitados a enunciar seus pressupostos. Ainda nessa cena de estranhamento, percebe-se a permanência de uma visão clássica de aprendizagem (com a divisão entre mestres e discípulos) e a ideia de que sujeitos jovens e, principalmente, advindos de grupos vulneráveis socioeconomicamente não são capazes de apresentar uma gama maior de conhecimentos do que indivíduos de mais idade pertencentes a classes melhor favorecidas.

Esses conceitos demarcam regularmente o relacionamento entre as protagonistas e realçam a determinação de múltiplos eixos interseccionais na conformação da experiência de gênero. Chevalier transparece uma preocupação particular com essa questão quando seu romance relata episódios em que a inveja dita o tom do elo entre as duas protagonistas. Esse mesmo sentimento emerge de forma equivalente nas duas personagens.

Nota-se, por exemplo, que Elizabeth preza por identificar cada espécie encontrada pelo nome científico correspondente (geralmente, em latim). Mary Anning, por sua vez, encara o costume de sua companheira como vestígio de certo pedantismo. Afinal, o conhecimento da nomenclatura científica faz inferir certo grau de erudição e confere uma posição de autoridade àquele que a emite. Logo, de forma consciente ou não, Philpot busca constantemente diferenciar-se na prática do trabalho científico e Anning percebe com irritação essa tentativa.

Apesar de sustentar essa postura, Elizabeth aos poucos compreende que é Mary quem possui maior talento para a busca e produção do conhecimento. Essa conclusão,

ainda que discreta e silenciosa, não chega sem dilacerar o espírito da londrina. Ao final do leilão promovido pelo coronel Birch, por exemplo, a curiosidade que os presentes desenvolvem em torno de Mary Anning causa um grande desconforto em Philpot. Percebendo que a companheira adquiriria mais notabilidade do que a que ela, Elizabeth, recebera em toda a sua vida, torna-se inevitável o sentimento de humilhação:

[...] Fui abrindo caminho para a saída. Em redor de mim, homens me olhavam [...] com uma curiosidade mais intelectual.

– Desculpe, é a srta. Anning? – perguntou um deles.

– Ah, não, não – respondi, virando a cabeça energicamente. Ele parecia desapontado e senti uma ponta de raiva. – Sou Elizabeth Philpot e coleciono fósseis de peixes.

Nem todos ouviram minha resposta, pois falava-se em Mary Anning a toda a minha volta. Senti tocarem meu ombro e não me virei, abri caminho no meio dos homens até chegar à rua. Consegui me controlar até estar segura num táxi a caminho de Piccadilly, sem que ninguém mais pudesse me ver. Então, eu, que nunca choro, comecei a soluçar. Não por Mary, mas por mim (CHEVALIER, 2014, p. 236).

Entendo que os conflitos profissionais entre as heroínas desse romance possuem um laço significativo com as questões centrais dos estudos sobre mulher e ciência levantadas anteriormente nesta tese. Naquela parte do estudo, abordei a preocupação da crítica especializada em determinar as possibilidades de uma nova ciência com entornos femininos ou feministas. Destaquei ainda a visão particular de Longino (1987) que alerta sobre a probabilidade desse novo paradigma estruturar-se da mesma forma que a “ciência masculina”, visto que ainda não há uma erradicação da cultura sexista em nosso tempo.

Esse diagnóstico que também toma a forma de alerta foi usado por mim na análise dos fracassos e decepções que marcam a trajetória científica de Alma Whittaker, protagonista de *A assinatura de todas coisas*. Penso que a mesma medida seja utilizada por Tracy Chevalier no traçar da relação profissional entre Mary Anning e Elizabeth Philpot.

Ambas as personagens conservam preceitos dessa ciência moderna, incontestavelmente masculinizada por discursos como os de Francis Bacon. As duas defendem a soberania da razão e da experiência sobre a emoção, ambas desejam e

buscam a institucionalização de seu conhecimento como forma de validação e percebem também as suas dificuldades em aceitar saberes outros que não os produzidos em seus grupos de interação.

Logo, na mesma medida em que demonstra os obstáculos para a igualdade de gênero no âmbito da ciência moderna, Chevalier também aponta indiretamente as articulações necessárias para a superação desse cenário intrincado. Uma prática científica que proporcione a verdadeira inclusão das mulheres não pode se pautar nos moldes dos saberes hegemônicos.

Recuperando, novamente, as discussões empreendidas no capítulo mais teórico deste trabalho, julgo que, para além de um pensamento pós-abissal (SANTOS, 2007), talvez os impasses na parceria das protagonistas de *Seres Incríveis* apontem para a necessidade de abertura de olhar um transmoderno, cujo alicerce são os indivíduos e culturas deixados à margem do globo (DUSSEL, 2008).

Por motivos de escopo e perspectiva, a metaficção escrita por Chevalier não nos apresenta um cenário em que essa nova ordem do pensamento esteja instituída. A autora assume o papel exclusivo de desencavar e exhibir as lacunas do discurso histórico para que o leitor problematize as configurações sociais do tempo do enunciado que também se refletem no tempo na enunciação.

Nesse trabalho com ecos de arqueologia, a ficcionista também se empenha em apresentar os eixos além do profissional que ajudam a determinar a divisão sexual do trabalho científico. Como não poderia deixar de ser em uma obra que tem como pano de fundo a sociedade vitoriana, *Seres Incríveis* opta por representar no âmbito do corpo e da sexualidade os ditames transversais mais influentes na vivência profissional de suas protagonistas. É sobre a representação desses outros eixos no romance que trato a seguir.

3.2.2 A moça e a mulher: opressões de uma identidade

Ao analisar a parceria profissional de Mary Anning e Elizabeth Philpot, salientei o quanto os seus enquadramentos socioculturais influenciam os preceitos e projetos traçados pelas protagonistas em sua experiência no ramo da paleontologia. Partindo,

agora, da perspectiva foucaultiana de poder e da preponderância do corpo nas leituras que o teórico francês realiza sobre a sociedade moderna, a partir deste instante dedico-me ao estudo da corporeidade e da sexualidade no enredo de *Seres incríveis*. Assim como ocorreu no romance anteriormente analisado, também na obra de Chevalier, o olhar disciplinante sobre os “excessos femininos” torna-se instrumento frequente de regulação social.

Essa atmosfera reguladora é alternadamente contestada ou reforçada pelas caracterizações, pelos relatos e pelo desencadear de fatos ao longo do enredo. De maneira especial, um dos fatores que mais demonstra a propensão das protagonistas a desafiar os paradigmas impostos ao seu corpo é a descrição de sua composição física.

No primeiro retrato que o romance apresenta de Philpot, que surge em comparação à imagem de sua irmã, tem-se a dimensão exata de sua inadequação aos padrões de feminilidade:

Embora tivesse olhos que realçavam e iluminavam seu rosto, Louise era muito alta, mais do que a maioria dos homens poderia aceitar, e tinha mãos e pés grandes. Era também tão calada que os pretendentes se irritavam, pensando que ela os julgava. Provavelmente julgava mesmo. Quanto a mim, era pequena, ossuda e simples, não conseguia flertar, mas procurava conversar sobre assuntos sérios, o que também afastava os homens (CHEVALIER, 2014, p. 16).

Já com relação à Mary Anning, a caracterização inicial que se faz de sua composição física e psicológica faz-se ainda mais inusitada do que a de Philpot, muito embora ela não passe de uma menina no começo da narrativa. Chevalier ancora-se nos relatos sobre a infância da caçadora de Lyme Regis para criar uma imagem resiliente da personagem desde as primeiras páginas.

Em consonância com o discurso histórico, a Mary Anning da ficção também é atingida por um raio quando criança. O incidente, que, surpreendentemente, não a mata, teria lhe tornado mais forte e preparada para tempestades outras trazidas pelos ventos do conhecimento:

Às vezes, ouço um raio cair e fico pensando por que cai. Outras vezes, não entendo, mas aceito o que ele me diz, pois o raio sou eu. Entrou em mim quando eu era bebê e nunca mais saiu.

Sinto o eco do raio toda vez que encontro um fóssil, um pequeno solavanco que me diz: “Sim, Mary Anning, você é diferente de todas as pedras da praia.” Por isso sou uma caçadora de fósseis: para sentir, todos os dias, o choque do raio e essa diferença (CHEVALIER, 2014, p. 10).

Essa diferença da qual Mary apresenta orgulho é incorporada pela heróina de inúmeras formas para além da aparência física. Philpot sempre a enxerga como uma pessoa muito segura para a pouca idade. Como já visto, a despeito de sua formação escolar incipiente, a protagonista não se deixa levar pela intimidação e frequentemente expõe a sua perspectiva sobre os fenômenos naturais.

Essa mesma encarnação da identidade enquanto diferença também se propaga na personalidade de Elizabeth Philpot. Acostumando-se com a ideia de que permaneceria solteira, a personagem percebe que, com o passar do tempo, a solteirice começa a moldar seus atos, pensamentos e a maneira como reage à vida. Tal conformação instituída pela ausência de matrimônio é sempre colocada em oposição aos modos de agir daquelas que se direcionavam para a uma vida a dois:

– Gosta, senhora...senhorita? – insistia Mary.

Recolhi-me. Era assim tão óbvio que eu era solteira? Claro que sim. Antes de mais nada, porque não havia nenhum marido comigo, olhando por mim e fazendo minhas vontades. Mas eu observara ainda outra coisa em mulheres casadas: a firme segurança de não se preocuparem com o futuro. Mulheres casadas ganhavam forma como gelatina em um molde, enquanto as solteironas como eu permaneciam indefinidas e imprevisíveis (CHEVALIER, 2014, p. 28-29).

Esse estigma social da solteirice atrelado à escolha profissional de Philpot transparecem coragem por parte da personagem. Mesmo ciente dos julgamentos da sociedade e, particularmente, de pessoas próximas, Elizabeth decide concentrar-se nos aspectos positivos que sua vida singular abarcava:

[Molly Anning] não devia ter boa opinião a meu respeito, pois eu era tudo que ela não queria para a filha: solteira e obcecada por fósseis. Eu compreendia esses temores. Minha mãe também não teria desejado a vida que eu levava; aliás, nem eu teria, até alguns anos atrás. Naquele momento, entretanto, minha vida não era tão ruim. De certa maneira, eu tinha mais liberdade do que as damas que se casavam (CHEVALIER, 2014, p. 93).

Porém, essa espécie de conforto na alteridade, que concede certo grau de liberdade, não impede que as heroínas de *Seres incríveis* desejem e busquem experiências vividas pelas mulheres comuns. No momento em que já crescida, Mary Anning torna-se famosa pela descoberta de seus fósseis e atrai inúmeros estudiosos (homens) para Lyme Regis, ela, não raramente, passa a nutrir desejos e fantasias em torno de alguns desses pesquisadores.

Recuperando boatos esparsos sobre a vida amorosa da caçadora, Tracy Chevalier monta um cenário elaborado e complexo em que essas paixões do corpo adquirem espaço para aflorar. De maneira coerente, concebendo Elizabeth como uma espécie de reflexo distorcido de Mary, a autora também não deixa de incluir a heroína londrina nesse processo de verdadeira travessia sexual.

É dessa maneira que William Buckland, o primeiro cavalheiro notável a demonstrar interesse pelos fósseis de Mary Anning, desperta o desejo das duas protagonistas. Em pouco tempo, ambas se veem disputando a atenção do estudioso, que, por sua vez, reforça os seus objetivos meramente intelectuais. Cabe observar que esses instantes eram algumas das poucas ocasiões em que damas como Elizabeth poderiam se permitir a companhia de uma figura masculina.

Ainda que com essa autopermissão velada, Philpot transparece a todo tempo uma preocupação com os comentários que essa parceria profissional poderia gerar. Na realidade, a personagem já possuía ciência dos olhares de desaprovação para com ela e Mary e, diferentemente da companheira, Philpot angustia-se com essas práticas de julgamento.

Nota-se, assim, que as protagonistas respondem de formas distintas ao sistema de biopoder foucaultiano e essa relativização de reações comprova, ao mesmo tempo, uma oscilação do valor de seus corpos dentro do mesmo sistema. O corpo proletário de Mary Anning não é regulado pela mesma ótica que o é o corpo burguês de Elizabeth Philpot.

De Mary é esperado o vigor para o cumprimento de funções no mundo do trabalho enquanto de Philpot se exige que guarde de maneira casta aquilo que não pôde ser apresentado a nenhum homem em matrimônio:

Mary pouco se incomodava com o que diziam dela, característica que, ao mesmo tempo, me admirava e me desesperava. Talvez eu tivesse um pouco de inveja de que ela fosse tão livre em seu desprezo pela forma como a sociedade funcionava, liberdade que uma dama da minha classe social não podia ter. Mesmo num lugar de mentalidade tão independente quanto Lyme, eu sabia bem o que diriam se alguém sáísse muito do caminho (CHEVALIER, 2014, p. 179-178).

Essa preocupação com relação aos boatos persiste nessa etapa da narrativa, mas não figura como força suficiente para deter os novos impulsos no corpo de Philpot. Em uma síntese coerente da fase a qual atravessava nesse momento, Elizabeth reconhece que a emergência do desejo de Mary pelo sexo oposto também ajudara a despertar o seu, o qual há muito julgara extinto. A personagem chega até mesmo a tentar revelar seu interesse por William Buckland em um jantar no qual o cavalheiro não comparece.

Com esse tom de decepção, termina a primeira aventura amorosa envolvendo Mary e Elizabeth. Ainda que nenhuma delas consiga atingir uma experiência mais significativa nesse processo, o episódio dispõe de forma clara as amarras atadas de maneira diferencial nos corpos das duas mulheres. Identifica-se, nelas, um jogo contínuo de práticas de liberdade e submissão. A alternância entre essas duas condições dá-se, prioritariamente, em razão de seu sexo e, em segunda instância, a partir dos cerceamentos socioeconômicos e culturais que as envolvem.

Todas essas disparidades nas formas de entender e sentir o próprio corpo são circunstâncias transversais na determinação das possibilidades apresentadas às duas cientistas no âmbito profissional. É importante reforçar o fato de que não há registros ou comprovações sólidas acerca dos acontecimentos transcorridos na vida pessoal de Mary Anning e Elizabeth Philpot. O enredo detalhado que também aborda a vida íntima dessas personagens em *Seres incríveis* é fruto de um trabalho que, mesmo tendo a ficção como sua prerrogativa, mostra-se atento aos movimentos da sociedade e ciente de que não se pode escrever uma his(estória) de mulheres sem perseguir/recriar os resíduos da intimidade.

Seguindo essa perspectiva, surge no romance uma segunda possibilidade amorosa com a chegada de coronel Birch em Lyme Regis. A sedução de Mary pelo colecionador e a conseqüente degradação de sua situação financeira causam a revolta de Elizabeth Philpot. O súbito enlevo com que Mary Anning se entrega a esse

relacionamento e a evidente correspondência de coronel Birch também provocam um desconforto significativo na autoestima de Philpot.

Da mesma forma que lhe é doloroso conceber a possibilidade de Mary ser uma melhor cientista que ela, também se torna torturante atestar que uma jovem da classe proletária poderia despertar maior interesse do sexo oposto:

Eis que ali estava um homem que pensava e falava sobre fósseis; que incentivava nós, mulheres, a procura-los; que não se incomodava por eu sempre estragar minhas luvas. Minha raiva dele não era por sua incapacidade de ser caçador em vez de colecionador, mas indignação por ele jamais, nem por um instante, me considerar uma dama que poderia cortejar, por ser mais próxima da idade dele e de uma classe similar a ele (CHEVALIER, 2014, p. 191).

Da mesma forma que esse relacionamento causa despeito em Elizabeth, também lhe gera espanto a maneira com que Mary Anning definha ao idealizar sua relação com Birch. A imagem vigorosa e cheia de ímpeto da caçadora de Lyme Regis dá lugar a uma figura indefesa, sustentada apenas pela esperança de algum dia ser resgatada por seu “Ulisses”.

Assim, a antes desbravadora e inigualável Mary Anning amarga a espera no cais de sua própria vida. É essa cena que o leitor é levado a conhecer no relato perplexo de Elizabeth:

Nunca esperei que uma pessoa tão forte quanto Mary pudesse, no fundo, ser tão frágil. Mas, de vez em quando, todo mundo fica vulnerável. Ela então continuou esperando, falando nele [...]. Aos poucos, Mary foi perdendo o rosado das faces, o brilho do olhar, os ombros foram caindo, ela foi ficando com uma expressão dura. Tive vontade de chorar, ao vê-la, tão jovem, entrar para o clube das solteironas (CHEVALIER, 2014, p. 202).

Sabe-se que Philpot exige reparação por parte do coronel Birch e que comparece ao leilão dos fósseis de sua coleção, a fim de descobrir o verdadeiro objetivo por trás do evento. Nesse caminho que Elizabeth corajosamente percorre para defender Mary, seu corpo é novamente censurado pelo movimento de liberdade que tenta empreender. Andando sozinha à noite nas ruas de Londres, no caminho que levaria ao museu, a protagonista percebe que seu corpo era repelido por aquele espaço.

Nos olhares masculinos desconfiados ao longo do percurso e nos convites suspeitos de alguns homens que a encontram pela estrada, a personagem entende que sua integridade estava ameaçada nas vias públicas. A esse corpo em busca da justiça e da emancipação resta apenas recuar e aguardar por um transporte que a pudesse levar com segurança até o destino:

Esperar foi quase pior do que andar, pois parada eu chamava mais atenção ainda. Os homens passavam, me olhavam e sussurravam coisas. Um deles perguntou se eu estava perdida, outro se ofereceu para dividir uma carruagem comigo. Pode ser que quisessem ajudar, mas na hora pareciam sinistros. Nunca detestei ser mulher, porém detestei os homens como nunca antes naqueles minutos sozinha nas ruas londrinas (CHEVALIER, 2014, p. 232).

Já de volta a Lyme, ao saber que Mary havia recebido a notícia do leilão nos jornais, Elizabeth vai ao encontro da amiga e tenta lhe advertir com o cuidado que teria que tomar com a sua reputação agora que seria alvo de interesse de muitos estudiosos presentes no evento.

A advertência de Elizabeth é encarada por Mary como comprovação da inveja de sua companheira. Ainda sustentando esperanças sobre o seu relacionamento com o coronel Birch, Mary afirma-se superior a Philpot agora que era não apenas reconhecida por seu trabalho, mas que também tinha a companhia de um homem.

Nesse cenário idealizado por Mary Anning, tem-se a marca da ideologia patriarcal que prega o casamento como um verdadeiro prêmio às mulheres e que entende a habilidade profissional como traço extremamente raro entre o público feminino:

– Ele nunca sequer olhou para a senhora. Era a mim que ele queria! E por que não? Sou jovem e tenho olho para achar *curios!* A senhora, com toda a sua educação, a sua renda anual de 150 libras, a sua champanhe de flor de sabugueiro, os seus tônicos idiotas e as suas irmãs idiotas com seus turbantes e rosas. E o seu fóssil de peixe! Quem quer saber de peixes quando há monstros a serem descobertos nos rochedos? Mas a senhora não vai achar, pois não tem olho. É uma velha solteirona seca que jamais conseguirá nem homem, nem monstro. E eu vou (CHEVALIER, 2014, p. 252).

Chama a atenção nessa etapa da narrativa a forma como o poderoso laço entre as heroínas do romance sucumbe ao princípio patriarcal da rivalidade feminina. É de conhecimento dos estudiosos dedicados às questões de gênero que esse espírito de

competição entre as mulheres é um fundamento largamente incentivado em sociedades nas quais o sexo masculino exerce o poder de dominação. Quando se atinge o objetivo de que as mulheres rompam entre si, impede-se que eles organizem movimentos de rebelião que resultariam no declínio da desigualdade de gênero.

A narrativa de Chevalier aponta que essa quebra estabelecida na união de Philpot e Anning advém das mitológicas crenças de que não é possível haver oportunidades para todas as mulheres, de que as mulheres possuem naturalmente uma propensão a inimizades e de que, para alcançar a vitória, é necessário que as mulheres tornem-se aliadas de homens já vencedores.

No romance, o desentendimento leva ao rompimento entre as personagens durante anos. Nesse processo, criado e problematizado exclusivamente no âmbito do romance, ficam latentes as perdas pessoais e especialmente profissionais durante o período de desavenças. Prova disso é que Anning e Philpot somente alcançam o ápice de sua capacidade científica nos momentos em que concordaram em partilhar seus conhecimentos.

Ao mesmo tempo, a separação traumática das protagonistas acaba por constituir-se em um incidente necessário para uma definição de caráter mais expressiva das duas personagens. A partir do momento em que quebra os vínculos com Elizabeth Philpot, Mary Anning também se desvencilha da postura de cuidado e responsabilidade materna com que a pesquisadora mais velha mirava a sua amizade. Nesse momento de rebeldia, Anning manifesta o desejo de falar por si própria ainda que não possua dimensão dos efeitos desse seu anseio.

Com essa nova perspectiva, a resoluta Mary recebe o coronel Birch na primeira viagem que faz de volta a Lyme depois do leilão. Mesmo após a afirmação de que não haveria casamento entre os dois, Mary Anning decide consumir uma entrega última e maior de si para o amado. Juntos, os dois chegam a um pomar recôndito onde Mary, de forma consensual e convicta, perde a sua virgindade.

Momentos após o ato, Anning e Birch conversam sobre o futuro que a caçadora daria ao dinheiro obtido no leilão. Ao insistir que Mary deveria investir o montante em seu negócio de fósseis, a protagonista se irrita ao perceber que o coronel não vislumbrava nenhuma perspectiva para além do trabalho na vida da caçadora. A

resposta que o coronel dá a essa insinuação de Mary possui um efeito categórico no delineamento dos horizontes da personagem:

– Pensei em você no futuro como uma caçadora de fósseis, não uma esposa. Muitas mulheres (a maioria aliás) podem ser esposas perfeitas. Mas você é única. Sabe, quando fiz o leilão em Londres, conheci várias pessoas que diziam saber muito sobre fósseis: o que são, como vieram parar aqui, o que significam. Mas nenhuma sabe nem a metade do que você sabe (CHEVALIER, 2014, p. 257).

As palavras de Birch não deixam de ser um subterfúgio para justificar a não continuidade de seu relacionamento com Mary. Mas, ao mesmo tempo, essa fala é relevante para que Anning compreenda as amarras e possibilidades que circundam a sua figura. As condições sociais da personagem, aliadas à sua resiliente escolha no âmbito profissional são vistas com suspeita pela sociedade que a rodeia.

Por mais que o peculiar talento de Mary Anning lhe garanta a subsistência e lhe confira dignidade, a sua caminhada nada ortodoxa fecha-lhe algumas portas, seja na classe com quem ela discute sobre ciência, seja naquela à qual ela ainda pertence:

[...] Eu acabara solta no mundo. Jamais seria uma dama como as Philpot, ou seja, ninguém jamais me chamaria de Srta. Mary. Seria simplesmente Mary Anning. Ao mesmo tempo, não era igual às outras operárias. Eu ficara no meio do caminho e ficaria para sempre. Isso trazia liberdade e, ao mesmo tempo, era solitário (CHEVALIER, 2014, p. 323).

De modo similar, esse entretanto de separação que leva Mary a uma melhor assimilação de si, também se faz importante para que Elizabeth defina de forma mais segura as suas rotas futuras. A viagem que a personagem realiza sozinha a Londres para defender a maior descoberta de Mary é prova desse processo de amadurecimento.

Assim que deixa o navio, Elizabeth diz ter a sensação de que havia se tornado responsável por si mesma. Sem receios ou ressalvas, a protagonista passa a denominar a si própria como uma colecionadora de fósseis de peixes. Finda a viagem e mesmo após a decepção e o adoecimento que marcam essa aventura, ainda assim Philpot conserva a resolução adquirida no início da jornada.

Ao saber do ato da antiga companheira, Mary vai procurá-la. Desculpas são trocadas, a paz entre ambas é refeita e, no reflexo de Philpot dentro do olhar de Mary Anning, constata-se o quanto tudo havia mudado. A ousadia das duas em desejar e buscar por experiências que lhe eram negadas as reinventa e, definitivamente, as torna mais resilientes:

Ela *estava* diferente, embora eu não fosse capaz de dizer exatamente em quê. Era como se estivesse mais segura. Se alguém a estivesse desenhando, usaria linhas fortes e definidas, enquanto antes fazia traços fracos e mais sombreados. Era como um fóssil que fora limpo e exposto para todo mundo ver (CHEVALIER, 2014, p. 339).

Esse percurso de encontros e dissensos entre as duas cientistas traz algo mais do que a problematização do discurso sobre a rivalidade feminina, como argumentei anteriormente. Nesse conflito, atenta-se também para a importância da sororidade entendida como o “pacto entre mulheres, relacionado às dimensões ética, política e prática do feminismo [...]” (TINOCO, 2016, p. 21).

Na realidade, é apenas após a consciência de que a divisão lhes era prejudicial que as protagonistas conseguem dimensionar a potência criada pela sua união. Para reestabelecer a associação entre si, foi necessário que as heroínas compreendessem as diferenças possíveis em indivíduos do mesmo sexo. Concomitantemente, foi importante também que elas mirassem as suas próprias individualidades como eixo de potência e não de vulnerabilidade.

Essa dinâmica estabelecida no enredo pode ser relacionada a dois conceitos apresentados no primeiro capítulo desta tese: o “elogio da diferença” realizado por Rosiska Oliveira (1993) e a recuperação do signo mulher pregada por Linda Nicholson (2000). Na perspectiva das autoras, argumenta-se respectivamente a favor do reconhecimento dos contrastes entre homens e mulheres e no interior dos próprios conjuntos formados pelo sexo feminino. Para as estudiosas, a sublimação da diferença, além de utópica, é prejudicial à luta pela igualdade de gênero.

A justificativa para essa afirmação advém do fato de que as representações que apresentam um ideal para a feminilidade e que estereotipam todas as outras variáveis

identitárias contribuem para a rivalidade entre as mulheres e provocam o fracionamento desse mesmo grupo.

Dessa forma, entendo que *Seres incríveis* é um romance circundado pela questão da igualdade de gênero, do acolhimento das diferenças e da noção de que:

Para os feminismos, é imprescindível que as mulheres tomem consciência da política patriarcal que as utiliza para reproduzir diversas opressões. Essa consciência perpassa tanto o plano individual como o coletivo. Nesse sentido, é preciso eliminar formas de violência entre as mulheres tais como: a deslegitimação, a desconfiança, o descrédito, a desautorização e as diversas formas de discriminação (sexual, geracional, étnica, racial, linguística, social, econômica, intelectual, ideológica, religiosa, política e outras mais) e que são obstáculos patriarcais que impedem as mulheres de aproximarem-se mais umas das outras (BECKER; BARBOSA, 2016, p. 246).

A cena final do romance traz esse olhar de maneira contundente. Novamente juntas na praia, Mary Anning e Elizabeth Philpot caçam lado a lado, cada uma à procura dos seres que mais lhe interessam. Absortas no trabalho que realizam individualmente, elas também oferecem uma irmandade que advém da simples copresença em um mesmo espaço-tempo:

Nossos olhos prendem-se à areia e às rochas enquanto seguimos pela praia num andar diferente; primeiro uma está na frente; depois a outra. [...] Falamos pouco, não precisamos. Ficamos juntas em silêncio, cada uma no seu mundo, sabendo que a outra está logo ali (CHEVALIER, 2014, p. 343).

É notável que a proposta dessa coexistência não dispõe como prioridade a vontade de verdade intrínseca à ciência moderna. A alternância dos passos de Anning e Philpot representa a intercalação de saberes distintos que não desejam se sobrepor, mas se ressignificar a partir de um contato sutil e silencioso, sem a grandiloquência do conhecimento institucionalizado.

Dispostas todas as reflexões, espero ter apresentado de maneira razoável os contornos mais significativos do gênero metaficção historiográfica na obra *Seres incríveis*. Reitero que, além de reestruturar o passado ao conceder possibilidade de fala a duas estudiosas oitocentistas, o romance também impacta o presente provocando o questionamento sobre a perpetuação da divisão sexual do trabalho e do conhecimento ainda na atualidade.

É também relevante a obra de Tracy Chevalier para que se dimensionem as possibilidades distintas para o papel da mulher dentro das ciências ou no âmbito de qualquer profissão. Nas díspares identidades das protagonistas do romance, desmistificam-se, ao mesmo tempo, ideais de gênero, paradigmas de classe e preconceções vinculadas ao saber. Nesse desvelar da diferença, mesmo na esfera uniformizadora do vitorianismo, compreende-se a imprescindibilidade de junção entre as inúmeras matizes do signo mulher, a fim de se alcançar a emancipação feminina.

Por fim, entendo que a escrita literária aqui não se propõe a criar um cenário amplamente distinto daquele ocorrido e registrado nos documentos oficiais: Mary Anning e Philpot são tão subestimadas pela ciência da ficção como o são pela ciência da história. Apesar disso, os enfoques alternativos dados e criados pela escrita literária tornam-se primordiais para que se dê um significado mais justo, menos gendrado e mais igualitário à realidade passada dessas mulheres e, principalmente, às suas reverberações na sociedade do hoje.

3.3 SAIAS AO FOGO: DISCÍPULA NÃO MAIS

Após a análise dos dois primeiros romances que compõem o *corpus* desta tese, é o momento de dispor um olhar central sobre a obra *Cartas de Yellowstone* (1999). O romance tem a autoria da escritora norte-americana Diane Smith, que, além da propensão à escrita literária, possui formação em história ocidental e ambiental pela Universidade de Montana e especialização em escrita da ciência. A autora também manifesta entusiasmo por estudos em paleontologia, arqueologia e história natural.

Todas essas credenciais colaboram para que a escrita literária de Smith seja marcada pelo trabalho com o discurso histórico e científico. Dentre as criações da autora, destacam-se os romances *Fotos de uma expedição* (2012) e *Cartas de Yellowstone* – ambos giram em torno de um recontar de narrativas sobre a ciência.

Este último romance, *corpus* de análise principal desta seção, conta uma história passada no ano de 1898 nos Estados Unidos. No enredo, têm-se como centro as experiências vividas pela estudante de medicina Alexandria Bartram ao se aventurar em uma expedição botânica pelo Parque Nacional de Yellowstone, localizado nos estados de Wyoming, Montana e Idaho.

No grupo oficial da excursão, há apenas cinco homens, Andy Rutherford, Daniel Peacock, dois estudantes e Howard Merriam, sendo este último professor da Faculdade Agrícola do Estado de Montana e o chefe da expedição. Dentre os personagens dispostos na trama, é com Howard que Alexandria estabelece maior contato. O diálogo entre os dois, no entanto, é entrecortado por personagens secundários que dão o direcionamento da narrativa, como a senhorita Zwinger e a senhora Eversman, duas mulheres que a protagonista encontra no parque de Yellowstone.

Há também Lester, o amigo da família que zela por Alexandria e tenta buscá-la; os pais de Alexandria; Philip Aber, que é uma espécie de patrono e fiscalizador da expedição; William Gleick, estudioso do Instituto Smithsonian que dá apoio a Howard em suas inseguranças; Joseph e Sarah, os nativos que auxiliam os membros da expedição nas suas aventuras pelo parque e, finalmente, Jess, a confidente de Alexandria.

Ao longo da narrativa, enfatizam-se os receios sobre a participação de uma mulher em uma excursão de tamanho porte. Apesar dessas desconfianças, Alexandria, aos poucos, ganha o seu espaço e se afirma como cientista de uma maneira que as protagonistas de *A assinatura de todas as coisas* e *Seres incríveis* não conseguem: ela consegue um cargo em uma universidade.

O enredo é contado por meio de cartas que remetem a diversos elementos e personagens históricos do final do século XIX. Vislumbra-se, por exemplo, a insurgência da questão ecológica em falas preocupadas com a construção de ferrovias e a provável invasão de terras indígenas no Parque de Yellowstone. São também feitas menções a expedições anteriores como a de Meriwether Lewis (1774-1809) e William Clark (1770-1838), que lideraram a primeira grande viagem exploratória pelo continente norte-americano ao início do século XIX, passando, inclusive, pelo que hoje é o território do parque de Yellowstone.

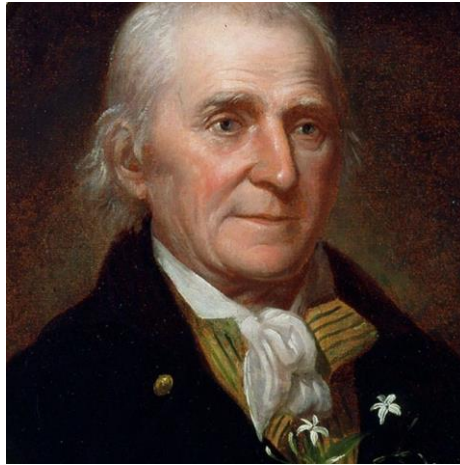
Vale ressaltar a grande valorização histórica dada nos E.U.A às expedições direcionadas ao Pacífico, especialmente a partir das pretensões de Thomas Jefferson. Delimitando como objetivo principal investigar a terra, os nativos, a botânica e a geologia na região, excursões como a de Lewis e Clark (1804-1806) foram de extrema relevância para a expansão territorial, a interlocução com os povos indígenas, a dilatação do domínio militar e do comércio e, finalmente, a formatação identitária de uma nação recém-independente.

O ecoar da tradição também aparece quando o romance se reporta a naturalistas renomados. Aliás, é preciso destacar que a fictícia protagonista da narrativa é retratada como familiar de John Bartram (1699-1777), considerado o pai da botânica americana, e de seu filho, William Bartram (1739-1823), que também se tornou um naturalista reconhecido por meio de suas expedições no sudeste dos Estados Unidos.

Ao início do romance, o chefe da expedição demonstra entusiasmo ao inferir essa relação de parentesco por meio de carta enviada por Alexandria. Na missiva, na qual a protagonista pede para participar da excursão, seu primeiro nome não é escrito por extenso e, dessa forma, a sombra do sexo não impede que Howard externe a sumária aprovação da estudiosa:

p.s. Eu não posso deixar de comentar sobre o seu nome. Se você for realmente membro daquela prestigiosa família da botânica, eu só posso dizer o quão lisonjeado eu ficaria de tê-lo em nosso grupo, e me comprometo a fazer o melhor para alocá-lo em uma posição apropriada aqui na universidade. Em caso negativo, tenha certeza de que a oferta permanece. HGM (SMITH, 1999, p. 6, tradução minha).⁴⁸

Retrato 6 – O botânico William Bartram



Fonte: <https://bartramsgarden.org>

Retrato 7 – Os exploradores William Clark (a) e Meriwether Lewis (b)



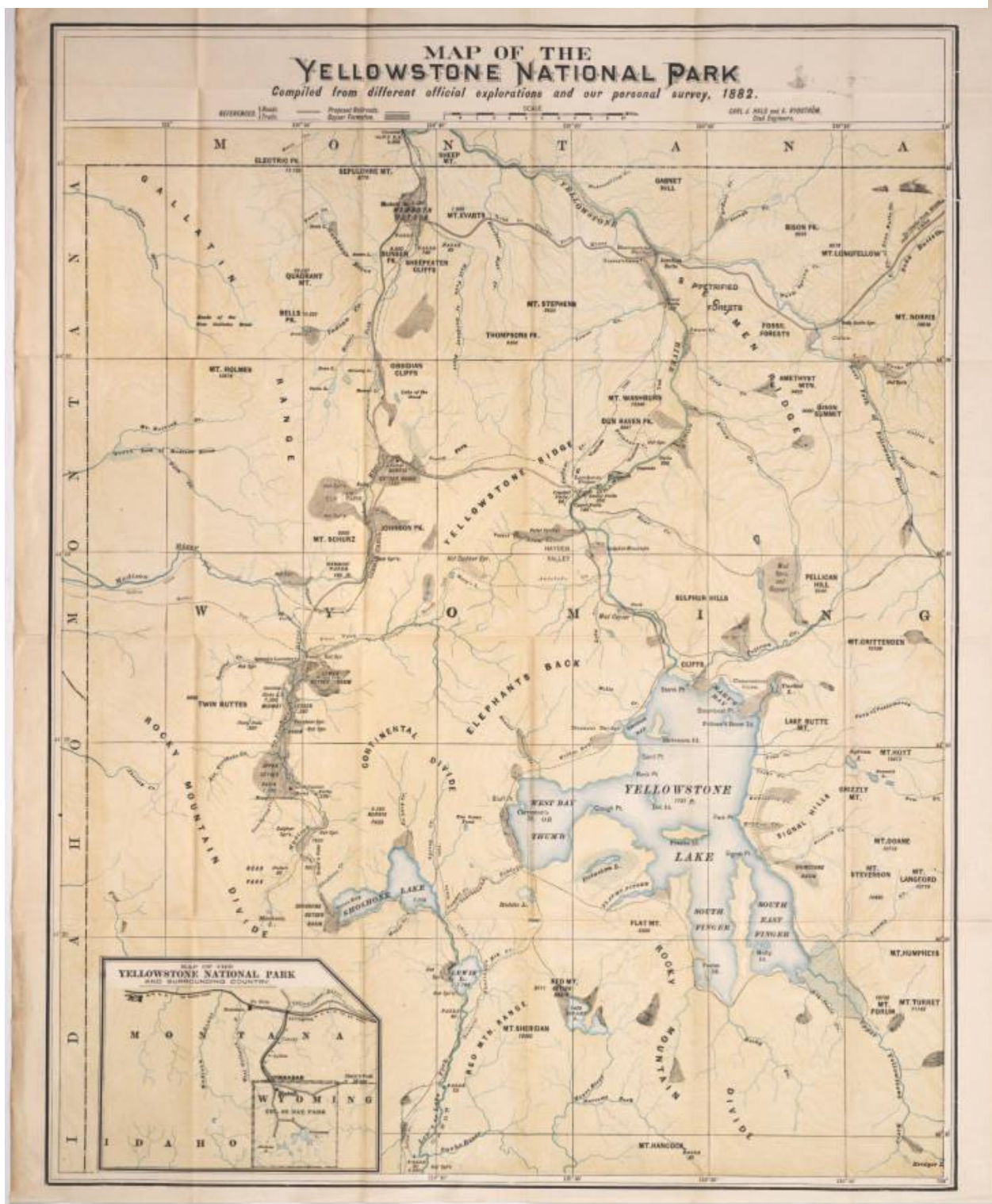
(a)

(b)

Fonte: <https://courses.lumenlearning.com>

⁴⁸ No original: “p.s. I cannot help but remark upon your name. If you are indeed a member of that prestigious family of botany, I can only say how pleased I would be to have you join our group, and I pledge to do my utmost to find an appropriate position for you here at the college. If not, be assured that the offer still stands. HGM”

Mapa 1 – Mapa de 1882 do Parque Nacional de Yellowstone



Fonte: <https://mtmemory.org/digital/collection/p15018coll5/id/889/>

Ainda dentro desse âmbito da perspectiva histórica, é válido mencionar que a instituição financiadora da expedição é o Instituto Smithsonian, que se trata de uma entidade real, fundada em meados do século XIX e até a atualidade responsável pela condução de relevantes ações de pesquisa e educação nos Estados Unidos. A associação da excursão a essa instituição ajuda a elevar o nível de impacto e a magnitude da empreitada científica dentro do enredo.

Imagem 12 – Instituto Smithsonian



Fonte: <https://washington.org>

Ao mesmo tempo, ao pensar como o romance retrata um cenário científico pontual, não se pode deixar de mencionar as noções de ciência que acompanham o marco histórico abordado na narrativa. Sabe-se que o século XIX foi um momento intenso no que tange à produção de conhecimento científico. O ritmo vertiginoso dessas teorias é também perpassado pelo questionamento e propostas de reestruturação da própria ideia de conhecimento vigente na época. Se, ao início do enredo, Alexandria

sustenta uma perspectiva extremamente conversadora e lógica de prática científica, ao longo da trama ela é constantemente desafiada em suas concepções, seja pelo olhar de Howard ou das outras personagens que encontra pelo caminho.

Há também aspectos históricos que figuram de forma subjacente no enredo de *Cartas de Yellowstone*. Embora o romance não mencione explicitamente essa questão, é preciso lembrar que, ao final do século XIX, tem espaço uma série de atividades cruciais do movimento pelo sufrágio feminino (em 1878, por exemplo, é proposta a emenda sufragista pela primeira vez ao congresso americano). Essa nova configuração, certamente, autentica a narrativa para trabalhar os atos e pensamentos de Alexandria da maneira que o faz. Afinal, é constante, no romance, a representação de uma heroína destemida, que batalha em prol dos direitos que ainda não lhe são resguardados.

Esse cenário coaduna-se também com a conformação do que, ao final dos oitocentos, convencionou-se chamar de “Nova Mulher”. De acordo com Ruth Bordin (1993), as representantes desse novo agrupamento feminino eram:

[...] treinadas profissionalmente, conscientes sobre a sua carreira e seu papel. Elas representavam uma nova geração de mulheres americanas, independentes do controle masculino e capazes de dar assistência da mesma forma em que eram assistidas pelas suas famílias, de quem elas frequentemente viviam separadas. Elas organizaram as suas vidas em padrões semelhantes àqueles das profissionais solteiras da atualidade (BORDIN, 1993, p. 2, tradução minha).⁴⁹

Essa categoria específica, que emerge em solo americano nas últimas décadas do século XIX, é amplamente refletida na liberdade de comportamentos de Alexandria e na sua maneira peculiar de entender a formação e a atuação profissional para as mulheres. Conforme buscarei comprovar, é perceptível a maior autonomia e encorajamento que circundam o trabalho científico de Alexandria em comparação ao que acontece nas trajetórias de Alma Whittaker e Mary Anning.

⁴⁹ No original: “They were professionally trained, career and role conscious, and usually self-supporting for a major part or all of their lives. They represented a new generation of American women, independent from male control and as likely to be assisting as receiving help from their families from whom they frequently lived apart. They organized their lives in patterns similar to those of single professional women today.

Retrato 8 – Autorretrato de Frances B. Johnston como “Nova Mulher” (1896)



Fonte: <https://www.artsy.net/>

Todos esses aspectos históricos, que são remodelados pelas mãos da ficção, trazem a ambiência necessária para a concepção de uma metaficção historiográfica. Ao contrário da história, preocupada em eleger os grandes homens de seu curso, essa narrativa propõe um olhar sobre o que não foi visto ou contado. Em *Cartas de Yellowstone* surge uma fictícia (mas possível) estudiosa nascida no mesmo berço que os celebrados botânicos da família Bartram. Assim como a irmã de Shakespeare, concebida literariamente por Virginia Woolf em *Um teto todo seu* (1929), Alexandria surge para provocar a seguinte reflexão: qual patamar as mulheres poderiam ter

alcançado nas ciências se lhes fossem dadas as mesmas oportunidades que são concedidas aos homens?

Nesse ponto, é importante frisar que Alexandria experencia a prática científica de uma maneira muito mais enfática do que as protagonistas dos romances anteriormente estudados. Embora aqui, mais uma vez, a cientista tenha que forçar a sua inclusão, percebe-se que essa contenda auferir resultados muito mais profícuos do que o que ocorre ao início e meados do século XIX com Alma e Mary Anning.

Destaca-se, por exemplo, o fato de Bartram ser uma estudante regular do Curso de Medicina da Universidade Cornell, experiência que as americanas ao início do século jamais vislumbrariam. Dessa forma, a ligeira abertura para os anseios de Alexandria e os frutos obtidos com essa oportunidade possibilitam ao leitor enxergar de forma ainda mais vivaz a necessidade e pertinência das políticas pela igualdade de gênero nas ciências.

Retrato 9 – Graduas em medicina da Universidade de Drexel (1889)



Fonte: <https://www.nlm.nih.gov/nativevoices/timeline/375.html>

Retrato 10 – Encontro pelo sufrágio feminino em Washington, (1888)

Sentadas (da esquerda para a direita) Alice Scotchard (Inglaterra), Susan B. Anthony (Estados Unidos), Isabella Bogelot (França), Elizabeth Cady Stanton (Estados Unidos), Matilda Joslyn Gage (Estados Unidos) e Baronesa Alexandra Gripenberg (Finlândia)



Fonte: <https://www.britannica.com/topic/woman-suffrage/The-United-States>

Nas trilhas desse olhar, entendo que o conflito central do romance se institua nos seguintes termos: de que forma uma mulher limitada pelos preceitos sociais pode excursionar em uma experiência adversa de pesquisa sem ser e sem se revelar afetada, sem causar algum tipo de reação contrária de seus pares e, principalmente, conseguindo destacar-se enquanto estudiosa?

A fim de compreender as amarras narrativas que respondem a essas questões, divido a escrita desta seção em quatro partes principais. Nelas, busco discriminar os

diferentes olhares que se dirigem a Alexandria quando ela se propõe a integrar o mundo científico, contexto no qual ela é amplamente classificada como corpo estranho.

Essas perspectivas, claramente destacadas na estrutura desse romance epistolar, serão discutidas por meio dos seguintes eixos: a) o papel do gênero carta no evidenciar das distintas expectativas sobre a protagonista; b) o olhar do sexo oposto sobre a heroína; c) a percepção das personagens mulheres sobre Alexandria; e, finalmente, d) a imagem que a protagonista cria de si própria nesse cenário pouco receptivo.

Pautando-me sistematicamente na ideia foucaultiana de que o poder é uma força positiva que institui subjetividades, entendo que essas múltiplas posições em torno da atuação de Alexandria ajudam a dispor os traços de sua subjetividade. Os olhos que a repugnam e aqueles que a encorajam são fundamentais para o delinear de seu destino profissional inusitado para o século XIX e inspirador para as mulheres da atualidade. Postas estas considerações iniciais, passo, então, à problematização dessas diversas visões sobre um mesmo corpo feminino que ousa lutar pelo saber.

3.3.1 Reflexos íntimos no envelope

Um dos aspectos que mais chama atenção na linguagem de *Cartas de Yellowstone* é o fato de o romance ser inteiramente narrado por meio de cartas. A perspectiva do enredo não nos é dada por um narrador onisciente, mas sim pelos múltiplos olhares que participam da trama. Alexandria, Howard, Lester King, os pais de Alexandria, a confidente da protagonista: todos esses e tantos outros se tornam personagens aptas a contar ou recontar ao leitor os diversos fatos que compõem a narrativa.

Novamente, a noção de verdade é aqui relativizada e percebe-se que, de fato, o poder atua em rede, sendo que são vastas as pressões para conformação das subjetividades apresentadas. Nessas mesmas cartas observa-se muito da personalidade das personagens centrais. Em sua própria escrita, Howard e Alexandria, por exemplo, desafiam alguns dos paradigmas de gênero.

Howard escreve quase sempre à mãe, em tom de fragilidade, relatando seus medos e inseguranças e pedindo auxílios práticos ou espirituais. Já Alexandria restringe o contato com os pais para tranquilizá-los e, mesmo nas cartas direcionadas à sua confidente, ela busca transparecer convicção, ainda que relate episódios de extrema dificuldade.

Fica claro que a protagonista não se permite enfraquecer pelo receio de ser detida em seu empreendimento. Já Howard não demonstra temor em apontar suas vulnerabilidades e em admitir os seus limites enquanto líder da expedição. Sua figura é comparada a de seus colegas pesquisadores que permanecem no Instituto Smithsonian. Enquanto o primeiro é melancólico e não demonstra espírito de liderança, seus companheiros transparecem coragem e confiança em suas ações.

É perceptível que, assim como acontece com o casal principal de *A assinatura de todas as coisas*, também em *Cartas de Yellowstone* a relativização da masculinidade é necessária, a fim de que o feminino possa se apresentar de maneira alternativa e inédita. Principalmente por meio das cartas desses dois personagens, compreende-se a sua inconformidade com lugares pré-determinados e, especialmente, vislumbra-se a possibilidade de campos de atuação incomuns para o público feminino.

Ainda, nessas missivas, verifica-se a presença de uma escrita feminina conforme estipulada por Castello Branco (1991) e Oliveira (1993). Descobrem-se, nelas, as minúcias de cada olhar, as percepções individuais sobre um mesmo fato. Nesse jogo, vaidades, angústias, paixões e planos são revelados. Muitos desses sentimentos jamais são externados para os demais personagens. Dessa forma, ao ter acesso a esses relatos íntimos, o leitor consegue apreender de forma mais apurada tanto os desafios enfrentados por Alex quanto as transformações que a expedição propicia à protagonista.

É, portanto, no nível da palavra onde são feitos os primeiros desgendramentos neste romance. Os papéis sociais tão fortemente delineados no meio externo são intensamente questionados no âmbito da escrita. Quem se mostra sensível e por vezes acuado com os mundos apresentados pela ciência é Howard. Alexandria apenas reforça o desejo de entregar-se de corpo e alma ao perigo e suas oportunidades.

Esse delineamento do caráter da heroína, no entanto, não se apresenta de maneira expressa aos olhos dos coadjuvantes desde o início da narrativa. O reconhecimento de Alexandria como membro da expedição científica é acompanhado por avaliações e inferências feitas tanto por pessoas do sexo oposto quanto por companheiras de seu mesmo sexo e pela própria protagonista. A seguir, busco expor os pormenores dessas representações que são feitas a partir da perspectiva do outro e de si mesmo. Por meio desses pontos de vista quase sempre díspares, pretendo conseguir apontar o lugar de fala que Smith reserva à sua heroína nos domínios de produção do saber.

3.3.2 O olho do outro no espelho

Em uma das primeiras passagens do *Cartas de Yellowstone*, apresenta-se uma correspondência em que Alexandria, sob a insígnia de “A. Bartram”, solicita seu ingresso na expedição chefiada por Howard Merriam. Na carta, Alexandria destaca todos os atributos que a credenciaram, como cientista, a ingressar na pesquisa de campo. É interessante observar que, ainda no processo de argumentação pelo seu ingresso, a heroína menciona até mesmo aspectos da sua vida social, os quais, fosse ela um homem, certamente contariam a seu favor em um processo de admissão para a pesquisa científica:

Embora eu tenha estudado medicina durante meu tempo aqui [na Universidade Cornell], eu prefiro o estudo de botânica a qualquer outra coisa. Eu tenho uma coleção pessoal de mais de 5.000 espécimes [...]. Nos últimos três anos, eu passei o verão na Filadélfia estudando a expedição de Lewis, e eu iniciei uma documentação ilustrada de sua coleção [...]

[...] **Eu sou jovem, não tenho cônjuge, e estou sem nenhum compromisso que possa me prender aqui** (SMITH, 1999, p. 3, tradução minha, grifo meu).⁵⁰

⁵⁰ No original: “Although I have studied medicine during my ternure, I prefer the study of botany over anything else. I have a personal collection of over 5,000 specimens [...]. For the last three years I have summered in Philadelphia studying the Lewis expedition, and have initiated an illustrated documentation of their collection [...].

[...] I am young, single, and without any engagement to confine me here.”

No momento em que recebe a carta, Howard instintivamente presume que o remetente seja um homem. Na realidade, jamais passa pela imaginação do pesquisador a possibilidade de que o pedido pudesse ter vindo de uma mulher. Em carta direcionada à sua mãe, Howard escreve:

Deve ser interessante quando esse homem, Bartram, justar-se a nós. Aparentemente, ele tem dedicado sua carreira de naturalista ao estudo das plantas da expedição. Eu não tive coragem de dizer a ele que nem Lewis nem Clark se aventuraram nas proximidades do parque. Se ele não souber disso agora, ela irá descobrir a tempo. Espero que isso não cause muito desapontamento (SMITH, 1999, p. 8-9, tradução minha).⁵¹

A admiração que se manifesta em Howard quando lê a carta de Alexandria e o desejo de que o desconhecido pesquisador se junte à expedição é substituído no momento em que Merriam descobre que o perfil apresentado na correspondência pertence a uma mulher. Ao receber Alex, o motorista de Howard fica atônito. Posteriormente, o próprio chefe da expedição externa sua surpresa ao descobrir que Dr. Bartram não era alguém do sexo masculino.

A dimensão do espanto de Howard e de seus companheiros acontece na mesma medida da exclusão do corpo feminino da ciência da época. Não era comum e, para muitos, não se mostrava como empreendimento possível a uma mulher adentrar em qualquer campo de pesquisa. Dessa forma, considerando-se os espaços escolhidos para a representação feminina (o lar e, dentro do lar, a cozinha e o quarto), o chefe da expedição sente o desconforto de não identificar em Alexandria a incorporação de estereótipos femininos.

Em consonância com o que nos ensina Stuart Hall (2016) em sua obra sobre cultura e representação, o primeiro impulso de Howard ao perceber o não lugar de Alex é simplesmente excluí-la. Assim que descobre que a cientista é uma mulher, o estudioso escreve desnorreado para sua mãe, revelando não saber o que fazer com uma representante do sexo feminino em sua expedição, mesmo estando necessitado de pessoal:

⁵¹ No original: It should be interesting when this man Bartram joins us. He apparently has dedicated his naturalizing career to studying the plants of the expedition. I did not have the heart to tell him that neither Lewis nor Clark ventured anywhere near the Park. If he does not know it now, he will figure out in time. I hope it is not too much of a disappointment.”

Querida mãe,

Você se lembra daquele Dr. Bartram de quem mencionei? Bom, ele chegou. A única questão é que ele é ela e, agora, eu não sei o que fazer. Estou com uma falta de pessoal tão grande que eu aceitaria o maior retardado ou canalha que o mundo científico tem a oferecer, mas, querida mãe, o que eu vou fazer com uma mulher? Já temos um cozinheiro (SMITH, 1999, p. 27, tradução minha).⁵²

Mesmo que, posteriormente, o chefe da expedição venha a demonstrar a sua empatia para com outras formas de conhecimento, na passagem acima, o personagem revela sua total aversão à ideia de um trabalho científico exploratório realizado por mulheres. Deve-se ressaltar que, ainda que este romance se passe em fins do século XIX, os ditames da moral vitoriana ainda permaneciam fortes nesse período. As linhas abissais do pensamento moderno, mesmo nesse contexto de vanguarda feminista, também continuavam espessas e, dessa forma, a prática mais aconselhada era impedir que as mulheres falassem, inclusive quando sua fala fosse circundada de mais propriedade do que o discurso dos homens.

Nessa perspectiva, até a própria imagem que Howard cria sobre o físico de Alexandria remete à sua inadequação ao trabalho de pesquisa. Franzina e baixa, Alex dá a Merriam a impressão de que não comeria muito. Dado o limitado investimento financeiro da expedição, essa característica, por si só, auxilia no convencimento de Howard sobre a integração da estudiosa ao seu grupo. Nota-se que ele não espera dela a força e resistência necessárias ao trabalho na natureza. Entendendo que Alex não poderia ajudar, ele começa a se contentar com a suposição de que ela não atrapalharia seus trabalhos.

À medida que o tempo passa no campo de pesquisa, torna-se possível conhecer um pouco das perspectivas de Howard e Alexandria em torno do saber. Merriam, apesar de suas concepções sobre o sexo feminino, mostra-se profundamente interessado pela alteridade indígena e valoriza o conhecimento ancestral dos povos autóctones. Porém, no trato diário com Alex, ele percebe que a estudiosa não

⁵² No original: "Dear Mother, Remember that Dr. Bartram I wrote you about? Well he has arrived. Only he is a she, and now I am at a complete loss as to what I should do. I am so woefully short of staff, I would embrace the worst laggard or miscreant the scientific world has to offer but, dear Mother, what am I to do with a woman? We already have a cook."

compartilha da sua visão em virtude de uma formação científica extremamente tradicionalista.

A partir desse olhar de Howard, nota-se então um esforço de Alexandria em se inserir e se confirmar em um lado privilegiado da fronteira. Sua luta traduz-se no esforço de desvincular-se do universo mítico, sensível e pouco racional associado não só às mulheres, mas aos povos indígenas e às pessoas de países colonizados. A limitação do pensamento de Alex, nesse sentido, anda ao lado do pensamento moderno e suas linhas abissais. A estudiosa, em sua ânsia pela inserção no mundo da ciência, não entende o conhecimento (sobretudo o conhecimento legitimado) como uma instância negociada (ALCOFF; POTTER, 1993).

Apesar dessa verdadeira fixação por conviver no lado privilegiado da fronteira, a inserção de Alexandria em uma equipe de pesquisadores formada exclusivamente por homens faz lembrar, a todo instante, o seu lugar pouco favorável nas relações do saber. Em uma das noites no acampamento, o motorista da expedição, de pouca formação escolar, recolhe um dos livros de botânica de Alex e sexualiza uma passagem que trata da fertilização das flores.

De forma irônica, o homem pergunta-se qual seria o interesse de uma mulher ao fazer uma leitura como essa: “Eu sempre me perguntei o que ela estava fazendo na cama com um livro.’ Ele riu de forma sugestiva. ‘Ela chama isso de ciência.’ [...] ‘Eu chamo isso de interessante’”. (SIMITH, 1999, p. 77, tradução minha)⁵³.

É importante dizer que a vigília em torno do comportamento de Alex não acontece apenas por parte de seus companheiros de expedição. Bartram também é observada de longe pelos homens que faziam parte de sua convivência antes do ingresso na expedição. Um desses personagens é Lester King, espécie de mentor de Alexandria e, claramente, um possível pretendente.

Em uma visita ao Parque de Yellowstone, King não se conforma com o fato de Alex não ter se dobrado às regras da academia e ter preferido a extrema liberdade do trabalho de campo. Ele percebe que todo aquele cenário que entende como impróprio a uma mulher é justamente a vida profissional com que a estudiosa sempre sonhara.

⁵³ No original: “I often wondered what she was doin in there in bed with a book.’ He laughed suggestively. ‘She calls it science’. [...] ‘I call itr inneresing.’”

Ainda que testemunhe a evidente realização de Alexandria, King entende a permissividade do campo de pesquisa como ambiente perigoso. Sua perspectiva coaduna-se a um dos pilares do biopoder, qual seja, o controle e restrição do corpo feminino:

É alguma surpresa que Alex se considere feliz aqui? Ninguém dá a mínima atenção a ela, ou rastreia as suas atividades. Ela estava sempre reclamando sobre as restrições da universidade e da rotina dos laboratórios. Aqui ela tem completa liberdade para ir e vir. Isso, por si só, deveria ser motivo de preocupação, considerando-se as condições sob as quais ela está vivendo (SMITH, 1999, p. 102).⁵⁴

Ao observar Bartram no campo de exploração, Lester King também nota uma transformação na aparência delicada de Alex. Na opinião de King, essa mudança comprova que ela vive em condições terríveis, primitivas e inadequadas. Para a revolta do estudioso, essas circunstâncias parecem contribuir para a felicidade de Alexandria. Assim, causa-lhe profundo estranhamento a percepção de que aquela atmosfera hostil se apresentava como habitat natural de sua antes delicada companheira:

Não é o fato de que ela tenha perdido peso na mesma medida em que se tornou mais vigorosa, áspera ou talvez até resistente pelas condições em que vive aqui. Parece haver também um ar de desapego das cortesias e civilizações comuns, que foram substituídas por uma natureza selvagem em seu comportamento. É como se ela tivesse sido mantida em cativeiro contra a vontade enquanto vivia no Leste e, agora, que está aqui no Parque, foi libertada da civilização e voltou à sua verdadeira natureza selvagem (SMITH, 1999, p. 104, tradução minha).⁵⁵

Nos olhos do antigo mentor de Alex, nota-se a mudança transcorrida na estudiosa até mesmo em seu próprio gestual. Em uma cena na qual Alexandria se entusiasma ao falar de sua experiência no parque, uma mecha de cabelo se desprende

⁵⁴ No original: "Is it any wonder that Alex claims to be happy here! No one is paying a bit of attention to her, or in any way tracking her activities. She was forever complaining about the restrictions of the university and the routine of the laboratories. Here she has complete freedom of movement. That alone should be reason for concern, given the conditions under which she is living,"

⁵⁵ No original: It is not that she has lost weight so much as that she has become more sinewy, roughened or perhaps even toughened by the conditions under which she is living here. There seems to be an air of detachment, too, from common courtesies and civilities, which have been replaced by a wildness in her demeanor. It is as if she has been held captive against her wishes while living in the East and now that she is here in the Park, she has been released from civilization, and has returned to her true, wild nature.

e fica pendente entre sua boca e bochecha. King instintivamente eleva a mão para recolocar a mecha no lugar de onde se soltara. De maneira surpreendente, Alex segura a mão do amigo e lhe beija a palma, “como um homem faria com uma mulher na intimidade”⁵⁶ (SMITH, 1999, p. 105, tradução minha).

Dentre as simbologias inerentes a essa cena, destaca-se a inversão entre os papéis de masculinidade e feminilidade. Ao tentar reajustar o penteado de Bartram, King busca impor na amiga a elegância e formalidade esperadas de uma mulher de sua classe. Assim, os cabelos que se desprendem são representativos do momento de liberdade que atravessa Alex durante a expedição. Liberdade essa que King procura reter.

Ao mesmo tempo, ao beijar a mão de King, a estudiosa comprova a emergência de uma nova personalidade dentro de si. Farta de ser paternalizada, é ela quem pratica o ato dominante. A carícia e o conforto surgem dela e não mais de uma figura masculina em sua direção.

Ao mesmo tempo em que o sexismo é consolidado na fala de Lester King, observa-se ele se relativizar no discurso de Howard Merriam. Ao constatar que a visita de King tinha como intenção levar Alex de volta à universidade, Howard lamenta, reconhecendo o seu valor como assistente. Contudo, ele assente que a expedição não é um lugar para mulheres e, portanto, decide não somar esforços para tentar mantê-la.

Ainda durante a estada de King no acampamento de Yellowstone, promove-se um jantar para comemorar o dia da Independência dos Estados Unidos. Na ocasião, Alex aparece com um vestido que Lester identifica como “cor de sangue”. Para ele, o tom do vestido (aparentemente nunca antes usado por Alexandria) causa desgosto, preocupação.

Para Howard, já encantado com a eficiência e coragem demonstradas por Alex em seu trabalho, o ousado traje causa admiração e uma paixão recalcada. Ambos os homens – um movido pela aversão e o outro pela intimidação – não conseguem revelar pessoalmente a Alex a verdadeira natureza de seus sentimentos. Nessa etapa, salienta-se o desconforto masculino diante do protagonismo exercido por uma pessoa do sexo oposto. Tanto Howard quanto Lester não sabem lidar com a coragem

⁵⁶ No original: “[...] like a man would do to a woman in private.”

doravante sustentada por Bartram e temem as iniciativas que poderiam surgir de sua personalidade resoluta.

Mais adiante, confirmando-se a intenção de Lester de convencer Alex a abandonar a expedição, Howard Merriam finalmente admite em carta endereçada à sua mãe a importância da cientista para a pesquisa que ele chefiava. A voluntariedade de Bartram atrelada ao grande talento da estudiosa para ilustração botânica faz com que Howard confesse identificar nela a melhor colega e amiga que poderia ter.

Ainda sob a ameaça de partida da estudiosa, o estudioso oficializa sua admiração e dependência em relação à cientista escrevendo para William Gleick, um de seus apoiadores no Instituto Smithsonian. Na missiva, ele não só ressalta a imprescindibilidade de Alexandria para o término da expedição, mas também afirma o seu desejo de que ela permaneça no campo de estudos.

Embora se trate de um texto íntimo, é preciso reconhecer que, nessa carta, dispõe-se um discurso inédito ou poucas vezes visto nos registros históricos da ciência. Pelo olhar de Merriam, concebe-se um cenário ideal em que a presença feminina é vista como indispensável para a produção científica:

Para a próxima etapa da jornada, o que eu realmente preciso é de uma Bartram. Bill, preciso que a senhorita Bartram fique, para que possamos terminar nosso trabalho aqui juntos. Mas não só preciso dela. Com toda a honestidade, quero que ela fique.

Admito que muitas vezes tenho sido desdenhoso em relação à senhorita Bartram. Eu a tratei como uma criança. Pior ainda, eu a ignorei por longos períodos de tempo, agindo como se, neste mundo autosuficiente de homens e ciência, ela simplesmente não existisse. [...]

Agora, se tivesse a chance, eu cairia de joelhos e daria a ela minha palavra de honra que faria tudo ao meu alcance para melhorar tratá-la e reparar meus equívocos. [...] (SMITH, 1999, p. 165, tradução minha).⁵⁷

⁵⁷ No original: "For the next stage of the journey, what I really need is a Bartram. Bill, I need Miss Bartram to stay so we can finish our work here together. But not only do I need her. In all honesty, I want her to stay. I admit that I often have been contemptuous towards Miss Bartram. I have treated her like a child. Worse yet, I have ignored her for long periods of time, acting as if, in this self-contained world of men and science, she simply did not exist. [...] Now, if given the chance, I would fall upon my knees and give her my word of honor that I would do all in my power to improve my treatment of her and atone for the worst of my actions."

Ao final da expedição, a convicção de Howard sobre a necessidade de Bartram é tamanha que ele lamenta a decisão inicial de seus superiores em não atribuir a ela uma função formal na universidade. Destacando o esforço de Alex tanto na coleta quanto na ilustração dos espécimes encontrados, ele argumenta sobre a importância do trabalho da estudiosa para que os outros pesquisadores entendessem melhor os espécimes do parque.

Cabe apontar que a configuração desse olhar masculino que se arrepende das práticas de opressão e que se rende a um apelo de igualdade entre os sexos surge de um personagem com traços pouco compatíveis com os fundamentos do pensamento moderno. Apesar de transparecer toda uma formação sexista quando recebe Alexandria, desde o início percebe-se nele uma tendência a receber os saberes do outro, especialmente quando esse outro são os povos nativos.

Como apontei anteriormente, um dos maiores esforços de Merriam no campo de pesquisa é justamente persuadir Alex a abandonar sua visão tradicionalista e exploratória da ciência para adotar uma postura mais contemplativa e até mesmo mítica em torno do conhecimento.

À guisa de exemplo desse conflito, pode-se apontar uma discussão entre essas duas personagens acerca da forma como as diversas civilizações entendem as constelações e a sua influência no planeta Terra. Howard observa a relutância existente em Alex em aceitar outras formas de conceber a “realidade”. A protagonista simplesmente não aceita que a ciência seja marcada por convenções na mesma medida que o mito e a religião. Para ela, apenas a ciência ocidental possuiria a chave necessária para se adentrar no caminho que leva à verdade.

A resposta de Howard a essa visão inflexível de Alex demonstra, uma vez mais, a relevância da experiência de campo para a transformação da heroína enquanto cientista e enquanto mulher. A devolutiva dada pelo chefe da expedição também dá pistas do florescer de uma mudança paradigmática. A era vitoriana chegava ao seu fim, as certezas edificadas ao longo da modernidade em breve seriam ruínas no horror da guerra e o homem haveria de instituir uma nova maneira de pensar a verdade:

[...] todos devemos ter cuidado para não assumir que possuímos a única chave para entender os caminhos do mundo. Afinal, nossa ideia de ciência foi promovida por aqueles que acreditam firmemente que o mundo foi criado em seis dias por um deus que tudo sabe e tudo vê (SMITH, 1999, p. 181, tradução minha).⁵⁸

Esse desafio aos paradigmas modernos que Howard impõe a si próprio e que propõe a Alexandria muito contribuem para a maneira como as parceiras de seu mesmo sexo veem a protagonista e para os traços com os quais a própria heroína passa a se enxergar. Disposta, pois, a perspectiva masculina em torno do trabalho de Alexandria – e a proposta de reestruturação desse olhar na figura de Howard Merriam – apresento, a seguir, a maneira como a protagonista deste romance é enxergada pelas poucas mulheres que atravessam seu caminho durante a expedição.

De modo diferente do que ocorre com King, Merriam e outros homens coadjuvantes da narrativa, as mulheres que se deparam com Alex no campo de pesquisa possuem com ela uma relação de empatia e um apelo de representação. As formas como Bartram é vista por outras mulheres e a maneira como ela é introduzida a outros modos femininos do saber tornam-se essenciais para que a protagonista encontre o seu lugar nas ciências e para que inspire um possível percurso àquelas que a sucedem na história.

3.3.3 Corpos e mentes abdicados: o olhar da sororidade na ciência

Depois de algum tempo de pesquisa no Parque Nacional de Yellowstone, Alexandria depara-se com uma grata surpresa: ela encontra uma outra estudiosa observando a natureza. Trata-se da senhora Eversman. Durante as apresentações, ambas trocam informações sobre o trabalho que realizam e a pesquisadora de maior idade prontamente estabelece uma distinção entre seus perfis. Enquanto Eversman credita a Bartram o título de verdadeira cientista ela não atribui a si própria a mesma designação.

⁵⁸ No original: [...] we must all be careful not to assume that we hold the only key to understanding the ways of the world. Our idea of science was, after all, promoted by those who steadfastly believe that the world was created in six days by an all-knowing and all-seeing god.

Seguindo trilhas similares às de Howard, Eversman sustenta um senso de ciência mais contemplativo. Seu trabalho diário não se enquadra na exploração e sim na pura observação das espécies. Aliada a essa postura não invasiva de Eversman, até mesmo o seu modo de se vestir e seu gestual opõem-se ao ideal viril da ciência moderna. Refutando tornar-se a “caricatura” do mundo masculino (OLIVEIRA, 1993, p. 55) mencionada anteriormente nesta tese, a estudiosa encobre-se de saber sem despir-se de si própria:

Ela certamente não estava vestida para a vida científica, nem para se aventurar, aliás. Comparada a mim, com minhas roupas de campo agora esfarrapadas e imundas, ela parecia muito radiante, com seu traje de sarja azul pálida, não muito diferente da cor de um ovo de um pássaro na primavera. A sua camisa estava aprumada e engomada, seus cabelos castanhos espessos, suavizados por fios grisalhos, estavam cuidadosamente presos. Outro sorriso enrugou seu rosto, mergulhou a cabeça nos ombros e voltou o olhar para as árvores (SMITH, 1999, p. 82, tradução minha).⁵⁹

De certo modo, Alex encanta-se por esse modo de conhecer de Eversman, uma mulher que chega a fazer campanha para que amantes de pássaros abandonem as armas e substituam-nas por binóculos de ópera. Há, nesse *modus operandi* de pesquisa, uma proposta de recuo do nascimento masculino do tempo defendido Francis Bacon.

É preciso pontuar que, mesmo acreditando ter menos legitimidade científica do que Alexandria, a pesquisadora mais experiente demonstra plena satisfação na condução de seu trabalho. Ainda assim, seu próprio discurso contribui para o *status* subjugado em que ela e sua ciência possuem nas relações cognitivas. Ao engrandecer Alex, a senhora Eversman subestima a si própria dizendo:

⁵⁹ No original: She was certainly not dressed for the scientific life, nor for adventuring for that matter. Compared to me, with my now ragged and filthy field clothes, she looked positively radiant, with her suit of pale blue serge, not unlike the color of a bird’s egg in spring. Her shirtwaist was starched and prim, her thick brown hair, softened by threads of grey, neatly pinned. Another smile crinkled her face, her head dipped into her shoulders, and she returned her gaze to the trees.”

“Oh, uma cientista,” - ela suspirou, agora apertando as mãos como se quisesse acalmá-las. “Como eu te admiro. Eu sempre quis ser um cientista, mas” [...], sou apenas uma tagarela. Alguém que você pode chamar de amante da natureza. Eu suponho. E, agora, desde que meu marido morreu, acho que também sou um pouco aventureira” [...] (SMITH, 1999, p. 82, tradução minha).⁶⁰

Apesar disso, a resiliência especulativa de Eversman e a sua inegável paixão por descobrir e catalogar novidades no mundo natural fazem com que Alex note, reconheça e aprecie essa maneira não ortodoxa de busca pelo conhecimento. Nesse encontro de gerações distintas, percebe-se o peso das oportunidades de formação no destino traçado para cada cientista mulher (Alex é uma estudante universitária admitida em uma expedição oficial, enquanto Eversman é uma senhora que só adquire liberdade para aventurar-se na natureza após a morte do marido).

Assim, identifico uma sutil homenagem de Smith às pensadoras que, mesmo sendo proibidas e ainda que apagadas da história, não deixaram de dar suas contribuições ao mundo da ciência. Ainda, sendo Eversman uma pesquisadora de pássaros que propõe novas formas de observação, é plausível presumir a inspiração de Diane Smith por figuras históricas como Florence Augusta Merriam Bailey (1863-1948).

Ornitologista que se aventurou no pouco explorado oeste norte-americano, Florence Bailey destacou-se na concepção de novos métodos de investigação de aves, pautando-se na proteção e preservação das espécies. Em uma de suas maiores obras, *Birds Through an Opera-Glass* [*Pássaros através de um binóculo de ópera*], já é possível apontar a referência histórica realizada em *Cartas de Yellowstone*: Eversman e Bailey valem-se do mesmo instrumento de observação.

Ao mesmo tempo, a similaridade das filosofias seguidas pela personagem literária e pela personagem histórica pode ser constada quando se compara falas de Florence Bailey com as descrições que Alexandria faz sobre o método de pesquisa da senhora Eversman. Em um de seus escritos sobre a prática científica, Bailey orienta: “Cultive um espírito filosófico, contente-se em sentar e ouvir as vozes do pântano; deixe

⁶⁰ No original: “Oh, a scientist,” she sighed, now clasping her hands as if to quiet them. “How I do admire you. I have always wanted to be a scientist, but,” [...] “I’m really just a dabbler. What you might refer to as a nature lover. I suppose. And now, ever since my husband died, I guess I’m also a bit of adventuress [...].”

que as vozes fascinantes, misteriosas e desconcertantes o envolvam e fique em silêncio” (KOFALK, 1989, p. 133, tradução minha)⁶¹.

É inevitável associar esses conceitos de Florence Bailey ao trabalho exercido por Eversman, conforme caracterizado por Alexandria. Na personalidade histórica e em sua possível releitura na ficção, efetiva-se a quebra da violência científica moderna. O domínio da matéria aqui não mais figura como objeto primordial do conhecimento:

Engraçado, a noção que as pessoas têm da ciência. Não consigo pensar em nada mais entediante do que ficar sentado literalmente o dia todo em um abrigo escuro e abafado, não muito maior do que um chapéu de abas largas coberto com um pesado pedaço de lona. E, no entanto, ali está aquela mulher, dia após dia, combatendo moscas, mosquitos e o calor sufocante do dia, observando meticulosamente e documentando os hábitos de nidificação e o ciclo de vida dos pássaros. Se isso não é ciência, não sei o que é (SMITH, 1999, p. 83, tradução minha).⁶²

Retrato 11 – Florence Augusta Merriam Bailey



Fonte: <https://www.sierracollege.edu/ejournals/jscnhm/v6n1/bailey.html>

⁶¹ No original: "Cultivate a philosophic spirit, be content to sit and listen to the voices of the marsh; let the fascinating, mysterious, bewildering voices encompass you and hold your peace."

⁶² No original: Funny, the notion people have of science. I can think of nothing more tedious than sitting for literally all hours of the day in a stuffy, dark bird blind not much bigger than a wide-brimmed hat covered with a heavy piece of canvas. And yet, there that woman sits, day in and day out, fighting off flies, mosquitoes, and the stifling heat of day, meticulously observing and documenting the nesting habits and life cycles of birds. If that is not science, I do not know what is.

Outra figura feminina importante no que diz respeito à experiência de Alexandria durante a expedição, é a senhorita Zwinger. Mulher de meia idade, Zwinger é uma viajante e naturalista que vive acompanhada por moças mais jovens. Embora na narrativa não se faça uma menção explícita sobre a natureza da relação de Zwinger e suas companheiras, o enredo leva ao possível entendimento de que a líder do grupo atua como uma de tutora.

Ao encontrar Alex em um hotel nos arredores do parque, Zwinger estabelece uma relação de amizade com a protagonista e é capaz de enxergar nela as mesmas inseguranças que ela própria houvera enfrentado no momento em que decidira tornar-se independente. Na realidade, Zwinger percebe, com a chegada de Lester King no acampamento, que aquele seria um momento crucial na vida de Alexandria. No tempo e espaço em que viviam, não seria possível optar pela liberdade profissional sem lançar mão de uma série de abdições.

Assim, na celebração de 14 de julho no acampamento, Zwinger arquiteta uma situação em que Alex toma consciência de seu corpo mulher e em que compreende a urgência de ponderar e afirmar suas próprias decisões. Propositamente, a personagem mais experiente empresta a Bartram um vestido justo no corpo, cor de rubi (ou de sangue, como Lester o definira). O traje, escolhido para a comemoração da independência dos Estados Unidos, é também apontado metaforicamente como a roupa apropriada para a própria independência de Alex.

O vestido provocante, que dá a Alexandria contornos os quais ela própria desconhecera, faz a senhorita Zwinger lembrar-se de si quando tinha a idade da protagonista. Assim como Bartram, ela, um dia, se sentira “incerta sobre a [sua] feminilidade, mas abertamente confiante sobre todo o resto, incluindo [seu] futuro” (SMITH, 1999, p. 118, tradução minha)⁶³.

Percebendo esse impasse, Zwinger deixa claro para Alexandria que um eventual relacionamento e possível casamento significariam o fim de sua vida científica. Ela atesta a Alex que vive feliz tendo escolhido a profissão, mas pede à jovem cientista que

⁶³ No original: “Unsure of my own womanhood, but outspokenly confident of everything else, including my future.”

pondere se realmente desejaria o mesmo destino, que, na época em que se passa o romance, significa um caminho sem volta, sem abertura para muitas outras experiências que circundavam a vida social das mulheres.

Na fala de Zwinger percebe-se, então, que a geração de Alex obtém uma conquista jamais experimentada por estudiosas nascidas em outras etapas da Era Moderna. Apesar dos sacrifícios ao longo da carreira, a vida científica apresentava-se a algumas mulheres como possível escolha. Essa inclinação, todavia, ainda significava a impossibilidade de viver a experiência feminina sob outros ângulos.

Era improvável, por exemplo, encontrar um companheiro que aceitasse uma mulher pelo que era, é, e pensava. Dessa forma, a ambição profissional, para Alex e suas contemporâneas, traria consigo a ameaça da solidão. É essa mensagem que fica subjacente na fala de Zwinger antes do simbólico jantar:

Quero que você dê uma boa olhada em mim, Srta. Bartram, e se pergunte se é assim que você deseja passar a vida. [...]

[...]

Sempre acreditei firmemente que encontraria alguém que me valorizaria por quem eu sou, não pelo que a sociedade diz que eu deveria ser. [...] Eu não desisti desse sonho. Mas a realidade é que o relógio continua correndo. Uma vez que envelheci, as chances de isso acontecer agora são muito reduzidas. Bartram, não se dirija para um beco sem saída, a menos que esteja absolutamente convencida de que ficará satisfeita com o destino (SMITH, 1999, p. 121, tradução minha).⁶⁴

A escolha de Alex, à qual Zwinger dá grande relevo, começa a se delinear quando a protagonista informa a Lester King que não deixaria a expedição antes do término. Esse caminho de resolução é ainda mais fortalecido à medida que o campo de pesquisa lhe apresenta outras figuras femininas.

Uma dessas personagens é a mulher de Philip Aber, o patrocinador da expedição. Ela se apresenta no Parque de Yellowstone após receber a notícia da morte

⁶⁴ No original: "I want you to take a good hard look at me, Miss Bartram, and ask yourself if this is how you want to spend your life. [...] I have always firmly believed that I would meet someone who would appreciate me for who I am, not for what society says I should be. [...] I have not given up on that dream. But the reality is that the clock keeps ticking. As I have grown older, the chances of that happening now are very slim indeed. Do not travel down a dead-end road, Miss Bartram, unless you are absolutely convinced that you will be content with the road's destination."

do marido. Ao observar a senhora Aber, Alexandria não pode evitar fazer uma comparação entre si própria e a viúva. Delicada e extremamente dependente, Aber surge como metáfora do arquétipo que Bartram havia deixado para trás ao tornar-se um membro da expedição:

A sra. Aber tem mais ou menos a minha idade, embora pareça muito mais jovem, quase como uma criança, apesar de sua beleza fascinante. Ela tem uma postura perfeitamente ereta, com um pescoço longo e cabelos pretos e espessos, que servem apenas para acentuar a palidez de sua tez e a escuridão de seus olhos. Eu diria que ela se parece com uma boneca, mas é muito frágil para essa comparação. Ela é tão delicada que parece precisar do braço de um homem simplesmente para andar de um lado para o outro da sala (SMITH, 1999, p. 133, tradução minha).⁶⁵

Também é primordial para esse processo de autoafirmação de Alex o contato com Sara, uma das mulheres nativas que habitavam o Parque Nacional de Yellowstone. Alexandria é informada de que a indígena havia fugido com o marido, Joseph, de sua tribo original pela ameaça de ser raptada por outro homem (o costume, pelo relatado, não era algo incomum no povo ao qual eles pertenciam).

Tomando-se como referência as pistas da narrativa e, principalmente, as reações de Alex, nota-se que a amizade com Sara é a primeira que a protagonista estabelece de maneira consistente com uma mulher fora de seus vínculos étnicos e sociais. Esse elo é também relevante para que a heroína compreenda seus espaços de privilégio, ao mesmo tempo em que vislumbra melhor as atrocidades instauradas também no âmbito de seu próprio grupo cultural.

Ao ouvir sobre a experiência de fuga de Sara, Alexandria se assusta com o *status* de propriedade inculcido ao corpo das mulheres daquele povo. Todavia, após esse primeiro instante em que enxerga a cultura do outro como primitiva, ela relembra que as mulheres brancas não eram mais valorizadas e respeitadas em seus desejos do que as mulheres indígenas. Nessa perspectiva, em carta enviada à confidente Jess,

⁶⁵ No original: “Mrs. Aber is about my age, although she seems much younger, almost like a child in spite of her striking beauty. She stands perfectly tall, with a long neck and thick, black hair which only serves to accentuate the paleness of her complexion and the darkness of her eyes. I would say that she looks like a doll, but she is much too fragile for that description. She is so delicate that she appears to need the arm of a man just to walk from one side of the room to the other.”

Alex começa a entender que o seu mundo não poderia ser tido como mais avançado que o de Sara e Joseph:

Mas, Jessie, você pode imaginar? Como alguém poderia viver rodeado por esses medos? Ela é como uma propriedade, a ser roubada por qualquer homem que deseje reivindicá-la. Mas quando considero as moças que viajam com a senhorita Zwinger, muitas das quais serão, no final das contas, compradas pelo maior lance, não posso julgar Sara e seu povo. [...] Os nativos podem viver em um mundo diferente do nosso, mas não é inferior. Admito que condenei Joseph rapidamente pelo que considero serem suas crenças primitivas, mas ele e sua esposa não são selvagens, como seus detratores nos fazem acreditar. Ou, pelo menos, eles não são mais selvagens no mundo deles do que nós somos no nosso (SMITH, 1999, p. 170, tradução minha).⁶⁶

Na realidade, o contato de Alex com a alteridade de Sara torna-se tão relevante que a amiga indígena se torna inspiração para a protagonista. Ao fugir de seus costumes locais, Sara quebra a tradição de sua cultura, a fim de buscar a autorrealização. No romance, não se encontra a pretensão de dispor a condição social e de gênero de Alexandria sob o mesmo ângulo que a experiência resiliente de Sara. No entanto, o movimento empreendido por esta última ao não se curvar às convenções de sua cultura torna-se referência no percurso de Alex.

A convicta luta de Sara dá à protagonista do romance a certeza da necessidade de enfrentar as determinações de sua própria linhagem. É nesse sentido que Alexandria finalmente estipula casamento e filhos como itens secundários em sua lista de prioridades:

⁶⁶ No original: “But, Jessie, can you imagine? How could anyone live with those fears? She is like a property, to be stolen by any man who wishes to claim her. But when I consider the young women travelling with Miss Zwinger, many of whom will be, when it comes right down to it, purchased by the highest bidder, I cannot pass judgment on Sara and her kind. [...] Native people may live in a different world from ours, but it is not an inferior one. I admit that I have been quick to condemn Joseph for what I have perceived to be his primitive beliefs, but he and his wife are not savages, as their detractors would have us believe. Or at least they are no more savage in their world than we are in ours.”

[...] um casamento agora limitaria minha capacidade de explorar todas as novas e ricas possibilidades que aguardam a mim e à minha nova carreira. E crianças, por mais abençoadas que fossem, roubariam essa parte do meu futuro. Se aprendi alguma coisa com minha conversa com Sara e com minha longa estada aqui no parque, é que as mulheres podem e devem tomar a frente de suas vidas. Sara fez isso retirando-se das tradições de sua tribo. Pretendo aprender com a sabedoria dela e me retirar, pelo menos por enquanto, das tradições minhas (SMITH, 1999, p.175, tradução minha).⁶⁷

Logo, a relação com o outro feminino torna-se primordial na determinação do futuro de Alexandria. Eversman, Zwinger e Sara são representações apuradas dos traços que a protagonista deveria incorporar se realmente quisesse seguir um destino alternativo àquele apresentado às mulheres de sua classe. Deve-se pontuar que o acesso a essas outras possibilidades de “ser mulher” apenas são apresentadas a Alex quando ela decide embarcar em um espaço incomum ao sexo feminino. Somente ao deixar o isolamento doméstico e a proteção imposta da instituição familiar, a heroína tem acesso a outras referências, a outras formas de ver a si e seu efetivo papel em sociedade.

Creio que Smith aponte também para a imprescindibilidade da oportunidade de escolha para percurso seguido por essas mulheres. As personagens femininas tratadas até aqui são sujeitos claramente pertencentes a classes distintas, a gerações separadas no tempo, a culturas consideravelmente distantes em sua forma de entender e viver a experiência humana. Todas essas idiosincrasias diferenciam essas mulheres na forma como tentam e conseguem combater a diferença sexual. Apesar dessas disparidades, fica latente nessas histórias a primazia da liberdade na realização dessas mulheres. Suas vidas desobedecem a uma trajetória tradicional à medida que vislumbram outras realidades como factíveis ao seu sexo.

Preciso salientar que essa libertação não ocorre de maneira instantânea, meritocrática ou mesmo pela benevolência daqueles que detêm os mecanismos de formação e emancipação. Em todos esses casos, é a mulher quem necessita forçar a

⁶⁷ No original: [...] marriage for me now would limit my ability to explore all the rich new possibilities that are awaiting for me and my new career. And children, as blessed as they would be, would steal that part of my future away. If I have learned anything from my conversation with Sara, and my extended stay here in the Park, it is that women can and should take charge of their lives. Sara has done so by removing herself from the traditions of her tribe. I intend to learn from her wisdom and remove myself, at least for the time being, from the traditions of mine.

sua própria soberania. Fugas, ocultação do próprio sexo, habilidade para coexistir aos julgamentos e exclusões são apenas alguns dos artifícios dos quais essas personagens femininas lançam mão para gozar de algo que deveria ser considerado um direito inabalável: o governo do próprio corpo e o arbítrio sobre as próprias vontades.

Novamente, o movimento de revisão (no interior e na superfície da narrativa) é imperativo para concepção dessas histórias que subvertem a ordem social e discursiva. Ao mesmo tempo, corrobora-se a necessidade de copresença feminina na configuração dessas insurreições cotidianas. Sem a descoberta de referências, a luta de Alexandria possivelmente seria menos direcionada e menos concreta.

Essa relação referencial talvez seja o ponto crucial para diferenciar a trajetória de Alexandria Bartram daquelas seguidas pelas heroínas anteriormente estudadas nesta tese: Alma Whittaker, Mary Anning e até mesmo Elizabeth Philpot. Ao contrário dessas últimas, Bartram consegue conviver com mulheres que, de fato, empreenderam um rompimento com suas tradições e conseguiram atingir um patamar considerável de realização para os padrões da época. Vislumbrar pessoas que deram passos, mesmo que mínimos, para além da fronteira, é um fator extremamente encorajador para Alexandria.

Essas referências possíveis e mais evidentes, como aponta o histórico já mencionado neste estudo, surge em razão das atmosferas de ruptura prenunciadas já ao final dos oitocentos. Com o controle vitoriano em declínio, abre-se um espaço propício à paulatina emancipação feminina que se efetiva em frentes como a formação universitária, o direito ao voto e um ingresso em massa no mercado de trabalho.

Cabe pontuar que essa matriz de referências femininas não tem seu marco final na protagonista do romance. Ao longo de toda a narrativa, Alexandria troca correspondências com Jess, sua amiga e confidente. Em momento algum, são expostas as respostas de Jess às cartas de Alexandria. A tônica das missivas da protagonista, porém, levam à suposição de que Jess vem do mesmo grupo social de Alex e que ambas possuíram formações semelhantes, mas que naturalmente se apartaram no momento em que Alexandria decidiu seguir um percurso de maior independência.

O silenciamento de Jess na narrativa diz muito sobre a sua condição. Enquanto Alexandria aventura-se em algo novo à procura de experiências e afirmações ancestralmente negadas às mulheres, Jess mostra-se como o arquétipo da mulher oitocentista, que só consegue acessar o mundo exterior pela abertura de sua janela. As cartas que a protagonista envia à sua confidente são essa via de acesso a um ambiente, em primeira instância, inacessível.

As primeiras negociações de Alex para seu ingresso na expedição, a confissão dos perigos e preocupações que ela oculta nas cartas enviadas aos pais, os lampejos de romance e as decisões que ela se vê obrigada a assumir em meio ao amadurecimento pessoal e profissional são cenas que tomam nova vida quando o papel encontra os olhos de Jess.

Reitero a ausência de caracterizações sobre essa principal destinatária das cartas de Alexandria. Nada se sabe sobre ela além da ciência que possui sobre os bastidores da aventura da protagonista. Esse desconhecimento, todavia, não impede que se presuma nela o espanto, a admiração e a realização vicária que sente ao acompanhar os passos improváveis de sua amiga íntima.

O tom dessa identificação que se dá sobretudo pelo pertencimento de gênero das duas personagens fica exposto principalmente quando se comparam as cartas enviadas por Alexandria a Jess com aquelas que ela remete aos pais e a Lester King. É apenas na interlocução com a amiga confidente que a protagonista permite-se confessar os desafios diários.

Alexandria sabe que qualquer pedido de ajuda direcionado aos seus “responsáveis” significaria admitir o fracasso em sua jornada de emancipação. Na realidade, ao longo de todo enredo, pratica-se essa espera pela deserção de Alex, principalmente por parte das figuras masculinas como Lester King e o próprio Howard. Nesse sentido, a heroína esforça-se para se mostrar forte e resoluta diante de seus pares homens.

O ato de revelar suas inseguranças para Jess, por outro lado, não traz desconforto algum. A noção de identificação e pertencimento entre as duas amigas é o que permite a resistência de Alex no campo de batalha. Essa relação de afetividade e incentivo atinge seu ápice ao final do romance quando Alexandria, tendo finalizado a

expedição e já estabelecida em um cargo de pesquisadora na Faculdade Agrícola do Estado de Montana convida Jess a sair do papel de mera interlocutora para ressignificar sua experiência como sujeito.

O convite, em termos literais, é para que Jess um dia visite o território onde Alexandria ousou aventurar-se. Porém, entendo que o chamado se refere a bem mais do que um deslocamento no espaço. O oeste desconhecido e temido conquistado pela protagonista também é metáfora dos percalços enfrentados pelos pioneiros de seus grupos sociais. A produção de conhecimento, a independência, a oportunidade e a responsabilidade de falar por si eram terras ainda pouco desbravadas pelas mulheres no final dos oitocentos. Era preciso, então, coragem e mãos companheiras para atingir o outro lado dessa estrada que prometia ser repleta de venturas:

Vou escrever para você e minha família para que vocês saibam o que está por vir. Você deve viajar para o oeste, como Thoreau aconselhou uma vez, e experimentar o meu novo mundo por si própria assim que puder. Estou mais confiante do que nunca que será arrebatador, Jessie. Simplesmente arrebatador (SMITH, 1999, p. 226, tradução minha).⁶⁸

Apresentado o elo entre todas essas personagens femininas de *Cartas de Yellowstone* e o seu papel decisivo na conformação do destino de Alex, fica latente o debate sobre suas interseções identitárias. Smith realiza um constante movimento de aproximação entre as mulheres de sua trama independente das diferenças de idade, classe e etnia que possam existir entre elas.

Esse artifício, em um primeiro momento, pode ser criticado pelas perspectivas que salientam as diferenças identitárias e as dificuldades de interlocução entre mulheres de distintos conjuntos sociais. Quando afirma que as mulheres americanas foram criadas para sustentar preconceitos de raça, gênero e classe, hooks (1981) chama a atenção para o ecoar dessas tendências excludentes em qualquer tentativa de associação política e social do sexo feminino.

De fato, a distância inicial que se estabelece entre a ciência de Alex e as formas de saber da senhora Eversman e dos povos indígenas em Yellowstone é prova de que,

⁶⁸ No original: I will write to you and my family to let you know what lies ahead. You must travel west, as Thoreau once advised, and experience my new world for yourself as soon as you possibly can. I am more confident than ever that it will be rapture, Jessie. Pure rapture.

também no nível do romance, essas negociações são continuamente acionadas. A comunhão da protagonista com as coadjuvantes de seu mesmo sexo não acontece sem a manifestação de ruídos e dúvidas naturais a quem não conhece a experiência de ser o outro.

Para além do contexto das relações sociais, impasses como esses abordados no romance são especialmente importantes para se pensar o lugar da identidade e da diferença no contexto da prática profissional feminina e na emissão de discursos científicos pelas mulheres.

Na abordagem dessa problemática, Smith opta por não omitir as fissuras dentro de um possível signo “mulher”. Ao mesmo tempo, ela busca organizar essa diversidade sob uma mesma égide de gênero. Alex, Eversman, Zwinger, Sara e Jess têm em comum o tratamento sexista em seus respectivos conjuntos sociais. Embora suas exclusões sejam materializadas em nuances e escalas distintas, essas experiências inicialmente distantes incentivam a reflexão sobre a alteridade e a ponderação sobre os aspectos que devem ser contestados na própria identidade.

Essa escolha por retratar uma diferença interseccional coaduna-se com a proposta de Chandra Mohanty (1989, p.13, tradução minha):

Pluralidade é então tanto um ideal político quanto um *slogan* metodológico. Mas...uma pergunta incômoda persiste. Como negociamos entre a minha história e a sua? [...] É necessário afirmar nossas densas peculiaridades, nossas diferenças vividas e imaginadas. Mas poderíamos deixar de refletir sobre como nossas diferenças são entrelaçadas e, de fato, organizadas hierarquicamente? Poderíamos, em outras palavras, conceber a possibilidade de termos realmente histórias completamente diferentes, de ver a nós mesmos vivendo — e tendo vivido — em espaços totalmente heterogêneos e descontínuos?⁶⁹

A resposta do romance de Smith para essa última questão de Mohanty parece ser uma contundente negativa. As histórias femininas coadjuvantes à de Alexandria Bartram estabelecem uma linha de continuidade em relação à protagonista. Algumas

⁶⁹ No original: “Plurality [is] thus a political ideal as much as it [is] a methodological slogan. But... a nagging question remains. How do we negotiate between my history and yours? [...] It is necessary to assert our dense peculiarities, our lived and imagined differences. But could we afford to leave unexamined the question of how our differences are intertwined and indeed hierarchically organized? Could we, in other words, really afford to have entirely different histories, to see ourselves as living — and having lived — in entirely heterogeneous and discrete spaces?”

dessas alteridades estão à frente de Alex no que tange à emancipação emocional, financeira, intelectual e profissional. Outras já necessitam apegar-se a Bartram como o veleiro capaz de levá-las a destinos nunca imaginados.

No atravessar de todos esses olhares, percebe-se o peso dos engenhos sociais na determinação das perspectivas de existência dadas a cada conjunto social. É notório também o poder do ato de revisão (no nível do enredo e no nível da produção autoral) para a realocação desses lugares pré-determinados.

Até o momento, abordei como o ponto de vista do outro (masculino ou feminino) molda, no âmbito da leitura, esse caráter de inquietude e rebeldia em Alexandria. Chegando à última parte desta seção, é o momento de finalmente compreender como a protagonista enxerga a si própria nessa trajetória de evidente insubordinação. Se em *A assinatura de todas as coisas* e *Criaturas extraordinárias* crises quase irreversíveis se instauram no processo de amadurecimento pessoal e profissional das protagonistas, em *Cartas de Yellowstone* uma outra forma de encarar o desconhecido indica um curso alternativo para se viver a ciência no interior da experiência feminina.

3.3.4 Verdade sem exatidão: prenúncios de uma ciência desgendada

Desde o início de *Cartas de Yellowstone*, são notáveis os elementos que diferenciam Alexandria Bartram dos estereótipos impostos às mulheres de sua época. Na primeira carta que envia ao chefe da expedição ao Parque Nacional de Yellowstone, Alex apresenta uma solidez singular não só na manifestação de seus desejos profissionais, mas também na enumeração dos propósitos que regem o seu direcionamento de carreira. A convicção de suas palavras, por um momento, soa como se seu discurso estivesse suspenso das amarras sexistas atreladas à ciência do século XIX:

Você deve acreditar em mim quando digo que a pesquisa em ciências naturais está no meu sangue. Não quero viver – e morrer – como uma botânica dentro do armário em Nova York, fugindo para o campo apenas quando isso não interferir no meu “trabalho de verdade”. [...]

[...] O Parque Nacional ainda é um enigma – pelo menos no mundo científico. Eu quero ajudar o mundo a entendê-lo melhor. E entendê-lo em seu contexto – não em algum livro ou museu. Será um verdadeiro teste para minha própria coragem (SMITH, 1999, p. 10, tradução minha).⁷⁰

É igualmente peculiar a maneira como Alexandria encara a recepção surpresa de Howard Merriam ao perceber que o estudioso Bartram era, na realidade, uma mulher. Em momento algum, o romance dá pistas de que Alexandria tenha ocultado seu sexo nas cartas de admissão de maneira proposital. Na realidade, o entendimento de que tal ato tenha sido casual intensifica-se no momento em que Alex ofende-se diante do espanto de Merriam.

Reiterando a fragilidade dos paradigmas de gênero, Smith apresenta um Howard extremamente desconfortável em admitir que aguardava um pesquisador do sexo masculino. Alexandria infere a decepção do cientista e pensa em acolhê-lo diante da evidente personalidade desajustada do estudioso – destaque-se aqui a manifestação de um instinto quase maternal, de consolo do outro frágil que possui dificuldades para se expressar.

Porém, apesar desse primeiro impulso, a resoluta protagonista compreende a relevância do momento e decide lutar pelo seu desejo de permanecer na expedição. Note-se que, a todo tempo, esse primeiro contato pessoal não é marcado por sentimentos de inferioridade por parte da protagonista. Seu preparo para o conflito é tamanho que evita até mesmo as armadilhas culturalmente impingidas ao seu sexo sob o signo da natureza:

⁷⁰ No original: “You must believe me when I say that naturalizing is in my blood. I do not want to live – and die – a closet botanist in New York, sneaking out the field only when it does not interfere with my so-called real work. [...] The National Park is still such an enigma – at least in the scientific world. I want to be the one who helps the world better understand it. And understand it in context – not in some book or museum. It will be a true test of my own mettle.”

Senti tanta pena dele, resmungando, atrapalhando e alisando o cachecol, que queria me inclinar, dar um tapinha no joelho dele e dizer que entendi. Mas antes que eu pudesse agir com aquele instinto feminino mais primitivo, percebi que ele estava sentado lá [...], roubando a minha oportunidade. Meu instinto seguinte, muito mais racional, devo acrescentar, foi me inclinar e puxar o cachecol ao redor do pescoço dele com tanta força que ele engasgaria.

Não se preocupe. Eu não fiz isso. No entanto, eu disse a ele que não iria embora. Ele me convidou e eu vou ficar. Ele não pode se livrar de mim tão facilmente. E eu disse isso a ele (SMITH, 1999, p. 26, tradução minha).⁷¹

A postura assumida por Alex torna-se, então, um dos diferenciais para que sua presença seja admitida em uma expedição inicialmente só composta por homens. É pertinente pontuar que, diferente de Alma Whittaker, Mary Anning e Elizabeth Philpot, Alexandria possui constantemente a segurança de seu valor enquanto pesquisadora. Ao contrário do que acontece com as protagonistas dos romances anteriores, a possibilidade de que alguém pudesse subestimá-la em razão de seu sexo não é motivo para que Alex regrida ou se abata. Os desafios de gênero, no seu caso, convertem-se em combustível e a motivam ainda mais a concretizar seus planos pessoais.

Obviamente, seria ilógico afirmar que as hesitações de Whittaker, Anning e Philpot ocorrem apenas em virtude de sua personalidade não suficientemente determinada. Como já apontado, *Cartas de Yellowstone* inscreve-se em um tempo histórico relativamente distinto no qual outras vias começam a ser reclamadas pelas mulheres vitorianas. Para além da composição de caráter da protagonista desse romance, o pano de fundo em que o enredo se desenrola é essencial para que ela apresente uma resposta consciente e firme já na sua primeira interlocução com um homem da ciência.

É também relevante o caráter particular do homem responsável por introduzir Bartram a uma experiência empírica no mundo natural. Howard Merriam, apesar de inicialmente marcado por preceitos sexistas, não é um homem afeito ao poder ou mesmo apegado ao papel de liderança. Suas relações científicas pautam-se mais na

⁷¹ No original: “I felt so sorry for him, mumbling and fumbling and smoothing his scarf, that I wanted to lean over, pat him on the knee, and tell him that I understood. But before I could act on that most primitive feminine instinct, I realized he was sitting there [...], robbing me of my opportunity. My very next instinct, a much more rational one I might add, was to lean over and pull that scarf around his neck so tight that he would choke. Don’t worry. I did not do it. I did, however, tell him that I would not leave. He invited me and I am staying. He cannot get rid of me that easily. And I told him so.”

cooperação do que na imposição de caminhos aos subordinados. Essa propensão, que traz muitas dificuldades nos processos burocráticos de pesquisa, torna-se um facilitador para que a incorporação de Alex na expedição se efetive.

É necessário levar em consideração que, ainda que essa integração de Bartram aconteça com uma formatação inédita em relação às protagonistas anteriormente analisadas, a heroína de *Cartas de Yellowstone* tem consciência de que sua presença é também uma concessão. Ela sabe que sua permanência no campo de pesquisa seria confirmada à medida que ela comprovasse sua capacidade de não incomodar. A ideia de que as mulheres sempre precisam de proteção e cuidado adicional é o que, de fato, preocupa Howard e seus companheiros no início da parceria com Alexandria.

Essa ideia, seguramente, reflete a transposição (própria da ciência oitocentista) do discurso moral sexista para um discurso biológico. Em um momento no qual se tornam prementes novas justificativas para a manutenção de hierarquias sociais, a medicina opera com o objetivo de comprovar as distinções entre os dois sexos e, principalmente, a inferioridade das mulheres. Conforme esclarece Maria Fernandes (2009),

Nesse cenário, o sistema reprodutivo feminino constituía a base da função social da mulher e de suas características comportamentais, produzindo um ser mais frágil do ponto de vista físico, intelectual e emocional. Esse discurso impingiu à mulher a representação que a desqualifica enquanto pessoa e a subordina a uma matriz biológica e procriadora (FERNANDES, 2009, p. 1055).

O percurso traçado por Alex a fim de reverter essa desvantagem profissional passa não somente pela escolha em assumir um comportamento independente no campo de pesquisa, mas também por demonstrar o seu domínio em relação aos princípios e técnicas científicas vigentes à época. A facilidade com que a estudiosa assimila e aplica a aura racionalista e experimentalista amalgamada no conhecimento moderno comprova o seu preparo para o tipo de trabalho que os financiadores esperavam daquela expedição.

De maneira análoga, a formação que Bartram recebe de seus pais (assim como ocorre com Whittaker e Anning) é afirmada como fator basilar para a conformação de sua prática científica. Em uma carta direcionada a seus pais, Alex reflete sobre o papel determinante da criação e, especialmente, da perspectiva religiosa em que a criança é

educada para a demarcação de suas experiências na vida adulta. A partir dessa correspondência, nota-se que Alexandria fora educada para fazer muito mais escolhas que as suas contemporâneas. Em um período de verdadeira confirmação protestante e enraizamento do puritanismo, a heroína de *Cartas de Yellowstone* tem permissão para escolher as concepções que entendesse como adequadas para compreender o mundo:

As crianças sofrem muito pelas mãos de seus pais, que frequentemente recusam a seus filhos a oportunidade de encontrar seu próprio sentido na vida e, em vez disso, os doutrina desde cedo. Eu glorifico vocês dois por não impor nenhuma religião institucionalizada à minha vida, deixando-me encontrar o meu próprio caminho. Estou encontrando esse caminho aqui, enquanto o mundo e todas as suas glórias se abrem diante de mim. O mundo natural é a minha religião. Eu adoro as contingências e maravilhas que há nele do início ao fim (SMITH, 1999, p. 62, tradução minha).⁷²

Essa tendência ao secularismo e quase oposição a assuntos que dizem respeito ao espírito confirma-se continuamente ao longo da narrativa. Como exemplo, pode-se citar a maneira como a protagonista classifica os métodos científicos empregados pela senhora Eversman. Apesar de reconhecer a presença de princípios importantes da observação na prática da velha estudiosa, Bartram sempre ressalva o quanto Eversman se mostra sentimental em relação ao objeto de pesquisa. Essa característica, sob o ponto de vista de Alex, poderia tornar-se uma perigosa distração no caminho pela busca do conhecimento.

A resistência de Alexandria em relação a essas visões menos racionalistas da ciência volta a se manifestar em um episódio instigante no qual Howard a leva para ver um espécime desconhecido que ele e Joseph (seu colega nativo) haviam encontrado. Alexandria não consegue identificar a planta e Howard solicita que a mesma não seja extraída. A justificativa vem de um princípio alheio à formação científica de Alex: uma vez que a planta não era conhecida e que se resumia a um único exemplar, Joseph acreditava que deveria ser sagrada.

A reação inicial da protagonista a esse argumento transparece evidente contrariedade. Atestando que o que não pode ser extraído não pode ser catalogado, ela

⁷² No original: “Children do suffer mightily at the hands of their parents, who often refuse their offspring and opportunity to find their own meaning in life and, instead, indoctrinate them at an early age. I bless you both for not imposing any organized religion on my life, leaving me to find my own way. I am finding that path here, as the world and all its glories open before me. The natural world is my religion. I worship the random and wondrous of it all.”

defende sua perspectiva sobre o mundo natural em detrimento daquela sustentada por Joseph e os povos locais. Internamente, Bartram recusa-se até mesmo a concordar com um dos membros da expedição que classifica a planta como “bonita”. Para a estudiosa, uma denominação mais apurada para a aparência do espécime deveria ser “chamativa” e, para ela, chamar a atenção por meio da própria imagem era simplesmente uma função de sobrevivência do mundo natural.

À medida que o debate se desenvolve, Alexandria não abre mão de sua visão particular e sentencia, como verdadeira cientista que acredita ser, que não há lugar para paixões ou outras formas de sentimento na academia. A conduta irredutível de Alex é acompanhada com condescendência pelo professor Howard Merriam e outros membros da expedição. Sendo alguns deles mais experientes na vida acadêmica, acabam por alertar a estudiosa de que a ciência é concebida por pessoas e que, assim sendo, a subjetividade é um dos pilares da produção de conhecimento.

O embate, aparentemente, não modifica a visão de Alexandria. Apesar disso, por algum motivo que a heroína não consegue processar, ela decide não extrair a planta. A escolha, que transparece uma momentânea fuga da razão para ceder ao apelo de um instinto deixa Alex insegura em relação ao seu futuro dentro das ciências. O contato com outras formas de entender o conhecimento aos poucos furta a protagonista das certezas cartesianas que a ancoravam ao início da expedição. No abalo dessas transformações, ela confessa em carta direcionada a Jess:

Se eu acreditasse em Deus, pediria que você orasse por mim. É melhor que algo ou alguém me salve rápido, ou toda essa experiência pode acabar se resumindo à história de uma jovem promissora que sai para o oeste em busca de conhecimento, para, no fim das contas, retornar a Nova York, como qualquer outra observadora da natureza, bem vestida e engomada, calçada com sapatilhas de fada, e com posse de nada além de um amor sentimental pela botânica e uma mera paixão por flores. Talvez você deva rezar por mim, afinal (SMITH, 1999, p. 92, tradução minha).⁷³

⁷³ No original: “If I believed in God, I would ask you to pray for me. Something or someone better save me soon, or this whole experience may end up being one in which a promising young woman goes out west in pursuit of science only to return to New York just like any other watcher in the woods, starched and prim, dressed in fairy slippers, with nothing but sentimental love of botany and a mere passion for flowers. Maybe you should pray for me after all.”

O mesmo sentimento de aflição toma Alexandria em um episódio no qual somente um remédio natural de Joseph é capaz de curar dois membros da expedição que foram envenenados. Da mesma maneira, a interpretação particular e mítica dos nativos sobre os fenômenos da natureza constantemente desloca a protagonista de sua segurança teórica e a obriga a conjecturar: o que aconteceria se o conhecimento fosse, afinal, apenas uma questão de perspectiva?

Além das transformações que dizem respeito à aquisição do saber, a experiência da expedição também se torna relevante para que a protagonista problematize os entornos de sua feminilidade e defina o direcionamento dos apelos sexuais e afetivos que circundam o seu corpo. Um dos momentos que comprovam esse outro viés assumido pela aventura de Alex é o episódio em que Lester King vai até o campo de pesquisa para resgatar a heroína dos perigos que rondam a expedição.

O gesto, que para muitos deveria soar como irresistível para qualquer mulher exposta a situações adversas, é encarado com desdém por Alexandria. Ela atesta a King que todo o esforço realizado seria recompensador, uma vez que ela almejava um maior reconhecimento no mundo científico.

Nesse diálogo, constata-se o quanto as ambições de Alex desafiam as limitações ditadas ao seu sexo. Sem nenhuma desconfiança, ela confessa a Lester King que deseja construir uma reputação equivalente a grandes nomes da ciência como Meriwether Lewis, Charles Darwin e dos outros Bartram que vieram antes dela.

Nitidamente, não passa pelo espírito de Alexandria a insegurança acerca de sua capacidade em comparação com o potencial de renomados homens da ciência. Como já apontado, essa mesma certeza de si e esse otimismo com relação ao futuro profissional são dois traços que faltam a Alma Whittaker, Mary Anning e Elizabeth Philpot em momentos cruciais.

A autoconfiança que caracteriza a prática científica de Alex também parece influenciar a maneira como a heroína passa a considerar suas relações interpessoais. Nas palavras de Lester King, uma vez alocada no Parque de Yellowstone, a estudiosa abandona decoros anteriores, os quais se mostravam necessários para o convívio e aceitação de sua figura no interior da universidade.

Agora, liberta no campo de pesquisa, entregue a uma natureza selvagem que King acredita ser-lhe inata, Alex não demonstra preocupação acerca da tonalidade que adota para direcionar-se aos homens, nem dos gestos que utiliza nesses diálogos e tampouco dos locais que escolhe para realizar esses encontros.

Em uma das ocasiões nas quais King e Bartram debatem a necessidade de que ela regresse à universidade, a protagonista sugere que os dois façam uma caminhada a sós pela floresta para melhor discutir a questão. No entanto, a mera sugestão de Alex deixa King em choque. Puritano, o rapaz alerta a heroína sobre os comentários maldosos que poderiam surgir e sobre o dano que uma caminhada a sós com um homem poderia causar à reputação de uma mulher.

É notável que as palavras de Lester não geram o efeito esperado. O alerta não traz a Alexandria nenhum tipo de preocupação ou qualquer espécie de correção do convite que havia direcionado ao amigo. Ao contrário, o comentário inflexível e ortodoxo de King provoca na cientista uma irritação brutal. Aversa à hipocrisia dos princípios que regem o comportamento feminino na sociedade vitoriana, Alex rompe em direção à floresta sozinha a despeito dos protestos do amigo.

A cena que se desenrola na sequência desses acontecimentos é particularmente emblemática. A rigidez e a tensão nas quais Lester King tendia prender a protagonista são contrapostas à liberdade do cenário natural para o qual Alex se entrega. Sem seguir uma direção pré-determinada, a protagonista depara-se com uma clareira onde encontra uma cachoeira exuberante nunca antes visitada em suas caminhadas pela expedição.

A atração entre a mulher e as águas é instantânea. Sozinha e particularmente indignada com quaisquer normas que envolvam o seu corpo, a protagonista pratica uma comunhão inédita com a natureza. A sensualidade empregada na cena prenuncia uma definitiva inscrição da heroína em cenários do mundo natural e o seu paulatino afastamento dos espaços demarcados para o sexo feminino, como o universo doméstico:

Quando entrei na cavidade profunda e fria esculpida pela cascata, meu espírito aventureiro despertou o melhor de mim e eu imediatamente saí em direção às rochas, deixando a água gelada cair e respingar ao meu redor. Fiz então algo que, caso Lester soubesse, certamente confirmaria suas piores suspeitas sobre o comportamento antissocial que ele acredita ter sido desenvolvido por mim aqui. Tirei a jaqueta, a saia e a camisa e coloquei-as sobre uma pedra para secar. Eu então soltei meu cabelo e me deitei em uma estreita faixa de sol, fechei os olhos e ouvi o mundo vivo, que respirava, rugia, pulsava e desabava ao meu redor (SMITH, 1999, p. 114, tradução minha).⁷⁴

Como já colocado anteriormente, nesse momento em que King viaja para resgatar Alex, Howard Merriam já está completamente convencido acerca da competência científica de Alexandria e da necessidade de sua permanência para o sucesso da expedição. Apesar dessa convicção, Howard não consegue despir-se de todos os princípios inculcados por meio de sua formação patriarcal. Tendo encontrado Alex logo após ela deixar o cenário acima descrito, ele aconselha a cientista a retornar com Lester King, compreendendo que essa seria a melhor decisão para a imagem da estudiosa.

O paternalismo de suas palavras acompanha a semântica de superioridade em seus gestos que buscam consolar Alexandria pelo que seria o limite de suas ambições. A resposta da protagonista a mais essa tentativa de inibição ao seu livre arbítrio também se dá na mesma potência de gestos e palavras. Com uma rispidez e agressividade, próprios de quem resiste, Alex deixa evidente que não deseja e não necessita da pena velada de pessoas do sexo oposto:

⁷⁴ No original: “As I entered the deep, cool pocket carved by the cascading water, my adventuresome spirit got the best of me and I promptly climbed out the rocks, letting the icy water fall and splash all around me. I then did something that I am certain, if Lester learned of it, would confirm his worst suspicions about what he considers the anti-social behavior I have developed here. I removed my jacket and skirt and shirtwaist and laid them upon a rock to dry. I then loosened my hair and laid myself out, too, in a narrow patch of sunlight, closed my eyes, and listened to the living, breathing world which roared and pulsed and crashed down all around me.”

“Eu sei ...”, [...] “que seu amigo, professor King, está aqui para convencê-la a voltar com ele. Por mais difícil que isso seja para mim, sinto que é meu dever lhe dizer que seria melhor para todos os envolvidos se você voltasse para casa na companhia dele.”

Ele apertou minha mão suavemente e deu de ombros. Eu podia sentir as minhas bochechas ficando vermelhas.

“Eu aprecio sua preocupação”, eu disse, e abruptamente retirei minha mão. “Mas, verdade seja dita, você nunca me quis aqui, não é?” (SMITH, 1999, p. 115, tradução minha).⁷⁵

Cabe pontuar que, nessa oportunidade, Alexandria demonstra sua total relutância em relação à máscara de feminilidade diagnosticada por Joan Riviere (2005) ao observar a relação entre mulheres intelectuais e seus pares do sexo masculino. Ao contrário do que foi possível observar nas protagonistas de *A assinatura de todas as coisas* e *Seres incríveis*, a heroína de *Cartas de Yellowstone* não é tomada por dúvidas sobre a sua competência de produzir na mesma profusão e qualidade de seus colegas homens.

Para além disso, Alex não permite que sejam bem-sucedidas as tentativas de imposição dessa mesma máscara por parte de seus colegas de trabalho. Até o momento, foi possível notar que são muitos esses esforços para heteroidentificar a fragilidade em Bartram e para justificar esse traço em razão de seu sexo. Seja pelo chefe da expedição, pelos outros colegas do campo de pesquisa e até mesmo pelo amigo que há muito conhecia a sua competência científica, de todos os lados a heroína se vê pressionada a assumir uma inferioridade que ela não sente e que, definitivamente, não possui.

A resistência a essas inúmeras coerções, que têm como pilar uma concepção deturpada do feminino e uma construção dominadora sobre a feminilidade, contribui para que a heroína elabore novos significados até mesmo em torno de seu próprio corpo e da identidade social que deveria assumir a partir de então. Esse momento de autodescoberta ocorre durante a festa de 14 de julho, quando Zwinger empresta seu

⁷⁵ No original: “‘I know...,[...] ‘that your friend, Professor King, is here to persuade you to return with him. As difficult as this is for me, I feel that it is my duty to tell you that it would be best for all concerned if you returned home in his company.’
He pressed my hand softly and shrugged. I could feel the color rising in my cheeks.
‘I appreciate your concern,’ I said, and abruptly withdrew my hand. ‘But if truth be known, you’ve never wanted me here, have you?’”

provocante vestido cor de rubi à protagonista. O efeito de olhar-se no espelho com o traje não é apenas a descoberta de formas adultas para as quais Alex nunca antes houvera se atentado.

Coberta pelo vestido da senhorita Zwinger, Alexandria também toma consciência de uma transformação intensa, provocada de dentro para fora durante sua extraordinária experiência no Parque de Yellowstone. Os caminhos, oportunidades e aprendizados adquiridos por meio de sua iniciativa dão à heroína uma solidez de caráter e uma firmeza de fisionomia que não existiam no início de sua jornada.

A descoberta de um outro reflexo de si também obriga Alex a enxergar tudo aquilo que deixara para trás e tudo mais que teria de abandonar se realmente desejasse assumir sua carreira científica. A partir dessa decisão, não haveria mais espaço para a infantilidade, para a dependência e para a vulnerabilidade que as mulheres de sua época aprenderam como sendo natural e cômoda ao sexo feminino:

Eu mal me reconheci. Não era o vestido, embora ele certamente tenha feito as mudanças muito mais impressionantes. Era mais do que o fato de que meu corpo, no pouco tempo que estive no Parque, mudou. Eu sempre me vi como uma menina. Ou, se não como uma menina, pelo menos uma jovem mulher, caracterizada pelas formas arredondadas e a vulnerabilidade que envolvem essa idade. Mas agora não há vestígios dessa suavidade infantil. Meus braços e a parte superior do meu tórax, mal cobertos pelas pequenas dobras das mangas, estão firmes e bronzeados. Meu cabelo também, apesar de desganhado, mudou drasticamente e agora está com mechas amarelas – passei tantas horas ao sol. Eu não conseguia parar de me encarar, estava tão transformada. Na verdade, tive de estender o braço e tocar o meu reflexo, apenas para me assegurar de que era de fato eu, e não mais um dos truques de ilusionismo da senhorita Zwinger (SMITH, 1999, p. 117, tradução minha).⁷⁶

⁷⁶ No original: “I hardly recognized myself. It was not the dress, although it certainly made the changes that much more striking. It was more that my body, in the short time I have been in the Park, has changed. I have always seen myself as a girl. Or if not a girl, at least a young woman, with all the plumpness and vulnerability that comes with being that age. But now there is not a trace of that childhood softness. My arms and upper chest, just barely covered by the small gathers of the sleeves, are firm and golden. My hair, too, in spite of its unkempt condition, has changed dramatically, and is now streaked with yellow, I have spent so many hours in the sun. I could not stop staring at myself, I was so transformed. In fact, I finally had to reach and touch my reflection, just to reassure myself that it was indeed me, and not another one of Miss Zwinger’s conjuring tricks.”

Esse novo entendimento de si, inevitavelmente, também provoca na protagonista perspectivas inéditas sobre sua relação com os outros membros da expedição. Descobrir-se mulher em um campo consagrado aos homens pode ser concebido como uma experiência ameaçadora.

De modo geral, essa sensação de perigo não se manifesta em Alex durante boa parte da pesquisa, pois ela enxerga em Howard uma companhia leal que ao mesmo tempo ditava aos outros homens a forma como ela deveria ser tratada. Contudo, em determinado momento da expedição, Howard precisa se ausentar e, mesmo a contragosto, Alex admite que se sente insegura rodeada por tantos homens e especialmente pelo motorista da montanha e sua hostilidade.

Em mais de uma oportunidade, este último afirma a sua contrariedade em relação à presença de mulheres em ambientes públicos, historicamente dominados pelos homens. Dessa forma, o medo, que antes parecera um sentimento inexistente para Alexandria, faz com que a protagonista confesse a Jess a sua incompreensão acerca da agressividade muitas vezes presente nos olhos de seus colegas do sexo masculino:

Jessie, por que alguns homens neste mundo menosprezam as mulheres? O que fizemos com eles que os faz sentir que devem dominar e reprimir nossa boa vontade e desejo de contribuir igualmente para o mundo? Por que eles sentem a necessidade de nos depreciar, nos menosprezar, nos fazer temer por nossas vidas?

Essas perguntas me assombram, mas, não sendo elas perguntas científicas, temo que nunca sejam respondidas por pessoas como eu (SMITH, 1999, p. 161, tradução minha).⁷⁷

A angústia da heroína torna-se instigante quando se considera que sentimentos de insegurança dificilmente são apontados a ela em passagens anteriores da narrativa. Especialmente na análise que realizei até aqui, procurei destacar a maneira como a autoconfiança de Alexandria diferencia o seu caminho em relação àquele tomado por outras mulheres de seu tempo.

⁷⁷ No original: “Jessie, why is it that some men in this world so despise women? What have we ever done to them as a sex that makes them feel they must dominate and suppress our good natures and willingness to contribute equally to the world? Why do they feel the need to demean us, belittle us, make us fear for our lives? These questions haunt me but not being the questions of science, I fear they will never be answered by the likes of me.”

Porém, nessa etapa de inquietudes de Alex, compreende-se que o seu esforço, a sua crença em si própria e sua inconformidade em relação a quaisquer manifestações sexistas não seriam suficientes para lhe garantir a paz e a realização plena no exercer de sua profissão. A heroína finalmente constata que há uma rede de poder arditosamente ajustada contra a qual ela, isoladamente, pouco pode fazer.

A questão do isolamento, aliás, é um tópico que teima em repetir-se nos três romances estudados por esta tese. Muito embora todas as protagonistas tenham vínculos de sororidade significativos em seus entornos, nenhuma delas possui acesso a uma rede mais extensa de resistência. Percebe-se, particularmente no cotidiano de Alexandria, os efeitos de uma oposição feminista que já se fazia estruturada em fins do século XIX. Contudo, não se capta em seu discurso e tampouco nas falas das outras protagonistas uma conexão imediata com esse movimento que justamente se propunha a combater as sublimações, as violências e depreciações lamentadas por Alex.

Sem acesso a esses coletivos de insubordinação, essas personagens são limitadas a impor individualmente suas revoluções cotidianas, que possibilitam conquistas em seu universo particular, mas que não possuem um efeito imediato no *status* das relações de gênero como um todo. Na ausência dessas mudanças estruturais, Alexandria então compreende a importância de suas insurreições diárias para ao menos reverter algumas das consequências do que ela não consegue compreender.

É com essa convicção que a protagonista decide não acompanhar Lester King e permanece no Parque Nacional de Yellowstone. A resolução acontece em um processo conturbado no qual ela precisa sobrepor a gratidão que sente pelo amigo, bem como as expectativas que ela e seus pais possuíam sobre um futuro relacionamento com Lester.

Também neste romance, assim como nos outros abordados anteriormente, fica posta a noção de que a escolha pela ciência invariavelmente implica o pagamento de um preço pelas estudosas da modernidade. Em boa parte dos casos, essa dívida vem na forma de uma existência desacompanhada, sem muitas oportunidades de vivenciar a afetividade. Ainda assim, Alex fita a emancipação como um movimento necessário na pavimentação de sua felicidade individual:

É com uma mescla de sentimentos que informo ter também declarado minha própria independência. [...]

[...]

[...] eu preciso da minha liberdade - explorar, observar, experimentar o mundo natural, um mundo que apresenta inúmeras possibilidades quando abrimos nossos olhos para ele. E também necessito de uma oportunidade de evoluir para a cientista que sei que posso me tornar. Certamente não posso me limitar à opinião de um homem acerca de como e quando devo ver o mundo. Talvez eu não saiba qual caminho irei seguir nos próximos meses, mas sei com certeza que não estou disposta a recuar para uma estrada que conheço tão bem. Pelo menos ainda não. [...] não posso ser discípula de Lester para sempre (SMITH, 1999, p. 137-138, tradução minha).⁷⁸

Essa aspiração de deixar a posição de aluna em relação à figura masculina pode ser compreendida como mais uma tentativa de Alexandria de abandonar a máscara subserviente da feminilidade imposta por seus pares do sexo oposto. De certo modo, nota-se a convicção da protagonista acerca de seu potencial e da capacidade de equiparar-se a pesquisadores homens.

Essa segurança, contudo, não impede que ela sinta a necessidade desse mesmo reconhecimento por parte de seus companheiros. Não é suficiente que ela se sinta igual, é também preciso que seus antigos ou pretensos professores a enxerguem em uma posição ao lado e não mais abaixo. É essa meta que Bartram estabelece ao falar de Howard Merriam em carta direcionada aos pais:

Embora eu e o professor tenhamos tido discordâncias, a cada dia aprendo a admirar a visão de mundo dele, da mesma forma que acredito que ele está começando a admirar a minha. Só espero que até o final do verão ele tenha aprendido a me aceitar como colega e talvez até como amiga. Talvez então ele possa me ver, não por quem ou o que ele esperava que eu fosse, mas por quem eu realmente sou. Se e quando isso acontecer, terei me sucedido aqui para além dos meus sonhos mais ousados (SMITH, 1999, p. 145, tradução minha).⁷⁹

⁷⁸ No original: "It is with mixed emotions that I report that I, too, have declared my own independence. [...] I need my freedom – to explore, to observe, to experience the natural world, a world rich with possibilities if only we open our eyes to it. And an opportunity to develop into the scientist I know I can become. I certainly cannot limit myself to one man's vision of how and when I should see the world. I may not know which road I will follow in the months ahead, but I know for certain I am not willing to retreat along a path I know so well. [...] I cannot be *Lester's* student forever."

⁷⁹ No original: "Although the Professor and I have had our disagreements, each day I learn to appreciate his world view, as I believe he is beginning to appreciate mine. I can only hope that by the end of the summer he will have learned to accept me as a colleague, and maybe even as a friend. Perhaps then he can see me, not for who or what he hoped I would be, but for who I truly am. If and when that happens, I will have succeeded here beyond my wildest dreams."

O anseio de Alexandria revela na superfície do enredo uma preocupação vigente até os tempos atuais. A luta pela igualdade de gênero, mesmo que no contexto individual e restrito da protagonista do romance, precisa da adesão de pessoas do sexo masculino, da mesma forma que conta com a disposição e luta das mulheres. Partindo do pressuposto de que o movimento feminista almeja a instituição de justiça e igualdade entre os sexos, esse objetivo não consegue se efetivar sem a participação do lado que historicamente exerce o domínio nas relações de gênero.

É preciso ressaltar que uma participação masculina nessas pautas com a mesma intensidade da atuação das mulheres talvez seja inviável. Quando se toma o contexto dos três romances abordados neste estudo, é perceptível o alheamento das figuras masculinas aos percalços e ao desconsolo que envolvem as mulheres oitocentistas em suas corajosas buscas pelo saber. Deve-se reconhecer que até mesmo o esforço de manifestar empatia em alguns desses personagens homens é limitado pelas crenças emergidas em suas experiências de privilégio.

Apesar dessas restrições, é notável o relevo da atuação masculina na determinação dos sucessos e dos fracassos das protagonistas desses romances contemporâneos de língua inglesa. Transparecendo a consciência sobre essa influência, Alexandria apela para os sentidos de justiça e boa vontade que Howard Merriam aparenta possuir.

Como se sabe, aos poucos Merriam dá a Bartram a oportunidade de comprovar sua capacidade, reconhece a sua imprescindibilidade para o sucesso da pesquisa e fornece o apoio necessário para que ela obtenha um emprego na universidade. Logo, embora o êxito da protagonista esteja fundamentado em seus próprios esforços, as pontes estabelecidas pela autoridade masculina de Howard são o impulso decisivo na concretização desse triunfo.

Assim, apesar de não se tratar de um cenário de ampla divulgação e tampouco aceitação da política feminista, as ações pontuais de Howard (e também do tio holandês de Alma Whittaker, bem como do sobrinho de Elizabeth Philpot) indicam uma tendência pró-feminista.

Destaco que esse conceito manifesto de maneira apenas embrionária nesses personagens é justamente o auxílio que mulheres como as representadas nos três romances buscam para se afirmar no mercado de trabalho. Na definição de Daniel Matias (2008), homens pró-feministas são:

Homens, investigadores ou não, que procuram refletir sobre a sua atividade (militante, intelectual ou social) numa perspectiva crítica do androcentrismo, próxima do pensamento feminista; homens que, pela sua atividade, revelam a dominação masculina e participam na sua erradicação de forma efetiva; os homens pró-feministas são assim homens que apoiam as mulheres na sua luta por igualdade e liberdade (MATIAS, 2008, p.14).

Essa atmosfera progressivamente favorável, na companhia de um homem com potencial pró-feministas, concede a Alexandria a confiança de que havia feito uma escolha plausível e sensata ao optar por sua profissão. Aos poucos os colegas da expedição passam a ser considerados membros de sua própria família e ela adquire um reconhecimento nunca antes experimentado dentro dos muros da universidade.

A consagração desse novo espaço galgado pela heroína no âmbito científico ocorre em uma cena na qual o acampamento dos pesquisadores em Yellowstone é destruído por um incêndio acidental. Uma vez que Howard estava ausente do local durante o incidente, Bartram torna-se uma das responsáveis por combater o fogo devastador. Nesse episódio, é simbólica a passagem em que a saia de Alex pega fogo e a protagonista instantaneamente a retira batendo ferozmente a vestimenta contra o chão e outros focos de incêndio próximos.

A saia em chamas nas suas mãos torna-se uma metáfora não apenas de seu contínuo abandono das convenções sociais, mas também da força que ela adicionava ao grupo de pesquisa independentemente de seu sexo. É com uma indumentária feminina – confeccionada para indicar a delicadeza e o pudor de quem a veste – que Alexandria luta contra a maior ameaça já imposta à sua vida e ao seu trabalho.

O incêndio destrói completamente os espécimes que os pesquisadores haviam coletado durante a expedição, mas, a consolidação de Alex como eixo de sustentação da expedição de Howard confirma-se mesmo após esse desastre. Graças à cautela da protagonista, o trabalho científico não é desperdiçado (a heroína havia tomado o cuidado de enviar amostras duplicadas das plantas coletadas para a universidade). Seu

ato de destreza e responsabilidade é resumido na constatação do aliviado colega Peacock: “Percebam. [...] Uma cientista de verdade” (SMITH, 1999, p. 218, tradução minha).⁸⁰

Com essa fala, proferida diante de todos os membros da expedição, penso não haver dúvidas do estágio transgressor alcançado pela protagonista de *Cartas de Yellowstone*. Alexandria Bartram não é só uma mulher dos oitocentos que, contra a reprovação social decide fazer ciência. A pesquisadora também se singulariza ao optar pelo estudo de campo, pela experiência pulsante do conhecimento que foge dos laboratórios e que quer ser encontrada no mundo natural. Ainda, a heroína corrobora a atmosfera ideal do romance ao receber o reconhecimento institucionalizado, algo que Alma Whittaker e Mary Anning não alcançam nos romances em que protagonizam respectivamente.

Todas essas violações nas estruturas de gênero, no entanto, não impedem Diane Smith de também incluir em sua narrativa arestas que, ontem e hoje, precisam ser aparadas no caminho que leva à igualdade de gênero. Alex é formalmente vinculada como pesquisadora da Faculdade Agrícola do Estado de Montana, mas isso somente ocorre quando William Gleick, um dos membros da instituição, manifesta o desejo de deixar o cargo. Vale pontuar que Bartram inicia suas atividades com um salário inferior ao do anterior ocupante da função.

Outro ponto que ecoa ao decorrer do romance e que se fixa como provocação em seu final é o tom cartesiano, polarizador e profundamente colonialista da ciência em que Alexandria é formada. Sendo mulher e tendo transposto incontáveis preconceitos para exercer sua profissão, ela leva um tempo considerável para perceber que a certeza metodológica que aprendera na universidade e que tentava aplicar no mundo natural era excludente e ilusória. Felizmente, as transformações que invadem o corpo de Alex quando ela embarca em sua experiência inédita também provocam nela uma outra percepção sobre o saber:

⁸⁰ No original: “See. [...] A real scientist.”

Eu desenvolvi uma admiração e um respeito renovados pelo professor e seus amigos, e até por Joseph e Sara e seu conhecimento de mundo. Repetidas vezes, eles superaram a mim e à minha suposta formação. Ainda prefiro a exatidão e a previsibilidade da ciência que eu pratico, mas agora estou mais do que disposta a admitir que, apenas por ela ser exata, não significa que seja necessariamente verdadeira. Muito do que chamamos de ciência é construído sobre fundamentos da fé pura e é suscetível a mudar a qualquer momento diante de dados novos. E, não é porque a ciência se baseia no que vemos, que podemos asseverar que ela representa o que está diante de nossos olhos (SMITH, 1999, p. 225, tradução minha).⁸¹

Acredito ser coerente pensar que esse despertar de Alexandria é a forma maior de incitar a reflexão do leitor (e especialmente da leitora) sobre o peso das heranças culturais na estruturação das relações de gênero. A mensagem envolvida na profundidade passada do romance é a mesma que paira nas discussões sobre ciência e sexismo contemporâneas: não é possível pensar o saber sem considerar as hierarquias de poder (inclusive sexuais) que o envolvem. Da mesma forma, não se inaugura a emancipação pelo conhecimento enquanto as linhas do pensamento sustentado pelo dominado forem filiadas ao do dominador. Ao final, Alexandria esquiva-se dos traços mais espessos dessa colonização cognitiva e isso a constitui como uma possível expressão dos trajetos a serem tomados para uma ciência, desgredada, ou seja, feita também para as mulheres.

⁸¹ No original: “I have gained a new appreciation and respect for the Professor and his friends, and even for Joseph and Sara and their knowledge of the world. Time and again they have put me and my so-called education to shame. I still prefer the exactness and predictability of the science that I practice, but I am now more than willing to admit that just because it is exact, does not necessarily mean that it is true. So much of what we refer to as science is built on foundation of pure faith, given to change at a moment’s notice of new information. And just because science is based on what we see, it does not necessarily represent what is there.”

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta tese, busquei responder ao problema de pesquisa apresentado na introdução, qual seja: a escrita de mulheres configurada na literatura de língua inglesa contemporânea consegue abalar o discurso científico, um dos pilares sexistas da Era Moderna?

Tendo como alicerce essa questão maior, iniciei as reflexões sobre três romances contemporâneos que considero representativos da temática sob investigação: *A assinatura de todas as coisas*, *Seres incríveis* e *Cartas de Yellowstone*. Partindo da hipótese de que essas narrativas invertem lugares estabelecidos no discurso científico e histórico hegemônico, estabeleci como meu objetivo central investigar o potencial revisionista dessas escritas no que se refere às questões de gênero e ciência.

Na esteira desse propósito geral, elenquei meus objetivos específicos que culminaram na estruturação da própria tese. No primeiro capítulo, revisei as conformações da emergência do pensamento científico moderno, destacando as principais atividades desse contexto e relacionando a sua lógica às práticas de exclusão social e cognitiva das mulheres. Ainda nesse capítulo, busquei recuperar as discussões sobre escrita de mulheres na contemporaneidade, apresentando conceitos e avaliações críticas, bem como a reverberação dessas discussões na produção literária de autoria feminina. Por fim, no segundo capítulo, apontei, nos romances selecionados, as estratégias narrativas empregadas para revisar o contexto científico do século XIX, propondo novas representações para personagens do sexo feminino.

Todo esse processo metodológico foi amparado por conceitos e perspectivas teóricas em particular. Em primeira instância, foi basilar o conceito de escrita feminina postulado por Castello Branco (1991), especialmente no que se refere à identificação do silêncio e das minúcias cotidianas como mote maior dessa literatura produzida, prioritariamente, por mulheres.

Também sustentou este estudo o conceito de metaficção historiográfica cunhado por Linda Hutcheon (1991). A idiosincrasia estrutural desse gênero narrativo foi fundamental para que eu pudesse analisar os romances não como ficcionalizações da

história que tentam forjar o sentimento do “real”, mas como narrativas que querem evidenciar o seu caráter ficcional. Foi também possível entender que esse desnudamento do fazer literário não se apresenta como forma de distanciamento da história. Ao contrário, as metaficções historiográficas estudadas corroboraram a crença de que também os textos históricos são produzidos a partir de princípios literários e que a verdade é, acima de tudo, um construto discursivo.

Ao lado dessas referências substanciais, também procurei pautar a minha leitura em uma concepção de discurso que pondera a influência normativa das condições socio-históricas para a produção de qualquer enunciado, conforme postula Foucault (2008). Ao mesmo tempo, esta tese foi atravessada pela relação entre saber e poder. Para o estudo aqui disposto, julguei coerente entender esta última noção como força produtiva e difundida em rede, como proposto também por Foucault, agora na obra *Microfísica do poder* (1989).

Toda a série de tensões envolvidas nos enredos concebidos por Elizabeth Gilbert, Tracy Chevalier e Diane Smith ainda provocou o questionamento de termos como “feminilidade” e levantou a pauta sobre as hierarquias e interseccionalidades entre as diferentes maneiras de experienciar o feminino. Nesse sentido, centrando-me no tema das relações de gênero no âmbito do saber, mas, inevitavelmente, também jogando luz sobre outros aspectos da dinâmica social, também fundamentei a minha análise nos princípios de Riviere (2005) e Spivak (2010).

Feito esse percurso teórico-metodológico, acredito que a pergunta inicial do estudo foi respondida na mesma medida em que a hipótese inicial foi confirmada. De fato, nas três obras estudadas, percebi não só o deslocamento de muitos lugares de gênero propostos dentro da ciência oitocentista, mas também o evidenciar de opressões socioculturais difundidas em nome dessa mesma ciência. Ao colocarem o holofote principal da narrativa sobre mulheres cientistas, as autoras dessas obras também se veem na posição de apresentar os aspectos subjacentes que, há séculos, definem as condições do sexo feminino no âmbito do saber.

Aliás, pensando nesse aspecto da transição temporal, o processo de análise impulsionou o surgimento de outros problemas de pesquisa, não conjecturados ao início do estudo. Dentre essas questões insurgentes, estão as que seguem: em que

medida essas ficções históricas são capazes de reproduzir com verossimilhança a experiência tão pouco relatada da atuação feminina na ciência moderna? A capacidade de abalar e inverter o discurso científico dos oitocentos também credencia esses romances a atingir o sexismo epistêmico contemporâneo em todas as suas peculiaridades? Quais seriam os possíveis efeitos, na crítica literária e na esfera social, se a enunciação dessas narrativas tivesse ocorrido no mesmo tempo do enunciado? O que, de fato, mudou na recepção de escritos com essa vertente política e social no ontem e no hoje?

Não tendo como escopo desenvolver todas essas indagações suplementares, que naturalmente surgem ao longo da execução de uma pesquisa científica, creio que o trabalho realizado me possibilite realizar algumas considerações finais, as quais se sobrepõem à simples confirmação da hipótese por mim elaborada no início desta jornada.

Em primeiro lugar, não posso deixar de apontar aqui o ecoar da voz de Virginia Woolf em cada uma das narrativas estudadas nesta tese. Seja em seus escritos ensaísticos ou literários, percebe-se um clamor constante por uma revolução feminina que pode vir, sobretudo, de uma revolução da própria escrita. Nascida ainda por debaixo dos véus vitorianos, Woolf argumenta a favor da emancipação feminina e clama pela inscrição de uma história das mulheres em campos de privilégio do sexo masculino, como a literatura.

Na realidade, assim como o fazem Gilbert, Chevalier e Smith, Woolf, em *Um teto todo seu* (1929), empreende um esforço arqueológico em busca dessa inscrição histórica feminina. Enquanto os romances aqui analisados transparecem um estudo da participação das mulheres na ciência, o ensaio de Virginia Woolf traduz-se em uma reflexão sobre a participação desse mesmo grupo na história da literatura.

Desprovida de relatos e publicações suficientes para desvendar o verdadeiro caminho percorrido pelas mulheres em ambos os sentidos, Woolf e as autoras contemporâneas lidas para este estudo deliberadamente preenchem as lacunas da história com passagens ficcionais. Esse movimento consciente e proposital, ainda que inicialmente circunscrito ao universo do papel, atua no sentido de desconsertar e até mesmo inverter os destinos que a modernidade relegou ao público feminino.

Sob o legado de Woolf, essas obras de hoje manifestam o compromisso com a memória e com o esquecimento, conforme salientado por Lúcia Castello Branco. Para propor o novo, para inculcar um princípio de pós e até mesmo transmodernidade, essas obras precisam reportar-se ao passado na mesma medida em que apagam as linhas esboçadas de seus dogmas e paradigmas.

Essa teia trabalhada em um constante movimento de desmemória só é possibilitada pelo reconhecimento da história como discurso multifacetado e emitido por incontáveis agentes. Assim, a heteroglossia particular que Susan Lanser (1986) identifica na escrita de mulheres comporta-se como norte e verdadeira causa em *A assinatura de todas as coisas*, *Seres incríveis* e *Cartas de Yellowstone*. Trazer e criar para o centro do palco falas que, por séculos, foram oprimidas é, expressamente, um posicionamento contrário à imposição das linhas abissais promovidas pelo pensamento moderno.

Ao tocar no termo posicionamento, afirmo que, expressamente ou não, apresenta-se um direcionamento político nas obras estudadas. Injustiças, medos e frustrações não são aqui apresentados como simples composição dos enredos. Promover uma revisão discursiva, evidenciando e recriando vidas apagadas da grande história é também um trabalho de convicção política. A liberdade ficcional em nada mascara ou exime o escritor de literatura de sua inscrição histórica e social.

Gilbert, Chevalier e Smith tratam, em suas obras, de um contexto passado, mas causam, inevitavelmente, uma contemplação sobre o presente. Mulheres como Alma, Mary Anning e Alexandria e as circunstâncias sociais que as rodeiam não mais existem no hoje. Todavia, o germe da desigualdade de gênero e da depreciação feminina no mundo do trabalho e, especialmente, nas ciências, continua a imperar.

Assim, cientistas ou não, ao encontrar essas personagens atreladas ao ontem, mas concebidas nos tempos atuais, as leitoras são impelidas a pensar sobre si mesmas e no quanto os ditames do mundo moderno ainda limitam seus corpos, seus sonhos e seu dever. É nesse sentido que reitero que as revisões dispostas nessas obras são capazes de trazer à tona um discurso novo. Novo não porque é recente, mas porque é, muitas vezes, inédito, por nunca ter sido visto, ouvido ou lido.

Essa diferença que emerge no ato de leitura, para mim, é o ponto maior de justificativa para a relevância desses romances. Em uma perspectiva mais ampla, como nos ensina Antoine Compagnon (2009), essa capacidade de fazer ver e sentir as alteridades é, ao final de tudo, o movimento que ainda ampara a sobrevivência da própria escrita literária: “a literatura deve [...] ser lida e estudada porque oferece um meio [...] de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida” (COMPAGNON, 2009, p.47).

Terminado esse percurso em que fui provocada a refletir sobre as potencialidades da literatura e especialmente da escrita feminina quando confrontada com o discurso histórico, é o momento de apontar recortes e pesquisas que podem ser desenvolvidos em estudos outros a partir do mesmo *corpus* que selecionei.

Para iniciar essas sugestões, devo relembrar que esta tese se inscreve no campo dos estudos literários. Contudo, romances como os que foram aqui analisados podem e devem também ser considerados por estudiosos da área de história, de ciências sociais e, especialmente, nos estudos sociais da ciência e sobre mulher e ciência. A busca realizada nessas obras é também um fenômeno social. Logo, é também válido procurar compreender os impulsos e os efeitos dessas produções por meio de perspectivas que não tem como norte a investigação literária.

Outro aspecto a ser destacado é que, nas três narrativas, há uma infinidade de traços transversais às questões de gênero que poderiam ser analisados de maneira mais extensa e individual: dentre eles estão temas como as relações interraciais, a estratificação social e a configuração dos papéis no espaço doméstico. Como o escopo deste estudo direciona-se à representação da experiência feminina na prática científica, muitos desses pontos não foram aprofundados. Sugiro, então, a produção de estudos nesse sentido.

Ainda, considerando que a metaficção historiográfica é um gênero em efervescência, julgo ser pertinente a potencialização de pesquisas direcionadas a escritas de mulheres produzidas dentro desse arranjo narrativo. Estudos nesse âmbito cada vez mais fomentarão o surgimento de novas e renovadas perspectivas sobre a

atuação feminina não só na ciência, mas em muitos outros campos em que a mulher ainda tem seu acesso restringido.

Feitas todas essas pontuações, por fim, sinto a necessidade de afirmar a semântica pretendida para o título desta tese, mesmo que, possivelmente, ela já tenha ficado subentendida ao longo do texto aqui apresentado. Por meio do termo “ciência desgendrada”, não proponho que a concepção de saber presente nos romances de Gilbert, Chevalier e Smith traduz-se em um conhecimento assexuado, que independe das condições de gênero de seu emissor para se materializar. Afinal, como se pôde observar na análise das obras, o pertencimento ao sexo feminino, muitas das vezes, é determinante para a trajetória das protagonistas em sua carreira científica.

Dentro dessa perspectiva e seguindo a etimologia do prefixo “des”, que remete à ideia de separar e desfazer, defendo a existência de uma ciência desgendrada nessas obras justamente porque, nelas, é desfeita e apartada toda uma concepção hegemônica, totalizante e misógina de produção do saber. Se, na modernidade, erige-se uma imagem androcêntrica para a ciência (o estudioso, do sexo masculino, gloriosamente só em seu laboratório), nas três narrativas aqui analisadas essa metáfora é desfeita, e outros indivíduos, a despeito de seu pertencimento de gênero, são evidenciados como seres capazes de conceber a verdade científica.

Ainda além, creio que o desgendramento da ciência nesses romances é feito de forma concomitante ao desgendramento da escrita. Assim como Woolf, as autoras aqui estudadas olham para suas mães literárias e se atrevem a re-inventar as histórias que suas antepassadas não puderam em virtude dos pesados grilhões sociais. Contrariando séculos de paradigmas na literatura e na sociedade, as escritas de Gilbert, Chevalier e Smith refletem e redimensionam as inquietações de gênero que circundaram o fazer literário de escritoras como Charlotte e Emily Brontë, Virginia Wolf, Mary Shelley, e George Eliot. Reescrever, revisar, reviver: nas linhas do hoje estampa-se, enfim, o grito-liberdade clamado desde sempre.

REFERÊNCIAS

ABEL, Elizabeth; HIRSCH, Marianne; LANGLAND, Elizabeth (Eds.). **The Voyage In: Fictions of Female Development**. Hanover: University Press of New England, 1983.

ALCOFF, L; POTTER, E. Introduction: When feminisms intersect epistemology. *In*: ALCOFF, L; POTTER, E. (Eds.). **Feminist epistemologies**. New York: Routledge, 1993. p. 1-14.

ARDITTI, R. Feminism and science. *In*: ARDITTI, R; BRENNAN, P.; CARVRALE, S. (Eds.). **Science and liberation**. Boston: South End, 1980. pp 350-368.

BACON, F. **Novum organum**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BALLESTRIN, Luciana. Feminismos Subalternos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n.3, p. 1035-1054, set./dez. 2017.

BARLACH, Lisete. **O que é resiliência humana**: uma contribuição para a construção do conceito. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BECKER, Maria Regina. BARBOSA, Carla Melissa. Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos e experiências de vida e formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber-fazer-pensar nas ciências humanas. **Coisas do Gênero**. São Leopoldo, v. 2 n. 2, p. 243-256, ago.- dez. 2016.

BERGER, P.; LUCKMANN, T., **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.

BIROLI, Flávio.; MIGUEL, Luis Felipe. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. **Mediações** - Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 20, n.2, p. 27-55, jul./dez. 2015.

BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. **Mimesis**, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

BORDIN, Ruth Birgitta Anderson. **Alice Freeman Palmer**: the evolution of a new woman. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1993.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, Marília Pinto de. Vozes Masculinas numa Profissão Feminina. **Estudos**

Feministas, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 406-424, 1998.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CHARTIER, Roger. Diferença entre sexos e dominação simbólica. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, p. 37-47, 1995.

CHEVALIER, Tracy. **Historical figures in Remarkable Creatures**. [S.l.: s.n.], [2009?]. Disponível em: <http://www.tchevalier.com/remarkablecreatures/background/historicalfigures/index.html>. Acesso em 25 jul. 2019.

CHEVALIER, Tracy. **Seres incríveis**. Tradução Beatriz Horta. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CLANCE, Pauline Rose; IMES, Suzanne Ament. The imposter phenomenon in high achieving women: Dynamics and therapeutic intervention. **Psychotherapy: Theory, Research & Practice**, New York, v. 15, n. 3, fall, 1978.

COMPAGNON, Antonie. **Literatura para quê?** Tradução Laura Tadei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

CORRÊA, Almir Aquino. Historiografia, cânone e autoridade. *In*: CELLIP-CONGRESSO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ, 8., 1995. **Anais** [...]. Umuarama: Unipar, 1995. p. 323-328.

DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das Ciências Humanas. *In*: DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 229-249.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. 2. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DESCARTES, R. **Regras para a direção do espírito**. Lisboa: 70, 1985.

DIAS, Rafaela Kelsen. A ciência (des)generificada: feminismo e ficcionalidade histórica em *A assinatura de todas as coisas*, de Elizabeth Gilbert. *In*: COLÓQUIO MULHERES EM LETRAS, 7., 2015, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2015. p.542-554.

DUSSEL, Enrique. Anti-meditaciones cartesianas: sobre el origen del anti-discurso filosófico de la modernidad. **Tabula Rasa**, Bogotá, v. 9, n. 9, p. 153-197, jul-dez 2008.

EMLING, Shelley. **The fossil hunter**: dinosaurs, evolution, and the woman whose discoveries changed the world. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

FARRINGTON, Benjamin. Temporis partus masculus: an untranslated writing of Francis Bacon. **Centaurus**, [s. l.], v.1, n.3. p. 193-205, mar. 1951.

FERNANDES, M. G. M.. O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n.4, p. 1051-1065, 2009.

FLORA, L. M. R. Bildungsroman. *In*: CEIA, Carlos (Coord.). **E-Dicionário de Termos Literários**. [S. l.: s. n.], 2009. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/edtl>. Acesso em: 28 mar. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

GILBERT, Elizabeth. **Comprometida**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

GILBERT, Elizabeth. **A assinatura de todas as coisas**. Tradução de Débora Landsberg. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

GODINHO, R. de S. Renascimento: uma nova concepção de mundo através de um novo olhar para a natureza. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p. 1-4, fev. 2012. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/50755>. Acesso em: 17 ago. 2017.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOODHUE, T. W. **Fossil hunter: The life and times of Mary Anning (1799-1847)**. Bethesda, MD: Academica Press, 2006.

GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. Tradução Francisco de Castro Azevedo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, 1991.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HALL, Stuart. A identidade em questão. *In*: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 7-22.

HALL, STUART. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HARTSOCK, Nancy. Foucault on Power: A Theory for Women?. *In*: NICHOLSON, Linda J. **Feminism/Postmodernism**. London: Routledge, 1990. p. 157-175.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça – Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, São Paulo, v. 26, n. 1, p.61-73, 2014.

HOOKS, bell. **Ain't I a Woman? Black women and feminism**. Cambridge, MA: South End, 1981.

HOWE, Daniel Walker. American Victorianism as a culture. **American Quarterly**, Boston, v. 27, n. 5, p. 507-532, 1975.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 16. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KELLER, Evelyn Fox. **Reflections on Gender and Science**. New Haven: Yale University Press, 1985.

KOFALK, Harriet. **No woman tenderfoot**: Florence Merriam Bailey, pioneer naturalist. Texas: A&M University Press, 1989.

KRISTEVA, Julia. Oscillation between power and denial. *In*: KRISTEVA, Julia. **New French feminisms**. Edição Elaine Marks e Isabelle de Courtivon. Amherst: University of Massachussets, 1980. p. 165-167.

LANSER, Susan S. Toward a feminist narratology. **Style**, [s. l.], v. 20, n. 3, p. 341-363, fall 1986.

LABOVITZ, Esther Kleinbord. **The Myth of the Heroine**: The Female Bildungsroman in the Twentieth Century. New York: Peter Lang, 1988.

LAPPAS, Catherine. **Rewriting fairy tales**: transformation as feminist practice in the nineteenth and twentieth centuries. 1995. Tese (Doutorado em Inglês) – Saint Louis University, St. Louis, Missouri, 1995.

LONGINO, Helen. Can there be a feminist Science? **Hypatia**, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 51-64, fall 1987.

LONGINO, Helen. Subjects, Power, and Knowledge: Description and Prescription in Feminist Philosophies of Science. *In*: ALCOFF, Linda; POTTER, Elizabeth. **Feminist Epistemologies**. New York: Routledge, 1993. p. 101-120.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Tradução Ricardo Correia Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: crítica da mais recente Filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MATIAS, Daniel Felipe Mendes. **Narrativas de homens feministas portugueses**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Comunitária) - Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 2008.

MITCHELL, S. **Daily life of Victorian England**. 2. ed. Londres: The Greenwood Press, 2009.

MOI, Toril. Feminist, female, feminine. *In*: BELSEY, Catherine; MORE, Jane. **The feminist reader**: essays in gender and politics of literary criticism, New York: Basil Blackwell, 1989. p. 117- 231.

MOHANTY, S.P. Us and them: on the philosophical bases of political criticism. **The Yale Journal of Criticism**, [s. l.], v.2, n.8, p.1-31, 1989.

MORGAN, E. "Humanbecoming: Form and Focus in the Neo-Feminist Novel". *In*: CORNILLON, S. K. (Ed.). **Images of Women in Fiction**: Feminist Perspectives. Bowling Green: Bowling Green U Popular P, 1972. p. 183-205.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

NOBBS, Jade M. Bildungsroman. *In*: FLOOD, Michael et al. **International encyclopedia of men and masculinities**. United Kingdom: Routledge, 2007. p. 35-36.

OGILVIE, Marilyn Bailey. **Women in science**. Cambridge: MIT, 1993.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença**: o feminino emergente. São Paulo: Brasiliense, 1993.

PATMORE, Coventry. **The Angel in the House**. London: G. Bell and Sons, 1920.

PASCOE, Judith. **The hummingbird cabinet**: a rare and curious history of romantic collectors. New York: Cornell University Press, 2006.

PERRY, Marvin. **Civilização ocidental**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

POTTER, E. Gender and epistemic negotiation. *In*: ALCOFF, L. POTTER, E. (Eds.). **Feminist epistemologies**. New York: Routledge, 1993. p. 161-186.

REVERON, Rafael Romero. Andreas Vesalius (1514-1564). Fundador de la Anatomía Humana Moderna. **Int. J. Morphol**, [s. l.] v. 78, n. 4, p. 847-850, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.cl/pdf/ijmorphol/v25n4/art26.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2017.

RICH, Adrienne. When we dead awaken: writing as re-vision. **College English**, [s. l.], v. 34, n. 1, Women, Writing and Teaching, p. 18-30, Oct., 1972.

RIVIERE, Joan. A feminilidade como máscara. Tradução Ana Cecília Carvalho e Esther Carvalho. **Psyche**, São Paulo, v.9, n.16, p. 13-24, 2005.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. **História da ciência**: a ciência moderna. 2. ed. v. 2. Brasília: FUNAG, 2012b.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. **História da ciência**: da antiguidade ao renascimento científico. 2. ed. v. 1. Brasília: FUNAG, 2012a.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. **História da ciência**: o pensamento científico e a ciência no século XIX. 2. ed. v. 3. Brasília: FUNAG, 2012c.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTIAGO, Silviano (Org.) **Glossário de Derrida**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1976.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 78, p. 3-46, out. 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é literatura?** Tradução Carlos Felipe Moisés. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

SCHIEBINGER, Londa. **The mind has no sex?**: women in the origins of modern science. Londres: Harvard University, 1989.

SCWANTES, Cíntia. "Dilemas da representação feminina. *In*: **OPIS**, Catalão, v. 6, n.1, p. 7-19, 2006. Disponível em:

<http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/viewFile/9308/6400>. Acesso em: 07 jun. 2019.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005.

SHOWALTER, E. **A literature of their own**. New Jersey: Princeton University, 1999.

SHOWALTER, Elaine (Ed.). **The new feminist criticism**. New York: Pantheon, 1985.

SMITH, Diane. **Letters from Yellowstone**. New York: Penguin Books, 1999.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SCHWANTES, Cíntia. Dilemas da Representação Feminina. **OPIS**, Catalão, v. 06, n.1, p.07-19, 2006.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TINOCO, Dandara. Sororidade, substantivo feminino. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 mar. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/sororidade-substantivo-feminino-18959230>. Acesso em: 09 set. 2019.

VALADARES, Maria T. V. A cultura do humanismo: construção e reconstrução. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, Belo Horizonte, v. 9, n. 11, p. 57-72. 2014.

Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/9506/7824>. Acesso em: 17 ago. 2017.

VINCENT, Peggy et al.. Mary Anning's legacy to French vertebrate palaeontology. **Geological Magazine**, Cambridge, v. 151, n. 1, pp. 7-20, 2014. Disponível em: <https://orbi.uliege.be/bitstream/2268/156011/1/Vincent%20et%20al%202014%20Mary%20Anning%E2%80%99s%20legacy%20to%20French%20vertebrate%20palaeontology.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019

WAUGH, Patricia. **Metafiction: The Theory and Practice of Self-Conscious Fiction**. Londres/Nova York: Routledge, 1985.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Tradução Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução Denise Bottmann. L&PM, 2013. E-book.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

WROBEL, Arthur (Ed). **Pseudo-science and society in nineteenth century America**. Lexington: The University Press of Kentucky, 1987.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009a. p. 327-336.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009b. p. 327-336.